

A UNIVERSIDADE E A PANDEMIA DA COVID-19:

A educação e seus desafios contemporâneos

Organizadores

Márcio Ananias Ferreira Vilela

José Carlos de França Filho

Renata Macedo Baudel

Demócrito José Rodrigues da Silva

Sérgio Matias da Silva

Roberta Macedo Baudel



PROEXC
PRÓ-REITORIA DE
EXTENSÃO E CULTURA



A UNIVERSIDADE E A PANDEMIA DA COVID-19:

**A educação e
seus desafios
contemporâneos**



PROEXC
PRO-REITORIA DE
EXTENSÃO E CULTURA



Recife, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Reitor: Alfredo Macedo Gomes

Vice-Reitor: Moacyr Cunha de Araújo Filho

EDITORA UFPE

Diretor: Junot Cornélio Matos

Vice-Diretor: Diogo Cesar Fernandes

Editor: Artur Almeida de Ataíde

CONSELHO EDITORIAL (CONED)

Alex Sandro Gomes

Carlos Newton Júnior

Eleta de Carvalho Freire

Margarida de Castro Antunes

Marília de Azambuja Machel

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA

Pró-Reitor: Oussama Naouar

COORDENAÇÃO DE GESTÃO EDITORIAL E IMPACTO SOCIAL

Coordenador: Adriano Dias de Andrade

Assistentes: Artur Villaça Franco, Rodrigo Ferreira dos Santos

EDITORIAÇÃO

Revisão de Texto: Eduarda Abelenda, Olívia Maria Gomes de Oliveira,
Paula Beatryz Leal Bezerra

Projeto Gráfico: José Carlos Antonino de Assis Junior

2ª Revisão de texto: Andressa Lira Bernardino, Andreza Kaisa dos Santos
Gomes, Isaac Nery da Costa Cavalcanti, Isabel Padilha de Castro Perazzo
de Andrade, João Gabriel Pereira da Silveira, Marina de Lima Coutinho
da Silva.

Catálogo na fonte:
Bibliotecária Kalina Lígia França da Silva, CRB4-1408

U58 A universidade e a pandemia da covid-19 [recurso eletrônico] : a educação e os seus desafios contemporâneos / [organizadores] : Márcio Ananias Ferreira Vilela... [et al.]. – Recife : Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPE; Ed. UFPE, 2022.

Vários autores.

Inclui referências.

ISBN 978-65-5962-144-6 (online)

1. Universidade Federal de Pernambuco – Aspectos sociais. 2. Universidade Federal de Pernambuco – Serviços de promoção da saúde. 3. Universidade Federal de Pernambuco – Corpo docente – Entrevistas. 4. Extensão universitária. 5. COVID-19 (Doença). 6. Epidemias – Aspectos sociais – Brasil. I. Vilela, Márcio Ananias Ferreira (Org.).

370.115

CDD (23.ed.)

UFPE (BC2022-076)



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial-Sem Derivações 4.0 Internacional.

*Av. Prof Moraes Rego, 1235 - Cidade Universitária,
Recife, PE
CEP: 50670-90 Fone: (81) 2126.8134/2126.8105
E-mail: proex@ufpe.br*

PARECERISTAS AD HOC

Edital Proexc/UFPE nº 7/2021 - Incentivo à Publicação de Livros Digitais (*e-books*) com Temáticas de Extensão e Cultura

ANA CARLA SANTOS DA SILVA

Universidade Federal de Pernambuco

ANA MARIA BEZERRA LUCAS

Universidade Federal Rural do Semi-Árido

ANDRÉ BATISTA DE NEGREIROS

Universidade Federal de São João del-Rei

ANDRÉ DUARTE LUCENA

Universidade Federal Rural do Semi-Árido

CASSIANA ALVES FERREIRA

Universidad Continental (Peru)

CÁSSIO MICHEL DOS SANTOS CAMARGO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

CLAUDETE IZABEL FUNGUETTO

Universidade Federal do Pampa

CRISTIANE REGINA FAIRBANKS DE SÁ

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

DOUGLAS MANOEL ANTONIO DE ABREU PESTANA DOS SANTOS

Universidade de São Paulo

ELIANA TERESINHA QUARTIERO

Instituto Federal Catarinense

FERNANDO DA SILVA CARDOSO

Universidade de Pernambuco

ISRAEL AQUINO CABREIRA

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

JOANA DARC MARTINS TORRES

Universidade Estadual do Ceará

JULIANA PEREIRA CARDOSO

Universidade Federal de São João del-Rei

KARINE DO ROCIO VIEIRA DOS SANTOS

Universidade Federal do Paraná

LARISSA SOUZA AMARAL

Universidade de São Paulo

LEANDRO ANTÔNIO DOS SANTOS

Universidade Federal de Goiás

LETÍCIA DE ARAUJO APOLINARIO

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

LORENA MARIA LASKOSKI

Universidade Federal do Paraná

LUCIANA CANÁRIO MENDES

Universidade do Estado da Bahia

LUCIANE PORTO FRAZÃO DE SOUSA

Instituto de Educação e Pesquisa em Saúde e Inclusão Social

MARCELO VIANNA

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

MÁRCIA TEREZA FONSECA ALMEIDA

Universidade do Estado da Bahia

MARIA CRISTINA ELIAS ESPERSTIVAL

Universidade Tuiuti do Paraná

MARIA DAS NEVES MAGALHÃES PINHEIRO

Fundação Universidade Virtual de Roraima

OSNI OLIVEIRA NOBERTO DA SILVA

Universidade do Estado da Bahia

REGINA SOUZA AIRES

Universidade Federal de Pernambuco

REJANE STEIDEL

Faculdade Única de Contagem

RENATA BORCHETTA FERNANDES FONSECA

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

WANDERSON SANTOS DE FARIAS

Universidad de Desarrollo Sustentable (Paraguai)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DOS AUTORES E ORGANIZADORES	10
60 ANOS DE EXTENSÃO NA UFPE	13
A EDUCAÇÃO E A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM TEMPOS ÁRDUOS	16
O DESMONTE DA PROTEÇÃO SOCIAL DOS TRABALHADORES NO BRASIL	21
Professora Dr ^a . Ângela de Castro Gomes	
POVOS TRADICIONAIS DAS AMÉRICAS E AS EPIDEMIAS	39
Professor Dr. Edson Silva	
CIÊNCIA E OBSCURANTISMO	45
Professor Dr. Sandro Savão	
EDUCAÇÃO EMOCIONAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA	63
Professora Dr ^a . Mariana Arantes	
ENSINO HÍBRIDO E ATIVIDADES REMOTAS DURANTE E PÓS-PANDEMIA	84
Professora Dr ^a . Auxiliadora Padilha	
A FÍSICA EM TEMPO DA COVID-19: CIÊNCIA PARA ENFRENTAR A CRISE	98
Professor Dr. Celso Pinto de Melo	
CAMINHOS DA EPIDEMIA: A HISTÓRIA DA PESTE NEGRA	126
Professora Dr ^a Christine Dabat	
CELEBRIDADES, REDES SOCIAIS E ISOLAMENTO	142
Professora Dr ^a . Fabiana Moraes	

CRISE DO CAPITALISMO NO SÉCULO XXI E SEUS IMPACTOS NA NATUREZA	164
Professor Dr. Marcos Costa Lima	
ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA	180
Professor Dr. Otacílio Antunes Santana	
EDUCAÇÃO ON-LINE: IMPLICAÇÕES POLÍTICAS	200
Professor Dr. Pablo Porfírio	

AUTORES E ORGANIZADORES

ÂNGELA MARIA DE CASTRO GOMES

Doutora em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6423116545839346>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1911-760X>

CELSON PINTO DE MELO

Doutor em Física pela Universidade da Califórnia

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4505138524062254>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2715-2448>

CHRISTINE PAULETTE YVES RUFINO DABAT

Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1799364778411869>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5715-7098>

DEMÓCRITO JOSÉ RODRIGUES DA SILVA

Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9725677306085168>

EDSON HELY SILVA

Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9552532754817586>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6213-9927>

FABIANA MORAES DA SILVA

Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1365261774627829>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8035-0163>

JOSÉ CARLOS DE FRANÇA FILHO

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8028025294378576>

MÁRCIO ANANIAS FERREIRA VILELA

Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2400958796116224>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4522-5823>

MARCOS COSTA LIMA

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0077184530713684>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3831-7631>

MARIANA MARQUES ARANTES

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6444135761636549>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6099-5028>

MARIA AUXILIADORA SOARES PADILHA

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1120580802653357>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7024-6522>

OTACÍLIO ANTUNES SANTANA

Doutor em Ciências Florestais pela Universidade de Brasília (UnB)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4237732461961452>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4294-1226>

PABLO FRANCISCO DE ANDRADE PORFIRIO

Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9080311347550493>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1729-1177>

RENATA MACÊDO BAUDEL

Graduada em Comunicação Social (Relações Públicas) pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4960798252764559>

ROBERTA MACÊDO BAUDEL

Mestre em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2618266615371622>

SANDRO COZZA SAYÃO

Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6484943095710587>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6656-187X>

SÉRGIO MATIAS DA SILVA

Graduado em Artes Visuais e Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9725677306085168>

60 ANOS

de Extensão na UFPE

A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.

Paulo Freire ¹

¹ FREIRE, Paulo. *Comunicação ou extensão?*
Rio de Janeiro: Paz e Terra. p. 46.

Como o próprio nome sugere, para nós *extensão* significa o esforço da comunidade acadêmica, em cooperação com os demais setores da sociedade, para construir não apenas pontes entre a universidade e a população geral, mas, fundamentalmente, para que as pessoas, sobretudo as que mais necessitam de aportes financeiros, técnicos e culturais, reconheçam a universidade pública como um espaço de pertencimento, como patrimônio de todas e todos.

Em fevereiro de 2022, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) celebra 60 anos de institucionalização das atividades de extensão universitária. Essa exultante história começou com Paulo Freire e um grupo de entusiasmados colaboradores que vislumbravam, no início da década de 1960, um país mais justo, menos desigual, e entenderam a necessidade de as universidades públicas tornarem-se protagonistas no enfrentamento dos grandes desafios do país.

Esse grupo pioneiro, sob liderança de Freire e no reitorado de João Alfredo, fundou o *Serviço de Extensão Cultural* (SEC), a Rádio Universidade e a Estudos Universitários: Revista de Cultura da Universidade do Recife. Com estas iniciativas, a Universidade passou a comunicar a sua vocação social de forma mais explícita e a compartilhar com outros entes sociais a implementação de atividades que extrapolaram os muros universitários.

Sob a inspiração desse pioneirismo, a UFPE tem atravessado, com altivez, relevância acadêmica e impacto social, esta complexa pandemia de Covid-19, cujos efeitos ainda se fazem presentes nas nossas vidas cotidianas. Nos últimos anos, mesmo enfrentando desafios políticos e de contingenciamento de recursos, nossa Universidade conseguiu aumentar o número de ações de extensão e cultura, com aumentos significativos de bolsas e de recursos alocados aos projetos de extensão e cultura desenvolvidos pela comunidade universitária. Tudo isso só é possível graças aos esforços coletivos da nossa comunidade, com o apoio de uma gestão efetivamente comprometida com a extensão, cujo diálogo acadêmico e social é um exercício contínuo.

Este livro digital, que ora entregamos à comunidade acadêmica e à sociedade, é marca desse esforço coletivo para fortalecer as atividades de extensão e cultura no âmbito da UFPE e de Pernambuco. Este volume compõe uma coleção de 11 obras, aprovadas por meio do *Edital N^o*

7/2021 - Incentivo à Publicação de Livros Digitais (E-Books) com Temáticas de Extensão e Cultura, promovido pela UFPE através da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proexc).

As obras que compõem esta coleção tratam de temas diversos como *Cultura, Direitos Humanos, Educação, Justiça, Meio Ambiente, Produção, Saúde, Tecnologia e Trabalho*, demonstrando a diversidade da UFPE e sua inserção em temas de reconhecida importância social e científica. Todos os títulos foram escritos com a participação de docentes e discentes de graduação, o que reforça os laços acadêmicos de nossos alunos, estabelecendo o protagonismo estudantil como um dos diferenciais da formação técnica e humana que a Universidade pública brasileira oferece.

Esta coleção é, portanto, símbolo de gratidão à comunidade universitária e à sociedade pelos 60 anos de extensão – que só foram possíveis graças ao engajamento contínuo de discentes, docentes, servidores técnico-administrativos e demais representantes da sociedade pernambucana, que, assim como Freire, não se calam diante das injustiças do mundo.

A certeza de que as próximas gerações que adentram anualmente os portões físicos e imaginários da Universidade farão, nos próximos 40, 50, 60 anos, a extensão ainda mais significativa para o nosso estado e para o país faz com que a gratidão pelos pioneiros desta nossa história seja ainda mais pleno. Com esse sentimento, convidamos todas e todos a celebrar conosco os 60 anos da extensão na UFPE.

Desejamos uma ótima leitura – daquelas capazes de suscitar ações significativas no mundo!

Recife, fevereiro de 2022.

Oussama Naouar

Pró-Reitor de Extensão e Cultura - Proexc/UFPE

Adriano Dias de Andrade

Coordenador de Gestão Editorial e
Impacto Social - Proexc/UFPE

A EDUCAÇÃO E A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM TEMPOS ÁRDUOS

No final do ano de 2019, o mundo se via diante de um vírus que iria causar, em pouco tempo, uma das maiores pandemias da história. Era o novo coronavírus (SARS-CoV-2), causador da doença denominada Covid-19. O Brasil sentiu o impacto das consequências desse vírus em março de 2020, quando foi preciso tomar medidas efetivas para evitar sua propagação. A primeira dessas medidas foi o isolamento social, algo novo que nos deixou a todos com muitos medos e incertezas sobre as consequências que adviriam das mudanças impostas pelo vírus.

Era tudo muito novo. A ciência sabia pouco. Fazia-se necessário empreender esforços conjuntos numa corrida contra o tempo para entender melhor o que estava acontecendo e encontrar alternativas para mitigar suas consequências. Não era tarefa fácil, pois as alterações de rotina nas diversas esferas da atividade humana eram bruscas, e suas consequências desconhecidas. Sobretudo os centros de produção de conhecimento científico, então, precisaram “arregaçar as mangas”, mais do que nunca, para direcionar as ações necessárias ao combate ao vírus, bem como às adaptações aos novos modos de vida. As instituições federais de ensino superior, como representantes de tais centros, não se furtaram à sua função social de buscar alternativas para a construção de uma sociedade saudável e equilibrada

Nesse sentido, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) foi uma das primeiras a criar um comitê de planejamento de ações de enfrentamento ao vírus e de busca de alternativas para minimizar seus impactos na vida das pessoas. É preciso destacar que, assim como as demais instituições de ensino – de educação básica ou superior – as universidades foram atingidas fortemente pelo isolamento social, uma vez que não era mais possível a realização de aulas no formato presencial, para evitar a aglomeração de pessoas e, por conseguinte, a propagação do vírus. Era preciso, então, encontrar possibilidades para o ensino, a pesquisa e a extensão darem continuidade a suas ações, apesar do contexto pandêmico que se apresentava.

A Coordenadoria do Ensino de Ciências do Nordeste (Cecine/Proexc/UFPE), como uma unidade essencialmente extensionista, por sua vez, precisava dar sua contribuição. Ante tantas questões que careciam de respostas, a sociedade – especialmente aquela parte que acompanha e interage com as ações de extensão da Cecine – certamente esperava mais uma contribuição no sentido de apontar caminhos em tempos tão difíceis. Foi, então, que o Prof. Márcio Vilela, na condição de coordenador da Cecine, juntamente com toda a equipe técnico-pedagógica, teve a sensibilidade de criar um conjunto de momentos para reflexão sobre questões diversas envolvidas na situação de pandemia, o qual denominou “História, educação e saúde”. O objetivo era, além de manter a Cecine produzindo conhecimento, contribuir para o debate de ideias que buscava alternativas/soluções para as situações/os problemas que se apresentavam no contexto inicial de uma pandemia. Era final de março de 2020, quando a ideia foi gestada.

Iniciou-se, assim, uma série de *lives* – momentos de conferências seguidas de debate – via meios digitais (inicialmente via Instagram da Cecine; posteriormente, via seu canal no YouTube). Foram convidados especialistas em diversas temáticas pertinentes ao contexto pandêmico para discorrer sobre seus estudos que pudessem esclarecer e/ou indicar possibilidades de ação. Com a mediação do Prof. Márcio Vilela, as questões/ponderações colocadas pelo público eram direcionadas aos especialistas convidados, ocorrendo assim o debate de ideias. Esta obra é constituída, portanto, pela maioria das *lives* realizadas, que foram transcritas no formato de entrevista, para compor esta coletânea.

Em uma das *lives*, o foco é o “desmonte da proteção social dos trabalhadores no Brasil”. A Profa. Dra. Ângela de Castro Gomes discorre sobre o tema. Ela destaca que a perda da proteção social dos trabalhadores no Brasil envolve muitos fatores, e enfatiza dois marcos importantes: a reforma trabalhista de 2017, “que instalou uma nova regulamentação das relações de trabalho no Brasil”, e a reforma previdenciária de 2019, “que também impacta direitos fundamentais dos trabalhadores”. A importância do papel do Estado na proteção aos direitos dos trabalhados é uma questão bastante ressaltada, principalmente em tempos de pandemia.

Nas reflexões sobre os “Povos Tradicionais das Américas e as epidemias”, o Prof. Dr. Edson Silva, destaca os impactos de doenças diversas sobre a população indígena brasileira desde a chegada dos primeiros colonizadores europeus. São citadas, por exemplo, a gripe, o sarampo, a varíola. Ele postula que alguns estudiosos têm apontado que a criação de animais e a saúde/falta de higiene daqueles que chegavam da Europa são fatores que causaram o surgimento de pandemias entre os indígenas.

Na *live* sobre “Ciência e obscurantismo”, o Prof. Dr. Sandro Sayão, inicia destacando que a dimensão social e a dimensão política do contexto da época (maio de 2020) estão implícitas ao tema em discussão. No que tange ao obscurantismo, ele alerta para o perigo de as pessoas acreditarem em coisas ruins como sendo boas para si. A ciência, então, teria o papel de dar discernimento, de modo a impedir esse tipo de equívoco. Estabelece-se, a partir daí, a caracterização desses dois termos que constituem o tema das reflexões. Em uma das reflexões, destaca-se que a política e a religião são campos férteis para o obscurantismo. A primeira, porque não admite oposição; a segunda, porque não aceita que seus dogmas sejam questionados.

Em outro momento, traz o termo “pós-verdade”, para denominar uma tendência a se criar uma verdade paralela, confortável a quem a cria, para negar fatos com os quais não se concorda e, por conseguinte, que não se aceitam.

“Educação emocional no contexto da pandemia” foi outro tema abordado. A convidada para desenvolvê-lo foi a Dra. Mariana Arantes, diretora do Portal Educação Emocional. Ela ressalta, inicialmente, que “as emoções são normais na nossa constituição como seres humanos” e que, portanto, é natural sentir apreensão, ansiedade, nervosismo, medo, estresse, em um contexto de pandemia. Diz que racionalidade e emocionalidade constituem a integralidade do ser e a falta de uma compromete o

equilíbrio da outra. Nessa perspectiva, desenvolve sobre a necessidade de uma alfabetização emocional, para que as pessoas possam encarar com naturalidade ideias como: “ficar triste é normal” e “homem também pode chorar”. Amplia as reflexões destacando o quão importante essa alfabetização emocional é para a educação. E sugere exercícios para gerenciar as emoções em momentos de ansiedade/crise.

A Profa. Dra. Auxiliadora Padilha, discorre sobre “Ensino híbrido e atividades remotas durante e pós-pandemia”. Suas considerações iniciais relacionam ensino a distância e ensino híbrido, e indicam que, já há algum tempo, havia a perspectiva de o ensino deixar de ser totalmente presencial e totalmente a distância, para ser um ensino híbrido. Em seguida, coloca que o ensino híbrido não se resume a estar “*on-line*” ou “*off-line*”; engloba também estratégias diversas de aprendizagem, o que a faz preferir a expressão “educação híbrida”, em vez de ensino híbrido, visto que aquela abarca tanto estratégias de ensino quanto de aprendizagem. Durante as reflexões, aborda a distinção entre “educação *on-line*” e “educação a distância”, sugere conteúdos mais propícios ao ensino remoto no contexto de pandemia e a ampliação da inclusão digital, bem como a inserção do trabalho com as novas tecnologias nos cursos de formação de professores.

Em outro momento rico de reflexões, o Prof. Dr. Celso Pinto de Melo desenvolve a temática “A Física em tempo da Covid-19: ciência para enfrentar a crise”. Inicialmente, resalta questões como: a importância do trabalho multidisciplinar para o enfrentamento da pandemia; o papel dos voluntários no auxílio aos mais necessitados; o esforço da engenharia nacional na busca de soluções para salvar vidas. Em seguida, cita a Coreia do Sul para enfatizar o papel da ciência no enfrentamento da pandemia, já que esse país conseguiu ótimos resultados “com muita ciência”. Outros aspectos são pontuados em suas ponderações: perspectivas de grandes mudanças após a pandemia, as desigualdades sociais que potencializam as consequências da pandemia, a natureza que se fortalece com a diminuição da atividade humana, o papel do Estado a partir do exemplo do SUS. Ante tantos aspectos que precisam ser repensados, destaca a necessidade de se pensarem determinados valores básicos. Acrescenta ainda que a ciência não está em crise, mas sendo atacada por um negacionismo que dificulta as ações necessárias ao combate à pandemia; e que a ciência precisa ser um instrumento de desenvolvimento da sociedade, como nos países que deram certo.

Na abordagem da temática “Caminhos da Epidemia: a história da Peste Negra”, a Profa. Dra. Christine Dabat discorre, inicialmente, sobre a origem do termo “Peste Negra”. Na sequência, aborda, de forma detalhada, a periodização histórica de três grandes pandemias, sendo a última no final do século XIX, trazendo aspectos importantes sobre os diversos impactos em cada contexto histórico. A respeito das consequências desta última pandemia, pontua o impacto negativo na educação superior das mulheres. Outras questões foram desenvolvidas, a exemplo da origem da doença, seus impactos na população rural e urbana e a influência das mortes nos mosteiros na criação da roupa dos médicos.

Nas reflexões sobre “Celebidades, redes sociais e isolamento”, a Profa. Dra. Fabiana Moraes da Silva começa afirmando a existência de uma cultura e economia de celebridades, em que a relação entre espectadores e celebridades é sempre tensa e ambígua, e a pandemia deixou isso mais claro, explicitando as desigualdades (de renda e de visibilidade, por exemplo) entre esses dois segmentos. Ela pontua que os políticos também podem ser considerados celebridades, pois lançam mão de técnicas de produção de um carisma. Acrescenta que, com a pandemia, esse carisma das celebridades sofreu fortes abalos, considerando tudo o que o constitui, a exemplo de seu aspecto de um produto a ser consumido. Com olhar social, destaca que a hipervisibilidade de celebridades impede a visibilidade de grande parte da população, uma vez que privilegia um certo tipo de pessoa, de cor, de acesso e de bens. Destaca ainda que a visibilidade acaba se tornando uma busca pela cidadania, já que é uma forma de se conseguir ter vez e voz, adquirir certo poder e, a partir disso, criar fontes de renda. Outros aspectos são destacados: a relação entre política e fama, as influências positivas e negativas das celebridades na vida das pessoas, o porquê de as pessoas se espelharem nas celebridades, a falta de empatia de algumas celebridades no contexto de uma pandemia.

Sobre a “Crise do Capitalismo no século XXI e seus impactos na natureza”, o Prof. Dr. Marcos Ferreira da Costa Lima destaca inicialmente que a crise atual do capitalismo não é de agora. Ele discorre sobre o que chama de contrassenso, que é a preocupação maior de salvar a economia do que de salvar vidas. Diz que a crise econômica em que estamos mergulhados é profunda e de uma grande capilaridade oriunda do avanço da globalização. Também que a revolução tecnológica não só traz benefícios; é preciso perceber seu lado predatório. Nessa perspectiva, aponta o fato de que as predações aos ecossistemas trazem desequilíbrio ao ambiente, colocando-o em uma situação também de crise, o que acarreta efeitos nocivos, a exemplo do surgimento de vírus diversos. O autor associa a crise econômica à crise ambiental. Durante suas ponderações, aborda o declínio da hegemonia mundial dos Estados Unidos e ascensão do protagonismo da China. Enfatiza duas características graves do capitalismo que causam os problemas ambientais: a terra como produto de venda e o homem como uma mercadoria; e defende que o Estado regule o capital, impondo limites a sua corrida desenfreada em busca de lucros. Corrobora a ideia de que o coronavírus é resultado do descaso do capital com as questões ambientais, o que reverbera na qualidade de vida das pessoas, sobretudo das menos favorecidas. Aponta algumas soluções para o momento de crise: a solidariedade humana, a distribuição de riquezas e a regulação do capital pelo Estado, que, segundo ele, está “levando todos a cometermos um suicídio humanitário”.

O Prof. Dr. Otacílio Antunes Santana, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional do Ensino das Ciências Ambientais – PROFCIAMB/UFPE, traz considerações a respeito do “Ensino das ciências ambientais em tempos de pandemia”. Após explicitar em que consiste o PROFCIAMB, indica como o curso de mestrado profissional em ciências ambientais lidava com as novas condições impostas pela pandemia. Em seguida discorre sobre como as produções acadêmicas do Programa voltavam o foco para o tema da Covid-19. Diz que, direta ou indiretamente, os estu-

dos têm focado aspectos como: a relação entre o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e a capacidade sanitária de algumas regiões em relação à transmissão do vírus; como a redução do consumo de madeira, por conta do cancelamento das festas juninas, vai impactar o ambiente; os impactos da migração de animais silvestres para as áreas urbanas; o aumento do resíduo doméstico devido ao isolamento social. Desenvolve reflexões ainda sobre o papel das redes sociais na formação de sujeitos ecológicos, a relação consciência ambiental-consciência de classe, o transtorno de Déficit de natureza em relação ao isolamento urbano, a relação do Brasil com a agenda 2030 da ONU, as possibilidades de abordagem da temática da Covid-19 no Enem.

A partir da *live* “Educação *on-line* : implicações políticas”, é possível refletir sobre as diversas questões envolvidas na “virtualização do processo educativo”, a partir das considerações do Prof. Dr. Pablo Porfirio. Ele chama a atenção para o fato de que é preciso entender o que é esse processo de educação *on-line* e que questões estão subjacentes à aceleração desse processo por conta da pandemia. Nessa direção, reflete sobre a denominação “era digital” num paralelo com denominações de outras “eras” históricas, destacando que “não são naturais, são produzidas historicamente em um determinado tempo e com determinados objetivos”. Reflete ainda sobre o discurso de que as crianças e adolescentes são nativos digitais e que, portanto, há uma completa harmonia entre eles e a tecnologia, pontuando que não é bem assim, pois é necessário um processo de aprendizado para a apropriação das ferramentas digitais. Do contrário, as pessoas teriam um papel passivo ante essa era digital. Sugere, então, a desnaturalização da era digital, percebendo-a como algo construído por uma opção da sociedade. E alerta para o risco de achar-se que a educação *on-line* é algo para vida toda, quando, na verdade, foi uma alternativa num momento de pandemia. Alerta ainda para a necessidade de atentar-se para a união entre capital financeiro e tecnologias de comunicação, refletindo sobre as concepções que subjazem a essa união.

Esclarecemos que esta obra traz um conjunto de reflexões feitas ainda no período inicial da pandemia do novo coronavírus, e, portanto, é possível que haja questões já esclarecidas e/ou modificadas/ampliadas. Isso, no entanto, não diminui sua relevância, uma vez que compila discussões acerca de aspectos diversos que ajudam a entender este mais recente contexto de pandemia. Só nos resta, então, desejar uma boa leitura!

MÁRCIO ANANIAS FERREIRA VILELA

Coordenador da Cecine

JOSÉ CARLOS DE FRANÇA FILHO

Técnico de Assuntos Educacionais da Cecine

O DESMONTA DA PROTEÇÃO SOCIAL DOS TRABALHADORES NO BRASIL

Entrevistador:

Márcio Vilela

Entrevistada:

Professora Dr^a. Ângela
de Castro Gomes

Márcio Vilela: Boa noite a todos. Iniciamos mais uma *live* da série intitulada “História, Educação e Saúde”. Inicialmente, gostaria de agradecer à equipe da Cecine, ao pró-reitor, Oussama Naouar, à Proexc, além da Reitoria da Universidade Federal de Pernambuco, pelo apoio às nossas atividades diante do momento atual. Hoje, conversaremos com a professora Ângela de Castro Gomes sobre o desmonte da proteção social dos trabalhadores no Brasil. A professora Ângela de Castro é doutora em Ciências Políticas, professora titular aposentada de História do Brasil da Universidade Federal Fluminense e professora emérita do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas. Dentre a vasta produção da professora Ângela, destaco dois livros, “Trabalho escravo contemporâneo: tempo presente e usos do passado” e “A invenção do trabalhismo”, ambos publicados pela Fundação Getúlio Vargas. Professora, mais uma vez, boa noite. Que bom tê-la aqui conosco! Levando em consideração o tema da nossa *live*, o desmonte da proteção social dos trabalhadores no Brasil, e a sua experiência nesse debate, gostaria de pedir que a senhora falasse um pouco sobre a perda da proteção social e dos direitos por parte dos trabalhadores.

Ângela de Castro Gomes: Boa noite, Márcio. Boa noite a todos. A questão da perda da proteção social dos trabalhadores no Brasil envolve muitos fatores. Então, escolhi um caminho para tratar de uma forma mais geral essa que eu entendo como uma das questões mais importantes que temos vivido nos últimos tempos. Quero assinalar dois marcos importantes: um deles é a reforma trabalhista, aprovada em novembro de 2017, que instalou uma nova regulamentação das relações de trabalho no Brasil; o segundo é a reforma previdenciária de 2019, que também impacta direitos fundamentais dos trabalhadores. A reforma trabalhista afeta o direito do trabalho propriamente dito, ou seja, aqueles trabalhadores que ainda estão no mercado. A reforma da previdência afeta aqueles que estão deixando o mercado de trabalho. Ambas reformas alteraram, de maneira muito profunda e extremamente danosa, um conjunto muito grande de direitos pelos quais os trabalhadores lutaram durante décadas, a partir do fim do século XIX.

No Brasil, todo o período republicano é marcado por lutas dos trabalhadores na busca pela defesa e expansão da cobertura de seus direitos. No entanto, a partir da segunda metade da década de 2010, presenciemos um retrocesso nesse movimento de ganho e expansão de direitos. Gostaria de assinalar, também, que, além da perda de direitos efetivos, vivemos um processo de perda dos princípios que fundamentam esses direitos; ou seja, da lógica social que fundamenta a existência de direitos do trabalho, uma tendência que acontece não apenas no Brasil, mas internacionalmente, e que se iniciou nas últimas décadas do século XIX. Então, não é por acaso que atualmente estejamos em uma situação tão difícil no que se refere ao mercado de trabalho e aos ataques às instituições e aos diplomas legais que consagram esses direitos.

Chamo atenção para a Constituição de 1988, porque se essas garantias foram consagradas pela Consolidação das Leis do Trabalho, em 1942, as coloca como normas legais e constitucionais. Elas se tornam, assim, direitos sociais dos cidadãos brasilei-

ros. Por isso, não é à toa que a Constituição esteja sob tantos ataques e, muitas vezes, sendo contornada. Esse é um dos pontos que quero destacar, esse processo de perda de direitos e de ataques à própria Constituição é algo que está inserido num movimento muito maior de tentativa de diminuição do poder do Estado no Brasil, principalmente na relação com áreas consideradas, internacionalmente, como fundamentais quanto à presença do Estado, como o trabalho, a saúde e a educação. As investidas contra esses direitos sociais dos cidadãos, consagrados na legislação, configuram-se como um ataque a um determinado modelo de Estado; no caso, o modelo determinado na nossa Constituição, de um Estado presente e que mantém uma ação protetiva a favor de seus cidadãos nessas áreas. É claro que não é preciso pensar muito para entender que, quando a presença do Estado recua, e há aqueles que lutam por esse recuo, nesse lugar entrará a iniciativa e os interesses privados orientados pelo lucro, não se trata de deixar um vazio.

Então, esse é o primeiro ponto que eu gostaria de fixar na nossa discussão, a perda de direitos a partir de uma perspectiva mais ampla, e lembrar que, sempre que algo está sendo minimizado, outras forças estão desejando e efetivamente ocupando esses espaços com outro tipo de lógica. No caso específico dos direitos do trabalho, um ponto que considero importante é entender por que eles são tão importantes e por que devemos nos preocupar efetivamente com a sua perda. Todo tipo de direitos do trabalho existentes tem basicamente um objetivo principal, que é estabelecer um patamar básico e fundamental à ação do patronato, no sentido de limitação do seu poder. Isso acontece porque o contrato de compra e venda do trabalho se diferencia dos demais tipos de contrato, é algo muito específico e que se observa desde o final do século XIX. Nesse tipo de contrato, observou-se a existência de dois sujeitos, o que está comprando o trabalho e o que está vendendo, em uma dinâmica de poderes muito desigual. Assim, o contrato favorece o patrão, que está em um patamar de negociação acima do trabalhador.

Dessa forma, a lógica do direito do trabalho e da interferência do Estado é estabelecer limites a esse sujeito que tem mais poder e estabelecer uma ação de proteção a favor daqueles que têm menos poder. Essa ação protetiva é desenvolvida pelo Estado, mas é feita em nome da sociedade, através de normas que podem ser legais ou podem ser costumes. Assim, o Estado age para equilibrar essa negociação, porque, quando ela é extremamente desigual, não prejudica apenas o trabalhador individualmente, mas, também, toda a sociedade. Precisamos pensar que a sociedade tem muitos trabalhadores, e eles precisam vender o seu trabalho com a certeza de que, a partir dessa ação, podem ter condições de vida, não apenas enquanto trabalham, mas, inclusive, depois que se aposentam. Dessa maneira, o princípio fundamental do direito do trabalho é reconhecer que essas partes não são iguais e que a presença do Estado é necessária para estabelecer limites ao poder de uma dessas partes. Eu quero chamar atenção para essa questão, pois, muitas vezes, quando se fala da reforma trabalhista e dos direitos, é comum a defesa da liberdade do trabalhador para negociar com o patrão. No entanto, o trabalhador que negocia individualmente com o seu empregador não tem sua liberdade garantida, além de que a existência de normas e costumes para mediar essas negociações não significa a ausência de uma

ampla área de negociação, significa que há um patamar abaixo do qual o contrato não vale.

Como Márcio mencionou, eu e a professora Regina Guimarães, da Universidade Federal de Pernambuco, escrevemos um livro sobre o trabalho escravo contemporâneo, e o que caracteriza essa prática é a ausência completa de quaisquer direitos, algo que não pode ser aceito em uma sociedade que almeja ser democrática. Por isso, ainda que o trabalhador esteja numa situação de grande miséria e dificuldades, e concorde em efetivamente trabalhar em troca de comida ou em trabalhar 19 horas por dia, essa situação não é aceitável. Em uma sociedade na qual existem direitos para os cidadãos, e o trabalho está entre eles, esses direitos são inegociáveis, ou seja, o patrão não pode argumentar que o trabalhador aceitou essa situação, pois a sociedade não concorda com condições de trabalho abaixo de determinado patamar. Isso significa que o direito, por ser social, é de todos os indivíduos, então, não se pode abrir mão dele sob pena de estarmos vivendo numa sociedade com relações de trabalho sem qualquer limite. Logo, há possibilidade de exploração, pois é como se fosse possível uma negociação entre pares em que um deles praticamente abre mão de suas condições de vida, e essa situação pudesse ser aceita pela sociedade como algo moderno. Utiliza-se a palavra “moderno”, mas essa suposta modernidade é absolutamente destrutiva para as relações do trabalho e para a vida do próprio trabalhador. Então, eu gostaria de chamar atenção para esse ponto, que os direitos do trabalho são direitos sociais, e, por isso, os contratos de trabalho, mesmo feitos por indivíduos, precisam obedecer a determinados patamares. Quando isso não acontece, a situação é extremamente grave, não só para o trabalhador, mas para toda a sociedade, todos se encontram em uma condição difícil.

Márcio Vilela: Professora, a senhora nos trouxe, de maneira muito interessante, essa discussão tão densa sobre o desmonte das leis trabalhistas no Brasil e mostrou que é um movimento que também acontece em outros países. A senhora poderia comentar um pouco mais sobre esse aspecto?

Ângela de Castro: Essa é uma ótima questão, porque também é algo que eu gostaria de fixar. Existem transformações dos processos produtivos, e elas são internacionais. Com isso, surgem novos tipos de trabalho e outros deixam de existir. Assim, há a necessidade de mudanças. Agora, estamos em tempos de *home office*, do trabalho feito em casa e pelo computador, mas isso não é algo novo, porque, no início da industrialização, por exemplo, muitos operários faziam tecidos ou sapatos em casa. A dinâmica de ter alguém trabalhando em casa para alguém que está fora da casa e paga ao trabalhador por unidade produzida não é uma novidade no mundo do trabalho. Mas, eu quero chamar atenção para determinados tipos de mudança que são impossíveis de acontecer. Eles têm a ver com os processos tecnológicos e modernos de robótica, são absolutamente irreversíveis e com os quais nós vamos conviver. Acontece que esse tipo de modernidade é apresentado como incompatível com a existência de direitos do trabalho.

No Brasil, durante a Primeira República, havia poucas leis sobre o tema, mas não existiam direitos do trabalho; entretanto, havia muitas reações contrárias à sua existência. Considerava-se que não poderia haver direitos nem mesmo horário de trabalho, pois os patrões argumentavam, por exemplo, que não poderiam continuar mantendo as fábricas. Esse argumento de que, quando as relações de trabalho são alteradas, não se pode haver direito do trabalho, é algo contínuo por parte do patronato, que não quis a regulamentação ou quis diminuir o alcance dessa regulamentação. Então, essa movimentação, que está acontecendo, já aconteceu outras vezes, e precisamos pensar assim, porque, se as coisas mudam, podemos pensar, igualmente, que podemos ter um corpo de direitos adequados a essas mudanças. O que não pode acontecer, em nome dessas mudanças irreversíveis, é chegarmos à conclusão de que os trabalhadores não poderão ter mais direitos, algo que representaria um retrocesso para o século XIX, quando os trabalhadores não podiam ter direitos. Temos que entender que transformações nas formas de trabalho implicam também transformações nas formas de direitos. Mencionarei alguns exemplos de mudanças que são, talvez, as que mais impactam os trabalhadores no sentido da perda de direitos, principalmente a partir da reforma trabalhista, como a terceirização de todo tipo de atividade, não apenas das atividades-meio, mas das atividades-fim².

Como eu sou professora, e imagino que estou conversando aqui com pessoas que também podem ser professores, mas que, de qualquer forma, foram à escola, é como se pensássemos que, em uma escola na qual não apenas os funcionários da limpeza, mas, também, os professores que dão aulas no local não precisassem mais pertencer a um corpo de funcionários, eles poderiam ser contratados por uma empresa intermediária. Essa dinâmica significa que esses trabalhadores vão ganhar menos do que se eles fossem contratados diretamente por essa escola. E a situação se agrava, pois eles não teriam nenhum vínculo direto com a escola, eles estão na empresa intermediária, podem trabalhar muito, mas, pela ausência de vínculos, não são entendidos como empregados, funcionários ou colaboradores. Costuma-se usar o termo “colaborador” para associar a algo bom, no entanto, o funcionário trabalha muito e tem poucos direitos.

Gostaria de fixar que essa lógica de modernização, na verdade, é uma lógica de desresponsabilização do patronato. Por o trabalhador ser terceirizado, o empregador não tem responsabilidade em relação a ele. Assim, o próprio trabalhador precisa cuidar de si mesmo, ou ele não terá como se proteger. Isso acontece com o trabalho terceirizado com formas de contratação que precarizam o trabalho. Pensando na realidade na qual estamos vivendo, quero enfatizar que, mesmo com um contrato de trabalho que permita a realização das atividades em casa, isso não significa que não há uma relação de subordinação com uma empresa maior. Também não significa que, pelo trabalhador estar em casa, a empresa não teria nenhuma relação com seu

² As atividades-fim são aquelas relacionadas à finalidade de uma empresa ou indústria, e as atividades-meio não estão diretamente ligadas à finalidade da empresa, mas são necessárias para o seu funcionamento.

estado de saúde.

Esses contratos são apresentados como se estivessem na direção dos interesses dos trabalhadores. A redução de horas e de trabalho em casa são colocados como vantagens, mas isso não é verdade, basta observarmos o que tem acontecido no Brasil e em outros lugares do mundo. Não precisamos considerar 2020, podemos colocá-lo em suspenso por enquanto, mas podemos observar até 2019; a terceirização, os contratos temporários e, sobretudo, os contratos intermitentes criados pela reforma trabalhista são formas de precarização, no sentido de tornar o trabalho algo incerto e mal remunerado. Por exemplo, um dono de escola não terá interesse em contratar um professor e se responsabilizar pelos custos do trabalho dele quando ele pode recorrer a uma empresa terceirizada e colocar outros professores na escola, sem se preocupar se esses professores estão pagando a previdência ou possuem algum tipo de proteção à saúde. A partir desse exemplo, podemos perceber que a terceirização é uma forma de trabalho que destitui o trabalhador desses direitos – e eu penso que não precisa ser assim, podemos ter novas formas de contratação que não explorem essa situação de extrema precarização dos trabalhadores, pois essa precarização crescente leva a uma maior exploração que aparece, por exemplo, no trabalho escravo.

Como citei o trabalho intermitente, também chamado de *just in time*, vou explicar um pouco melhor para que todos possam compreender: nessa dinâmica, o trabalhador não é funcionário da empresa, mas ele está à disposição dela para quando ela precisar, então ele é recrutado para trabalhar por um determinado período, até a empresa decidir que não é mais necessário e dispensá-lo. Assim, a situação do trabalhador com contratos intermitentes, que podem ser de horas ou dias, é que ele nunca sabe quando terá trabalho, pois isso depende da empresa. Como o trabalhador precisa viver e pagar suas despesas, ele irá aceitar o trabalho nas condições oferecidas pelo patrão. Acredito que fica claro como a situação entre aquele que está vendendo o trabalho e aquele que está comprando é extremamente desigual, e a reforma trabalhista permite esse tipo de contrato, que é ótimo para o patrão, pois não tem custos em relação ao trabalhador por ele não ter nenhum vínculo com a empresa; assim, o patrão não tem responsabilidade caso o trabalhador fique doente ou sofra um acidente.

O trabalho intermitente talvez seja o exemplo de precarização do trabalho mais extremo, mas o nosso problema, atualmente, é que nós já estamos vivendo uma situação de precarização e de grande desemprego há algum tempo. Ou seja, essas formas de precarização do trabalho, que foram anunciadas como ferramentas para aumentar a oferta de empregos, não funcionam verdadeiramente – quando essas vagas são criadas em situação precária. Por mais que as indústrias estejam investindo em tecnologia e na informatização, também é necessário investir nos trabalhadores. Esse é um problema em todo o Brasil, não adianta uma fábrica tecnologicamente avançada se não há funcionários para operá-las. Essas formas de precarização são terríveis, porque acabam atingindo aqueles trabalhadores que são menos qualificados e que, por consequência disso, serão mais explorados.

Além disso, essa dinâmica também atinge as mulheres, isso porque utiliza-se do discurso de que, por serem mães, seria bom trabalharem de casa à disposição dos filhos e serem recrutadas apenas em determinados períodos. Então, os jovens, as mulheres, os negros e todos aqueles trabalhadores que têm um nível educacional menor, que ainda são muitos, são o alvo dessas formas de trabalho precarizado. Assim, nunca irão me convencer que essas formas de trabalho precarizadas são um bem para essas pessoas ou para quaisquer outras, porque aquele que está contratando tem uma posição capaz de submeter aquele que está vendendo o trabalho a condições precárias de trabalho e de vida. Não é à toa que a reforma trabalhista toda é orientada no sentido de diminuir custos, de desresponsabilizar empresas e, por outro lado, de fazer com que o trabalho tenha a forma de contrato mais precário e em condições, muitas vezes, mais perigosas, porque a falta de proteção não incide somente sobre uma remuneração melhor ou pior, incide também sobre as próprias condições de trabalho, de higiene e de saúde. Precisamos entender que essas novas condições exigem novas formas de proteção e não uma pseudo promessa de melhoria, porque, quando observamos o que acontece no nosso país e em outros lugares do mundo, vemos que não é assim.

PERGUNTAS DO PÚBLICO³:

1) Como a professora vê a questão da extinção do Ministério do Trabalho pela primeira vez desde a Era Vargas?

³

Sessão de perguntas realizadas pelos telespectadores.

Ângela de Castro: Eu vejo a extinção do Ministério do Trabalho como um indicador absolutamente preciso desse tema que é o desmonte dos direitos no Brasil, inclusive do próprio o Ministério, o órgão governamental encarregado exatamente de produzir essa limitação ao poder patronal, estabelecendo uma rede de proteção e um patamar básico, abaixo do qual não se poderia ter relações de trabalho no Brasil. Mas, se o interesse é ter relações de trabalho no Brasil abaixo de qualquer patamar, não seria realmente necessário o Ministério do Trabalho, ou teríamos um Ministério do Trabalho para dizer que as relações de trabalho seriam piores.

No entanto, isso também acontece quando pensamos sobre esse processo de precarização, lembramos da destruição de leis e normas. É verdade, isso ocorre, mas, também, ocorre em situações como a proposta da Carteira Verde e Amarela, uma carteira de trabalho em que seu portador não tem nenhum direito de trabalho. Mas, eu não quero que aqueles que estão me ouvindo acreditem que nós precisamos pensar o direito do trabalho apenas quando temos um certo modelo de contrato, como esse do assalariado por tempo indeterminado. Esse existe e é bom que continue existindo, mas nada obriga que, em um contrato temporário, por exemplo, não exista direito e responsabilização de empresas e de patrões. Alguém tem que ser responsável. Não há nada que obrigue que aquele trabalhador, para conseguir trabalhar, tenha que ser uma pessoa jurídica, esse é um artifício para ele não ter direitos e ser responsável por ele mesmo, não é uma necessidade. Antes, não acontecia dessa forma, e, apesar das mudanças no mundo, não precisa acontecer assim, acontece porque convém àqueles que estão contratando. A carteira verde e amarela é apresentada como algo vantajoso para os jovens, mas não determina a sua inserção no mercado de trabalho com um salário mínimo estabelecido e não proíbe o trabalho em condições insalubres ou com risco de vida.

PERGUNTAS DO PÚBLICO:

2) Qual a sua avaliação do papel da Justiça do Trabalho como uma justiça com papel diferenciado na sociedade, e como esse desmonte também atinge o acesso dos trabalhadores?

Ângela de Castro: O desmonte dos direitos é um ataque à presença do Estado, não de um governo ou outro, mas a presença do Estado na regulamentação do mercado de trabalho; por isso, ele é um ataque às instituições que têm ligação com esses tipos de ações, como o Ministério do Trabalho e também a Justiça do Trabalho. Nos exemplos que eu citei do trabalho intermitente ou do jovem que possui a carteira verde e amarela para que todo mundo saiba que pode contratá-lo porque ele não tem direitos, essa ausência de vínculo não permite que os trabalhadores façam reclamações. A Justiça do Trabalho foi extremamente impactada por essas reformas, não só porque através delas um grande número de trabalhadores ficou destituído de direitos e, portanto, eles não têm nem onde e como reclamar, mas, igualmente, nesse caso, porque a Justiça do Trabalho, que possuía características muito específicas, foi modificada.

Entre essas características, eu vou apenas mencionar a da gratuidade, ou seja, o trabalhador entrava com uma reclamação na Justiça do Trabalho, e ele não precisava ter advogado e não precisava pagar; agora, antes de recorrer, o trabalhador precisa estar ciente que, se perder a demanda, terá que pagar as custas do processo e até mesmo os honorários do advogado da outra parte. Diante dessa situação, os trabalhadores vão desanimar, e isso já aconteceu, pois o número de demandas na Justiça do Trabalho diminuiu muito. Quero frisar que essas acusações contra o direito e a Justiça do Trabalho não são recentes – ao longo do tempo, eles foram atacados muitas vezes, no sentido de perturbar o mercado de trabalho.

Em relação à Justiça do Trabalho, muitos criticavam a quantidade de demandas apresentadas pelos trabalhadores. Já houve estudos que observaram que as duas principais demandas, entre o percentual imenso das reclamações, são as de pagamento de rescisão de contrato – quando demitido, o trabalhador receberia um valor que incidia sobre o tempo trabalhado – e pagamento de hora extra. A ocorrência de muitas reclamações dos trabalhadores se dá porque os patrões descumpriam a legislação; assim, a existência da legislação não implica em que não haja desobediência a ela por parte do patronato, isso já existia e grande parte dos processos não eram ajuizados devido à Justiça do Trabalho ou aos direitos, mas devido ao fato dos direitos não serem cumpridos como deveriam ser.

PERGUNTAS DO PÚBLICO:

3) Professora, a senhora poderia comentar sobre os impactos do enfraquecimento dos sindicatos para os direitos trabalhistas?

O princípio fundamental é que é preciso estabelecer limites a um poder contratante em relação àquele que está vendendo o seu trabalho, através de normas, de costumes, da presença do Estado e, igualmente, através das associações dos trabalhadores – nesse caso, os sindicatos. Volto para a questão que os direitos do trabalho não são direitos individuais. Quando eu estou dizendo isso, não quer dizer que os indivíduos não têm essas garantias, mas que as possuem porque elas foram contratadas pela sociedade. Então, um trabalhador, quando é contratado e associado a um grupo, a um sindicato que lhe dê mais força, faz com que o seu contrato seja melhor, pois a negociação por condições de trabalho ou para o aumento de remuneração feito por um sindicato tem melhores condições, esse é um bom ponto para entendermos que esse tipo de possibilidade de negociação sempre existiu no Brasil. A existência de uma legislação do trabalho no país nunca foi um impeditivo de negociações, sobretudo coletivas. O que a legislação faz é impedir que as negociações se façam abaixo de suas determinações. Ou seja, não é permitida a contratação de um trabalhador, como é o caso do trabalhador escravo, em condições que o mantém sem local para dormir, sem água limpa e submetendo sua vida a riscos, sem nenhuma proteção.

O trabalhador é submetido a essas situações, mas isso não pode acontecer. Abaixo do patamar determinado pela legislação, não é permitido, por isso, o patrão é responsável e não pode se prevalecer da condição de dificuldade e miserabilidade do trabalhador. Por esses motivos, precisamos entender os direitos do trabalho dentro de um conjunto de direitos sociais, vale dizer, da sociedade. Por essa razão, é muito ruim ter uma carteira verde e amarela, o que significa que não existe patamar, e, quando há essa rede de proteção, eu não sei o quão baixo se pode cair, como disse o Pe. Antônio Vieira. Como eu estudo o trabalho escravo contemporâneo, tenho uma ideia terrível do quão baixo se cai, do quanto se desrespeita a vida humana para ter rendimentos altamente lucrativos. Reforço que as negociações feitas pelos sindicatos e pelos indivíduos deveriam ser feitas de acordo com a legislação. Agora, isso tudo mudou.

PERGUNTAS DO PÚBLICO:

4) Querida saber sua opinião a respeito do papel que a previdência social e os investimentos em saúde pública possuem nas relações de trabalho.

Ângela de Castro: É muito importante tocar nesse assunto da previdência, dos direitos previdenciários, principalmente das aposentadorias e das pensões. Gostaria de destacar como a Constituição de 1988 é importante no sentido de direitos, inclusive do direito previdenciário, pois a Constituição os torna direitos do cidadão e assume um tipo de previdência e seguridade social que é universal e solidária, ou seja, há um fundo de recursos que é composto para que, no futuro, aquele trabalhador tenha a sua aposentadoria ou, se ele morrer, a família dele tenha uma pensão.

A Constituição também estabelece que esse fundo seja alimentado por fontes de financiamento diferenciadas. Esse fundo é alimentado pela sociedade, porque a previdência é um pacto entre gerações, jovens trabalham e contribuem para o abastecimento da previdência para pagar aposentadorias, da mesma forma que os que estão recebendo aposentadoria já trabalharam e já fizeram por outros. Esse fundo é alimentado pela contribuição dos trabalhadores, mas, exatamente por ser solidário, também é abastecido por contribuições dos patrões e do Estado. Em uma realidade com boas quantidades de ofertas de emprego, os trabalhadores contribuem mais; quando a situação está ruim, o Estado fará uma maior contribuição.

Estou falando sobre esse tipo de previdência que nós ainda temos, um modelo chamado repartição, porque ele foi apresentado várias vezes, até mesmo na mídia, de uma maneira absolutamente enganosa, poderíamos, inclusive, entrar no serviço do consumidor e reclamar de propaganda enganosa. A repartição era apresentada como um modelo no qual o trabalhador teria parte de seu dinheiro descontado para a previdência, e esse dinheiro pagaria outros vários trabalhadores. Já no modelo da capitalização, que não foi aprovado, o dinheiro destinado pelo trabalhador para a previdência seria apenas dele. Essas apresentações são mentirosas. No modelo de repartição, além do trabalhador, o Estado também contribui, inclusive pagando o Benefício de Prestação Continuada (BPC) para as pessoas que não têm condições e para as pessoas com algum tipo de deficiência. Enfim, isso demonstra essa dimensão solidária e o pacto social dos direitos do trabalho, tanto quando o trabalhador ainda está trabalhando e quando não está, e é solidário porque também tem contribuição das empresas e do Estado. Porém, isso não é apresentado, porque o trabalhador destina o dinheiro para a reserva. Assim como o Estado e outros abastecedores, também existe um contrato que, quando a situação está difícil, o Estado é responsável por abastecer essa reserva.

Essa reserva da seguridade, há não pouco tempo, tinha tanto dinheiro, que o Estado recorreu a ela e destinou esse dinheiro para outros assuntos, embora sempre se diga que a previdência está falida. Dessa forma, a primeira coisa para não esquecer é que o sistema de repartição não é alimentado apenas com contribuição de trabalhador, e o contrato é que, quando se tem muitos empregos, os trabalhadores têm uma parcela maior de contribuição, quando não, o Estado tem que colocar mais dinheiro. A apresentação do modelo de capitalização também é enganosa, pois, se o trabalhador estiver desempregado, não terá como contribuir, e, se cada vez mais as formas de trabalho são precárias, não será possível contribuir. Ou seja, o próprio trabalhador se encarregar de alimentar sua previdência é um risco enorme, porque é muito raro as pessoas trabalharem ininterruptamente e, na situação atual, é muito raro até trabalhar com um tipo de contrato que permita esse tipo de colaboração para a previdência.

Ainda há um agravante, porque quem cuida dessa reserva da capitalização é uma empresa privada, e eu não tenho dúvidas que ela ganha dinheiro. Ela ganha. Eu não sei se o trabalhador irá receber, pode ser que ele pare de contribuir e não receba mais o que investiu. O sistema de capitalização, que não foi aprovado, é absolutamente terrível, afora que ele já foi testado em outros lugares do mundo, sendo abandonado. Em uma sociedade, não é bom que aqueles que já trabalharam, ao sair do mercado de trabalho, não tenham condições de viver, de consumir. É preciso que eles tenham condições de consumo, pois é preciso um mercado consumidor, ou seja, é preciso que um número grande de pessoas que já deixaram de trabalhar continuem consumindo, porque isso alimenta a economia de um país, que não é feita só por consumidores que estão trabalhando na ativa. Quero chamar atenção, mais uma vez, para este ponto: a Constituição de 1988 foi extremamente importante para o sistema previdenciário. Apesar da mudança que ele sofreu, o pior, o sistema de capitalização – que assume o risco de grande parte dos trabalhadores não conseguirem se aposentar porque não conseguem contribuir – foi evitado.

PERGUNTAS DO PÚBLICO:

5) Diante dessa situação da precarização do trabalho, os trabalhadores perderam força de mobilização para transformar essa situação?

Ângela de Castro: Sim, perderam internacionalmente. No nosso caso, perderam muito, inclusive em função do grande número de trabalho precarizado e de desemprego. E há indicadores que ambas situações não vão passar rapidamente.

Márcio Vilela: Professora, foi com muita alegria que nós a recebemos da Cecine, recebemos o seu aceite para participar desta *live*. Quero agradecer imensamente a todos que nos acompanharam e, em nome da Cecine e da Universidade Federal de Pernambuco, agradecer à professora por ter aceitado o convite e ter feito uma fala brilhante e esclarecedora. É sempre muito bom ouvir a senhora. Eu a tenho como uma grande referência e acredito que todos que estão aqui, nesta noite, também. Ficamos muito agradecidos.

Ângela de Castro: Eu também quero agradecer. Foi um prazer, e espero ter contribuído e ter podido chamar a atenção para algumas questões importantes que acredito que, se entendermos bem, podemos defender melhor os nossos direitos e o direito do trabalho, que têm um lugar muito importante nos eixos da cidadania no Brasil.

POVOS TRADICIONAIS DAS AMÉRICAS E AS EPIDEMIAS

Entrevistador:

Márcio Vilela

Entrevistado:

Professor Dr. Edson Silva

Márcio Vilela: A *live* de hoje tem como tema “Povos Tradicionais das Américas e as Epidemias”, e iremos conversar com o professor Edson Silva, doutor em História pela Unicamp e referência quando se trata da temática dos povos indígenas no Brasil e na América. Professor Edson, a chegada dos europeus à América causou diversos impactos na vida dos povos indígenas, principalmente na saúde desses grupos. Gostaria que o senhor nos falasse um pouco sobre esse contato inicial e quais foram esses impactos.

Edson Silva: Boa noite, Márcio. Boa noite a todos que estão nos acompanhando nesse momento. Gostaria de agradecer pelo convite e pela oportunidade, além de parabenizar a Cecine por essa iniciativa. Durante esse período de quarentena, no qual as possibilidades são muitas, é importante continuar os debates e as discussões sobre temas que são de interesse coletivo. Em relação à sua pergunta, eu gostaria de partir de uma premissa bastante didática: atualmente, nós estamos na segunda campanha de vacinação contra a gripe, e dentre o público-alvo estão os povos indígenas. Por quê? Essa questão nos leva a pensar sobre os impactos da colonização e as doenças que afetam os povos indígenas, tendo em vista que a gripe é uma doença europeia e foi trazida pelos primeiros colonizadores. Assim, esses povos sempre são convidados a participar das campanhas nacionais de combate à gripe.

A partir dessa ideia da inclusão indígena na campanha de vacinação, vamos refletir sobre o impacto da colonização em relação às doenças. É importante lembrar que existiam grupos indígenas maiores e menores. Por exemplo, quando os colonizadores espanhóis chegaram à América, trouxeram diversas doenças, patógenos e micróbios da Europa, porque eles viajavam, por um mês ou mais, em condições questionáveis de qualidade de vida. A travessia do oceano era feita numa caravela sem banheiro, as pessoas não tomavam banho e não tinham práticas de higiene, chegavam ao destino sujas. Além da falta de banheiro, as pessoas viajavam amontoadas e com roupas velhas e sujas, faltava até comida, relatos indicam que, muitas vezes, os passageiros caçavam ratos e baratas para comer.

Os colonizadores trouxeram consigo diversos patógenos de doenças que rapidamente se propagaram pelas Américas. É importante ressaltar que essas epidemias mataram milhares de indígenas. As mais conhecidas

foram o sarampo, a varíola e a febre amarela. Em relação à última, há um debate sobre ser ou não uma doença nativa. Há uma corrente que aponta indícios de que um tipo de febre amarela poderia existir na América antes da chegada dos europeus; no entanto, outra corrente de pesquisadores afirma que ela pode ter sido trazida da África, através dos negros que foram escravizados. Assim, já é possível imaginar o impacto causado pelo contato entre esses grupos. Alguns estudiosos ainda apontam mais duas questões sobre o encontro entre indígenas e colonizadores, a criação de animais e a saúde daqueles que chegavam da Europa. Alguns grupos indígenas viviam geograficamente isolados, e alguns estudiosos apontam que eles não tinham o hábito de criar animais domésticos. Muitas das doenças que conhecemos hoje, inclusive a Covid-19, são de origem animal. Na Europa, as populações tinham o costume de criar animais e, por isso, desenvolveram imunidade e anticorpos contra algumas dessas doenças, mas, ao chegarem na América, transmitiram esses patógenos para as populações indígenas, que não tinham proteção por não terem anticorpos. Então, doenças como varíola, sarampo, febre tifóide e cólera foram algumas que dizimaram vários povos. A cólera, antes de se espalhar pela Europa, originou-se na Índia. Os tripulantes também chegavam em condições de saúde bastante degradadas e impactavam os grupos com os quais tinham contato. Assim, grupos inteiros desapareceram no Caribe, as ilhas ficaram praticamente despovoadas por causa da varíola e do sarampo. Muitos dos marinheiros estavam com pulgas e piolhos, insetos hospedeiros de diversas doenças, e também era comum que animais, como galinhas, bois e cavalos, contaminados por insetos, outros patógenos e enfermidades, fossem transportados nas caravelas. Tudo isso era uma novidade para as populações indígenas, e uma das doenças que marcou profundamente o encontro desses povos com os colonizadores foi a gripe.

Do ponto de vista didático, há um filme muito interessante para pensarmos o impacto da presença dos colonizadores na América, chama-se "1492: A Conquista do Paraíso". É importante considerar as licenças, poética e artística, dos roteiristas e diretor do filme, já que ele foi lançado em 1992, em virtude da comemoração, do ponto de vista europeu, dos 500 anos de descobrimento da América. O filme tenta livrar a figura de Colombo do impacto da culpa da colonização das Américas e colocá-lo um pouco como vítima do sistema, alguém ingênuo que estaria ali tentando fazer o melhor. O audiovisual, em alguns momentos, também exhibe a dificuldade de adaptação dos colonizadores aos trópicos, como a cena

do furacão e outra, na qual, ao adentrarem na mata, um dos espanhóis morre após ser picado por uma cobra. Calcula-se que, nos primeiros 50 anos da colonização, cerca de 60 milhões de indígenas morreram, e não apenas pelas guerras, mas, também, por causa das doenças trazidas pelos colonizadores, principalmente aquelas que afetam o sistema respiratório, como gripe, asma e tuberculose.

Márcio Vilela: Professor Edson, em relação ao Brasil, quais as informações históricas sobre esse assunto?

Edson Silva: De certa forma, os registros históricos também se aproximam das situações que falei até agora sobre a América Central e a chegada dos primeiros colonizadores espanhóis, mas, no Brasil, é possível observar diversas doenças citadas nos relatos dos missionários, principalmente os jesuítas. Essas doenças devastaram populações inteiras e afetaram a produção de alimentos dos indígenas e dos colonos. Gostaria de destacar que é necessário ter consciência que aldear os indígenas significa, muitas vezes, contribuir para que as doenças se propaguem rapidamente. Ao colocar várias pessoas no mesmo local, um indivíduo que adoece pode gerar uma cadeia de contaminação. No Brasil, também é possível observar surtos de varíola, como o que aconteceu em 1554, em São Vicente, e, na Bahia, entre 1562 e 1564, quando ocorreram epidemias de varíola e sarampo que dizimaram várias aldeias no sul do estado. A dizimação chegou a um nível em que muitos idosos e crianças morriam de fome e sede porque faltavam pessoas para ir em busca de água e alimentos.

Essas doenças trazidas pelo colonizador são chamadas doenças do contato. Então, de certa forma, o processo de aldeamento tornou essas populações sedentárias e influenciou nas práticas alimentares, causando um desequilíbrio ecológico. Luisa Wittmann, uma colega historiadora que pesquisou grupos indígenas de Santa Catarina, aponta que o aldeamento na região de Blumenau forçou coletores de pinhões a se tornarem agricultores. Muitos adoeceram devido à criação dos porcos, pois os animais eram hospedeiros de diferentes patógenos. Na Amazônia, em meados do século XVII, um surto de varíola dizimou vários grupos no Alto do Rio Solimões. No século XIX, também há vários registros de epidemias, como a que atingiu a população Guató, localizada no Alto Paraguai, atual fronteira do Brasil com o Paraguai, em que cerca de 98% da população morreu após uma epidemia de sarampo.

Márcio Vilela: Professor Edson, sobre a situação atual do coronavírus na América, o que o senhor poderia falar depois de todo esse apanhado?

Edson Silva: Gostaria de adicionar mais uma informação sobre os aldeamentos: os padres oratorianos que aldearam os xucurus de Pesqueira fundaram o primeiro aldeamento desse povo, possivelmente localizado em Brejo da Madre de Deus, próximo ao Rio Capibaribe, mas, por conta de um surto de varíola, o aldeamento foi refundado em Limoeiro. Há alguns dias, a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia (COIAB), que reúne povos e organizações indígenas dos nove países da Bacia Amazônica, reuniram-se e lançaram uma carta diante da atual situação do coronavírus.

Márcio Vilela: Professor, o senhor poderia falar um pouco sobre a questão no Nordeste e em Pernambuco?

Edson Silva: Há algumas informações. Uma índia do povo Pataxó Hã-hã-hãe, do sul da Bahia, região turística, foi contaminada e está em quarentena na aldeia. A população reclamou da falta de assistência governamental em relação a essa contaminação. Na região dos Potiguaras, na Paraíba, também uma região turística, o fluxo de visitantes foi interrompido, como aconteceu no restante do país. Em Pernambuco, uma reportagem recente da TV local entrevistou líderes dos povos Xukuru do Orubá, de Pesqueira, dos Kapinawá, de Buíque, e dos Fulni-ô, de Águas Belas, e todos apontaram a falta de assistência por parte do governo. Os grupos precisaram tomar medidas por conta própria e fecharam o território para não-índios. No caso dos Xucurus, o cacique determinou que as equipes de saúde interna do povo fossem nas casas e orientassem as pessoas a saírem o mínimo possível, e aquelas que saíssem, utilizassem máscaras.

Então, há uma preocupação dos indígenas, mas são preocupações deles próprios quanto à sua proteção diante do coronavírus, porque, na verdade, há uma queixa generalizada sobre a falta de assistência e orientação por parte das autoridades. Há um risco muito grande para essas populações, assim como aconteceu durante a colonização, em relação às desigualdades sociais, à forma como o Estado brasileiro se coloca diante dessas populações e em relação à omissão frente à invasão dos territórios e à violência contra as lideranças indígenas. São populações em constante estado de vulnerabilidade, não possuem seus direitos res-

peitados e, em um momento como esse, que vivemos atingidos por uma pandemia, correm riscos ainda maiores.

Márcio Vilela: Antes de realizar o encerramento da nossa *live*, eu gostaria primeiramente de agradecer ao professor Arthur Barros, que está contribuindo na realização das nossas atividades. Também gostaria de agradecer ao bolsista Felipe, da Cecine, e à Nara, coordenadora do departamento de design da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura.

Professor Edson, ao final das nossas *lives*, costumo pedir aos professores para indicarem livros e filmes que possam auxiliar os professores e alunos da rede básica de ensino. Então, o senhor poderia indicar algum material para auxiliar esses profissionais em sala de aula, de maneira que possa quebrar com o preconceito que existe em relação aos povos indígenas?

Edson Silva: Também gostaria de agradecer às pessoas pelo carinho e dizer que estou à disposição. Sobre as sugestões, reforço a indicação do livro “Vítimas do Milagre”, de Shelton Davis, uma boa reflexão sobre a presença dos militares na Amazônia brasileira. Cito novamente o filme “1492: A Conquista do Paraíso”, que, apesar de tentar suavizar a figura de Cristóvão Colombo, demonstra o impacto da colonização para os povos indígenas. Há um outro filme interessante, chamado “Desmundo”, derivado de um romance homônimo; é uma ficção, mas nos coloca diante do início do processo de colonização do Brasil. Também indico o romance do autor gaúcho Moacyr Scliar, chama-se “Sua Majestade do Xingu”, e ele trata de um médico judeu chamado Noel Nutels, que esteve entre os Xingu e auxiliou os indígenas no tratamento de tuberculose. É importante ressaltar que a tuberculose também é uma das doenças que dizimou muitos indígenas, e é uma doença trazida pelo colonizador. Mais uma vez, eu agradeço o convite e parabênizo o professor Márcio. Quero agradecer ao Arthur Barros e ao Felipe, parabenizar a Cecine por essa iniciativa e dizer que continuo à disposição, muito obrigado.

Márcio Vilela: Eu que agradeço, professor. Eu agradeço a todos que acompanharam até agora o nosso bate-papo. Em breve, sexta-feira, às 20 horas, estaremos de volta, com um novo episódio da série “História, Educação e Saúde”.

CIÊNCIA E OBSCURANTISMO

Entrevistador:
Márcio Vilela

Entrevistado:
Professor Dr. Sandro Sayão

Márcio Vilela: Boa noite a todos e a todas. Estamos começando, como de costume, mais uma *live* da série “História, Educação e Saúde”, realizada pela Coordenadoria do Ensino de Ciências do Nordeste (Cecine). É com muito prazer e alegria que estamos aqui para mais um debate que acredito ser bastante interessante. Gostaria de agradecer aos inscritos que têm mandado mensagens ao longo da semana, recebemos muitas mensagens falando da *live* da semana anterior, da importância dessa atividade, do compromisso da Cecine, não só com a Universidade, mas com a sociedade como um todo. Lembrando que a Cecine tem um compromisso imenso com os professores da rede básica de ensino, as atividades são sempre voltadas em função desse público, dos professores e alunos. Agradeço também a todos que fazem a Cecine e à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proexc), que tem dado um apoio imenso às nossas atividades como um todo.

Hoje, iremos conversar com o professor Sandro Sayão sobre o tema “Ciência e Obscurantismo”. O professor é graduado em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande, mestre em educação Ambiental também pela Universidade do Rio Grande, doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e, atualmente, é professor do Departamento de Filosofia da UFPE; entre inúmeros trabalhos, pesquisas e atividades de extensão, ele coordena o Grupo VIRTUS, que está ligado à Defesa Social, à Segurança Pública e aos Direitos Humanos. Professor Sandro, boa noite.

Sandro Sayão: Boa noite. Agradeço muitíssimo ao convite para discussão de um assunto tão pertinente e desafiador ao mesmo tempo. Ainda mais nesse momento social e político em que nós vivemos. Não podemos afastar essas duas dimensões que também estão implícitas dentro desse tema.

Márcio Vilela: Esse é um tema que considero da mais alta relevância, principalmente pelo momento em que estamos vivendo. Está sendo comum nos depararmos com declarações contrárias à ciência, essa é uma situação recorrente nesse momento pandêmico. Nega-se tanto um longo trajeto de conhecimento quanto a importância da Universidade, então esse é um tema importante e de alta relevância social e política, que não poderia ficar de fora da nossa série de debates. Para começar, eu farei a seguinte indagação ao professor: como poderíamos ensaiar alguma coisa em relação ao antagonismo entre obscurantismo e ciência?

Sandro Sayão: Obscurantismo vem do latim *obscurans*, aquilo que está nas trevas, aquilo que está obscuro. Utilizamos essa palavra quando a alguma coisa falta a clareza, ou seja, faltam os elementos essenciais para que tenhamos discernimento e clareza das coisas. Quando não temos clareza diante de uma coisa, essa coisa se mostra de um modo obscuro. Isso acontece nas mais diferentes instâncias da nossa vida; no nosso agir, nas nossas escolhas. Nós somos seres de escolhas, e isso é uma questão singular. Diferentemente dos outros entes vivos do mundo, nós escolhemos a partir de sentidos, valores e elementos que vamos incorporando ao longo da História da própria humanidade e do nosso próprio viver.

Essas escolhas são fundadas a partir de elementos de sabedoria, de construções de conhecimento, da bagagem cultural acumulada ao longo das gerações, da História e de nossa vida pessoal também. Ou seja, dentro do nosso trânsito de vida, que compreende do momento que nascemos ao momento que morremos, elementos de sabedoria vão sendo acumulados. Além disso, contamos com a bagagem cultural acumulada ao longo da História da humanidade, aquela que nos é fornecida e que a História e os historiadores acessam de uma maneira tão singular.

Quando desenvolvi o meu pós-doutorado, eu me debrucei sobre as Escrituras Sagradas do Judaísmo, e sempre, quando falamos em obscurantismo, lembramos do obscurantismo proposto pela própria religião ou a atitude obscurantista dos religiosos fazendo frente àquilo que os possa confrontar.

Há uma passagem das Escrituras do Talmude⁴, por exemplo, em que se fala da noite, que é tão singular. Se imaginarmos uma noite sem lua, na qual a nossa visão ficaria turva, nós teríamos dificuldade de discernir entre as coisas boas e as coisas ruins. Assim, o maior perigo é essa obscuridade, essa falta de clareza e luminosidade que nos atinge, porque podemos tomar coisas que nos são ruins como coisas boas. Nas Escrituras do Talmude, também chamam a atenção para a compreensão de que, nas trevas, as feras atacam aqueles que estão mais fracos.

⁴ Coletânea de ensinamentos judaicos antigos.

É interessante esses elementos de sabedoria presentes na própria religiosidade. Eu começaria por aí, porque, normalmente, iniciaria-se por um caminho opondo-se ciência e religião, e eu estou fazendo um percurso um pouquinho diferente. Nas próprias Escrituras do Judaísmo, por exemplo, Deus, para os judeus, não deixaria o mundo totalmente pronto, ele precisaria da humanidade para fazer com que o sol se elevasse. Ele precisaria que o sol da sabedoria se elevasse e se implantasse entre nós a partir da nossa ajuda, da nossa inteligência, da nossa sabedoria. Assim, é muito interessante, no Judaísmo, a inteligência não pode dormir, ela tem que estar atenta e aguçada, não se pode ocorrer o embriagar da inteligência, por isso que, em alguns momentos, fala-se na preparação do próprio nazireu, por exemplo, no nazirato, que é a apresentação do judeu no templo, onde ele vai demonstrar sua responsabilidade diante de Deus, e uma das coisas que ele não pode fazer é entrar em contato com nada que venha do vinho, da uva, da vinha, porque o vinho amortece a inteligência, a bebida alcoólica ela nos amortece, naquele momento, nós ficamos quase como em sonolência. Os judeus também falam, por exemplo, da necessidade do estado de vigília, da consciência plena, de estar atento a tudo que cerca para poder reagir.

Esses elementos são fundamentais para percebermos uma coisa que acho singular na nossa presença no mundo, entender que, ao longo da História, o que observamos são atitudes fundamentalistas e totalitárias, muitas vezes associadas a muito poder, que negam a possibilidade da tomada de consciência, da tomada de ciência por sobre as coisas, tudo isso movido a partir de interesses de manutenção do *status quo*, dos estados vividos, para que isso não seja alterado ou não seja confrontado. Então, nesse primeiro momento, é importante fazermos essa singular caracterização de dois termos: o obscurantismo, do latim *obscurans*, que quer dizer algo sem luz, trevoso, sem clareza e sem nitidez, alguma coisa que está em meio à turbidez de um olhar que nos leva a cometer equívocos e enganos; e a ciência, que tem a ver com a lucidez, com a tomada de ciência de algo, com a tomada de discernimento, ter ciência de algo e não estar alheio.

Márcio Vilela: Professor, estamos recebendo algumas perguntas dos nossos espectadores, e um deles questiona a quem interessa a negação da ciência?

Sandro Sayão: Existem dois lugares muito férteis para o obscurantismo:

a política e a religião. Pior ainda quando juntamos os dois. No atual momento do Brasil, estamos vivenciando isso, estamos sentindo na pele o risco do obscurantismo e de posições totalitárias. Então, tanto a política como a religião são lugares férteis para o obscurantismo, por motivos diferentes. O primeiro, porque a política não deseja oposição, ela é quase como a arte de ganhar a guerra por todos os meios e, para que isso aconteça, ela visa anular aquele que pensa diferente. Assim, ela estimula a eliminação de tudo que possa animar a consciência, tudo que possa fazer com que a consciência tome ciência do que lhe cerca, sobre as teias de poder que lhe cercam.

Na filosofia, se nos voltarmos, por exemplo, para Karl Marx, quando elabora o conceito de alienação, entendemos que o indivíduo é alheio às forças que se aplicam sobre ele e que o conduzem; assim, embora o indivíduo seja um ser de escolha, ele não parte do zero, ele tem forças que se aplicam sobre si mesmo, forças que são impostas pelo próprio sistema que o cerca. E o indivíduo, muitas vezes, está alheio a essas forças que o cercam, ou seja, ele tem uma consciência apequenada delas. Nesse sentido, Paulo Freire falava, no "Pedagogia do Oprimido", em uma espécie de ampliação da consciência, na tomada de consciência dessas forças que se aplicam sobre nós, tal como marionetes que têm fios que as guiam, forças essas que se aplicam dentro de um estado totalitário, pela via da política, e que têm interesse na alienação das pessoas em relação a essa dinâmica, para que elas sejam bois de boiada, que passam os projetos sem se darem conta. Darcy Ribeiro dizia que o problema da educação no Brasil, na verdade, não é um problema, é um projeto. Por que seria um projeto a carência da educação no Brasil? Porque há interesses que cercam isso para que a gente se mantenha na obscuridade.

As religiões, por outra via, embora uma via muito próxima, possuem estruturas e elementos dogmáticos dentro delas mesmas, os quais elas não permitem questionamentos ou que sejam postos à prova. Um dos elementos mais representativos disso é Giordano Bruno; no século XV, cria a suspeita da pluralidade da vida em outros planetas, elabora possibilidades compreendendo que cada estrela do firmamento fosse um sol e, desse sol, tivesse seus planetas e outros planetas com a possibilidade de ter vida tal como a Terra. Isso foi confrontado radicalmente, e Giordano Bruno foi queimado na fogueira. É interessante que, apenas em 1992, no século passado, João Paulo II tenha inocentado Giordano Bruno. Ele havia sido excomungado da igreja Católica e queimado vivo na fogueira,

porque ele pensava, baseado em Copérnico, nas estruturas heliocêntricas, já que o hélios é o gás do sol, por isso que se fala do sol como o hélios, ou de Hélios, o deus sol, ou o termo heliocêntrico, porque coloca o sol como centro do sistema e a Terra, os astros e os planetas se moviam ao seu redor. Na época, pensava-se apenas nesses planetas que cercam o sol aqui do sistema solar, mas, depois, descobrimos a Via Láctea, o universo com as diferentes constelações.

Mas, Giordano Bruno ameaçou as estruturas da Igreja, porque, pela Bíblia, o homem era o centro do universo, Deus nos criou, e a Terra é o centro do universo, os astros gravitavam em torno da Terra, a lua foi criada para iluminar a noite e o sol, para iluminar o dia. Então, essas estruturas muito antigas são representativas de dois momentos, são elementos férteis que estimulam o próprio obscurantismo, que lutam contra a ciência e lutam contra tudo que possa fazer com que os indivíduos tenham lucidez. Dessa forma, há vertentes ditatoriais em determinados contextos políticos que, por exemplo, não permitem que as mulheres leiam ou tenham acesso à educação. Como alguns países islâmicos ou outras estruturas, as mulheres não podem ter acesso ao conhecimento para não se libertar das imposições que são feitas sobre elas.

Por conta da Escolástica, costumamos dividir os saberes, mas é preciso lembrar que os primeiros filósofos foram os primeiros cientistas, os primeiros pré-socráticos, antes de Sócrates, Platão e Aristóteles, tinham a *physis* como elemento, e todos eles buscavam na *physis*, depois que se descobre a *metaphysis* ou a metafísica, aquilo que está para além da *physis*. Todos os filósofos sempre foram muito ligados à ciência, todos eles foram um pouco astrônomos, físicos, um pouco amantes da biologia; na verdade, são pessoas que amam a sabedoria e todas as formas da expressão do saber. Depois que conseguimos compreender a complexidade e a especificidade dos diferentes saberes, nós vamos descobrindo a maravilha que é o conhecimento e o saber. Mas, o que já prevíamos há muito tempo, a necessidade desses saberes que invadem o mundo se torna múltipla, de múltiplas perspectivas, e todos esses saberes estão muito conectados com a necessidade de como o ser humano se desloca do mundo, tentando compreender essa presença humana no mundo e o próprio funcionamento da vida, da realidade e das coisas que nos cercam. Então, eu posicionaria esses dois elementos muito singulares entre a política e a religião como dois elementos férteis exatamente para impedir a tomada de consciência ou a ciência das pessoas sobre algo.

Márcio Vilela: Professor, o senhor está falando de forças da religião e da política se colocando contra o conhecimento. Então, como fazer para vencer essas barreiras impostas?

Sandro Sayão: Esse é um trabalho árduo de todos nós. Poderíamos pensar sobre as raízes históricas do obscurantismo, deslocar-nos para a Idade Média. Se tivermos tempo, em algum momento da nossa conversa, podemos fazer isso. Podemos nos deslocar, então, para o período medieval e para o início da própria modernidade. Eu falei especificamente de Giordano Bruno, mas muitos outros cientistas também enfrentaram grandes problemas ao afirmarem determinado conceito por evidências, é isso que caracteriza a ciência, ela trabalha com fatos, com métodos e com evidências sobre os quais ela descreve, toma ciência e desenvolve uma teoria. Isso não significa que essas evidências, ao longo do tempo, não podem ser alteradas. Por exemplo, as leis de Newton foram substituídas pela compreensão de Einstein das próprias leis que regem a dinâmica dos corpos e toda a energia que cerca o movimento dos astros, de toda a vida.

Mas, como vencer? Porque me parece que nós também entramos em elementos psicanalíticos. Hoje, eu estava me preparando, e estava estudando exatamente Freud, porque estou produzindo um texto, encomendado pelo pessoal da segurança pública e da defesa social, em que nos questionamos por que nós aderimos a dimensões destrutivas, por exemplo. Freud fez uma descrição muito singular. *Teo* é o divino e *oral* é mostraçã, assim, teoria é a mostraçã de algo que se considera como inabalável, por isso se chama de divino. Essa teoria, toda a dimensão da psicanálise, em Freud, parte de um método da observação, inclusive ele cita o seu neto, as crianças e os sonhos. Em 1920, ele escreveu um livro chamado “Para além do princípio do prazer”, em que observa que nós não somos tendenciados apenas à disposição pelo próprio prazer sexual, e, então, ele descobre as pulsões. Quando ele descreve, por exemplo, a pulsão de morte, ele tem um princípio chamado princípio do Nirvana, no qual descreve como se tivesse uma visão econômica da própria subjetividade humana e da própria singularidade. Essa visão quer rejeitar tudo o que causa uma entropia ou uma revolução de energia interna, e, com isso, procura todos os elementos que rejeitem essa ebulição energética, buscando a inação ou rejeitando exteriormente tudo que lhe possa agitar.

Ainda tenho outras considerações, que se aliam ao que venho pesquisando ao longo do tempo, que compreendem que nós temos medo e indisposição muito grandes em relação à diferença. Aquilo que Freud descreveu é o diferente ou externo, mexem conosco e trazem muita ebulição energética porque trazem a diferença, fazem com que a nossa mente, a nossa capacidade de pensar e a nossa consciência se agitem a ponto de desestruturar as nossas verdades e os lugares onde nos tornamos e nos fixamos. Nós, seres humanos, temos um problema muito grande com aquilo que pode nos deslocar das nossas verdades, das nossas estruturas, daquele lugar onde nos sentimos acomodados, seguros e gastamos pouca energia. Então, as pessoas mais frágeis emocionalmente têm uma grande dificuldade de lidar com a diferença do outro, mas, frágeis emocionalmente não significa pessoas que não possam ser absurdamente mortais, elas podem se tornar pessoas absurdamente mortais e perigosas, principalmente se elas tiverem poder, porque elas vão tentar eliminar tudo o que não seja elas mesmas. Ao fazer isso, elas querem se livrar da possibilidade de ter que mudar, querem se manter no mesmo, é a mesmidade se ocupando e utilizando de forças e energias para que nada mude, é um pouco o que temos vivido hoje, no nosso atual sistema, talvez não só a nível nacional, mas, também, internacional. O obscurantismo atinge, inclusive, a negação da alteração climática no nosso planeta.

Diante da alteração climática no planeta, nós somos chamados a alterar os nossos comportamentos, a termos de valorizar outras coisas, a mexermos nas estruturas, alterarmos os sistemas de vida e a nossa posição diante da realidade, e muitos reagem a isso, às vezes, de forma muito violenta e negando as evidências. Tem até uma música, eu acho que é "negando as aparências, disfarçando as evidências", é uma música sertaneja, não é do Nordeste, nem do Sul. Então, disfarçam as evidências, negam os fatos e criam uma realidade quase que paralela, a qual, hoje em dia, na filosofia, nós chamamos de pós-verdade, ou seja, a verdade confortável que eles criam e que desejam que seja repetida, senão atacam aqueles que pensam diferente ou que mexem nessas verdades.

Então, a pergunta era como podemos fazer frente a isso, essa é uma questão muito séria quando nós temos um sistema educacional que não ajudou as pessoas a lidarem com a dinamicidade da própria vida. Quando nós observamos os Estados budistas tibetanos, por exemplo, uma sociedade que descobre a impermanência e habitua à sua cultura parte do fato da impermanência, que lida com a ideia das bolhas de ilusão e

com a impermanência, entendemos que o mundo é dinâmico, que a vida muda e que passa enquanto nós desejaríamos que ela fosse fixa e rígida. No Brasil, nós temos filósofos da moda, Henri Bergson, que escreveu um livro chamado “O Pensamento e o Movimento”, deixou de ser moda, mas eu estou com um grupo de pesquisa em Bergson, e ele é fundamental de ser lido, inclusive pelos cientistas, porque ele afirma que a vida é puro movimento, e como é que podemos fixar o movimento? Isso é fazer uma agressão ao próprio movimento, porque eu tiro da vida aquilo que é a vida para poder descrevê-la.

Dessa forma, é um desafio pensarmos a vida na sua dinamicidade. Se nos voltássemos para Freud, isso teria uma pulsão de morte inscrita na negação da exterioridade que possa representar mudanças, teríamos autores que falam da totalidade e autores que criticam a totalidade e essa rejeição da diferença. Mas, eu posso falar em Bergson, também nessa incapacidade de aceitar a dinamicidade da vida, porque, ao aceitar a dinamicidade da vida, é como se eu estivesse lidando com a incerteza e com a possibilidade da mudança, e o ser humano tem ojeriza a tudo que muda, porque ele lida com a saída do lugar de conforto e ainda com a perda de controle. Quando eu vejo um Estado que absorve isso e parte disso como um elemento propositivo das estruturas, tal como o Estado tibetano, tal como o budismo, por exemplo, que reconhecem as bolhas de ilusão, a impermanência e que tudo é capaz de mudar, há quase como uma cultura permeada agora pela aceitabilidade da dinâmica. Enquanto o nosso Estado tem uma dificuldade imensa de aceitar a possibilidade de mudança e transformação, é quase como se no Estado totalitário, no qual vivemos, no sentido civilizatório que temos no mundo ocidental, nós tivéssemos uma negação de tudo que possa representar a alteração daquele que se colocou no lugar de centro.

Não é à toa que as colonizações que foram feitas nas Américas, tanto na América espanhola como no país continental, que é o Brasil, pelos portugueses – nós tivemos algumas diferenças entre os espanhóis e os portugueses, porque estes já se misturaram um pouco mais do que os espanhóis –, houve uma destruição das culturas incas, maias e astecas, que nós tínhamos aqui, nas Américas, porque não se via nelas nada a ser aproveitado, nada, houve uma rejeição completa das sabedorias existentes aqui por conta dessa incapacidade desse modelo cultural vindo da Europa, no qual a verdade que lhe basta é aquela que ela promulga e não aquela que vem de outros lugares. Estamos vendo isso, hoje, no Bra-

sil e no mundo, o contexto de pós-verdade, no mundo, inclusive agora, nesse momento de pandemia, quando há uma negação inclusive daquilo que o mundo inteiro está falando para que a opinião de um se imponha como a verdade absoluta; quer dizer, a pós-verdade é uma postura obscurantista.

Hoje, eu conversava com alguns colegas da universidade sobre o absurdo e a barbárie que foi a morte desse senhor por um policial que se ajoelhou e o matou asfixiado, em pleno novo milênio e novo século, não temos nem palavras para dizer. Nós tivemos uma conversa essa tarde sobre a responsabilidade da universidade em trazer e discutir isso, nós somos uma comunidade de 40 mil pessoas, e como se faz isso? Trazendo a discussão, a reflexão, criticando, problematizando e tomando ciência, no sentido amplo da palavra, não apenas da ciência que se faz na biologia, na química ou na física, mas tomando ciência de um contexto problemático. Eu acredito nesse caminho, outros não confiam tanto assim no sistema educacional, mas, como educador, eu aposto minhas fichas, quase todas, na sabedoria.

Márcio Vilela: Eu fiquei muito impressionado com essa sua discussão em relação ao Estado totalitário, porque quem estuda um pouco os estados totalitários, seja nazista ou fascista, consegue entender muito bem a sua fala, porque, seja na Alemanha ou na Itália, muito mais na primeira, vão ocorrendo essas mudanças, ou seja, a dificuldade de se entender o diferente e de lidar com as diferenças. Assim, o Estado vai moldando e retirando as diferenças, determina aquele que pode viver e aquele que deve morrer, além de modificar o sistema educacional, vai fazendo uma série de mudanças que produz uma linguagem nova. O nazismo produz uma linguagem também, não podemos pensar no nazismo sem pensar numa linguagem do nazismo. O senhor percebe que, no Brasil, também há uma linguagem que dificulta essa relação com as diferenças?

Sandro Sayão: Hoje, eu gostei muito de uma afirmação que disse que nós não estamos vendo o racismo, a única questão é que ele foi televisionado, ele foi gravado, mas ele está entre nós e nunca nos responsabilizamos pelo que deveríamos ter feito, principalmente no Brasil e nos Estados Unidos. Ainda assim, nos Estados Unidos, a questão racial é muito mais confrontada, talvez os negros de lá lutem com mais veemência do que os irmãos negros e negras do nosso país, onde nós temos uma cultura que é absurdamente rejeitada. Podemos observar isso nas aulas de

História, em que a cultura e a história negra são desconhecidas, o estudo das religiões de matriz africana ou o culto aos orixás são desconsiderados, ainda vistos como algo demoníaco por alguns, o que é um absurdo! As próprias músicas e as danças, tudo que tem a ver com essa matriz, é considerado como algo de menor escala e de menor padrão nas mais diferentes instâncias, inclusive da própria Universidade. Conhecemos muito pouco de pensadores e pensadoras negros e negras, de pensadores africanos; nos nossos cursos de dança, música e artes se estuda pouco a cultura negra, se estuda a cultura europeia. Outro dia, eu conversava com um colega que é de teatro, do Centro de Artes e Comunicação, ele estava me provocando sobre essa questão, porque eu falava de Pina Bausch, e ele disse: “Sandro, mas a gente não conhece os nossos, a nossa dança africana”, e eu fiquei com uma vergonha na hora, porque eu citei Pina Bausch, que é maravilhosa, mas me esqueci também de toda essa cultura.

Márcio Vilela: Essa sua fala me fez lembrar da *live* que tivemos recentemente com a professora Christine Dabat. Ela falava um pouco da China e do nosso desconhecimento em relação ao Oriente, em relação à China e à Índia. Estamos muito presos à Europa, o eurocentrismo está presente na História, está presente na Filosofia, em que se lê muito os pensadores europeus e se conhece muito pouco a perspectiva da sabedoria da China e da Índia. Aqui, nas Américas, livros das grandes civilizações astecas, incas e maias foram queimados, e, assim, perdeu-se grande parte do conhecimento sobre esses povos. Eu resgato essa questão porque lembrei da conversa que nós tivemos aqui com a professora Christine Dabat, do Departamento de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

Sandro Sayão: E estou aqui na Universidade há 12 anos, Márcio, e já tive a oportunidade de ir para outras instituições, mas eu amo a UFPE, principalmente pelos meus colegas, porque a UFPE são os professores e seus alunos. Já os prédios, um dia, talvez, vejamos outro tipo de configuração. Aproveito o espaço e resalto aqui, também, que temos a honra de estarmos no CFCH e de trabalharmos com pessoas de gabarito, que desenvolvem o trabalho com seriedade e maestria, como a professora Christine Dabat, a qual produz um trabalho com altíssima qualidade e excelência nas investigações. Ainda assim, mesmo que tenhamos mulheres extremamente competentes em todos os espaços, ao observarmos, por exemplo, o campo das artes, conhecemos, sobretudo, as produções masculinas, a arte feita pelas mulheres ainda é desconhecida. Nesse

mesmo sentindo, a arte produzida pelos negros é sempre considerada como artesanato e exótica.

Então, eu acho que o primeiro passo é tomar ciência dessas recusas, tu falavas bem, Enrique Dussel escreve nos seus livros “Para uma ética da libertação latino-americana” e “A filosofia da libertação”, ele fala nesse eurocentrismo e, dessa história, lida a partir de um viés eurocêntrico. O Brasil costuma estar de costas para a América e voltado para Europa. Isso não significa que os saberes produzidos pela Europa não tenham grande validade, não é isso que estamos falando, mas costumamos estar de costas para os outros movimentos latino-americanos. Eu já tive oportunidade de receber críticas dos meus parceiros na França, quando tivemos um congresso na Colômbia e eu não estava na Colômbia. Eles disseram: “você não ligam para as Américas, só vêm para os congressos na Europa”. Eu me senti minúsculo, fiquei com vergonha, porque, nessas situações, percebemos como não dialogamos com os nossos parceiros latino-americanos.

Márcio Vilela: Um dos nossos espectadores pergunta o seguinte: o que esperar pós-pandemia nesse contexto de obscurantismo brasileiro?

Sandro Sayão: Quem me conhece sabe que eu sou uma pessoa muito esperançosa. Eu sou muito positivo, participo das coisas achando que vai dar certo e, se não der certo, eu também acho que já está dando certo, porque temos aprendizados e vivências. Mas, eu não tenho uma visão muito romântica para quando sairmos disso, não acredito que todo mundo vai acordar melhor e se amar. Acredito que vai ter uma certa euforia, talvez. Alguns já são mais sensíveis à necessidade de termos um outro comportamento nas suas diferentes perspectivas. Eu tenho falado muito, no programa de rádio do qual participo, que vivemos uma pandemia e um pandemônio. Eu esperava que a saída disso, em diferentes perspectivas, nos levasse, primeiro, a considerar a necessidade de fortalecer as nossas instituições. Eu sei que a nossa discussão não é política, mas não tem como deixarmos de ser um pouco político nesse momento, a própria universidade ainda está conseguindo se manter um pouco porque é defendida constitucionalmente. O ex-ministro Ayres de Brito, por exemplo, em todas as críticas que posso fazer a algumas coisas, disse que a Constituição ainda nos defende dentre defender as instituições.

Eu acho que esse é um caminho muito sério. Dentro da própria Universi-

dade, eu tenho colegas que são antivacina, colegas professores que estão quietos, agora, porque estamos na urgência de uma vacina! Eu digo isso abertamente, sem citar o nome, e não cito por uma questão de elegância, porque as pessoas sabem quem é. Mas, eu digo no mestrado em direitos humanos, nós estamos dentro de uma universidade, e a professora Christine e outros que estão nos assistindo podem fazer correções ao que eu falo, porque eu posso cometer alguma falta histórica, ainda mais diante de professores de História, mas o que falamos deve ser dito com propriedade. Nós temos responsabilidade pelo que dizemos porque nós somos professores de uma instância superior; logo, o que falamos responde à representação de uma área de conhecimento. Isso não quer dizer que eu não tenha falhas, que eu não posso falar em propriedades ou também que eu não tenha ignorância. Paulo Freire dizia que somos seres constituídos de saber e de ignorância, e é exatamente sabendo da minha ignorância que eu vivo num processo de busca do conhecimento.

Sócrates, o homem mais sábio do mundo, disse: “sei que nada sei”, e essa é a única diferença entre ele e os tolos que andam por aí; Hannah Arendt, em “A Origem do Totalitarismo”, usava uma palavra fortíssima, que foi traduzida por “ralé”. A diferença do Sócrates é que ele tem consciência da sua ignorância, enquanto os tolos do mundo não sabem nada e ainda se orgulham do não saber. Mas, o não saber me constitui enquanto um ser de busca. Quando estou nas bancas de seleção de mestrado, sempre sabem que eu vou fazer esta pergunta: “o que você não sabe que você quer saber?”. Porque o problema da pesquisa é a coisa mais importante, é o que você não sabe que você quer saber, todo mundo quer falar o que já sabe, mas qual é a pergunta que você tem?

Falamos aqui de obscurantismo e ciência, o obscurantista não tem pergunta nenhuma. O Amós Oz escreve um livro que se chama “Como curar um fanático”. Ele também tem um livro maravilhoso, que eu convido todos a lerem, que se chama “Judas”, mas é em “Como curar um fanático” que o autor escreve o que é um obscurantista, um fanático que costuma ser um obscurantista. O fanático como obscurantista não tem dúvida nenhuma e não questiona, ele já sabe de tudo e já está com a certeza de tudo, essa é uma postura que, dentro da universidade, não é bem-vinda. Uma pessoa que se afirma, dentro de uma Universidade, contra a vacina, no mínimo, está numa postura deslocada e descabida dentro dessa instituição que se representa por ser o local onde o que falamos tem que ter propriedade, no sentido de que tem que ter fatos, evidências

e métodos que foram aplicados que possam dizer isso. Para nossa área humana, nós somos permeados por uma elasticidade um pouco maior, embora a ciência também altere as suas interpretações de modo muito rápido, então, esses métodos e fatos nos levam a crer que as vacinas são algo fundamental e que, por exemplo, a Terra não é plana. Isso eu não ouvi ninguém defender dentro da universidade, no entanto, se as pessoas têm uma postura antivacina, uma postura obscurantista, elas têm que se dedicar à pesquisa para provar essa questão. Então, hoje, nós podemos dizer que temos um obscurantismo vivo entre nós, baseado, principalmente, nessa luta contra as vacinas, na questão da Terra plana, no negacionismo do aquecimento global e por dentro desses conhecimentos e dos cientistas que estão sendo atacados.

Márcio Vilela: Impressionante ter relatos e opiniões como essas dentro da Universidade, um local em que a gente poderia até imaginar que isso não pudesse existir. Professor, eu gostaria de voltar à questão da dimensão histórica, eu queria reforçar ainda mais sobre o retorno desse obscurantismo em pleno século XXI. Eu queria destacar isso ainda mais, talvez deixar essa dimensão histórica que o senhor começou a narrar sobre o Giordano Bruno e fez um apanhado do final da Idade Média, como a igreja se comportava em relação ao conhecimento e à ciência. Mas, eu queria focar mais no tempo presente e no século XXI, porque é uma preocupação e estamos vivendo isso, então, eu queria, se possível, que o senhor falasse um pouco mais sobre esse obscurantismo em pleno século XXI.

Sandro Sayão: Eu acho que Frei Betto fez uma boa definição, nós investimos muito no acesso dos bens materiais e pouco nos bens espirituais. Dentro dessa busca pelas condições materiais que são fundamentais, nos esquecemos de fazer muitos deveres da dimensão espiritual. Quando falo em deveres da dimensão espiritual, não estou falando das religiões, estou falando da imaterialidade dos elementos que nos cercam, quer dizer, a sociedade fica muito vulnerável, o indivíduo fica feliz pela compra de um iPhone ou pela compra de um aparelho, como se a vida se resumisse a isso, a essa busca pelos bens materiais. A crítica ao capitalismo se dá porque se entende a infantilização que o capitalismo propõe enquanto guia para os bens materiais, e o ápice dessa absurdidade é que o brilho dos bens materiais ofusca a nossa visão a tal ponto que ela permeia um dilaceramento das próprias conquistas da humanidade.

É por esse motivo que estamos vendo um retorno de coisas. É tão inte-

ressante! Estamos, agora, em isolamento por causa de uma praga, se fôssemos fazer uma analogia, o vírus parece uma praga do Egito que se espalhou, mas é interessante que as posturas que nós estamos vivendo são muito antigas. Sócrates foi condenado a beber cicuta porque ele trazia conhecimento e formas de pensar que afetavam a sociedade de então. Depois, quando citamos a própria Idade Média, Giordano Bruno, Galileu Galilei, Copérnico e outros, todos eles foram atacados. Darwin foi atacado quando mexeu na questão criacionista e propôs o evolucionismo. Por um certo tempo, ele refletiu se deveria publicar seus estudos tendo em vista a aproximação com o cristianismo. Hannah Arendt, sobre quem tenho que estudar mais, foi perseguida por conta de sua observação da teia totalitária, como ela se estrutura e como ela se monta. Eu acho que a Alegoria da Caverna, de Platão, e a alegoria não é um mito, descreve muito o que nós estamos vivendo; são pessoas presas no fundo de uma caverna, e o sábio consegue sair, tem um rápido vislumbre da vida de outro modo e, quando ele volta, ele é atacado. Eu aprendi aqui, em Recife, uma nova interpretação da Alegoria da Caverna, diz-se que, quando tem um tacho com óleo quente e jogam os caranguejos, um deles tenta fugir, mas outro vai lá e puxa de volta. Então, essa representação, um pouco atualizada, da Alegoria da Caverna, de Platão, quer dizer que nós matamos aquilo que poderia representar a nossa própria evolução, o novo passo da condição humana.

Márcio Vilela: Professor, temos mais uma questão de um espectador: qual o papel da Filosofia e da Ciência na reconstrução do mundo pós-pandemia?

Sandro Sayão: A Filosofia diz que *sophia* é sabedoria e a *philia* é o amor à sabedoria, nós somos o amor à sabedoria. Eu sempre gosto de fazer um contraponto à sabedoria do amor, que significa que nós produzimos saberes para dar conta das necessidades da vida, mas eu acho que o nosso papel, hoje, enquanto departamento de Filosofia, eu e outros vários professores envolvidos e dando os braços à comunidade, é de certo modo dissipar aquilo que nós produzimos e nós construímos enquanto saber, criando diferentes graus de narrativa. Acabei de terminar um texto bem técnico sobre a linguagem de Jacques Derrida, que interessa talvez a quem trabalha com Filosofia da linguagem, mas também produz textos de outras narrativas, exatamente porque nós precisamos produzir narrativas, então, agora, estou trabalhando com o pessoal da segurança pública, polícia civil e polícia militar, sobre pontos como o mito do herói, a

questão da força, a questão dos estigmas.

A Ciência precisa, cada vez mais, mergulhar na pesquisa sem perder as pontas nesse diálogo com a comunidade. Para mim, isso está muito evidente. Precisamos dialogar com as pessoas, não podemos viver na nossa bolha. Por esse motivo, eu nunca deixei a extensão. Nunca deixei a extensão, porque eu penso que a extensão é esse braço da Universidade com as pessoas e com a comunidade, mas sem esquecer a pesquisa de ponta e profunda, porque isso qualifica o meu contato com as pessoas. Eu tenho um projeto em desenvolvimento que se chama “Papo de homem”, são círculos do masculino que estávamos fazendo em conjunto com o Instituto Maria da Penha, no bairro de Santo Amaro. É interessante, porque eu pensei em não falar de Filosofia para eles, e a primeira coisa que eles me falaram foi sobre Heráclito. Discutimos a noite inteira sobre Heráclito. Eu estava no bairro de Santo Amaro, com um rapaz que vende cachorro-quente. Para mim, é uma maravilha, porque a sabedoria pode não ter uma narrativa singular como propriedade, mas ela está presente nos diferentes âmbitos, assim como a ignorância pode ter uma narrativa muito boa e ter ignorância desses aspectos humanos, por exemplo.

Uma justiça que não conhece os aspectos da generosidade se torna um jogo de interesse para ganhar as coisas sobre todas as perspectivas. Penso que a pergunta feita é de muita propriedade. Eu acho que a Universidade tem que manter a sua tarefa, porque é isso que eu vejo em todos os colegas com quem falo. Claro que tem pessoas que estão movidas por interesses egoístas, próprios, de si, quando fazemos um bom trabalho de ensino, pesquisa e extensão, essa tríade faz uma boa contribuição.

Márcio Vilela: Você falou da extensão, eu penso que o momento é oportuno para a Universidade e a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura terem feito um trabalho muito intenso para fortalecer ainda mais os projetos de extensão. A Cecine faz parte da Proexc, que é um setor de extensão, e eu acredito muito no trabalho da extensão, os projetos extensionistas precisam ganhar mais força. A Universidade tem feito isso. Estou muito feliz e satisfeito com o apoio da instituição nos mais variados projetos, principalmente nesse período pandêmico. A Universidade certamente precisa fazer a ponte para esse deslocamento de chegar à sociedade e conversar, de ir aos bairros dizer a importância da Universidade, porque senão ela se fragiliza ainda mais.

Sandro Sayão: Temos um reitor da área de humanas, um educador. Nada mais próprio para esse tempo do que ter um educador sensível para a necessidade de que nós permeamos todas as nossas atividades com essa necessária retirada das pessoas desse contexto. Não é que eu vá iluminar, eu não sou um iluminista, sou muito freireano nesse ponto, ninguém liberta, salva ou educa ninguém, os homens e as mulheres se educam, se salvam e se libertam em comunhão, ou seja, criando as rodas do saber e os espaços de sabedoria, onde conversamos com os saberes. Isso amplia a nossa consciência.

Márcio Vilela: Com certeza! Professor, estamos encerrando essa ótima discussão que tivemos. Eu gostaria muito de agradecer a sua disponibilidade. Nós costumamos pedir ao nosso convidado alguma indicação de um livro que possa ser de fácil aquisição e uma leitura que possa ser realmente acessível a todos. O senhor teria alguma indicação nesse momento?

Sandro Sayão: “Como curar um fanático”, do Amós Oz, é um livro fantástico. É um livro bastante acessível. Eu indico também “Filosofia da Libertação”, de Enrique Dussel, que está disponível *on-line*. Eu lembro também do livro “A era dos extremos”, do Eric Hobsbawm, a oposição de uma tecnologia como um *chip* capaz de deter milhares de informações das pessoas que acreditam que a Terra é plana, a era dos extremos nunca esteve tão evidente.

Márcio Vilela: Quero agradecer imensamente ao professor Sandro Sayão, que aceitou de imediato o convite e o desafio de estar aqui, numa sexta-feira à noite, fazendo uma fala espetacular. Eu aprendi muito, e vamos marcar um outro momento para avançar ainda mais nessas questões, porque eu acho que é um assunto que requer, realmente, um aprofundamento. A Cecine agradece a sua disponibilidade.

Sandro Sayão: Eu agradeço imensamente a generosidade, acima de tudo. Eu acho que sempre um espaço de fala é um espaço de grande generosidade. Mais uma vez, estou podendo exercitar aqui a palavra, e isso só se tem em uma democracia. Enquanto nós tivermos a democracia, que possamos usá-la, usar a palavra e a multiplicidade das vozes, e que isso nunca seja silenciado. Nos dispomos a fazer isso que sabemos, trabalhar com saberes, aceitando a nossa ignorância e a grandiosidade de estarmos juntos em prol de um bem maior, que é a construção de um

Estado mais civilizado, menos violento e menos bárbaro. Agradeço muitíssimo aos que tiveram paciência de nos ouvir. Muito obrigado, Márcio, pela sua delicadeza e acolhida, e pelas perguntas com tamanha propriedade, espero ter dado conta do alcance delas.

EDUCAÇÃO EMOCIONAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Entrevistador:
Márcio Vilela

Entrevistada:
Professora Dr^a. Mariana Arantes

Márcio Vilela: Boa noite a todos e a todas. É com muita alegria e com muito prazer que iniciamos mais uma atividade da Coordenadoria do Ensino de Ciências do Nordeste (Cecine). Antes de chamar nossa convidada, eu quero agradecer a todos que fazem a Cecine, o apoio dado a essas atividades remotas. Temos uma equipe grande que tem dado, neste momento de isolamento social, todo suporte para que possamos realizar essas atividades. Agradeço também à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proexc) pelo apoio dado a todas as atividades da Cecine e, agora, mais do que nunca, às atividades de modo remoto. Hoje, realizamos mais uma *live* do projeto “História, Educação e Saúde” e nós vamos ter o prazer de conversar com a professora Mariana Arantes. Boa noite, professora.

Mariana Arantes: Boa noite, Márcio. Tudo bem? Boa noite a todos.

Márcio Vilela: Antes de iniciar nossa conversa, quero fazer uma apresentação do currículo da professora Mariana Arantes: ela é doutora e mestra em educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), é pesquisadora do Núcleo de Educação e Espiritualidade da UFPE, diretora do portal Educação Emocional, especialista em educação emocional e administração de empresas, graduada em Comunicação Social - Jornalismo e atua em várias frentes, educação emocional, inteligência emocional, formação docente, integralidade, espiritualidade na educação, ou seja, um campo muito interessante e muito vasto. Professora, para começarmos nosso bate-papo de hoje, como lidar com as emoções num contexto como esse de exceção? Sentir medo, sentir ansiedade é normal? As pessoas, às vezes, ficam apreensivas por estarem lidando com esses sentimentos, eu queria ouvir um pouco da senhora em relação a isso.

Mariana Arantes: Temos que lidar com naturalidade, professor. Esse é o primeiro ponto para se compreender. As emoções são normais na nossa constituição como seres humanos, da mesma forma que não existem seres humanos sem um coração batendo, sem o sangue circulando, não existem seres humanos que não tenham emoções. Então, nós precisamos lidar com naturalidade. Na prática, isso significa dar liberdade a nós mesmos para expressarmos e sentirmos as nossas emoções, porque não é muito da nossa prática no Ocidente. Dado às questões que são uma herança da era moderna, a emocionalidade não foi valorizada tanto quanto a racionalidade, tanto quanto a lógica. Mas, isso não significa que

ela não é natural aos seres humanos, que ela não existe e que ela não interfere nos nossos pensamentos e nas nossas atitudes. As emoções fazem parte da nossa constituição como seres humanos.

Então, o ponto de partida é compreender a naturalidade das emoções e, no contexto da pandemia, é lógico que sentir-se apreensivo, ansioso, nervoso, com medo e estressado é normal, é normal sentir-se assim, o que nós precisamos fazer é buscar um equilíbrio; então, a primeira coisa é deixar muito claro que nós, sobretudo no contexto acadêmico, trabalhamos muito com o raciocínio lógico, com as questões cognitivas, mas, também, precisamos incluir as emoções nas nossas dinâmicas, inclusive para conseguirmos trabalhar melhor, para pensarmos com mais equilíbrio e trabalharmos a nossa atenção.

Márcio Vilela: Desse modo, professora, fiquei pensando nesse mundo moderno, alguns chamam de pós-moderno, no qual essa racionalidade em excesso, às vezes, prejudica as pessoas, muitos sentem uma certa vergonha ou dificuldade de se conhecer e de externar essas emoções, isso tem sido muito comum.

Mariana Arantes: Isso! É muito isso! Mas, eu não diria que é a racionalidade em excesso, diria que é a falta da emocionalidade. A falta da emocionalidade leva a um peso maior sobre a nossa racionalidade, é como se nós compreendêssemos a nossa racionalidade faltando um pedaço, o nosso esquema racional inclui a emoção, nós não somos seres humanos compostos por um quebra-cabeça que, se tirarmos um pedaço, não faz falta, faz sim, nós compreendemos os seres humanos a partir da integralidade. Temos muitos corpos, como nos ensinou o professor Fernando Rohr, do Centro de Educação, nós temos um corpo material, um corpo físico e denso, temos um corpo sensorial (podemos dizer uma dimensão sensorial porque nós também nos comunicamos com o mundo dessa forma e interpretamos o mundo dessa mesma maneira com os órgãos dos sentidos), temos uma dimensão emocional que também interfere e modifica as nossas visões sobre o mundo, temos uma dimensão racional e temos também uma dimensão espiritual. Nesse último caso, não nos restringindo à religião, mas tratando da espiritualidade no sentido mais amplo. Então, não podemos simplesmente definir um ser humano a partir de um único ponto ou uma única dimensão, de uma dimensão biológica ou neurofisiológica, temos que ampliar essa visão.

Márcio Vilela: Professora, dentro desse tema, como podemos favorecer o nosso autoconhecimento e o autocuidado, no sentido de que nós possamos tomar decisões responsáveis?

Mariana Arantes: Muitas vezes, nós só conseguimos ajudar alguém quando estamos bem. Essa é uma máxima da psicologia; para ajudar alguém que está mal, nós precisamos estar bem. Então, esse é o primeiro ponto: compreender a naturalidade das emoções já nos coloca fora do buraco para trabalhar o autoconhecimento dentro da perspectiva da educação emocional integral, que é a perspectiva que nós trabalhamos. Defendemos, em primeiro lugar, uma alfabetização emocional. Esse autoconhecimento precisa incluir uma alfabetização emocional que, por sua vez, abrange um conhecimento das emoções, do significado das emoções, do vocabulário, do que cada emoção provoca em nós, como nos sentimos quando estamos com raiva, além de saber identificar essas emoções, nomeá-las corretamente e compreender a função de adaptação e de sobrevivência de cada emoção.

Você falou, na pergunta anterior, sobre o quanto as pessoas, às vezes, sentem vergonha dessa expressão, o quanto é comum e o quanto é incrível que ainda tenhamos que falar, em pleno século XXI; por exemplo, eu falo isso para todas as escolas em que nós vamos e para todos os professores, mas, quanto mais escolas eu vou, mais eu sinto que ainda precisamos dizer com muita clareza que é normal ficar triste, que homens também podem chorar, que o choro é uma expressão natural, fisiologicamente natural da tristeza. Assim como recolher-se, ter vontade de ficar sozinho, o medo também é uma emoção que nos ajudou a sobreviver enquanto espécie e não é sinônimo de fraqueza, como é muito comum ser compreendido, e com mais força ainda na cultura nordestina. Na nossa cultura ocidental, os homens não podem sentir medo, é como se esse sentimento tivesse a ver com questões de gênero, com virilidade ou força física, há uma confusão nisso. Por isso, defendemos uma alfabetização emocional para desmistificar, para esclarecer esses pontos que estão enraizados na nossa cultura e acabam desviando a naturalidade da compreensão da emoção enquanto constituinte do nosso processo de formação humana.

Então, em primeiro lugar, essa alfabetização emocional passa pela nomeação correta das emoções, pela percepção de como essas emoções acontecem no nosso corpo, porque a emoção não é algo que sentimos só

na cabeça internamente, ela sai pelo nosso corpo, ela tem uma expressão neurofisiológica comportamental, ela tem uma base antropológica e ela também tem uma expressão sociológica na sociedade, assim, ela tem uma expressão na escola, na sala de aula. Quando estamos mais felizes, promovemos mais criatividade, temos um senso de agregação muito mais forte, nos ofendemos com menos facilidade, enfrentamos questões adversas com mais dinamismo e mais disposição, ao passo que, quando estamos tristes ou com raiva, mesmo que não tenha nada a ver com o contexto da sala de aula, a nossa vida fica mais difícil, ficamos menos tolerantes, com menos paciência.

Então, é no contexto social que tudo isso vai acontecer, mas, às vezes, a emoção que está sendo expressa socialmente começou no trauma que não contamos para ninguém, numa dimensão intrasubjetiva individual que ninguém sabe, um trauma, um sonho, um desejo, algo que é pessoal e que, às vezes, só é possível acessar por meio de uma psicoterapia, de um processo de meditação ou nem é acessado, mas isso não significa que a emoção não esteja lá. A emoção também sai no corpo, as neurociências estão mapeando, cada vez mais, o nosso cérebro para mostrar como é que a influência das emoções interfere nos nossos pensamentos, na nossa atividade cerebral, descarregando uma série de cargas hormonais que modificam o funcionamento do nosso organismo. Dessa forma, a alfabetização emocional inclui a compreensão das relações a partir da integralidade e também vai incluir as expressões das emoções através de uma linguagem não-verbal, porque as emoções comunicam muito, aquela expressão tão comum "o corpo fala", que todos conhecem e que veio do autor e psicólogo Pierre Weil, é real.

O que significa um professor o tempo inteiro de braços cruzados e de cara feia? O que significa alguém que, numa conversa, está de costas para mim ou está com os olhos baixos e uma feição de desdém? A voz dela pode comunicar uma coisa, mas as atitudes comunicam outra, as emoções também falam através da nossa linguagem corporal e, com muita força, elas nos desmentem ou elas combinam e reforçam a comunicação quando elas estão concatenadas com a nossa opinião e nossos pensamentos. Então, em primeiro lugar, temos essa alfabetização emocional, além disso, o outro passo para o autoconhecimento é perceber a conexão entre sentimentos, pensamentos e ações.

Márcio Vilela: Professora Mariana, a senhora falou que há a necessidade de nomear as emoções e de uma alfabetização emocional, ou seja, nós passamos a entender as coisas à medida em que as nomeamos. Elas passam a existir com mais presença quando as nomeamos. Podemos dizer que, atualmente, já que estamos falando de educação – e a Cecine tem esse papel e uma relação com o ensino básico –, falta aos professores e aos estudantes uma alfabetização emocional?

Mariana Arantes: Muito, professor! Isso é algo que me toca e é o que me trouxe da Comunicação para a educação, é o que me faz persistir na pesquisa educacional há quase dez anos. Eu vim de outras áreas, mas eu estou na pesquisa educacional há quase dez anos, é o que me faz persistir, é o que me fez fundar o Portal Educação Emocional, uma instituição de cunho social na qual investimos todo o lucro no programa de apoio emocional ao educador de escola pública, porque, nas nossas investigações desde o mestrado – inclusive mapeamos, notamos e ainda estamos registrando –, faz muita diferença o professor saber lidar com as próprias emoções e também saber lidar com as emoções dos alunos, porque essa alfabetização emocional não inclui só a mim mesmo, de modo que, quando eu sei lidar com as minhas emoções, também fica mais fácil poder identificar as emoções das outras pessoas.

A relação na sala de aula é uma relação muito viva, coletiva, nós estamos imersos em um ambiente coletivo. Eu comecei a investigar isso exatamente pelo processo de comunicação. Eu era uma professora extremamente feliz na sala de aula, super motivada quando eu comecei a dar aula, já que eu vim da Pedagogia, e eu estranhei vários comentários nas salas dos professores no ensino superior, como: “eu não acredito que vou ter que encarar aquela turma” ou “eu não aguento mais esses meninos”. Assim, eu comecei a me chocar, porque eu era muito feliz dando aula e, ao mesmo tempo, eu voltei os meus olhos para os estudantes e também percebi uma animosidade neles. E no ensino superior, isso ainda me choca, ainda me choca, porque é um lugar de compartilhamento de informação para você seguir carreira, para você construir conhecimento e compartilhar. Por que esse clima de animosidade, de rivalidade? De onde vem isso?

Eu comecei a investigar, antigamente eu achava que era um problema de comunicação, pensava que tínhamos bons professores, mas que, às vezes, o professor não sabia usar as palavras com clareza, com objeti-

vidade, ou que ele era muito prolixo e o aluno tinha uma deficiência de base de vocabulário de redação que impedia o compartilhamento desse conhecimento. Então, eu comecei a dar curso de redação para os estudantes, oficinas para aprender a falar em público, e os professores começaram a me procurar dizendo que queriam aprender a falar e se expressar. Diante disso, eu indaguei se essas questões não eram aprendidas na faculdade de Pedagogia e comecei a investigar, foi quando o professor Aurino Lima Ferreira, meu orientador no mestrado e no doutorado, abriu os meus olhos e disse que, na educação, nós temos um problema maior, não há espaço para expressão emocional na sala de aula, as emoções estão fora da sala de aula para uma valorização desequilibrada da racionalidade, e a falta que essa emoção faz reverbera também nos problemas de comunicação, nos problemas de relacionamento.

Assim, eu passei três anos pesquisando; um ano como pesquisadora – mais curiosa do que qualquer outra coisa – e, depois, dois anos no mestrado, investigando os efeitos do desconhecimento das emoções na relação entre professores e alunos. E são muitos! Já no doutorado, nós nos dedicamos a desenvolver um processo de educação emocional integral para toda a comunidade escolar, da gestão da escola até os familiares dos estudantes. Atualmente, nós percorremos, através do Portal Educação Emocional e do Programa de Apoio à Escola Pública, várias escolas públicas e particulares de Pernambuco e, infelizmente, eu digo que, em todas as escolas, existem muitos relatos de quantos professores não encontram espaço para expressar-se emocionalmente e ainda escutamos relatos de professores que não sabiam e agradecem por esse espaço, porque ainda estamos num momento inicial de criar espaços de diálogo dentro das escolas, de plantar sementes dessa educação emocional como um cultivo, como um processo que passa a fazer parte da cultura da escola e não seja uma coisa pontual, como uma disciplina uma vez por semana.

Paralelo a isso, nós, eu e o professor Aurino, desenvolvemos um curso de extensão que, depois, se tornou uma disciplina eletiva e, agora, é um projeto de extensão chamado de “Educação Emocional Integral”, baseado na metodologia que nós criamos para a formação docente. Nós defendemos que os futuros pedagogos já saiam da universidade tendo como base, pelo menos, um primeiro contato com a própria emocionalidade para perceber a diferença que isso faz no relacionamento professor-aluno e no processo de ensino-aprendizagem, em geral.

Márcio Vilela: Professora, então, dentro desse contexto de que o pedagogo já possa sair da universidade com esse conhecimento e ter disciplina nesse sentido emocional, quais pontos podemos considerar que esse profissional precisa prestar atenção para perceber essa diferença das emoções no corpo e nos pensamentos?

Mariana Arantes: Existem muitos. O primeiro deles é o raciocínio, que é o que os estamos todos mais acostumados a lidar, o pensamento acelerado no corpo. Não é segredo para ninguém, infelizmente, embora os números sejam muito escassos quando deveriam ser mais claros sobre quantos professores sofrem de Burnout⁵, de esgotamento físico e mental, assim o Burnout não é uma coisa que vem do dia para noite, o indivíduo não acorda esgotado físico e mentalmente, é um processo, porque foram negligenciadas pistas e sinais importantes do corpo, do raciocínio, do pensar e do agir do indivíduo; entre eles, está esse processo emocional. Então, o professor se sente esgotado física e mentalmente, com pensamento acelerado, está com crises de ansiedade, problemas de falta de apetite, distúrbios de sono, distúrbios sexuais e, muitas vezes, está dependente de medicações. Nós já somos o país com o maior número de ansiosos no mundo. Já éramos em 2018. Segundo a Organização Mundial da Saúde, nesse contexto da pandemia, a situação está muito pior.

Por isso, é importante perceber, inclusive, esses primeiros sinais no próprio corpo, coisas simples como sair da sala para o quarto e esquecer o que iria fazer ou buscar, a dificuldade e o cansaço de ler poucas páginas de um livro que anteriormente era lido com muita facilidade, a dificuldade de lembrar o que foi lido. Assim, é preciso prestar atenção e incluir uma pergunta simples na rotina: “como eu estou me sentindo?”. É necessário observar o que nosso próprio corpo diz a nosso respeito. O corpo e o cérebro emitem sinais. A ansiedade, a descarga de adrenalina, provocada pelo excesso de cortisol no cérebro, nos faz ficar em estado de alerta e isso é muito bom, nós precisamos desse alerta que ativa o corpo e nos prepara para uma reação de perigo ou para uma reação que requer mais energia. Mas, em excesso, isso vai nos desorganizar de uma forma que, muitas vezes, por pressões da carga de trabalho, do ritmo que nós já

⁵ A Síndrome de Burnout está associada ao esgotamento físico e mental relacionado à rotina de trabalho de um indivíduo.

vivenciamos, das demandas escolares, administrativas, familiares – todos imersos em um contexto, nós não somos apenas professores, todos temos família, todos temos uma outra vida que corre além do Lattes, todos sabemos disso –, que faz com que essa desorganização aconteça de forma generalizada, e é preciso compreender. Eu arrisco a dizer que o passo mais difícil de ser rompido é o laço profissional e, às vezes, é o laço que a gente mais precisa.

Márcio Vilela: Professora, começaram a chegar algumas perguntas, e uma de nossas espectadoras questiona se o Laboratório de Inteligência de Vida (LIV), adotado em algumas escolas, pode ser considerado o meio para proporcionar a alfabetização emocional nas crianças?

Mariana Arantes: Pode, mas eu vou pontuar algumas coisas: a primeira delas é uma diferença metodológica. Hoje, nós estamos vendo chegar nas escolas alguns desses laboratórios, até por conta de uma demanda provocada pela nova Base Nacional Comum Curricular, que preconiza que os estudantes da educação básica saiam com habilidades de vida, entre elas solidariedade, cidadania, empatia, cooperação, autoconhecimento e autocuidado, mas de uma forma disciplinar. Dessa maneira, surgiram programas que estão nas escolas e que estão pregando, colocando ou implementando como se fosse uma disciplina semanal, com uma carga horária de 50 minutos, para estimular uma alfabetização emocional ou desenvolver as habilidades de vida, assim como o programa Laboratório de Inteligência de Vida, que está em várias escolas aqui em Pernambuco.

Do meu ponto de vista como pesquisadora, do ponto de vista do Centro de Educação, inclusive das pesquisas do Núcleo de Educação e Espiritualidade, pontuamos algumas coisas, a primeira delas é questionar se uma disciplina semanal auxilia no desenvolvimento de uma habilidade de vida, e também questionar o peso colocado sobre o único professor responsável por ministrar aquela disciplina para várias turmas, o que acontece quando esse professor falta, adoece, decide trocar de escola ou até mesmo essa disciplina não é ofertada? No momento em que vivemos, não temos essa disciplina, mal estamos conseguindo lidar com o que já está no currículo implementado. Isso não nos faz falta? O que mais ouvimos dos professores. Esse é o ponto que insistimos muito como pesquisadores: quem é o professor que se sente preparado para isso, para ensinar habilidades de vida? Eu vou dizer, baseada em depoimentos dos programas de apoio emocional ao educador de escola pública, que nós

já fizemos em Recife, Glória do Goitá e Feira Nova, muitos professores afirmam que não estudaram pra isso, é o que nós escutamos dos docentes, que não precisam dar conta disso e que não possuem em si mesmos essa habilidade. E o professor realmente não tem, porque isso não esteve presente na formação da nossa geração de professores. O estudo da educação emocional é muito novo no mundo todo e, no Brasil, só ganhou força a partir dos anos 2000.

Então, nós não tivemos isso e, aqui, não estamos culpabilizando ninguém. Não estou transferindo a culpa para o professor, não estou falando que ele precisa fazer um curso de fim de semana e resolver isso. Muito pelo contrário! Nós estamos levantando uma problematização muito séria na educação. Primeiro, isso deveria vir desde a formação docente e, segundo, não é com uma disciplina semanal que nós vamos dar conta de um processo formativo. No tocante à formação humana integral do estudante, na nossa visão, isso deveria ser incluído numa cultura da própria escola. Por isso, no processo de educação emocional integral, nós buscamos fazer diferente, não começamos com o estudante, mesmo quando a escola pede, e geralmente o pedido da escola é para que cuidemos dos estudantes para lidar com os pais porque a escola não está dando conta. Os pais não deixam as crianças se frustrarem ou os pais não participam. Mas, e a gestão?

Nós começamos o processo de educação emocional integral com a gestão da escola, precisamos de um compromisso da gestão da escola e dos coordenadores. Nós passamos um tempo com eles para que eles, inclusive, possam tornar-se a base desse processo, porque uma escola ela tem uma hierarquia, essa hierarquia passa exemplos, horizontalmente ou verticalmente. Então, se a gestão não tem isso desenvolvido, para o professor parece uma cobrança e para o aluno uma disciplina qualquer. Assim, defendemos que comece com a gestão e a coordenação. Em uma segunda etapa, passe para os professores, para que isso vá entronizando, se tornando parte da cultura da escola e, naturalmente, chegando aos estudantes, aos familiares dos alunos e a toda comunidade escolar. Essa é a nossa visão e metodologia de trabalho.

Márcio Vilela: Professora, como se dá essa conexão entre sentimentos, pensamentos e ações a partir da educação emocional integral, que é o que estamos discutindo?

Mariana Arantes: Nós somos seres integrais, não somos um quebra-cabeça que quando tira um pedaço e não faz falta, essa conexão é natural, então, nós precisamos compreender o ser humano muito além da racionalidade, precisamos acabar com essa redução apenas para parte biológica ou, então, essa separação entre o que é da mente e o que é do corpo. Vamos acabar essa dicotomia mente-corpo, porque ela já não cabe mais nas teorias há muito tempo, mas ela também precisa deixar de caber na prática, isso também precisa acontecer na sala de aula. Precisamos, inclusive, parar de solicitar aos nossos professores coisas como todo mundo fala: deixar a emoção fora da sala de aula porque aquele não é o lugar, ou, então, a gente diz para o aluno que não é o momento pra se emocionar porque assim ele pode ir mal na prova.

Nós não conseguimos deixar a nossa emoção numa gaveta. Não é porque nós tentamos sufocá-la, reprimi-la ou porque nós negligenciamos o que estamos sentindo que ela não se manifesta no corpo. Então, se as emoções básicas estão em todos nós – por emoções básicas eu vou pontuar a partir de Paul Ekman, psicólogo americano, que fala em seis emoções; embora haja controvérsias ainda nos estudos científicos, de certa forma, todos adotam pelo menos seis emoções básicas, que são raiva, tristeza, medo, alegria, nojo e surpresa – então, se essas emoções básicas têm uma função de sobrevivência, de adaptação e de autoconhecimento para todos os seres humanos, ou seja, elas acontecem indistintamente, independentemente de gênero, de profissão, de classe social, de idade, elas estão sempre nos formando também, nos ajudando a nos constituir enquanto seres humanos, elas moldam a nossa visão de mundo, interferem no nosso relacionamento com os outros, emolduram o nosso olhar para o ambiente, interferem no nosso modo de pensar e, se elas interferem no nosso modo de pensar, conseqüentemente elas também interferem nas nossas atitudes.

O que acontece, muitas vezes, hoje, na escola – e é algo que problematizamos nas nossas pesquisas – é que parece que nós temos uma linha reta, como se tivéssemos sentimentos, pensamentos e ações formando uma triangulação, sentir, pensar e agir, mas, na sala de aula, nós vamos do pensar para o agir e deixamos o sentir fora da sala. Vamos incluir! Não estamos falando de substituição, estamos falando de inclusão. Atualmente, são requeridas dos professores várias habilidades, muito mais do que habilidades cognitivas, muito mais do que o currículo Lattes construído com muito esforço, muito mais do que a formação, do que os livros

que lemos, do que a didática que conseguimos produzir. A Unesco diz que, às vezes, o clima emocional da sala de aula é um componente num peso enorme e que, muitas vezes, é mais significativo do que a estrutura física, a classe social do estudante e os materiais didáticos, porque passa pela identificação do estudante com a escola e com o professor, e isso não é tangível, não é só raciocínio, isso inclui o sentir.

Márcio Vilela: Professora, outra espectadora indaga como os servidores da educação podem lidar com a possível implementação do trabalho remoto de modo permanente no pós-pandemia? Acredito que essa é uma preocupação de muitos professores. É algo novo, é uma maneira de preparar novos materiais, então parece que está afetando muito o emocional dos professores.

Mariana Arantes: Não só parece, como está afetando as emoções, não apenas dos professores, mas de toda a comunidade escolar, porque afeta também a gestão na organização, afeta a coordenação, afeta os professores, afeta os estudantes e afeta os pais. Eu acho que nós temos que nos preparar emocionalmente para isso, reforçando a ideia de que é necessário incluir um espaço para o sentir, para refletir se não estamos forçando a barra ou exigindo demais da nossa emocionalidade, nesse caso. Assim, eu lembro das palavras do professor Aurino, numa discussão que nós tivemos no Portal Educação Emocional, falando para os professores especificamente da falta que uma educação emocional faz na formação docente. Muitas vezes, para atender às demandas da instituição escolar, o professor deixa a própria casa e a própria vida descobertas, não obedece às necessidades básicas da hierarquia presentes na pirâmide de Maslow⁶ por já estar imerso nessa roda de fogo de produção constante. No Portal Educação Emocional, nós fizemos recentemente uma série de debates que serão publicados em e-book com o apoio do Hub Educat, da UFPE, e do Centro de Educação. Esse e-book vai ser distribuído gratuitamente, vai ser editado pela UFPE, e nós falamos exatamente sobre essas questões. Há muitos relatos de como as pessoas estão adoecidas e não conseguem lidar com o que estão sentindo, porque as pessoas olham e percebem que não dão conta de seu ritmo e da quantidade de

⁶ Conceito criado pelo psicólogo norte-americano Abraham H. Maslow que determina cinco categorias de necessidades humanas.

produção no ambiente de trabalho, que também está associado ao ritmo e à produção em casa. Existem outras demandas que entraram já numa rotina atarefada e que precisam ser incluídas. O professor também é gente e tem família. Muitas professoras também são mães e estão sofrendo por verem os filhos em processos pedagógicos que, muitas vezes, não concordam, mas elas também estão tendo que passar pelo mesmo processo para dar aula para outros estudantes. Como é que a gente vai simplesmente atropelar os sentimentos dos docentes nesse momento?

Eu não consigo ver isso, pessoalmente, no âmbito da educação emocional. Eu defendo e luto com muita força por um protagonismo docente, neste caso, para que o docente seja o centro do processo da construção da cultura de educação emocional na escola, porque, se sem o docente nada acontece na escola, com o docente adoecido, como está, também não acontece e, nesse contexto da pandemia, precisamos parar e ponderar se não estamos adoecendo ainda mais os nossos professores. Eu compreendo que não é fácil, não há nenhuma solução mágica para se colocar, mas é preciso discutir.

Márcio Vilela: Professora Mariana, mais uma pergunta. Para os professores que não tiveram oportunidade de ser alfabetizados emocionalmente, e que talvez nunca terão, os prejuízos serão mais visíveis após essa pandemia?

Mariana Arantes: Eu acho que, como um todo, os estudos e as estatísticas vão demorar um pouco para aparecer, então precisamos falar que a partir de questões empíricas, de relatos que nós temos. Inclusive, vou comentar alguns relatos porque no Centro de Educação, em parceria com o Portal de Educação Emocional, eu e o professor Aurino Lima Ferreira produzimos um minicurso de respiração e ansiedade. Nós começamos fazendo para os professores e, dada a demanda, ampliamos o público, porque, logo no começo da pandemia e do isolamento social, entre o dia 28 de março e o dia 3 de abril de 2020, fizemos uma sondagem perguntando como é que as pessoas estavam se sentindo naquele momento inicial do distanciamento social. E quando nós achávamos, naquele contexto, que seria um isolamento breve, ninguém achava que ia durar 60 dias. Estávamos ainda falando em 20 dias, no máximo, pois o vírus ainda estava chegando aqui.

Cerca de 1.300 pessoas responderam a essa pesquisa e colocaram

questões que nos foram muito alarmantes, que nos mobilizaram e acenderam um sinal de alerta de que precisávamos fazer alguma coisa, porque os sintomas dos problemas emocionais estavam despontando com maior intensidade. As pessoas se colocaram como extremamente ansiosas, extremamente estressadas e muito entristecidas, essas foram 70% das respostas. Quando perguntamos as causas, elas estavam ligadas à produtividade, ao medo de perder alguém, ao medo de não saber quanto tempo isso duraria e à dificuldade de lidar com o excesso de informações, sem saber se essas informações eram verídicas ou não, porque nós temos a praga das fake news atrapalhando uma comunicação que deveria ser muito responsável neste momento, mas, infelizmente, não é. Então, aumento de casos de ansiedade e aumento de estresse já estão acontecendo. Existe uma pesquisa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) que mostrou um aumento substancial dos casos de ansiedade e depressão. Outro psicólogo da Universidade de São Paulo (USP), o professor Christian Dunker, também já mapeou vários casos.

No minicurso de respiração e ansiedade, fizemos um fórum perguntando para as pessoas como a ansiedade afeta a vida delas, e há relatos que falam de dores físicas, de dores que não podem ser expressadas em palavras, falam de uma angústia sem fim e de problemas de trabalho. Há casos de professores relatando que não conseguem dar aula, que olham para seus alunos em profundo desespero porque estão recebendo mensagem desses alunos relatando que não estão bem, que não conseguem assistir às aulas porque estão tendo crises. Dessa forma, eu acho que nós temos que nos preparar o quanto antes para lidarmos com essas questões emocionais, buscar um fortalecimento e também um modo de encontrar um equilíbrio.

Márcio Vilela: Professora, mais uma pergunta do nosso público: tendo em vista que a maioria das escolas não conta com esse tipo de trabalho, como uma escola que queira trabalhar efetivamente as habilidades emocionais pode dar o pontapé inicial?

Mariana Arantes: A maioria das escolas não tem. Entre escolas públicas, praticamente nenhuma. Em primeiro lugar, é abrir-se para isso, assumir uma mudança de mentalidade para inclusão e validação da importância da educação emocional como parte do processo formativo não só do estudante, mas do processo formativo humano, porque nós, professores, também estamos no nosso processo de formação humana na nossa do-

cência. Eu sou membro do Instituto de Formação Humana, formado por professores, pesquisadores e doutores da UFPE. Há muitos colegas, e eu sempre brinco que nunca vimos e nem veremos ninguém com diploma de ser humano formado completamente, com todas as habilidades passíveis de desenvolvimento, nós continuamos o nosso processo.

Primeiramente, as escolas precisam abrir-se para essa mentalidade, e eu acho que isso já está acontecendo, não tanto pela demanda da BNCC, mas por uma necessidade, porque nós temos números muito significativos de adoecimento de professores por questões psicológicas, por faltas e afastamento, às vezes por meses; temos muitos problemas de relacionamento entre os pares, entre professores e outros docentes ou o pessoal de apoio, temos problemas de relacionamento seríssimos, que não são segredo para ninguém, entre professores e estudantes, então a necessidade já estava fazendo com que isso despontasse.

Eu acho que, de uma forma inicial, a escola precisa aceitar esse diálogo, buscar conhecimento embasado e referenciado para desenvolver um processo de educação emocional. Eu faço questão de dizer embasado e referenciado, porque a educação emocional sofre hoje com um problema semelhante ao da comunicação responsável que é constantemente atacada pelas fake news, ela sofre com um excesso de oferta de fórmulas mágicas: “faça um curso de fim de semana e seja feliz para sempre”, “toma aqui uma cartilha da felicidade”, “plante esses dez passos e acabe com seus problemas de relacionamento”. Assim, todos são nivelados com uma mesma régua, pasteurizando todo mundo, tratando os diferentes de forma igual e não promovendo uma equidade, não promovendo uma inclusão e que pode, a médio prazo, a curto prazo, inclusive, trazer muito mais malefícios do que benefícios; então, é preciso abrir-se para isso e buscar informações que sejam relevantes.

Márcio Vilela: Professora, podemos dizer que inteligência emocional é o mesmo que educação emocional?

Mariana Arantes: Não, na nossa visão não é. O termo inteligência emocional vem da pesquisa de Howard Gardner das inteligências múltiplas, que também fala da inteligência cinestésica, da inteligência lógico-racional e da inteligência musical. Mas, a educação emocional é um processo de desenvolvimento que leva à inteligência emocional, ou seja, a educação emocional é um processo de desenvolvimento, não é uma aptidão,

porque senão poderíamos dizer que alguém tem uma inteligência emocional ótima e outra pessoa não, mas é algo que pode ser desenvolvido.

Márcio Vilela: Mas, como desenvolver essa educação emocional nas escolas?

Mariana Arantes: Em primeiro lugar, abrindo-se para isso, buscando informações confiáveis e relevantes. É um caminho muito longo, porque precisa passar pelas universidades, pois precisamos incluir isso na formação docente e na formação do pedagogo, então lutamos por isso. Inclusive, essa é uma luta muito pessoal do professor Aurino, principalmente para que isso se torne política pública nos níveis estadual, municipal e federal, e é por isso que nós fundamos e encabeçamos o programa de apoio emocional ao educador de escola pública. Precisamos incluir isso na formação dos futuros docentes, mas precisamos levar isso para as escolas de hoje. Nós desenvolvemos, no Centro de Educação, um processo formativo que tem 40 horas, que passa primeiro pela gestão, depois um ciclo de 40 horas pela coordenação. Às vezes, em algumas escolas, já fizemos gestão e coordenação juntos, depois 40 horas com os professores e, por fim, com os estudantes, mas formando multiplicadores dentro da própria escola.

O processo de educação emocional integral que nós desenvolvemos na Universidade Federal de Pernambuco contempla quatro objetivos centrais: o primeiro é alfabetização emocional, o segundo é autoconhecimento, o terceiro é autocuidado e o quarto é tomada de decisões responsáveis, sempre com a visão dessa formação humana do indivíduo sendo desenvolvido a partir da sua integralidade e nas múltiplas dimensões que ele atua, individual e coletivamente. Na prática, o que nós já temos feito é atender às demandas das escolas. Muitas vezes, elas não conseguem disponibilizar tempo, em função da carga horária já extremamente apertada dos professores e dos gestores, que não deixa espaço para esses processos de formação continuada maiores, mas nós temos plantado sementes, temos ido para programas de formação continuada que, às vezes, é uma palestra, uma oficina ou um minicurso, e também estamos construindo com o apoio do Hub Educat, da Diretoria Positiva da UFPE e do Centro de Educação através do Núcleo de Educação Espiritualidade, também buscando formatos híbridos, especialmente nesse momento da pandemia. Eu acho que nós vamos ter que lidar com esse legado.

Márcio Vilela: Professora, duas perguntas de nossos espectadores se complementam, a primeira questiona como será a acolhida dos alunos no pós-pandemia, quando estudantes e docentes poderão estar adoecidos emocionalmente? E a segunda indaga se há algum material orientador, pois são muitas informações e se precisa de fontes confiáveis neste período de fake news e desinformação.

Mariana Arantes: Cada escola vai ter a sua própria dinâmica, mas eu acho essencial que os primeiros dias sejam dedicados ao diálogo, à conversa, à expressão de como foi e de como está sendo esse processo, acabar com a preocupação de já chegar pensando no conteúdo atrasado, porque no ritmo no qual estamos é muito capaz de chegarmos no primeiro dia de aula pensando dessa forma e isso é jogar gasolina na fogueira, na minha visão. Eu acho que precisamos passar um tempo. Sugiro, inclusive, às escolas e aos gestores que criem formas de acolhimento ao docente e que, juntos, todos pensem formas de acolhimento às famílias dos estudantes, aos estudantes, criem espaços, formas de acolhimento, de cultivo de autocuidado e de cuidado com o outro, para que essa empatia surja e para que ela aconteça de fato, porque nós não conseguimos distribuir a empatia na água e não adianta colocar um cartaz na escola dizendo “vamos todos ser empatia”, porque isso não dá resultado.

Respondendo à outra pergunta, eu tenho a minha tese chamada “Educação Emocional Integral”, que está disponível no repositório da UFPE, na qual descrevo o processo de educação emocional integral. O nosso livro sobre o tema também está próximo de seu lançamento. O próprio Portal Educação Emocional tem um banco de referências, porque como a pesquisa ainda é muito incipiente no Brasil, e os dados estão muito espalhados. Ao longo dos meus anos de pesquisa, eu construí um banco de referências que funciona como um estado da arte, onde eu fui mapeando os trabalhos mais relevantes e ali são encontradas todas as referências. Já temos mais de 200 trabalhos que podem servir como referência para, por exemplo, pesquisar sobre inclusão, formação, autocuidado, resiliência, e saem vários trabalhos de diversos pesquisadores com o *link* de onde esses trabalhos podem ser encontrados.

Também no Portal Educação Emocional, há colunas de professores, como o professor Policarpo Júnior, professor titular da UFPE, falando sobre o processo; também do professor Rodrigo Rosal, da UFPB, com suas con-

tribuições e, no final de junho, em parceria com o Hub Educat, o Portal Educação Emocional vai lançar um livro chamado “Pandemia e pandemônio: reflexões sobre educação emocional em tempos de coronavírus”. Esse livro é voltado não só para os acadêmicos, mas para o grande público, essa é a nossa intenção porque o Portal Educação Emocional faz esse trabalho de “tradução” do contexto acadêmico para que chegue no chão da escola. Esses diálogos são divididos em quatro sessões: escola, o estudo da emoção, família e ambiente de trabalho. Eles foram construídos através de *lives* do Portal Educação Emocional, no Instagram; nós fizemos 22 *lives* desde abril, foi um ciclo de debates de uma hora cada um deles, com dois debates semanais que terminaram recentemente; nós falamos, por exemplo, com a professora Viviane Louro, do Centro de Artes e Comunicação (CAC), uma neurocientista brilhante, sobre como funciona o cérebro mediante a pressão do estresse; conversamos também com a professora Tatiana Lima Brasil, da UFPE, sobre como é que podemos promover resiliência. Então, há contribuições de uma forma muito mais palatável. Este e-book está no processo de organização e vai estar disponível gratuitamente até o fim de junho, no próprio Portal Educação Emocional. E para quem não conhece, o site é “educaçãomoemocional.com.br”.

Márcio Vilela: Um dos comentários está levantando uma questão que eu acho pertinente sobre a carga horária do professor, que muitas vezes dificulta o acesso a essas informações e novos conhecimentos, então requer do professor um esforço. Então, eu questiono se há algum curso disponível sobre ansiedade, quer dizer, em uma época tão difícil, as pessoas estão procurando ajuda.

Mariana Arantes: A carga horária do professor é algo que temos que discutir por dentro, com muita coragem e muita disposição. A formação docente, precisamos discutir isso com muita abertura para o diálogo, com muita coragem, inclusive de errar, eu digo sempre que precisamos ter isso, principalmente na educação emocional, mas precisamos discutir isso porque, do jeito que está, temos muitos sinais que algumas coisas precisam ser pensadas e modificadas. Esse é um papel que eu acho que cabe a nós, enquanto pesquisadores, à sociedade, em geral, especialmente na formulação de políticas públicas. Precisamos repensar essa formação docente como ela está hoje, sim. Nós produzimos um curso chamado “Respiração e Ansiedade”, é gratuito e pode ser acessado pelo Portal Educação Emocional, ele explica como é a respiração, porque nós

podemos ter um controle consciente da nossa respiração para que ela nos ajude a manter ou a resgatar um padrão de calma e tranquilidade que o nosso corpo já conhece. Dessa forma, o minicurso se dedica a explicar de uma forma bem clara e objetiva. Não é apenas para acadêmicos, nós tivemos essa preocupação de falar para o grande público, para estudantes, professores, pais e pessoas de mais idade. É um curso que, para nossa alegria, está com 93% de nota máxima na avaliação do conteúdo, e ele fala o que é a respiração, como a respiração contribui para o equilíbrio emocional, e tem quatro exercícios: um sobre como perceber a própria respiração, e os outros três sobre como controlar conscientemente a respiração para amenizar os sintomas de ansiedade. O curso obviamente não é um processo terapêutico e nem se propõe a substituir uma ajuda profissional. A gente, inclusive, pondera, ao longo de todo o processo, que quem está tendo crise de ansiedade com muita intensidade ou recorrente deve procurar ajuda profissional. O curso é em vídeo, nós ainda não conseguimos, neste momento, fazer uma inclusão total e completa com um áudio descrição, mas nós tivemos o cuidado de legendar o curso todo. Ele também tem um e-book para download gratuitamente, e tem um fórum de participação para que as pessoas que se sintam à vontade encontrem ali um espaço para expressão de como estão se sentindo neste momento da pandemia.

Márcio Vilela: Professora, em nome da Cecine, eu queria agradecer imensamente à sua disponibilidade em falar de um tema tão caro e tão importante na educação, principalmente num momento como esse, eu acho que para todos e para nós, da Cecine, foi muito relevante ter a senhora aqui participando conosco.

Mariana Arantes: Uma das coisas que eu acho que podemos incluir hoje na nossa rotina é a percepção da nossa respiração, um momento rápido para pensar como estamos nos sentindo agora, e vamos começar a responder isso observando a nossa própria respiração, porque, se eu estou com a respiração muito ofegante, curta e localizada na parte superior dos ombros, isso pode ser um indicativo da minha ansiedade. Vou dar duas sugestões de exercícios, uma é perceber a própria respiração, e se notar que ela está muito curta nesse momento, inspire e expire três vezes para estar soltando o ar mesmo para já aliviar essa tensão. Essa é uma prática que está no início do curso, e o curso depois desenvolve outras.

O segundo exercício leva um pouco mais de tempo, mas com 10 minutos

dá para fazer, sozinho, sem telefone do lado, sem nenhum lanchinho, sem uma televisão ligada, sem música. Sente-se num lugar, só você com uma folha de papel e, durante 10 minutos, escute a si mesmo, escute seu silêncio e perceba o que o seu corpo e a sua mente têm a dizer sobre você e sobre como você está se sentindo. Disso, pode surgir um desenho ou uma escrita, pode surgir nada ou pode surgir um papel amassado, porque você está transtornado e com tanta raiva que pensou que precisou dar vazão a esse sentimento. Mas é um momento de criar possibilidades de entrar em contato consigo mesmo e dar vazão a esse diálogo que precisa ser construído, primeiro conosco para, depois, para depois conseguir propiciar isso ao outro. Esses 10 minutos de silêncio, nós fazemos muito nas oficinas com os professores. Ele é extremamente revelador porque ele não é fácil de ser praticado para quem está na roda viva, sem tempo nem para respirar direito, almoça em pé, às vezes, ou nem almoça, quem dirá ficar 10 minutos quieto. Às vezes, percebemos que há dificuldade de ficar em silêncio, de ficar sentado, de não comer nada. Esse é o passo inicial, eu acho que já ajuda muito.

Márcio Vilela: Estamos caminhando para o final da nossa *live*. Eu queria já agradecer a todos e todas que estiveram aqui conosco participando, perguntando e fazendo elogios. Professora, a senhora acabou de falar da sua tese como uma possibilidade de leitura, e eu queria que a senhora retomasse o título e, também, se for possível e achar pertinente, dar sugestão de uma leitura de algum livro ou artigo que possa ajudar professores, gestores e coordenadores das escolas para pensar esse pós-pandemia, como a senhora bem mencionou, para não chegar no primeiro dia atrasados.

Mariana Antunes: O título da tese é um pouco longo, mas, se pesquisar por “Educação Emocional Integral” no repositório da UFPE ou por “Mariana Marques Arantes”, que é o meu nome completo, vai encontrar. Eu gostaria de sugerir um livro do sociólogo Juan Casassus, que foi um dos diretores da UNESCO e que ajudou a cunhar esse termo “clima emocional” nas escolas, a partir de um estudo que investigou os processos de interferência na aprendizagem da 1ª à 4ª série em quatorze países, incluindo o Brasil, entre 1998 e 1999. Eles descobriram que existia algo não tangível que fazia mais diferença no processo de aprendizagem dos estudantes para português e matemática, que era o objeto de estudo, do que a classe social, o acesso à escola, infraestrutura do local e que era esse relacionamento, esse termo que surgiu depois: clima emocional.

A partir disso, o próprio sociólogo Juan Casassus se dedicou a estudar esses processos e escreveu um livro, que eu acho extremamente esclarecedor e indico para todos os professores, chamado “Fundamentos da Educação Emocional”, ele ajuda a conceituar a emoção, porque a própria emoção ainda é um constructo, não existe um conceito, mas ele ajuda nessa construção, ele fala sobre por que que esses processos são relevantes na escola, ele dá dicas de como começar, de como fazer e de como buscar.

E também gostaria de deixar como referência o próprio Portal Educação Emocional. Existe também o livro organizado pelo professor Policarpo Júnior e pela professora Ana Lúcia Leal, da UFPE, que nós contribuímos com o capítulo chamado de “Formação Humana: olhares e perspectivas”, é um e-book que está disponível na Amazon. Enfim, há muitas referências e também estou à disposição se alguém quiser, é muito fácil de me achar, eu estou sempre no Portal Educação Emocional produzindo conteúdo e, quem quiser, estou à disposição. Há vários livros também. Existem livros mais voltados para adolescentes, livros voltados para a infância e desenvolvimento de educação emocional. Eu estou à disposição. Se alguém quiser depois perguntar, é só me procurar.

Márcio Vilela: Professora, em nome da Cecine, eu queria agradecer imensamente à sua disponibilidade em falar de um tema tão caro e tão importante na educação, principalmente num momento como esse, eu acho que para todos e para nós, da Cecine, foi muito relevante ter a senhora aqui participando conosco.

Mariana Arantes: Professor Márcio, eu que agradeço, já estive na Cecine duas vezes presencialmente e foi com muito carinho e com muita responsabilidade que eu aceitei esse convite. Eu me envolvi com a educação porque ela me resgatou de um processo em que, na Comunicação, eu era obrigada a passar por cima dos sentimentos das pessoas. Eu acredito na educação como um processo de formação humana, isso é inerente à educação. A educação não é uma mera distribuição ou um compartilhamento de conteúdo para que os alunos passem no ENEM. Eu acho que precisamos resgatar e assumir mesmo esse papel de uma educação para a formação humana, então, eu aceitei o convite com muito carinho e muita responsabilidade. Me coloco à disposição e desejo que todos nós, já que não podemos nos reunir, permaneçamos unidos, que ninguém solte o coração de ninguém neste momento.

ENSINO HÍBRIDO E ATIVIDADES REMOTAS DURANTE E PÓS-PANDEMIA

Entrevistador:

Márcio Vilela

Entrevistada:

Professora Dr^a. Auxiliadora
Padilha

Márcio Vilela: Boa noite a todos. É com muito prazer e satisfação que realizamos mais uma *live* da Coordenadoria do Ensino de Ciências do Nordeste (Cecine). Já foram realizadas várias *lives* com diversos professores apresentando seus trabalhos e suas pesquisas na área da educação, nesse período de isolamento social. Então, para a Cecine, é, de fato, uma grande alegria, uma satisfação enorme chegar até este momento com várias *lives* e diversas pessoas acompanhando a realização deste projeto que nós chamamos: História, Educação e Saúde. Gostaria de começar fazendo um agradecimento a todos que fazem a Cecine; também a todos da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, a Proexc, que tem dado um apoio imenso, assim como a nossa Reitoria tem apoiado imensamente as atividades da Cecine. Isso é muito importante, muito gratificante. A Cecine, desde a década de 1960, passou por várias mudanças e várias adaptações, mas mantém o seu papel fundamental, que é levar o bom debate, fazer o bom debate com a sociedade e com os professores da rede básica de ensino.

Hoje temos uma convidada espetacular, uma professora e pesquisadora do Centro de Educação, a professora Maria Auxiliadora Soares Padilha, para conversar um pouco sobre um tema tão delicado. Quero fazer uma apresentação da nossa convidada para os que estão nos acompanhando. Auxiliadora Padilha é professora associada para atividades de educação a distância, na Universidade Federal de Pernambuco, possui graduação em Pedagogia, mestrado em Educação e doutorado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco, pós-doutorado pela Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha. Pesquisa e atua sobre coreografias didáticas institucionais, Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação para a educação; com mestrado em Didática, inovação pedagógica e metodologia da educação a distância, inclusão digital, processo de ensino-aprendizagem. É professora do Programa de Pós-graduação em Educação Matemática e Tecnológica da UFPE, foi coordenadora do programa institucional de inovação pedagógica da Universidade Federal de Pernambuco e coordena, desde 2011, o programa de extensão Proi-Digital. Quando nós convidamos a professora e discutimos o que poderíamos debater, decidimos, em comum acordo, trabalhar o ensino híbrido e atividades remotas durante e pós-pandemia. Até porque é uma temática e um assunto que estão em voga, as pessoas estão em voga, as pessoas estão em busca desse conhecimento. Professora, uma coisa que logo chama atenção é o significado do termo “híbrido” na educação. Como historiador, sei que precisamos debater e discutir muito os termos, e este, para mim, soa muito interessante. Eu queria pedir que a senhora falasse um pouco para os nossos espectadores sobre isso.

Auxiliadora Padilha: Boa noite, Márcio. Boa noite a todo mundo que está nos assistindo pelo canal da Cecine. Muito prazer. Sempre que vocês me convi-

dam, para mim, é uma grande alegria. Antes de responder à sua pergunta, eu quero me solidarizar com toda a sociedade, que está vivendo esse momento difícil, com a Universidade, que está buscando formas de superar e manter o seu trabalho e as suas atividades, apesar de todos os percalços políticos e sanitários, que, na verdade, acabam sendo todos sanitários, mas eu gostaria de dizer a todos que nosso desejo é de que estejam todos bem e que, na medida do possível, fiquem em casa e se cuidem. Desde o momento em que se discute sobre educação a distância, já se discute sobre a possibilidade de um ensino híbrido. Inclusive, o professor Manuel Moran, há mais de dez anos já vem discutindo sobre isso. Quando se fala sobre educação a distância, ainda há muito preconceito e muita resistência de professores, de alunos e da sociedade em si. Apesar disso, ela cresceu bastante, Moran sempre disse que, não muito longe, não muito distante, o nosso ensino deixaria de ser totalmente presencial e totalmente a distância para ser um ensino híbrido, o que na verdade já vem acontecendo há algum tempo. Os cursos a distância podem se chamar semi-presenciais, e os cursos presenciais já têm até uma legislação que permite que eles tenham até vinte por cento da carga horária total do curso em atividades a distância; então, de certa forma, nessa perspectiva, temos um ensino híbrido. Contudo, o termo “ensino híbrido” passa a mudar à medida em que observamos que o híbrido não está só ligado à questão de *on-line* ou *off-line*, ele passa também a abarcar estratégias diferentes de aprendizagem, justamente nessa perspectiva de que cada um aprende de uma forma diferente; assim, é o que chamamos de metodologias ativas, na preocupação de que os alunos tenham uma aprendizagem mais personalizada, relacionada ao seu ritmo, aos seus interesses, aos seus estilos de aprendizagem.

Dessa forma, o ensino híbrido não significa somente ser presencial e a distância, mas significa, também, utilizar outras estratégias, estratégias diferenciadas que possam favorecer os diferentes estilos de aprendizagem dos alunos. O termo também está muito ligado, ultimamente, à questão da tecnologia, porque a tecnologia, nesse caso, ao ser introduzida, cada vez mais na educação, sobretudo as tecnologias digitais, vai dar uma outra conotação às atividades realizadas, inclusive na sala de aula. Então, em muitos momentos, na sala de aula, é possível trabalhar de forma conectada ou não. Alunos podem estar desenvolvendo, numa mesma sala, atividades diferentes. Dependendo das estratégias utilizadas, eles podem estar também em casa realizando atividades da escola de forma *on-line* ou *off-line* e, também, em outros espaços, além da própria escola. Se formos pensar nisso, de alguma forma, a escola sempre foi híbrida; não que a escola fosse, mas ela não conseguia encaixar sempre todo mundo no mesmo modelo. A escola tradicional visava justamente dar um único modelo para que todos aprendessem a mesma coisa da mesma forma, então, havia essa ilusão de que uma única estratégia de aprendizagem ia dar conta da aprendizagem de todos os alunos. Eu venho utilizando mais o

termo “educação híbrida” que o termo “ensino híbrido”, porque, assim, consideram-se os dois lados da mesma moeda, já que educação híbrida não se limita somente à perspectiva do ensino, abrange a perspectiva da aprendizagem.

Quando falamos sobre educação híbrida, educação a distância, educação *on-line*, atividades remotas, temos uma certa dificuldade de entender a diferença entre esses termos. A educação a distância já existe há bastante tempo e de diversas formas. Existem autores que identificam gerações de educação a distância, porque existe a geração da televisão, uma geração do rádio, a geração da correspondência, a geração do telecurso, e, agora, chegamos à geração digital, vemos que as universidades corporativas começaram muito cedo com essa perspectiva da formação através de recursos eletrônicos, especialmente a *internet*, quando começou. As universidades corporativas das grandes instituições, bancos, já estavam atentos a isso.

Quando nós tivemos o lançamento da Universidade Aberta do Brasil, que foi, justamente, a procura para fomentar mais a educação a distância no país e a possibilidade de ampliar o espectro de atuação das universidades, indo além dos grandes centros e das capitais, percebemos, então, o objetivo de ampliar esse espaço de aprendizagem para pequenas cidades, para cidades mais distantes do centro; então, vemos a definição dos polos, temos alguns cursos na UFPE, por exemplo. Eu sou professora de educação a distância, leciono no curso de Letras (Português), já lecionei no de Letras (Espanhol), também na turma de Matemática e de Ciências Contábeis, eu já dei aula em todos os cursos a distância da UFPE. Agora, eu estou com uma turma de Didática, do curso de Letras (Português), e o interessante é que nós temos alunos de 15 polos diferentes, então, temos alunos de Tabira, de Carpina, de Petrolina, de vários outros municípios. Talvez, em outros tempos, não teríamos condições de ter uma Universidade Federal em cada uma dessas cidades. Então, nós vemos que a educação a distância acaba oferecendo essa oportunidade de universalização, de ampliação e de interiorização, inclusive da educação superior pública e federal. Os Institutos Federais também têm muitos polos de educação a distância. Quando se definiu a Universidade Aberta do Brasil, a ideia era que as universidades não entrassem nos mesmos polos para que se pudesse dar uma maior abrangência às cidades atendidas por esses cursos.

Assim, temos uma grande tentativa de universalização, através da educação a distância, utilizando a *internet*, os computadores, dando início a uma nova geração diferente daquelas que utilizavam as tecnologias analógicas; dessa forma, chegamos à questão da educação *on-line*. Qual é a diferença da educação *on-line* para educação a distância? Alguns autores propõem uma diferença muito grande, não aceitam que a educação online seja um modelo de educação a distância. Legalmente, através da regulamentação do Ministério

da Educação, nós temos a educação a distância. A educação a distância é uma modalidade regulamentada pelo Ministério da Educação que é possível ser oferecida a partir dos vários recursos tecnológicos que estão disponíveis, dependendo também da condição do município ou da região que será ofertado o curso.

Eu me lembro que nós participávamos de reuniões com diversos coordenadores de educação a distância do Brasil, e a coordenadora da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) chegou a dizer justamente que não tinha como trabalhar com *internet* na região e que instituição utilizava o rádio, por ser a forma mais fácil de chegar à maioria das regiões do estado. Nota-se que temos a ilusão de que a *internet* está em todos os locais e a tecnologia digital está no mundo inteiro, em todas as regiões, em todas as camadas sociais, e não está. A educação *on-line* é uma modalidade da educação a distância. Chegamos a este momento que estamos vivendo agora, em que estamos realizando, em diversas situações, atividades remotas, em diversos níveis de ensino. A legislação brasileira aponta que a educação a distância pode ser utilizada para os cursos tecnológicos, técnicos, cursos livres e cursos de educação superior e, em casos emergenciais, ela pode ser utilizada na educação básica.

Márcio Vilela: Professora, se me permite, um de nossos espectadores fez uma pergunta que acredito que seja pertinente para esse momento da discussão: quais atividades remotas podemos desenvolver nas séries iniciais da rede pública?

Auxiliadora Padilha: Antes de entrarmos na discussão sobre que tipo de atividade é possível realizar, eu gostaria de trazer a discussão sobre o que é que estamos fazendo. Não estamos fazendo educação a distância na educação básica e nem nas universidades e faculdades que estão se utilizando de atividades remotas. Para um curso ser considerado um curso a distância, ele tem que ser projetado e construído com essa finalidade; então, não se pode simplesmente pegar o curso de Ciências Administrativas da UFPE e apenas dizer que ele, agora, é um curso a distância. É preciso pensar e projetar um curso especificamente para essa modalidade, considerando as suas especificidades, as suas necessidades, quais recursos serão utilizados, como vai ser mediada a educação, as atividades, as estratégias de aprendizagem, inclusive, são essas estratégias que o nosso espectador perguntou. No projeto pedagógico do curso, devem estar destacados quais recursos tecnológicos serão usados, que plataformas serão usadas, como eles serão usados e os tipos de metodologias, estratégias e tipos de avaliações que serão realizados nesses cursos.

Então, quando perguntam quais atividades remotas podemos desenvolver nas séries iniciais, precisa-se entender que o que está acontecendo agora e o

que muitos professores estão realizando são atividades remotas, não exatamente a distância, mas que, com certeza, são híbridas. Recentemente, eu estava conversando com professores de Glória do Goitá, e estávamos discutindo justamente essas atividades e como podemos realizá-las. A princípio, algumas escolas começaram com aulas através de plataformas virtuais gratuitas ou fizeram a compra dessas ferramentas, os professores e as escolas pensavam que precisavam manter as quatro horas de aula presencial na educação a distância.

Nessa realidade, eu presenciei uma situação em que uma criança ficou três horas realizando atividades como se estivesse na sala de aula presencial. Muitas vezes, o que está acontecendo é que se pega o pior do ensino tradicional presencial, o ensino memorístico e mecânico, e se transporta para o ensino a distância. E isso é natural, porque os professores não tiveram formação e estamos diante de uma situação inesperada, assim, não podemos agora estar “acendendo fogueiras” e “queimando as bruxas”, precisamos reconhecer que isso foi necessário para que pudéssemos notar que estamos atrasados há muito tempo em relação à transformação digital na educação. É preciso experimentar, estudar, testar e poder levantar hipóteses sobre o que é possível fazer. Nessa conversa com os professores de Glória do Goitá, eu estava dando algumas sugestões e coloquei que é importante que percebamos que estamos vivendo um momento terrível, muito ruim, temos vários professores que estão perdendo familiares e amigos, crianças que também estão perdendo o pai, tios e avós. Assim, é preciso que reconheçamos que não estamos vivendo um momento de normalidade, não podemos achar que vamos pegar o conteúdo que trabalhamos numa situação normal e levar para uma situação como a que estamos vivendo agora.

O que eu tenho aconselhado é que, ao invés de trabalharmos conteúdos escolares, trabalhem com conteúdos e habilidades emocionais e, a partir dessas habilidades, trabalhem conteúdos. Faremos uma inversão de valores em relação aos conteúdos escolares mais específicos. A habilidade emocional é um conteúdo escolar, especialmente agora, com a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mas, geralmente, é tratada como conteúdo transversal; ao invés de estudarmos matemática, geografia, história, estudaremos as relações, os sentimentos, as percepções das crianças em relação ao que elas estão vivendo. Uma das sugestões que dei foi perguntar às crianças o que elas fazem em casa para ajudar aos seus pais ou os avós, propor algumas atividades, por exemplo, “perguntem aos pais se podemos fazer um brigadeiro”, não precisa ser na hora da aula, marca, orienta, organiza com os responsáveis e avisa para turma que eles vão fazer um brigadeiro ou qualquer outra receita. É uma oportunidade de trabalhar a questão de ajudar os pais, de resolver situações do dia a dia.

A partir de atividades como essa, é possível trabalhar, por exemplo, matemática, tanto em relação ao quantitativo dos materiais como, também, os valores que são gastos para fazer isso, ou, então, podem ser feitas atividades de português, de história. Diante disso, não precisamos e não deveríamos estar cobrando dos professores e dos alunos soluções muito rígidas, porque, muitas vezes, as escolas agem dessa forma por conta de uma cobrança dos pais. Eu me lembro que, logo no começo, os pais diziam que, se não houvesse aula, não iriam pagar a mensalidade. Os professores estão em casa, como é que eles vão sobreviver? Algo muito presente no brasileiro é a falta de empatia, de saber quem é a pessoa que está do outro lado; não se pode dizer simplesmente que não vai mais pagar.

Sabemos que várias pessoas estão tendo redução salarial, então precisam trabalhar, ou, até, estão desempregadas; nesses casos, é necessário que cada um discuta a sua realidade com a escola sem querer que isso seja uma realidade para todo mundo. Eu acho importante trabalhar pensando nessa ideia de desenvolver atividades com as crianças das séries iniciais com essa questão de estar ajudando em casa, o que os pais estão fazendo, discutir relacionamentos, discutir como eles estão se sentindo em relação a isso, o que eles estão vivenciando. Continuamos na mesma frequência de não conhecer, de não buscar; estamos dentro da casa do aluno, mas não conseguimos passar essa barreira de aproximação mais presente com os alunos, e é preciso fazer isso.

Márcio Vilela: Professora, sexta-feira da semana passada, nós discutimos com a professora Mariana Arantes exatamente essa questão emocional dos alunos e professores, que é muito importante nesse retorno agora. A senhora falava, há pouco, sobre essa dificuldade e como esse momento da pandemia surpreendeu a todos, uma das perguntas dos nossos espectadores fala justamente sobre essas dificuldades diante da democratização dos conhecimentos, dos aprendizados, das aprendizagens, tendo em vista que nos interiores as conexões são precárias e muitos estudantes das áreas rurais não têm acesso à *internet*; dessa forma, como podemos pensar uma educação remota?

Auxiliadora Padilha: Em relação às atividades remotas, eu tenho sido até um pouco repetitiva, porque, no sentido da precariedade da tecnologia e da conexão em determinados locais, como estávamos comentando em relação ao Amazonas, existe a ilusão de que todo mundo tem *internet*, mas não tem. A realidade é muito diferente do que se é imaginado. Se na Universidade Federal de Pernambuco, cerca de 35% dos alunos do Campus Recife não têm condições de ter aulas remotas porque não têm *internet* adequada ou nenhuma tecnologia adequada para essas aulas, imagina a situação em outros níveis de

ensino, como a educação básica e, ainda, especialmente, no interior e na zona rural, onde essa realidade é precária.

Eu venho chamando a atenção de que nós perdemos uma grande oportunidade quando tivemos, há cerca de dez anos, um programa de inclusão digital que discutia a conectividade dessas áreas, a possibilidade de termos cidades digitais com tecnologia gratuita para toda a cidade, a distribuição de tecnologia, de materiais e equipamentos para as crianças, para os professores, nós tivemos isso, mas acontece que nós não mantivemos, nós não tivemos políticas de manutenção desse programa. Assim, o que acontece é que perdemos essa oportunidade de ampliar a inclusão digital desses espaços, dessas cidades. Eu tenho levantado essa bandeira, eu sei que eu não sou ninguém para poder trazer tanta visibilidade, mas, quanto mais eu falo, mais as pessoas também podem se posicionar e levantar essa bandeira da conexão gratuita e de qualidade para todos os cidadãos, e eu acho que precisamos defender essa causa.

Falou-se na questão da precariedade, estamos somente fazendo uma crítica porque não fizeram a manutenção dos programas, mas precisamos pensar em outras estratégias, não temos apenas a *internet*. Como vimos, a educação a distância pode ocorrer de diversas formas, por exemplo, nós fizemos uma série de *lives* com pessoas de vários países no Hub Educat, que é o Hub de criatividade, empreendedorismo e inovação educacionais da UFPE, que o professor Marcos Barros e eu coordenamos, na Diretoria Positiva, diretoria de inovação da UFPE, para entender como esses locais estavam vivenciando essa situação da educação nesse período da pandemia com essas atividades remotas. É interessante, por exemplo, que, na Alemanha, que é um dos países mais desenvolvidos na Europa, está-se fazendo um trabalho fantástico nessa questão da Covid-19 e do controle da transmissão, eles não estão usando *internet* ou plataformas digitais. Uma ex-aluna da UFPE do curso de Pedagogia, que hoje é professora da educação básica na Alemanha, alfabetiza em alemão e nos contou sobre a experiência nesse momento.

Na Alemanha, como em muitas escolas aqui no Brasil, eles imprimem as atividades e mandam pelo correio para casa dos alunos, ou os pais dos alunos passam e pegam na escola, ou a escola providencia alguma forma de levar. Eles não estão usando WhatsApp, porque lá é proibido usar o WhatsApp com as crianças, então, os professores telefonam diariamente para os alunos – nesse caso são os professores das séries iniciais, que possuem cerca de 25 a 30 alunos –, tiram as dúvidas dessas crianças, entram em contato com elas através dos pais, pelo telefone e, no máximo, eles colocam atividades e vídeos no portal da escola para que os alunos assistam. No caso dessa ex-aluna, os alunos dela não usam a *internet*, ela vive numa cidade do interior, próximo a Frankfurt; nesse sentido, precisamos ter a criatividade de encontrar soluções

que sejam viáveis para as nossas realidades.

Eu estava conversando com a secretária de Caruaru, e ela disse que eles estão trabalhando com três realidades: em uma mesma sala, tem alunos que acessam as atividades pela *internet*, usam a plataforma e o WhatsApp, tem alunos que recebem o material impresso e tem alunos que estão tendo aula pela TV. Eu sei que isso é muito complicado para gerenciar, mas preciso lembrar que estamos vivendo no momento de crise, um momento de emergência, e esse aviso não é somente para os professores, mas é especialmente para os gestores, que, ao invés de diminuírem o salário dos professores, deveriam estar contratando mais docentes para poder apoiar esses outros que estão com as turmas divididas em várias atividades. Dessa maneira, tentando pensar no pós-pandemia, é preciso que observemos que o ensino híbrido vai ser a nossa realidade daqui para frente; por isso, precisamos identificar as possibilidades de realizar as nossas atividades a partir desta dinâmica.

As universidades, por exemplo, aqui na UFPE, no Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) e no Colégio Agrícola da Rural – estou falando nesses locais, porque escutei essas informações deles mesmo –, estão fazendo um levantamento com os alunos para saber quais são as condições deles. Se temos alunos que não têm computador, o que podemos fazer para que grandes empresas possam doar computadores para essas pessoas? Se eles não têm *internet*, como podemos formar parcerias para que as operadoras possam liberar conexão para essas para esses alunos? O que precisamos é entender a necessidade de nos unirmos para resolver os problemas uns dos outros, porque o problema de cada um é, agora, o problema de todos. Então, é preciso que pensemos além do nosso umbigo e sempre encontremos soluções em parceria com outras instituições.

Márcio Vilela: Professora, um dos nossos espectadores pergunta como você vê o currículo das graduações para docente e se faltam conteúdos visando preparar esses futuros professores.

Auxiliadora Padilha: Faltam, sim. Não temos um problema só de conteúdo, temos um problema de visão; muitos professores na universidade não possuem uma visão de futuro, de realidade, muitos estão no passado, aquela história que diz assim: “a escola é do século XIX, o professor do século XX, o aluno de século XXI”, é exatamente isso! E tem professor que está no século XIX! Eu também já venho discutindo que nós já estamos vivendo, há muitos anos, uma transformação digital, eu acho que desde os anos 2000 que vivenciamos esse processo em vários setores da sociedade, mas nós ainda estamos na escola do século XIX e nós estamos com professores do século XX que gostariam de estar no século XIX. Esses professores não veem a realidade que nós estamos

vivendo, e eles não estão preparando os nossos alunos para viver a realidade. Todo texto científico que fala de tecnologia, sociedade e transformação vai começar dizendo que vivemos um momento de grandes transformações, de rápidas e grandes mudanças, essas transformações – e você, como historiador, sabe disso – vão ser, cada vez mais, rápidas e inesperadas, não podemos prever o que vai acontecer em dois meses ou até mesmo na próxima semana, quem pode dizer o que é que vai acontecer quando acabar a quarentena e o isolamento social? Portanto, não temos preparação. O curso de Pedagogia da universidade, e eu falo com uma imensa dor no coração, porque sou professora desse curso, e os cursos de licenciatura, em geral, não possuem formação para uso de tecnologias na questão pedagógica.

Márcio Vilela: Professora, uma de nossas espectadoras coloca que a maioria dos professores não teve a oportunidade de se preparar para as aulas remotas e muitos não têm a habilidade para lidar com a tecnologia, como seria possível driblar essas dificuldades? Como a senhora falou, não há esse preparo nos cursos de Pedagogia e nas licenciaturas, mas todo mundo se viu obrigado, de algum modo, a lidar com tudo isso nessa realidade que estamos vivendo.

Auxiliadora Padilha: Não tem como driblarmos, não estamos em um jogo de futebol. A única coisa que podemos fazer é ter coragem de admitir, pensando na educação básica e no ensino superior, que não vamos concluir este semestre com a mesma qualidade ou quantidade de conteúdos que poderíamos aprender se estivéssemos vivendo uma situação normal. Eu não acredito que oportunidades surgem em momentos difíceis, acho que momentos difíceis nos dão desafios a serem superados e enfrentados. Temos o grande desafio de enfrentar isso com a coragem de reconhecer que não é possível. Esse não é um ano que vai ser perdido, porque vamos precisar pensá-lo de uma outra forma, de uma forma humanitária, mas isso não está acontecendo, ninguém parou para pensar nisso, todos estão preocupados com o emprego que vão perder, com o ENEM que não vão conseguir fazer, com o ano que não vão conseguir concluir, com a formatura que não vai acontecer, as empresas preocupadas com lucro que não vão conseguir ter, ao invés de pararmos para pensar o que podemos aprender com tudo isso

Eu posso aprender a ser mais humano, mais caridoso, mais cuidadoso com as pessoas, eu posso trabalhar as emoções, eu posso entender que o mundo é, cada vez mais, complexo e que precisamos reformular a nossa cabeça para viver nesse mundo, e as nossas atuações, as nossas habilidades profissionais, sociais, familiares, tudo isso precisa ser modificado. Eu tenho um neto que está no primeiro ano do ensino fundamental, na fase da alfabetização, mas ele vai chegar ao fim do ano e não vai conseguir aprender a ler, e eu disse que, se ele não aprender a ler agora, ele vai aprender a ler no ano que vem ou depois, mas

não podemos exigir que uma criança fique três horas em frente a um computador tentando terminar o livro didático porque outros pais estão exigindo que a escola complete o livro e que o filho passe para o ano seguinte. Não, ele pode estar no primeiro ano de novo, vamos repetir tudo, qual é o problema de perder um ano? Então, precisamos pensar e aprender outras coisas.

Márcio Vilela: Professora, temos duas perguntas dos nossos espectadores: a primeira questiona se o caminho desse momento emergencial não seria criar polos, por exemplo, em escolas públicas para concentrar estudantes sem acesso à *internet*. A outra pergunta indaga se podemos dizer que essas diversas possibilidades de entrega dessas atividades são minimamente a personalização do ensino.

Auxiliadora Padilha: Em relação à primeira pergunta, não podemos juntar os alunos em um polo. Por exemplo, na UFPE, hoje, nós temos 35% de alunos que não têm condição de ter acesso à *internet*, mas vamos começar as aulas porque 70% tem condições? Claro que não! Não vamos, porque, se retomarmos as aulas, esses 35% que não têm recurso vão precisar sair de casa e vão procurar um espaço, um outro lugar para poder ter acesso à sua educação da mesma forma que os outros. Se as condições têm que ser as mesmas para todo mundo, se 5% não tiver, nós temos que ter que dar condições a eles, mas não podemos privilegiar uns em detrimento de outros, e, se fizemos essa reunião de alunos em polos, o que estamos fazendo é justamente expondo esses alunos ao vírus. Então, não podemos. Realmente, não considero isso uma possibilidade.

Quanto à segunda pergunta, sim, a educação híbrida é justamente essa possibilidade da personalização, não necessariamente da personalização do ensino, mas da personalização do processo de ensino-aprendizagem, porque cada aluno tem acesso aos conteúdos e aos materiais a partir das suas necessidades, dos seus interesses e das suas condições. Então, se a universidade decidir retomar as aulas, mesmo com alunos que não têm condições de ter acesso a computador e à *internet*, eles vão ter que ter acesso ao mesmo conteúdo ou com a mesma qualidade que aquelas atividades em outros em outros formatos; em outras plataformas que podem ter correspondência, mas que tem um professor dando o suporte, de alguma forma, somente por televisão eu não acho que seja adequado. Então, é preciso pensar nesses 35%. Se nós tivermos alunos com dificuldades, temos que dar as mesmas condições.

Márcio Vilela: Professora, escutando a senhora falar de todas essas questões muito sérias, entendemos que estamos vivendo esse momento e que a educação, as universidades e o ensino básico não estavam preparados, então, estamos vivendo esse grande desafio, como a senhora bem coloca. Assim, qual

cenário podemos esperar no pós-pandemia e quais aprendizagens podemos extrair?

Auxiliadora Padilha: Eu acho que podemos esperar o inesperado, vamos ter que nos acostumar, cada vez mais, com o inesperado. Quando discutíamos, já há muito tempo, a questão do planejamento flexível, pensamos como poderíamos planejar para o inesperado ou planejar uma aula flexível, teremos que dar respostas ao nosso aluno quando ele chegar com algo que precisamos trabalhar e não somente dizer que fica para próxima aula, é isso que teremos que aprender, a viver cada vez mais com o inesperado, e isso é muito comum para quem é ousado e para quem inova, a ousadia é necessária. Por isso, nós vamos ter que estar continuamente nesse processo criativo de inovação, porque, a cada momento, a realidade se transforma, estamos vivendo aquele nosso texto que diz que a realidade na qual vivemos se transforma continuamente e com muita velocidade.

Como eu disse anteriormente, não podemos driblar, precisamos investir na formação dos professores, investir nessa formação criativa do sujeito, ensinar as pessoas a pensar e não a repetir modelos, ensinar as pessoas a criar os seus próprios modelos e procurar as suas próprias soluções. Isso é aprender a aprender, estar continuamente pensando no inesperado. Eu acho que a educação híbrida é algo em que teremos que nos apoiar, inclusive na educação básica, e é algo que já vem sendo discutido e trabalhado, há tempos, com o professor Marcos e o professor Otacílio. Na Cecine, estamos fazendo várias discussões sobre isso, sobre metodologias ativas, sobre pensar na aprendizagem a partir do próprio pensamento, temos que aprender a ensinar as pessoas a pensar, e não ensinar conteúdos que, às vezes, não servem para nada para as pessoas.

Márcio Vilela: Um dos professores que está nos acompanhando coloca que, em Riacho das Almas, foi determinado aulas através do WhatsApp para os poucos estudantes que têm esse recurso na zona rural.

Auxiliadora Padilha: Estávamos comentando sobre isso, como muitas gestões de redes de ensino e de escolas estão fazendo coisas não a partir das condições dos seus alunos, mas apenas para dar uma resposta e dizer que estão fazendo e inovando; no entanto, não estão procurando saber qual é realmente a condição do seu aluno, o que ele precisa e pode fazer, e o que a própria instituição pode fazer em relação a isso. Eu considero o WhatsApp uma péssima opção, é um bom recurso para distribuir conteúdo, mas não é o recurso para trabalhar mediação e aprendizagem. Ele, junto a outros recursos, pode ser muito bom, mas, se a rede está colocando o WhatsApp como principal recurso, então, ela precisa dar condições aos seus alunos para utilizarem isso.

Márcio Vilela: Não tenha dúvida! Professora, já estamos caminhando para o nosso final e já agradecendo muito sua presença aqui. A Cecine vai precisar muito dialogar com vários profissionais, porque a Cecine, acredito, precisa manter o seu papel, realmente levando para o ensino básico esse conhecimento e dialogando mais, dando sugestões, não somente nesse momento. Nós achamos importante trazer essa discussão e vamos avançar ainda mais, porque a nossa ideia é pensar estratégias de ensino, por isso sua fala hoje foi tão esperada por muitos. A ideia da Cecine é exatamente voltarmos, nos próximos dias, com uma outra discussão, trazendo para esses professores estratégias de ensino, porque o que se percebe, e a Cecine tem recebido vários *e-mails*, é que há o desejo por parte dos professores da rede básica de que a Cecine possa trazer e promover discussões nessa direção, por isso que a sua participação é hoje e futuramente também será de extrema importância, já estou fazendo convite para o futuro, para fazermos uma grande discussão e aprimorar essa questão das estratégias. Professora, é costume pedirmos alguma indicação de leitura ao nosso convidado. O que a senhora poderia sugerir aos nossos espectadores?

Auxiliadora Padilha: Márcio, algo que eu queria chamar atenção é que, quando falamos em formação – e temos que ter uma discussão sobre o que é formação – temos que discutir o modelo de formação continuada que nós temos e o modelo de formação continuada que precisamos ter, porque trabalhar com educação híbrida, metodologias ativas, quando o pessoal pede estratégias, o pessoal está pedindo receita mesmo, e a história não é essa. Temos que ter uma mudança de cultura em relação ao que pensamos sobre educação, sobre ensino e aprendizagem, sobre o processo e as relações na educação.

Quando você pede materiais de leituras ou alguma coisa relacionada ao que discutimos, eu acho que é mais do que educação, discutir a educação é discutir humanidade, é discutir vida, diversidade, é discutir que não estamos no mundo para ter, mas para ser. Dessa forma, vou fazer duas indicações: a primeira é um livro maravilhoso que estou lendo agora, “Gênero, Raça e Classe”, da Angela Davis, e sugiro também “Para Educar Crianças Feministas”, de Chimamanda Ngozi Adichie, porque estaremos criando pessoas que sabem conviver e se relacionar no mundo. Sugiro o perfil do Instagram e o canal no YouTube da Rita Von Hunty, que é uma drag queen. Ela tem um canal chamado “*Tempero Drag*”, e é uma pessoa fantástica para se ouvir. Ela é uma estudiosa da sociologia, é professora da sociologia. Precisamos ler sobre educação, precisamos ler muito sobre novas metodologias, sobre mudanças paradigmáticas, mas precisamos ler muito sobre gente, diversidade e criatividade, porque assim seremos professores melhores, seremos professores humanos e não máquinas.

Márcio Vilela: Professora, foi muito bom escutar a senhora, esse tempo foi maravilhoso, realmente. A sociedade pede isso, exige isso, é um papel da universidade dar essa resposta e dialogar com a sociedade. Então, a Cecine só tem de fato a agradecer a sua participação e dizer que vamos, em outros momentos, realizar novas discussões. Professora, estamos chegando ao final, deixo o espaço para sua fala final de esperança.

Auxiliadora Padilha: Isso! Eu acho que não podemos perder a esperança, porque se a perdemos, deixamos de ser humanos. Eu quero dizer que foi uma conversa muito legal. Às vezes, eu sou muito enfática, sou muito *chata* nessas coisas, então, fico feliz que vocês tenham ficado até o final, ouvindo e participando dessa conversa. Quero dizer, também, que o Hub Educat está no Instagram, no YouTube e no Facebook; estamos sempre com boas dicas, especialmente para as atividades remotas. Sempre que preciso, eu estou à disposição, porque esse é o nosso papel, mostrar que essa universidade é una e diversa, portanto, os espaços para os debates abertos servem para isso. Muito obrigada por esse espaço, por seu trabalho, pelo trabalho da Cecine e do pessoal da divulgação. Obrigada pelo carinho e pelo acolhimento de sempre.

A FÍSICA EM TEMPO DA COVID-19: CIÊNCIA PARA ENFRENTAR A CRISE

Entrevistador:

Márcio Vilela

Entrevistado:

Professor Dr. Celso Pinto de Melo

Márcio Vilela: Estamos com uma série de *lives*, intitulada História da Educação e Saúde, pensando e repensando esse momento que estamos atravessando e o papel da universidade diante dessa situação. Assim, toda semana estamos trazendo alguém, pesquisador ou professor da universidade, para discutir essa temática voltada para a pandemia e dar respostas à sociedade. Hoje teremos um professor de física, então, com certeza, haverá um debate e uma conferência bastante interessante. Para discutir a temática “A física em tempos de Covid-19: ciência para enfrentar a crise”, chamamos o físico Celso Pinto de Melo, que possui um currículo vasto.

Celso Pinto de Melo é professor do Departamento de Física da UFPE, membro titular da Academia Brasileira de Ciências, já foi presidente da Sociedade Brasileira de Física, tem inúmeros artigos em revistas conceituadas – tanto nacionais como internacionais – e diversos capítulos publicados em livros. Ele é, realmente, uma pessoa de produção e de conhecimento invejáveis.

Professor, estamos vivendo em uma época de muita dificuldade, um período de muita tensão política, um período de pandemia, e a saúde pública tem atravessado esse desafio enorme. Todos falam um pouco da pandemia, refletindo sobre o que fazer e como fazer. Nesse sentido, a guerra contra a Covid-19 requer uma abordagem multidisciplinar? O que é que o senhor poderia falar a respeito?

Celso Pinto de Melo: Claramente que sim, em toda situação de crise você tem que reunir o melhor do talento, da competência de cada país para enfrentar a crise. A Covid-19 é um problema mundial, e os países que estão tendo mais sucesso na luta contra o coronavírus são exatamente aqueles que souberam usar a ciência e uma abordagem multidisciplinar, utilizando-se de todo o potencial de uma rede de cooperação para lidar com o problema. E isso envolve, naturalmente, desde a questão da saúde – que é muito importante – a várias medidas que devem ser tomadas para o mapeamento da doença e para uma estratégia global. Para isso, é preciso uma coordenação. Infelizmente, não é o que nós estamos vendo, a nível nacional, em nosso país, ao menos por enquanto.

A questão básica com essa abordagem multidisciplinar é que ela envolve a necessidade de uma liderança, de uma coordenação, mas, também,

envolve uma dimensão humana e social. Você tem que motivar as pessoas, educar as pessoas, e essa crise – como qualquer tipo de crise – pode trazer o melhor dos indivíduos. Exemplo: temos o pessoal da saúde que está arriscando a própria vida, lutando na linha de frente; e quando falo “o pessoal de saúde”, não falo apenas do médico intensivista, que é importantíssimo, – e ainda estamos pagando o preço de termos poucos intensivistas no país – mas, também, do maqueiro, do motorista de ambulância, do enfermeiro, do atendente do hospital, do pessoal do plantão das ambulâncias, em suma, toda uma rede que é o significado do que há de melhor dos indivíduos.

Os voluntários estão se mobilizando para atender à população de rua, atender às pessoas que estão com fome, ou seja, é o lado positivo da crise: provocar o melhor da sociedade. Infelizmente, também pode trazer o pior das pessoas. Um exemplo paradigmático disso foi o que aconteceu em Campina Grande, essa semana, onde os funcionários do comércio foram obrigados a se ajoelhar e rezar para salvação divina contra a doença e pela reabertura do comércio, independentemente do seu credo, da sua profissão de fé.

Outra situação realmente inimaginável de desrespeito e de atentado à saúde pública são as carreatas da morte. Então, a sociedade precisa de uma direção clara de como lutar e como fazer isso. A ciência pode ajudar e, felizmente, os cientistas, em quase sua totalidade, isto é, sua imensa maioria, estão dispendo-se a colaborar em rede. Pessoas que não são especialistas em epidemia e trabalham com outras áreas estão usando seus talentos na matemática, da modelagem estatística.

O grande esforço que está sendo feito na engenharia nacional, passando por um processo de desindustrialização, de desmonte da indústria nacional – o qual estamos pagando o preço –, porém tentando fazer respiradores, além de fabricar de forma barata e acessível os Equipamentos de Proteção Individual (EPI). Ademais, a informática está sendo fundamental para poder fazer o mapeamento do isolamento social; infelizmente, apenas alguns municípios estão usando essa ferramenta matemática de mapeamento para lutar contra o coronavírus.

O melhor exemplo acerca desse mapeamento, que vamos poder voltar mais adiante, é a Coreia do Sul. A Coreia do Sul é um dos exemplos do sucesso, por quê? Primeiro, a Coreia do Sul tem uma

tradição de, em qualquer crise, apostar na ciência, ela aposta no conhecimento, não em negá-lo; e a Coreia do Sul já experimentou uma crise: a doença respiratória do Oriente Médio, em 2015, quando ela foi pega um pouco de “calças curtas”, então ela começou a montar um sistema de monitoramento que funcionou muito bem. A Coreia do Sul começou as evidências de contaminação, você vê, na mesma época dos Estados Unidos, e o número de mortes por bilhão de habitantes é totalmente diferente. Por que, ao final de fevereiro, eles conseguiram *achatar* a curva, como é que eles fizeram isso? Com muita ciência! Eles mapearam usando cartões de crédito, usando a rede de celular. Uma vez identificada uma pessoa contaminada, eles conseguiam fazer todo seu roteiro e quais outras pessoas estiveram expostas ao vírus, e faziam o isolamento dessas pessoas. Com isso, a curva foi *achatada* de forma muito eficiente no começo da pandemia. Esse é um exemplo de que o trabalho cooperativo pode ser feito e a formação de redes de pesquisa é uma comprovação disso.

Lembremos que as ferramentas mais modernas estão à disposição. O Brasil conseguiu, em poucos dias, fazer o sequenciamento do genoma⁷ do SARS-CoV-2; claro que os vírus sofrem diversas mutações, então, a cepa que ocorre no Brasil não é exatamente igual à cepa que ocorreu na Itália ou na Alemanha. Porém, a cepa brasileira que foi mapeada é importante para o planejamento da saúde pública. Esse trabalho foi financiado pela Fundação de Amparo de Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e pelas agências nacionais – acredito que o pessoal de Minas também – e do exterior, todavia é o trabalho em rede que demonstra a força do uso do conhecimento e do trabalho coletivo que é de suma importância para se alcançar esses resultados.

Márcio Vilela: Podemos dizer que existe um antes e um depois da Covid-19? Como podemos pensar nesse momento tão difícil que nós estamos atravessando?

Celso Pinto de Melo: O mundo não vai voltar a ser o que era, é impossível por várias razões. A indicação é o distanciamento social enquanto nós

⁷ Um código genético que possui as informações hereditárias de um ser, sendo codificado pelo DNA.

não tivermos vacina – e, para ser otimista, para falar em vacina, precisamos pensar em um tempo equivalente a 18 meses –, é inimaginável pensarmos em voltar às viagens aéreas, ao turismo e até mesmo às atividades do dia. Então, o impacto vai ser grande, pode-se imaginar a possibilidade de uma segunda, terceira onda, e o que isso significa? Significa que tem que haver o distanciamento social. Como é possível que uma sala de aula com 30 crianças ou uma universidade com 100 alunos mantenha o distanciamento de um metro e meio entre elas? É claro que nós vamos ter que nos reinventar, e, do ponto de vista da sociedade, o modelo que estávamos praticando é inviável. O Brasil vai pagar um preço enorme pela desigualdade social.

Quando a pandemia chegou, foi por meio das classes mais favorecidas economicamente, importada do exterior, foi através das pessoas que viajaram. Contudo, hoje, o vírus se espalhou pelas regiões periféricas da cidade, para as pessoas de baixa renda, aqueles que precisam sair para lutar o dia a dia e que o dia de amanhã depende do dia de hoje, e essas pessoas estão sendo estimuladas, inclusive com políticas – as quais, em minha opinião, são criminosas – a ir ao banco para retirar o auxílio emergencial ou, então, é, você baixa no seu aplicativo e para o engravatado de Brasília é muito fácil de fazer um programa que as pessoas só vão receber o dinheiro se baixaram. Não, se você não souber, você pede ao seu vizinho ou a alguém. Imagino os “ricões” do interior, as pessoas baixando pelo seu iPhone o aplicativo da Caixa Econômica para receber R\$600. É uma atitude criminosa, de profundo desrespeito a nosso povo.

Então, o mundo vai mudar, e é importante que as pessoas percebam, afinal já se fala de uma nova era, a era covidiana; ou seja, vai mudar tão profundamente a sociedade que, se compararmos com as eras geológicas, algo que é pouco levado em consideração é que a civilização humana tem 10 mil anos e que nós estamos experimentando o que é chamado, do ponto de vista geológico – me perdoem os colegas da geologia se eu disser alguma impropriedade –, o holoceno⁸, que é a época de altas, de muito boa estabilidade climática, que foi quando surgiu a civilização humana, passando por cataclismas, como é normal. Ao longo da civiliza-

⁸ *Holoceno* é um termo geológico que define o período dos últimos efeitos da última glaciação até a contemporaneidade, um período que se estende entre 10 e 12 mil anos.

ção, nós tivemos as epidemias, as pestes; na época não se tinha noção de bactérias, de vírus, de microrganismo, então o que prevalecia era um pensamento místico, não científico. Nós, agora, podemos usar o melhor do conhecimento, da ciência, para lutar, e isso faz uma enorme diferença; no entanto, o mundo de antes era baseado na pregação da natureza. Um mundo de uma profunda desigualdade global, de uma profunda desigualdade social, quando o mundo era pensado apenas para 1% das pessoas, com a vitória do neoliberalismo do mundo unipolar, e que o modelo era esse: 99% da sociedade trabalhava para benefício de 1%. Isso é um modelo que não pode se sustentar, então, depois voltaremos a discutir esse assunto com mais calma, mas é importante ver o lado positivo, a resiliência da natureza.

Com um mês de pouca atividade humana, foram vistas capivaras circulando pela Ilha do Leite, tartarugas voltando nas praias da Baía de Guanabara, ursos e raposas circulando à noite pelas cidades da Europa. Temos que ter a humildade de perceber que a espécie humana é apenas uma espécie, e mais: como outras se extinguiram, ela pode se extinguir. Obviamente que estamos falando nisso no contexto da Covid-19, porém, é importante termos essa perspectiva de que nós não podemos lidar com a natureza com um olhar extrativista, depredando-a, temos que ter um novo mundo de solidariedade.

Vê-se economistas conservadores redescobrimo o papel do Estado, e agora nós estamos pagando um preço altíssimo pelo desmonte do SUS – que era a política oficial, inclusive do ministro Mandetta –, acabando com programa Mais Médicos como se não fosse importante. Tem-se uma lei absurda, que é a lei do Teto dos Gastos, uma mudança na nossa Constituição, em que os gastos em educação e saúde são limitados. No entanto, não se fala dos juros da dívida que continuam intocados, não se entra nessa equação. Ou seja, os juros das dívidas e aquele 1% da população são considerados de um direito divino; desceu nas tábuas de Moisés: são intocáveis. É inviável pensar que a nossa sociedade possa se reorganizar sem ao menos discutir essas questões. Logo, o mundo pós-Covid vai ter que ser diferente. Não falo apenas do Brasil, falo da própria sociedade humana. São necessárias, nesse momento de crise, pessoas que possam exercer uma liderança local, nacional. Isso vai passar, um dia passará, mas nós temos que começar a pensar em como lidar com as questões econômicas, sociais e a questão da natureza no mundo pós-Covid.

Com relação a esse ponto, precisamos pensar em alguns valores básicos. Na minha opinião, obviamente as pessoas podem – as pessoas que estão fazendo carreatas da morte certamente não vão concordar com isso – pensar em um mundo de solidariedade, um mundo que respeite a natureza, não de uma maneira predatória como está sendo praticado, por exemplo, no Brasil com a questão da Amazônia. E, principalmente, no caso brasileiro, tem-se que repensar o papel do Estado. O Estado mínimo funciona muito bem para os outros, contudo, na hora da crise, todos os países estão recorrendo ao papel fundamental do Estado para a manutenção da vida. O desemprego particular nos Estados Unidos, assim como na Europa Ocidental e no mundo todo, está altíssimo, e essas pessoas precisam comer, essas pessoas precisam sobreviver.

Como é que um país como a Inglaterra, por exemplo, foi capaz de ser do lado vitorioso na Segunda Guerra Mundial? Investindo no Estado. A Inglaterra terminou a Segunda Guerra Mundial com uma dívida enorme, logo foi necessário reorganizar a sociedade. Então, é o momento de o Estado gastar, é o momento do Estado salvar as pessoas e não de economizar. A solidariedade é fundamental. É preciso que tenhamos a compreensão e a empatia pelo sofrimento dos outros. Infelizmente, não é o que se vê quando o noticiário mostra as pessoas indo, às quatro horas da tarde, dormir na calçada de uma agência bancária, na expectativa de conseguir o auxílio emergencial. Como é possível achar isso natural? Fala-se: “E daí? O que é que eu posso fazer?”. Pode ter humanidade, solidariedade, empatia. É necessária uma solidariedade entre nós. Ninguém vai se salvar sozinho, temos que dar as mãos neste momento, não de forma literal, por conta da Covid-19, mas, figurativamente, é necessário dar as mãos e repensar e reorganizar! E, no momento, temos que ver que nossos cidadãos estão passando fome ou estão morrendo afogados, no seco, por falta de respiradores, por falta de assistência médica. Quem é que não pode se emocionar? Hoje, vi na televisão o prefeito de Manaus chorando e clamando pelo apoio do governo federal. Como é que podemos não nos sensibilizar com o drama humano que está acontecendo neste país? Como podemos achar que isso é natural, “vão morrer os velhinhos! Essa é uma gripezinha, é assim mesmo! A economia é o mais importante!”? Economia para quem? O que adianta a economia se as pessoas não sobreviverem? Logo, no que tange a essa questão – para, talvez, fechar essa nossa discussão e entrar na era *covidiana* de uma profunda transformação na organização social

PERGUNTAS DO PÚBLICO⁹:

1) Queria que o senhor comentasse sobre mutações nas cepas da Ásia, Europa e Brasil. O senhor teria algo para dizer dessas mutações?

⁹ “Pergunta 01”, “Pergunta 02 etc.” foram perguntas feitas pelos telespectadores da *live*. Cada pergunta foi realizada por pessoas diferentes.

Celso Pinto de Melo: Obviamente eu sou físico, eu não sou nenhum especialista de sequenciamento genético, mas sabe-se que, como qualquer vírus, o vírus da Covid-19 vai se adaptando ao meio ambiente e vai sofrendo mutações: é assim que ele consegue ser eficiente na sua capacidade de contaminação, então, as cepas que estão circulando em países têm sutilezas. Não tenho conhecimento para afirmar qual gene que se modificou, mesmo tendo visto trabalho científico publicado, não possui esses detalhes.

Entrando em termos técnicos, o vírus chama-se corona porque ele tem uma coroa, uma coroa proteica e essa coroa proteica se liga com as células humanas de maneira muito mais eficiente do que as outras Síndromes Respiratórias Agudas Graves (SARS), do que as outras infecções de coronavírus. Por isso que esse coronavírus¹⁰ é tão agressivo, ele se liga de maneira muito eficiente – com especial tropismo ou afinidade – com as células do pulmão, é por isso que normalmente ela se torna uma doença mais grave. A Covid-19 alcança seu estado mais grave quando entra em contato com o pulmão. A vacina vai ser produzida quando se encontrarem os pontos destas proteínas que sejam específicos da Covid-19 e, ao mesmo tempo, genéricos para as suas diferentes cepas, para que possamos ter uma vacina universal.

Porém, isso envolve recursos – os quais não são um problema no momento, pois todos os países estão decididos a colocar dinheiro na produção de vacinas –, envolve tempo, envolve experimentação, envolve testes clínicos, por isso que, sendo otimista, ao final de 2021 poderemos pensar na vacina. Até esse momento, teremos que sobreviver, teremos que nos adaptar a situações de distanciamento social e fazer uma redefinição acerca da organização da sociedade, que já vem ocorrendo, como é o exemplo do *homeworking*, – gostamos de usar a palavra americana, o trabalho em casa podia funcionar, mas tem que usar *homeworking* –, o fato é que vamos ter que fazer uma nova organização da sociedade e vamos aprender a lidar com isso. No momento, nós temos que garantir a assistência médica e, nesse sentido, vários governos estaduais e a maioria dos prefeitos se anteciparam e montaram os hospitais de camp-

¹⁰

Ao falar “esse coronavírus”, o professor Celso Melo fala especificamente da Covid-19.

nha. Infelizmente, o Brasil, do ponto de vista do governo federal, só começou a tratar disso relativamente tarde, no momento em que o mercado já estava fechado e a crise já estava acontecendo. Sabia-se, desde janeiro, que iríamos ter uma onda, a Organização Mundial da Saúde (OMS) já havia notificado e o governo demorou muito tempo para tomar as medidas cabíveis. O próprio Ministério da Saúde esteve desautorizado das ações, logo, o país ficou, do ponto de vista da saúde, desgovernado.

Ainda é perceptível que as autoridades federais duvidam do papel do distanciamento social, da quarentena, e isso lança um sinal muito confuso para sociedade. No momento o objetivo é cuidar das pessoas, e isso pode ser feito de duas maneiras: a partir da saúde e da garantia de uma renda mínima, que é um direito do cidadão brasileiro, não é nenhuma benesse, nenhum favor, nenhuma esmola, é um direito da sociedade brasileira manter os seus cidadãos vivos e alimentados, e isso tem que ser cobrado. Aqueles que não fizerem isso, um dia serão cobrados perante um Tribunal Internacional por crimes de cunho penal e de genocídio contra a humanidade. Isso tem que ficar muito claro, temos a solidariedade com os cidadãos brasileiros agora, ou iremos cobrar responsabilidade das autoridades, que não foram capazes de fazer isso, e pior, que desrespeitaram os direitos do cidadão brasileiro.

Márcio Vilela: O senhor falou nos cortes na Saúde e na Educação. Nesse contexto, qual o papel do SUS?

Celso Pinto de Melo: Já estava ocorrendo um desmonte do SUS (Sistema Único de Saúde) desde o governo Temer, e esse sucateamento tornou-se a política oficial do ministro Mandetta enquanto candidato, enquanto deputado e, depois, era uma política contra o SUS, a partir do incentivo da medicina privada. No entanto, quando a crise causada pelo coronavírus começou, ele vestiu o colete do SUS e foi para frente de batalha. O SUS é, segundo as palavras de Drauzio Varella, a “joia” da sociedade brasileira. A Constituição de 1988 prevê o Sistema Unificado de Saúde, o SUS. Nenhum país de mais de 100 milhões de habitantes tem um sistema como o nosso – ainda bem que nós temos o SUS. O SUS vai ser a espinha dorsal dessa luta contra a Covid-19. A reconstrução do nosso sistema de saúde é fundamental, é preciso pensar que o Estado mínimo é inviável.

O papel do Estado sempre existe, e vamos precisar de mais ciência, de mais educação. A pergunta que volta é aquela pergunta eterna do Bra-

sil desde os anos 50: qual é o projeto nacional? Que país nós queremos ser? Nós queremos ser um país caudatário das grandes potências e viver na “ilha da fantasia”? Um país pensado para 30% da sua população ou vamos ser um país de 210 milhões de habitantes com direitos iguais, uma educação de qualidade, com saúde de qualidade? Para isso, é fundamental reestruturar e fortificar o SUS. É um absurdo que nós estejamos discutindo a luta contra a Covid-19 à luz da emenda do teto de gastos que torna o orçamento atual um orçamento de guerra. Nós estamos pagando o preço desse desmonte, e é fundamental que discutamos por que é que 50% da renda nacional, há décadas, é usado para pagar os juros da dívida dos banqueiros. Essa questão está sendo discutida pelos melhores economistas do mundo, é chegada a hora do 1% “meter a mão no bolso” e não será de forma voluntária; logo, é dever do Estado fazer a taxação das grandes fortunas e criar impostos diferenciados, visando à sobrevivência da população e à reorganização da sociedade. Por consequência, é fundamental a luta pelas condições necessárias para a reestruturação do SUS cada vez mais forte nessa reconstrução pós-Covid.

PERGUNTAS DO PÚBLICO:

2) Seria indicado o uso de tecnologias para controle social, como ocorreu na China? Quais as implicações disso?

Celso Pinto de Melo: Vou voltar ao exemplo da Coreia do Sul. A Coreia do Sul tem montado um esquema por conta da crise 2015, da síndrome respiratória do Oriente Médio, eles tinham montado um sistema e usaram. Temos a tecnologia para isso, é só poder usar. E vários governos estaduais, inclusive o governo de Pernambuco e a cidade do Recife, assim como também o governo de São Paulo e outros estão usando a tecnologia para fazer o mapeamento. E isso é feito com o celular, de maneira passiva, não precisa violar a privacidade e pode ser facilmente mapeado. Nós temos, aqui em Pernambuco, uma empresa que faz esse tipo de mapeamento. A fronteira do conhecimento mundial, que foi feito na Coreia foi feita de forma simples, podia usar o cartão de crédito, então, sabe-se que fulano, que está diagnosticado com a Covid-19, fez compras no supermercado do posto de gasolina, então as autoridades de saúde pública mapeavam e faziam os testes, o que é algo muito importante. O Brasil ainda não foi capaz de montar testes confiáveis, porque tem muita "picaretagem" ocorrendo, muitos testes que não são de confiança sendo aplicados para enganar os "trouxas", para enganar as pessoas. É claro que têm que ser sorológicos, mas testes rápidos e confiáveis foram feitos na Coreia, com a conjunção de tecnologia médica e da informática.

PERGUNTAS DO PÚBLICO:

3) As vacinas devem ser locais?

Celso Pinto de Melo: As vacinas, idealmente, devem ser universais, por isso que se diz que um vírus que tem diferentes cepas, porque a estrutura básica identificada deve ser comum, logo é necessário que tenhamos uma vacina universal, não existe uma vacina de pólio brasileiro ou nordestina ou do Rio Grande do Sul. É preciso encontrar uma vacina contra o Sars-CoV-2 – o vírus que causa a Covid-19 – que seja eficaz para todas as cepas; então, uma vez ela tendo sido produzida por um laboratório suíço, americano ou chinês, ela supostamente deve e vai ser aplicada em toda população do mundo, e isso leva tempo.

Vimos o que aconteceu com os respiradores comprados pelos governos estaduais brasileiros: passaram pelo território americano e foram confiscados. Imagina as primeiras 50 milhões de doses da vacina? Quais são os países que vão? Vai para a periferia de Guabiraba, aqui no Pernambuco, em Recife, ou vai para Nova York? Então, essa é uma outra questão que nós temos que pensar em discutir. Vamos ser otimistas: em menos de 18 meses, até um ano, nós temos a vacina, e ela não vai ser produzida em massa para 7 bilhões de habitantes, não há condições de fazer isso a curto prazo. Logo, os governos precisam montar, desde já, uma estrutura de fabricação; no Brasil, a Fiocruz e o Butantan seriam os candidatos naturais para que, uma vez que essa tecnologia seja desenvolvida, não importa onde, ela seja repassada em benefício da humanidade.

Então, a vacina é universal, mas a produção tem que ser local, localizada, e o Brasil tem plenas condições técnicas, desde que haja financiamento, para ser capaz de entrar nessa rede de produção de vacina e, lembrando, a solidariedade também. O Brasil tem condições que outros países da América Latina não teriam, então, não podemos pensar “vamos salvar os paulistas e não os gaúchos”, “vamos salvar os brasileiros e não os equatorianos”: nós vamos ter que ter a responsabilidade da nossa dimensão geopolítica e ser capazes de ser um país ativo também nessa configuração de mundo.

PERGUNTAS DO PÚBLICO:

4) Como usar matemática, estatística, física para levar informação de forma mais simples para a população?

Celso Pinto de Melo: Fundamental também os modelos matemáticos que, para minha tristeza, o atual ministro da saúde diz que não são confiáveis. Mas, se não são confiáveis, vamos acreditar em quê? Reza? É isso que nós vamos crer? Nenhum modelo matemático é confiável até que ele seja aperfeiçoado, mas faz parte do processo.

Esses modelos são usados para o planejamento. Como vamos entrar numa guerra sem ter informações sobre o inimigo? Estamos numa guerra, e todo país que entrou em guerra e foi bem-sucedido usou a ciência e o conhecimento. E estamos negando o conhecimento, com atitude anticientífica, desvalorizando a ciência. “Ah, o modelo matemático é falho”. Tudo é falho! É falho porque a ciência falha, a ciência é uma atividade humana e se autocorrige e vai identificando os erros e vai se consertando. Não podemos ter um modelo matemático perfeito até que os dados sejam processados e possamos melhorar. Contudo, não podemos negar a importância desses modelos, essas ferramentas matemáticas e estatísticas, e eu, como físico, fico muito satisfeito, pois vários colegas físicos e vários colegas matemáticos e estatísticos – que não eram da área – se dispuseram a colaborar em desenvolver modelos matemáticos, e um difere do outro.

Porém, o importante é que o Brasil não está próximo do *achato*, o distanciamento social é fundamental e os modelos matemáticos têm que ser acreditados como uma ferramenta de orientação, eles não são dogmas, eles têm que ser aperfeiçoados, corrigidos onde se mostrarem errados, mas faz parte do processo. Negar os modelos matemáticos é nos deixar sem nenhum roteiro da luta contra o inimigo, que é a Covid-19.

Márcio Vilela: Acerca do negacionismo e o anticientificismo que nós estamos vivendo neste momento no Brasil, sobre os quais alguns falam em crise da ciência, qual sua opinião?

Celso Pinto de Melo: Eu discordo fortemente! Não há crise da ciência, a ciência é uma atividade humana que é falível como qualquer atividade humana. Também não vamos deificar a ciência com uma coisa que seja soberana, mais importante do mundo. É uma atividade humana. Contudo, a ciência tem uma vantagem comparada com outras atividades humanas: ela se autocorrige. Na ciência, o erro é fundamental para se avançar. Quando focamos no erro e corrigimos, fazemos ciência. O que estamos vendo é o negacionismo, a negação da ciência; infelizmente, no

governo atual, temos o que já foi chamado pela imprensa de “ala lisérgica”.

Preparando o material para nossa conversa, encontrei “O Olavo de Carvalho diz que é contra a vacinação infantil”. Ele é supostamente visto como “o guru” que orienta o nosso ministro de relações exteriores e orienta várias pessoas, inclusive da família presidencial, e ele diz que vacinação é uma coisa errada, então como é que nós vamos lutar contra Covid-19? Eu fico me perguntando se essas pessoas do negacionismo, quando chegar a hora da vacina vão dizer: “não, não vou tomar vacina não, porque eu sou contra a vacina”, “não, se eu tiver a Covid-19 eu não quero respirador porque eu não acredito nisso, é uma gripezinha”. É claro que não vão dizer isso. Logo, o negacionismo, o anticientificismo, infelizmente é o terraplanismo cultural, ele permeou a nossa sociedade de uma maneira absurda e temos visto declarações, como a da ministra Damares, de que o erro foi ter deixado a ciência com os cientistas, a educação com os educadores. Como é que nós vamos lutar contra uma pandemia se nós negamos o papel da ciência?

Receio, fortemente, que vamos lutar contra a crise da Covid-19 de uma maneira tão equivocada quanto lutamos contra os incêndios da Amazônia, que foi dito que “era um motoqueiro que saía tocando, que não existia crise, que era o motoqueiro criminoso que saía tocando fogo na Amazônia”. O caso do “mistério do óleo nas praias nordestinas”. O nosso governo e a nossa marinha brasileira, após um ano, ainda não sabem dar a resposta de onde saiu o óleo ou como chegou, é um mistério! Existe a necessidade clara da sociedade brasileira exigir respostas, e as respostas têm que vir com ciência, não com negação. Se negarmos o papel da ciência e do conhecimento, teremos, na crise da Covid-19, o mesmo fracasso que tivemos no caso da Amazônia.

Tenho colegas que lutaram na linha de frente na questão ambiental durante o derramamento de óleo nas praias nordestinas. A marinha mandou os seus marinheiros – os seus soldados – para lutarem; quando chegaram nas praias, estavam com roupa de educação física, sapato, tênis, bermuda e camiseta, sem um EPI. As prefeituras tiveram que prover os EPI para o pessoal da marinha fazer a limpeza. Como é? Que país é esse? Como é que vamos lutar contra a Covid-19 sem usar o melhor do nosso conhecimento na base do voluntarismo, “eu vou e resolvo, e daí?” Só sairemos dessa situação se nos unirmos, se nos organizarmos, não é

hora de diferença política, é hora de nós nos organizarmos, nos solidarizarmos e lutarmos!

Temos uma crise, uma crise humanitária, uma crise sanitária que tem que ser lutada com o melhor do conhecimento, o melhor da ciência brasileira, e não ajuda em nada nós ficarmos discutindo coisas como escola sem partido, questão de gênero ou globalismo. Houve, desde o governo Temer, o desmonte da cadeia do conhecimento da Petrobras – que era grande financiadora da ciência e tecnologia nacional –, e várias pesquisas importantes foram interrompidas e, agora, o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) lançou um edital de bolsas de iniciação científica para alunos de graduação, os futuros cientistas, excluindo a área de ciências humanas, justificando que não era estratégica. Que país é esse que nós estamos querendo construir? Um país onde as pessoas não podem ter capacidade de reflexão, é isso? É esse país que você quer construir? Este país não vai sobreviver à crise da Covid-19 com a negação do conhecimento, com a negação da ciência. Temos que mudar de atitude, e isso nós só vamos conseguir se percebermos a importância do conhecimento, da educação e da cidadania: educação inclusiva, educação não é privilégio de uma casta! Saúde e educação têm que ser bens universais do cidadão brasileiro do século XXI; se não for, devemos repensar o modelo de sociedade em que nos encontramos.

Assim sendo, o único paralelo que eu posso colocar é quanto à Segunda Guerra Mundial: os Estados Unidos montaram o projeto Manhattan; a Inglaterra montou o melhor da ciência; a Alemanha nazista tinha vigilância sobre seus cientistas. É pouco sabido, mas quem coordenava a infame SS¹¹ tinha um programa paralelo de ciência mística e recebia tantos recursos quanto a ciência verdadeira, então, a Alemanha, em plena guerra, estava gastando dinheiro com ciência.

Encontramo-nos no Brasil de hoje, e há pessoas que deveriam ter responsabilidade pelos cargos que ocupam, mas disseminam um negacionismo científico. As pessoas negam a crise do meio ambiente e negam a

¹¹ Abreviação para Schutzstaffel, uma organização paramilitar do governo da Alemanha nazista.

existência de uma doença séria que mata gente – que não é uma gripezinha. Precisamos mudar essa atitude, senão o preço a pagar é um genocídio que está se anunciando, especialmente para a população menos favorecida. Essa doença não escolhe por classe social, contudo, é óbvio que pessoas mais pobres são as que mais se expõem, por questões de moradia e necessidade de sobrevivência, e assim por diante.

Portanto, essa é a hora de repensarmos e fazermos da ciência e da educação um eixo de reconstrução do Brasil, independentemente de questão política de partido A ou partido B. Se queremos um Brasil que sobreviva a essa crise, ele tem que ser o Brasil diferente, esse “Brasil diferente” tem que respeitar e apoiar a saúde, a educação e a ciência. Como o ministro Bandeira costumava dizer – e talvez por isso não tenha ficado no ministério – “aqui se respeita a ciência”, e devemos respeitar a ciência, não porque seja uma coisa “mágica”, mas porque é um instrumento fundamental para o desenvolvimento da sociedade.

Márcio Vilela: Então, é possível pensar um pós-Covid como um novo normal?

Celso Pinto de Melo: Acredito que sim, o novo normal que vamos ter é muito diferente. Existe um ditado da língua inglesa que diz “em certos momentos você tem que separar os homens dos meninos”¹², as mulheres adultas das meninas. Quando você tem uma crise, as pessoas têm que exercer o seu papel de liderança.

O Papa Francisco tem sido uma fonte inspiradora. Lançou, no mês passado, de março para abril, um plano para nos levantarmos novamente. É um plano em que ele propõe valores morais de solidariedade e de fraternidade e de reorganização do modelo econômico. O Papa Francisco é uma liderança inegável, não apenas sobre os católicos, mas é uma liderança espiritual e moral para o mundo. É importante que líderes sejam capazes de ver isso. Vimos o ministro, o primeiro-ministro da Inglaterra, Boris Johnson, experimentar a “estrada de Damasco”. Ele estava desmontando o “SUS britânico” quando apanhou a Covid-19, foi para UTI

¹² O professor faz uma referência ao ditado “It’s time like these that separate the men from the boys”, em tradução livre seria: “São tempos como esses que se separam os homens dos garotos”.

(Unidade de Terapia Intensiva) e saiu outra pessoa: saiu defendendo o “SUS”, defendendo os enfermeiros, principalmente os dois enfermeiros, um homem e uma mulher, que ficaram com ele na UTI cuidando da respiração dele para que ele sobrevivesse; uma era da Nova Zelândia e outro era português. E Boris Johnson saiu iluminado, modificado. Espero que não seja necessária uma internação em UTI para que o Donald Trump e outros líderes mundiais percebam a responsabilidade institucional dos seus cargos e proponham uma mudança de atitude.

O “novo normal” vai ter que vir com mudanças de alguns paradigmas. Anteriormente, falei da questão da natureza, sobre a qual não podemos ter mais essa atitude predatória, precisamos respeitar o que ela estabelece. Claro que podemos explorar, porém de maneira sábia e sustentável. Há 15 dias, saiu, no El País, o artigo “Como o coronavírus vai mudar nossas vidas: 10 tendências para o mundo pós-pandemia”, escrito pelo jornalista Cleiton Mello, que eu recomendo fortemente. O artigo trata, basicamente, sobre uma revisão de crenças e valores, ou seja, é preciso, agora, que as pessoas tenham uma solidariedade e trabalhem em equipe. O individualismo que tinha sido tão exacerbado tem que ser revisto, e os hábitos de consumo precisam mudar. Consumíamos de uma maneira abusiva e, agora, temos que começar a rever se é necessário, inclusive levando em conta a desigualdade social dentro do país e a desigualdade global, porque, se todos os 7 bilhões de habitantes tivessem o padrão de consumo dos habitantes de Manhattan, o mundo seria impossível de se sustentar. Portanto, temos uma profunda desigualdade global que se espelha localmente, e vamos ter que mudar isso nesse mundo pós-Covid.

Em contraste com o pressionamento do capitalismo selvagem que vinha sendo praticado, temos que ter uma economia mais solidária e uma reconfiguração do espaço de comércio. Para sobreviver, restaurantes e academias estão usando a *internet*: no caso dos restaurantes, é feito o *delivery*, visto que não são mais presenciais e não vão voltar a ser presenciais nem tão cedo. Não pense que essa crise vai acabar no “dia três de junho” ou no “dia quatorze de julho” e, então, o mundo volta a ser como era. Não volta. Teremos que ter distanciamento social, precavidos para uma segunda onda. Logo, teremos que repensar: quando as escolas reabrirem, como serão as escolas? Quando os restaurantes reabrirem, como serão os restaurantes? Tudo isso tem que ser repensado no mundo pós-Covid.

Como as experiências culturais, não podemos mais ter shows como o Rock in Rio com milhares de pessoas acotovelando umas às outras. Precisamos ter exemplos *on-line*, como museus *on-line*, o mundo vai ter que ser diferente. E, se é desigual, é desigual, porque o acesso à *internet* também é desigual, contudo, isso tem que ser pensado. Com o trabalho remoto, muitas pessoas descobriram que não precisavam pegar o avião para fazer uma reunião em Brasília, muitos descobriram que não precisavam pegar o carro, gastar gasolina e duas horas no trânsito para ir ao trabalho. Muitas coisas que se faziam no escritório podem ser feitas em casa; nem todos podem, obviamente: o motorista de ônibus tem que pegar o ônibus. Ademais, haverá reconfiguração no mercado de trabalho e na moradia.

O transporte público, que é o dia a dia dos nossos cidadãos pobres, é um crime que está sendo feito contra as pessoas que entram no metrô e no ônibus superlotados, que, às vezes, não dá para subir e, se entrar, às vezes não dá para descer no ponto. Isso tem que ser modificado, as pessoas vão procurar valorizar o transporte individual como a bicicleta, procurar morar perto do trabalho, porque o mundo vai mudar e tem que ser organizado. Em relação às compras, como preciso sobreviver, eu estou comprando pela *internet*, o que é uma descoberta, afinal, em muitas compras, não é preciso ir para o supermercado, eu pago uma taxa e o supermercado entrega. Esse é um hábito que, talvez, fique não apenas comigo, mas com várias pessoas.

Finalmente, a questão do conhecimento e da educação. As pessoas descobriram que, para sobreviver, elas têm que aprender coisas, nunca se usou o Google como nas últimas semanas, foi procurado com afeição aprender coisas, até por diversão, e assim por diante. E a educação e ensino a distância é algo que chegou e vai ter que ser valorizado, porque, como eu já havia dito, a Universidade Federal de Pernambuco vai voltar às atividades. Eu dou uma aula no curso de Física Moderna que tem cerca de 22 alunos que sentam lado a lado. Como que vamos colocar 22 alunos em uma sala de aula pequena se, por acaso, a recomendação médica for de distanciamento social de um metro e meio? Precisamos pensar nisso. Portanto, a volta à normalidade vai ser paulatina e vai ser um novo normal, não vai ser o mundo de antes.

PERGUNTAS DO PÚBLICO:

5) A ideia de Estado mínimo que vinha crescendo foi desestimulada?

Celso Pinto de Melo: Acho que o Estado mínimo era uma ilusão que foi vendida como “óleo de cobra” para enganar os “trouxas” (pessoas). O Estado mínimo significava, na verdade, o Estado para poucos, e a imensa maioria – os 90% – descobriu que estava fora desse modelo. Não estou falando do Brasil, falo do “Ocupar Wall Street”, os movimentos que surgiram da crise de 2008.

No Brasil, é ainda mais grave! Com a mudança da Constituição, a PEC (Proposta de Emenda à Constituição), em que a educação e saúde tinham fixados os gastos, porém deixando de fora o pagamento do serviço da dívida, o que é um absurdo, um crime que se comete contra esse país. Então, o Estado mínimo morreu mesmo nos Estados Unidos e na Inglaterra. Eu acredito que o Ronald Reagan e Margaret Thatcher deveriam estar se revirando nas suas tumbas. Ronald Reagan disse “Eu quero um Estado tão pequeno que eu possa afogar numa banheira”, a banheira na verdade é um oceano. Vamos precisar de muito Estado, não um Estado perdulário ou um Estado de corrupção. O Estado em benefício da população, da sociedade, o Estado necessário. Não Estado mínimo ou o Estado Leviatã e, sim, um Estado necessário que garanta saúde e educação para todos os cidadãos.

PERGUNTAS DO PÚBLICO:

6) Qual a sua perspectiva em relação às proporções de contágio e óbito no Brasil?

Celso Pinto de Melo: Com relação à subnotificação, tenho que me valer do que todos os indicativos dizem: como o Brasil não está testando, as evidências da subclassificação são imensas. Hoje vi uma estatística com relação aos óbitos por síndrome respiratória, que cresceu 5000%, e não são diagnosticadas como Covid-19, logo, não está entrando no nosso diagnóstico, porque a pessoa que tem Covid-19 é aquela que foi testada e que disse que era Covid-19, mas e aquele que morreu por síndrome respiratória e que não foi testado?

Tem-se o teste do PCR¹³, que é o mais preciso e mais caro, já que envolve pessoal e equipamentos qualificados, e tem-se o teste sorológico, que, a depender da qualidade, é confiável ou não. O Brasil não está fazendo a quantidade de testes necessários e, portanto, não corro o risco de “queimar minha língua” ao dizer que o número de casos pode ser multiplicado por um fator de 10. Estamos com um quadro muito mais grave do que está sendo anunciado. As pessoas estão morrendo afogadas no seco, com síndrome respiratória grave, e não foram diagnosticadas com a Covid-19, mas, para quem morreu e para sua família, a causa da perda é essa doença. Então, esse é um problema sério.

A primeira coisa que a ciência tem que respeitar é a verdade, não se pode esconder os fatos. Existe uma frase famosa: “todo mundo tem direito à sua opinião, mas nem todas são verdade”. Os fatos são os mesmos: as pessoas estão morrendo em números muito maiores do que foi reportado e qualificado. E é a partir disso que se tem que criar as propostas de solução, e se deveríamos ter feito isso em janeiro, fevereiro, ou março e não fizemos, vamos fazer a partir de maio. Hoje tive a notícia que, em uma reunião dos governadores, o novo ministro da Saúde não sabia como comprar respiradores e os governadores tiveram que ensinar quais eram os mecanismos de compras internacionais que os estados estavam praticando. A ser verdade o que ouvi da imprensa, é de arrepiar os cabelos – eu não posso arrepiar os cabelos porque não tenho muitos –, a informação sobre como isso está sendo lidado de uma maneira pouco profissional, pouco respeitosa, e a tragédia pode ser maior do que se anuncia.

Márcio Vilela: E a ciência brasileira como instrumento de defesa da sociedade, como o senhor vê, portanto, a ciência nesse momento?

Celso Pinto de Melo: Nos países que deram certo, a ciência é um instrumento de desenvolvimento da sociedade. Deve-se dizer que o Brasil tem uma políti-

¹³

O exame PCR atua detectando o material genético do vírus.

ca pública desde os anos 50, com a criação do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior), bastante notável e resiliente: ela sobreviveu à Ditadura Militar, à loucura do governo Collor, ao modelo neoliberal de Fernando Henrique e, depois, foi reorganizada no próprio governo FHC, que teve um papel importante. E a ciência brasileira é muito forte e está sendo desestimulada nos últimos anos com o corte brutal no financiamento e o desrespeito que está sendo feito às universidades e à pesquisa. Contudo, no meio dessa “balbúrdia”, temos competências e podemos nos mobilizar com o espírito aberto de colaborar e tentar encontrar o caminho para ajudar a sociedade, e o Brasil pode se valer disso não apenas pela questão da própria saúde ou do desenvolvimento de vacinas e testes de diagnóstico, mas, também, de modelos matemáticos, engenharia para fabricação de artefatos, e não podemos esquecer as ciências humanas e sociais para repensar o país, porque, se vamos pensar, nós temos que fazer, lutar.

Segundo Drauzio Varella e o ministro Mandetta, vamos pagar um preço enorme pelas décadas de desigualdade social. Quando começar a mortandade da nossa população, não será igual em cada estrato social, pagaremos o preço pela existência de favela, pela falta de educação, falta de condições da água. É fácil dizer “lave as mãos” se tivermos água corrente em casa. A Covid-19 não é eliminada apenas por secreções oronasais, mas por fezes. Se não tem esgoto ou água corrente, como é que a pessoa vai lavar a mão depois que vai ao banheiro? Como é que se lida com essa situação? Logo, a ciência – inclusive humana e social – precisa rever o modelo econômico deste país e a questão das desigualdades.

Felizmente, temos oportunidades: por exemplo, com a crise da Boeing, pela má gestão e mal planejamento, desistiu-se da compra da Embraer. A Embraer é uma joia da engenharia mundial: recentemente li um artigo que a Embraer foi comprada, não apenas pelos produtos que são maravilhosos, mas pela qualidade do seu corpo técnico de engenheiros. Se tivermos um governo com um projeto nacional, essa é a chance de recuperarmos a Embraer, como exemplo de tecnologia.

É pouco sabido – e me permitam fazer parênteses – que a Embraer tem uma joia rara que é o cargueiro KC-390 – que agora mudou de nome, chama C390 Millennium – é o avião que vai substituir Hércules c-130, que são aviões que foram projetados na Guerra da Coreia, nos anos 50. A Embraer é dona de um avião que já está voando (não é um protótipo), que é o cargueiro moderno do século XXI, e isso foi dado de mão beijada, a preço de banana para a Boeing. Felizmente, agora, a Boeing faliu e não pode comprar. Essa é a chance de nós reconstruirmos a engenharia nacional. A educação inclusiva é algo que po-

deria ser pensado, e vamos ter que pensar modelos de educação e ensino a distância, e a ciência brasileira pode contribuir.

A citação do documento do Papa Francisco exemplifica bem o que é a solidariedade. A frase é dos discípulos de Jesus: “ninguém se salva sozinho”. Se continuarmos a praticar o individualismo, pensando “se a farinha está pouca, o meu pirão vem primeiro”, entraremos no buraco todos juntos. Apenas vamos nos salvar, não no sentido etéreo, mas no sentido de nos salvarmos como sociedade, se tivermos solidariedade, empatia pelo sofrimento do outro e cuidarmos dos nossos semelhantes. Não podemos pensar em apenas cuidar de nós mesmos, da nossa família e dos nossos amigos. Temos que ter a generosidade de dar as mãos, no sentido figurado por conta da Covid-19, repensando dinâmicas para que a sociedade seja mais justa e mais igualitária, claro, em um país soberano.

E isso vai passar, a humanidade já passou por outras crises, e temos que repensar o que é o mundo pós-Covid. Também é preciso pensar que esse momento triste, pelo qual passa a sociedade brasileira antes da Covid-19, essa falta de empatia, essa sociopatia governamental, isso vai passar. Temos que repensar um Brasil com uma sociedade mais solidária, mais fraterna. Fiquei muito comovido com Arthur Virgílio – mesmo eu não tendo respeito pelo seu passado político –, prefeito de Manaus, que demonstrou a dimensão humana de um prefeito chorando ao vivo, pedindo que tivessem solidariedade, que as pessoas não podiam não estar sofrendo com o que está acontecendo em Manaus.

E é preciso que se tenha uma limpeza mental, que se faça uma higienização mental desse ódio, dessa falta de empatia, dessa raiva que a sociedade brasileira se acostumou. É preciso que sejamos solidários, fraternos e entendamos o sofrimento do outro. E espero que as autoridades governamentais comecem a ter respeito, porque é fundamental para o país que entra numa guerra ter uma liderança forte que saiba vencer. Não se pode vencer uma guerra supondo que o inimigo não existe. Por fim, espero fortemente que a sociedade brasileira seja mais forte e consiga se reunir e se reinventar no pós-Covid e depois dessa era triste que estamos atravessando em todos os sentidos.

Márcio Vilela: De fato, foi um ótimo momento. Agradeço ao professor Celso Pinto de Melo.

CAMINHOS DA EPIDEMIA: A HISTÓRIA DA PESTE NEGRA

Entrevistador:

Márcio Vilela

Entrevistada:

Professora Dr^a. Christine Dabat

Márcio Vilela: Essa é uma *live* da série “História, Educação e Saúde”, desenvolvida pela Cecine, a Coordenadoria do Ensino de Ciências do Nordeste, na qual estou como coordenador desde outubro do ano passado. Na sexta-feira passada, discutimos sobre a gripe espanhola com o Professor Doutor Helder Remígio. E, agora, no segundo episódio da série, vamos ter um debate sobre o que ficou conhecido como a Peste Negra.

Para a discussão, chamamos a professora doutora Christine Paulette Yves Rufino Dabat, do departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UFPE. Dentre as disciplinas que leciona, está História Medieval. Dos vários livros e artigos publicados, dois são pela editora da Universidade Federal de Pernambuco: o livro “Mulheres no Movimento Revolucionário Chinês” e “Moradores de Engenho: relações de trabalho e condições de vida dos trabalhadores rurais na zona canavieira de Pernambuco”, sendo o último título citado a sua tese, um trabalho de grande peso. Então, professora, por que o nome “Peste Negra”? De onde vem esse termo?

Christine Dabat: Boa noite e obrigada pelo convite e pela confiança, Márcio. Então, “Peste Negra”, segundo os especialistas do ramo, é uma invenção do século XIX, século XX, mais uma vez. Não é que não haja a utilização de expressões semelhantes com uma conotação negativa, como “dias negros”, antes desse período, mas o termo “Peste Negra” associado à condição das pessoas falecidas por conta da doença é uma invenção mais recente.

Muita coisa que diz respeito ao medievo, infelizmente, foi retocada, digamos assim, no século XIX. Então, o termo ficou, como “Guerra de 100 anos”, como “Major Cortez” e tantos outros, ou seja, é simplesmente uma invenção dos historiadores do século XIX. No sentido que normalmente se utiliza é um termo descritivo, é simplesmente “tempos sombrios”, como outros que, talvez, estejamos vivendo agora.

Márcio Vilela: Professora, quando pensamos em Peste Negra, vem à mente o século XIV, na Europa daquele período. A senhora pode comentar essa periodização da Peste Negra?

Christine Dabat: Os historiadores consideram três pandemias da peste bubônica, no caso, e eventualmente pulmonar também. A primeira é

chamada de “Peste Justiniana”, que foram as áreas afetadas na época de Justiniano, ou seja, no século VI. É mais localizado na Bacia Mediterrânea. Tem hipóteses de que tenha afetado outras partes do mundo, mas, com a descrição, – porque nos documentos tem muito relato de doença – não se pode ter certeza de que seja aquela, ou seja, a peste bubônica. No caso dessa, temos a descrição de Procópio de Cesareia, que escreveu muito a respeito do Império Bizantino, sendo ele mesmo da região, e a descrição que ele faz é muito precisa, então, não tem a menor dúvida que essa seja a primeira.

A primeira pandemia vai durar por até a metade do século VIII, aproximadamente, com surtos, idas e voltas, mas ficando naquelas regiões, de forma mais restrita.

As pandemias têm dimensão ambiental, e, no caso da peste bubônica, é totalmente explícito, por duas razões. Uma é que o frio que se instaura, então, tem uma queda de temperatura – nos tempos modernos, chama-se pequena era glacial. A diferença em número de temperatura é pequena, mas a consequência sobre a alimentação é gigantesca, ou seja, as pessoas vão sofrer de fome. Não tem ainda a batata que vai salvar a Europa, portanto, são populações ainda enfraquecidas. De fato, a batata peruana salvou a Europa. Então, se você tivesse uma quebra de safra, naquela época, você passava fome.

Como o Marc Bloch mostrou, o raio de transporte era de 30 km, ou seja, se não tivéssemos comida em Goiana e no Cabo, aqui em Recife, não comíamos, não tinha como transportar de uma distância maior – existem exceções, claro. Então, tem-se uma população enfraquecida e os fenômenos ambientais que acontecem com os animais.

Exemplo é o caso da marmota, que é um animal selvagem; os mongóis sabem que, quando a marmota está doente, tem alguma coisa errada no meio ambiente e a tradição e a sabedoria deles diz que, quando as marmotas caem, ficam doentes e morrem, eles devem ir embora, devem se mudar. Diante disso, tem-se o coleguinha dela, que é o rato, e a pulga, e esses animais são importantíssimos porque o gênero humano vai se contaminar a partir deles. Isso só vai ser descoberto no final do século XIX. Médicos do Instituto de Pasteur vão fazer a pesquisa para descobrir realmente como é que se procedeu; até então, não se soube como

ocorria a contaminação. Os caminhos dos comerciantes, mas, também, dos exércitos, ou seja, qualquer mobilização de pessoas e as roupas deles, enfim, faziam com que eventualmente a doença fosse transferida, ou seja, não se sabe ao certo (Mapa 01)¹⁴.

Mapa 01 - Silk Road



Fonte: Wikimedia.

Essa grande pandemia vai afetar a China antes da Europa porque o lugar onde surge é, provavelmente, perto do Mar Cáspio, talvez o Curdistão e a Mongólia. Logo, a peste vai para a China e para o Ocidente também e, então, ocorrem todos os desastres, que já foram descritos.

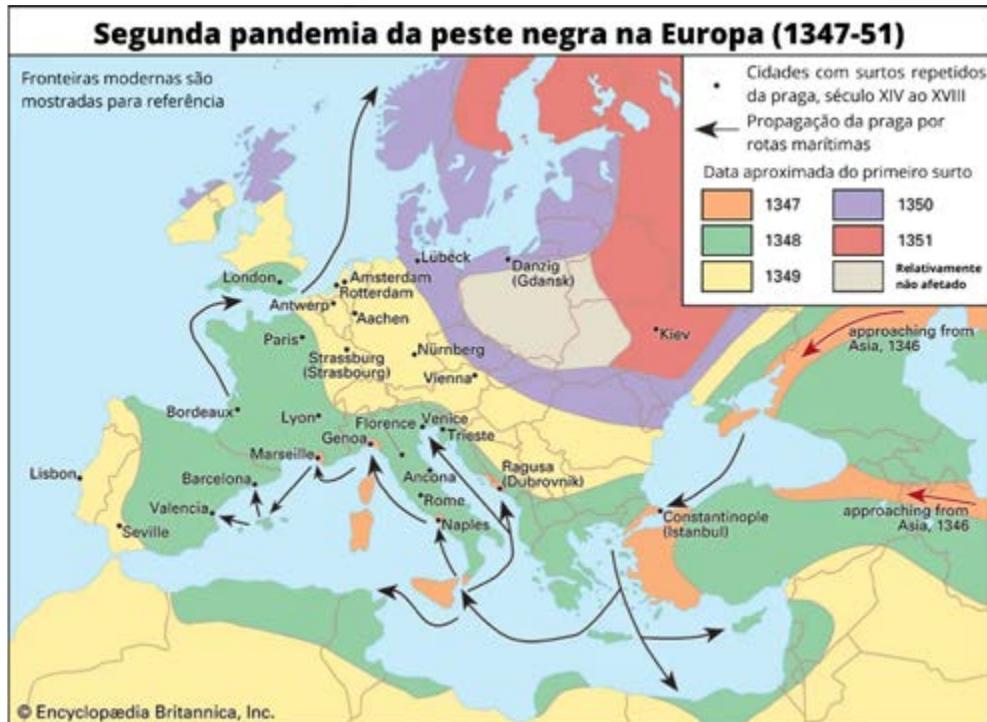
O cerco a Caffa¹⁴, uma cidade localizada na Crimeia, pela Horda de Ouro também foi um evento importante para entender a expansão da doença. Segundo a documentação ocidental, a doença estava presente na Horda de Ouro, tendo assim, utilizado seus mortos como armas biológicas contra Caffa.

¹⁴ BELSKY. Silk Road. 2012. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Silk_Road.svg. Acesso em: 25 abr. 2022.

¹⁵ Atualmente chamada de Teodósia.

Bom, as fontes deles não dizem isso, só as fontes ocidentais, mas o resultado é que os genoveses se contaminaram e contaminaram os barcos deles, o que acarreta na contaminação de Constantinopla, da Síria, do Egito e, em novembro de 1347, chega em Gênova e em Marseille (Mapa 02)¹⁶.

Mapa 02 - Segunda pandemia da peste negra na Europa (1347-51)



Fonte: ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA.

E, a partir desse momento, é muito rápido – para a época – e, sobretudo, afetando muitas regiões: vai chegar até Gutenberg, na Noruega, que é o ponto de partida da carreira da Groenlândia; então, os barcos vão da Noruega para Islândia e da Islândia para a Groenlândia, e o fim do estabelecimento Viking na Groenlândia é, provavelmente, devido a essa pandemia. Depois, vai contaminar a Rússia. O espaço da Boêmia é o que foi poupado, ninguém sabe o porquê.

São tempos terríveis! Quer dizer, a Europa vai perder, localmente, cerca de metade da população, inclusive, por exemplo, os mosteiros, comunidades de freiras, freis, constituídas de 300, 400 pessoas, são dizimados.

¹⁶ ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA, INC. Second pandemic of the black death in Europe (1347-51). Chicago: 2012.

Pode-se fazer um diagnóstico razoável, e a arqueologia atualmente está fazendo isso de forma sistemática. Assim que se cria uma nova rota de metrô em alguma grande cidade europeia, esbarra-se em túmulos, e os arqueólogos, hoje em dia, têm uma quantidade de ferramentas fantásticas e eles realmente conseguem encontrar – não só a prova que a parte documental geralmente confirma – o lugar de enterro, mas, também, exatamente o ramo da família da peste, dos bacilos que afetou essa população precisamente. Isso é importante por outra razão que ainda irei tratar.

Uma das consequências negativas é a procura de bode expiatório. Na Europa Ocidental, infelizmente, as comunidades judaicas que sobraram, que já não são muitas, particularmente em Maiana, eram perseguidas, mesmo contra as opiniões das autoridades. A Igreja proibia esse fenômeno. Tem grandes declarações do papa contra essa prática, por exemplo; mas, infelizmente, tem pessoas que não se livraram dessas atrocidades. É por isso que o trabalho dos arqueólogos é interessantíssimo.

Tem um desdobramento dessa história da Peste Negra a respeito da África que é interessante. Em representações em murais na Etiópia – sabe-se que eles praticam muito essa arte pictórica –, mostram São Sebastião, que é um dos santos – além da Virgem, claro – considerados de proteção contra a Peste Negra. Tem São Roque e São Sebastião que não são santos encontrados normalmente na Etiópia. A partir deste fenômeno historiadores e arqueólogos consideram que a pandemia ultrapassou o Saara afetando a África negra, o Egito, Tunísia e Cartago. Então, tem várias equipes que estão trabalhando nessa hipótese do quanto essa pandemia tem afetado a África subsaariana na mesma época, século XIV e XV. Isso, claro, tem muitas consequências para a interpretação de outros fenômenos históricos.

A segunda pandemia da peste se iniciou, aproximadamente, em 1340, ela se espalhou pela Europa, chegando até Moscou. O último surto da peste na Europa Ocidental teria ocorrido por volta de 1720, em Marseille. Por malícia, porque os barcos possuíam regras de quarentena desde a época medieval. Um comerciante, que também era o prefeito, pressionou o capitão do barco, que fingiu que estava tudo bem e, então, matou a metade da cidade, literalmente, por ter descumprido as regras.

Para mostrar como a memória ainda é viva, de certo modo, existe uma

avenida com nome do Belsunce, que era o bispo da cidade e uma figura fantástica. O bispo não fugiu, como a maioria das pessoas, ficou e assistiu os doentes, ficava na rua, dava extrema-unção, e ele tinha assessoria, ajuda de um jovem, o cavaleiro Roz. Em homenagem ao cavaleiro, no Estádio Vélodrome, em Marseille, tem uma tribuna que tem o nome desse rapaz e esse ano deveria ter celebrações do aniversário de 300 anos da última grande peste na Europa Ocidental, teve um episódio na Sicília.

O famoso traje que protegeria, teoricamente, possui um bico onde eles colocavam uma série de ervas, como o alho, tudo que pudesse proteger, porque eles tinham consciência que poderia ser respiratória. Não era, contudo eles tinham essa ideia. E eu me surpreendi, falando da *internet*, é impressionante a quantidade de oferta desse modelo para o Carnaval.

Depois, segundo os historiadores, é a terceira pandemia, que dura praticamente até hoje, porque estudando brevemente na *internet*, por exemplo, existem pessoas que morreram ano passado da Peste Negra lá na Ásia Central, turistas e pessoas locais, por causa dos animais, no caso da marmota, porque ela fica no chão, a doença fica no solo. A marmota vive o inverno dentro do buraco, no ninho dela, ela se contamina na terra e pode sair e contaminar humanos também. Atualmente, as contaminações não são, pelo que eu li, via pulgas; são via comida, a partir de alimentos feitos com carne de marmota, porque parece que é gostoso, inclusive em sushi.

Para concluir, a terceira pandemia começou no final do século XIX. É nesse contexto que surge o bacteriologista Alexandre Yersin, suíço, mas que se tornou francês e passou a maior parte da vida no Vietnã. Ele investigou o que era e como é que se transmitia essa doença. E estava havendo um surto na China de novo. Estamos, aproximadamente, em 1890, por volta de 94 e 95, e, então, ele vai fazer o que pode ser chamado de um contrabando; ou seja, ele vai para Hong Kong, que era domínio britânico, e manda construir uma palhoça. Alexandre Yersin vai, literalmente, pegar os falecidos pela peste para analisar os pedaços dos bolbões. Ele foi o primeiro que constatou a quantidade de ratos mortos. Então, ele foi pioneiro não só a isolar o bacilo, mas, também, a mostrar que esses bacilos estão presentes em humanos e em roedores. Contudo, ele não vai saber fazer a ligação entre os dois.

O Dr. Simond, também do Instituto Pasteur – é a mesma escola, são os

discípulos de Pasteur –, vai fazer a descoberta do link entre o rato e as pessoas, através da pulga, caçando pulgas em ratos mortos nas ruas de Mumbai e Karachi. Por conseguinte, ele vai fazer a demonstração, em laboratório, que são os mesmos bacilos que as pulgas, os ratos e as pessoas carregam. A partir disso, vão ser produzidos os primeiros remédios, por exemplo, um sêrum que ele aplica e salva vidas.

Mesmo assim, essa última pandemia ainda está acontecendo então na China e na Índia, particularmente na parte ocidental da Índia. Na Índia, são 10 milhões de mortos, enquanto na China são 2 milhões, aproximadamente. São números que não fazem sentido para a nossa mente. Perder metade da cidade de Marseille também; porém, acredito que é uma coisa complicada de imaginar, 10 milhões. Estamos falando, novamente, por volta de 1890, o último grande surto. Depois teremos outros, inclusive em Paris, em 1920, mas com menos abrangência.

Márcio Vilela: Quais as consequências, de fato, dessa pandemia para a Europa?

Christine Dabat: Tem toda uma linha de pensamento em relação à Reforma, mas prefiro deixar para os historiadores de História Moderna. Algo que eu sei é que a educação superior das mulheres era nos mosteiros. Heloísa de Abelardo, em um pequeno mosteiro, conseguiu aprender não só latim – porque era a língua da academia, ou seja, intelectual –, mas, também, grego antigo e hebraico antigo. Nesse pequeno mosteiro, tinha pessoas, professoras, mulheres capazes de ensinar isso a Heloísa: sem isso, ela não poderia aprender. E, depois da Peste Negra, os mosteiros não tiveram mais esse perfil de ensino superior para as mulheres. Como a universidade, que foi criada na época medieval, conforme disse Georges Duby, uma escola sombra da catedral, ou seja, depende do clero secular, e as mulheres, por definição, são proibidas.

Então, as mulheres perderam muito nesse sentido, não tinha mais instituição capaz de providenciar um ensino superior que elas dispunham antes, igual aos mosteiros masculinos, não havia diferença de nível. Todavia, houve catástrofe em todos os mosteiros, e o que a universidade concedeu aos homens, ficou devendo para as mulheres. Isso criou um percurso histórico muito longo, se pensarmos que foi na minha geração que as mulheres conseguiram entrar em todos os aspectos da academia. Na geração da minha mãe e da minha avó, havia setores que não

eram permitidos, podia literatura, podia um pouco de medicina, às vezes, mas não outros cursos. Inclusive, eu me lembro de ter uma época em que começamos a levantar “as primeiras”. A primeira, a segunda ou a terceira mulher economista aqui, em Pernambuco, e muitas outras, como engenheiras, e são pessoas que ainda estão vivas.

Márcio Vilela: Gostaria de saber se tem uma bibliografia sobre o assunto, ou se tem uma história ambiental sobre doenças causadas pelas relações entre homem e outros animais. Enfim, nesse momento final, e já agradecendo a sua participação, queria que a senhora pudesse disponibilizar, ou falar de documentários, filmes e livros para esses profissionais, os professores, para todos nós nos informarmos ainda mais.

Christine Dabat: Tem muita coisa na *internet*, muitos vídeos que tratam dessas questões, que são bem interessantes, são muito dinâmicos. Em termos de livros, tem-se os clássicos que vão variar de acordo com o período, claro. Para a época medieval, você tem os livros de Jacques Le Goff, por exemplo, sobre as doenças, sobre o corpo, que são importantíssimos. Ele é mesmo muito preciso. Também, o livro “História da Civilização”, de Will Durant, que trata muito bem desse assunto. Sobre a questão ambiental, que os especialistas afirmam que existe essa dimensão, é outro tipo de literatura. O porquê surgem as doenças, muitas vezes, ninguém sabe, pode ser ambiental, em muitos casos. Em muitos casos, ainda há de ser demonstrado e, por isso, acredito que não pode ser desprezado. A literatura ambiental é abundante, inclusive, muito traduzida para o português, o que é muito bom.

Para concluir, o que se perdeu nessa pandemia foram também conquistas que a época medieval, muitas vezes mal falada, tinha conseguido. Por exemplo, em termos de higiene, as pessoas da época medieval, inclusive do meio urbano, que é mais complicado, tinham uma certa higiene. Não, Não, claro, tanto quanto os brasileiros de hoje em dia, que são campeões absolutos em higiene corporal. As pessoas costumavam tomar banho, compravam água quente ou iam para os banhos na cidade em que moravam. No verão, iam para o rio ou mar, assim como no inverno também. E a partir da Peste Negra, considerou-se isso perigoso, na medida em que não se sabia da transmissão. A moderna, até o século XX, praticamente, é terrível! Um período de sujeira absoluta! Não estou falando da questão econômica – obviamente, quanto mais dinheiro você tem, mais facilidades –, mas, até na Corte, era horrível a higiene. Isso também resulta em

consequências para a saúde. Ou seja, os tempos modernos nem sempre representam realmente um avanço em relação às práticas medievais.

Essas pandemias ensinaram que todas as medidas de precaução que estão sendo tomadas agora, já o foram na época medieval. A proteção à pessoa da saúde garantia que as pessoas que circulam não tenham perigo de contágio etc. Tudo isso já existia na época e, de fato, suas falhas é que deram errado, como foi visto em Marseille. Para concluir, é que depois é a celebração da vida. Ao término da pandemia, as populações geralmente – tem muitos moralistas que criticaram – caíram realmente na brincadeira, muitos casamentos, muitos nascimentos, muita alegria de viver. Então, eu acho que isso é também um horizonte positivo.

Márcio Vilela: Queria, antes de encerrar, agradecer mais uma vez à professora Christine Dabat. Professora, deixo esse último momento para as suas considerações finais, fique à vontade.

Christine Dabat: Sobretudo, eu diria que, se a história tiver alguma coisa para ensinar, é a ter esperança. Esperança, pensar que momentos difíceis vão passar, e que tem que se resguardar, basicamente isso. Ou seja, as instruções para se cuidar, para lavar as mãos, para os idosos – feito eu – ficarem em casa, tudo isso tem sentido. Relendo as coisas sobre a minha cidade, eu fiquei triste de ver que a metade da população foi morta porque as pessoas não respeitaram regras que já existiam. E, depois, será festa. Então, vamos ser felizes depois da pandemia.

Márcio Vilela: Professora, mais uma vez, muito obrigado.

Christine Dabat: Obrigada a vocês! Boa saúde a todo mundo, sobretudo. E boa Páscoa.

PERGUNTAS DO PÚBLICO¹⁷:

1) Qual, exatamente, o ponto de partida da doença?

¹⁷ Seção dedicada às perguntas realizadas pela audiência para a professora Christine Dabat durante a *live*. Cada pergunta sinalizada (pergunta 01, 02 e 03) foi feita por um telespectador diferente.

Christine Dabat: Todos concordam que existiu algum fenômeno que ninguém sabe ao certo o que é, mas que deve ser de ordem ambiental. Contudo, não se sabe exatamente o que seria esse fenômeno ambiental, se seria seca ou se era umidade, ou mesmo uma queda de temperatura. Algo faz com que as marmotas fiquem doentes e, então, a doença começa a se espalhar. Aparece uma caravana com alguns ratos nos tapetes com as pulgas infectadas e, conseqüentemente, começa a transmissão. Ou mesmo um exército. Estamos no final do Império da grande Pax Mongólica, ou seja, é um exército passando e algumas pulgas da marmota vão para os ratos que, por sua vez, acompanham o exército.

O porquê, exatamente, e onde começou ninguém sabe, porém sabe-se que a doença está no solo, foram feitos até experimentos. Gerstein foi um dos que trabalhou nisso, porque autoridades queriam reaproveitar o terreno onde as pessoas tinham sido enterradas e foi constatado que a bactéria da peste ainda estava lá. Como, exatamente, não sou capaz de dizer, inclusive, tem nomes bem específicos – termos técnicos – para esse fenômeno do bacilo permanecer na terra. Encontrei esses termos em dois livros que me trouxeram essas informações bem precisas. Um dos livros é de uma professora de medicina, e o outro é da arqueóloga e medievalista Frédérique Audoin-Rouzeau, que é também conhecida como escritora de romance policial, o qual gosto muito, pelo pseudônimo Fred Vargas. No livro de Audoin-Rouzeau, tem todos os detalhes dos nomes técnicos.

PERGUNTAS DO PÚBLICO:

2) Qual a população foi mais atingida naquele momento, a urbana ou rural?

Christine Dabat: Sobre a questão da população urbana-rural, isso é uma excelente pergunta. Aliás, todos os questionamentos são excelentes, é claro. A população urbana tem dois fenômenos: um é que as pessoas estão juntas, logo, as pulgas passam de uma pessoa para outra com maior facilidade; segundo é a quantidade maior de informações. Por exemplo: na pandemia do final do século XIV, a região de Milão é considerada, por certos mapas, certos autores, como protegida, como a Boêmia. A Boêmia é ponto pacífico, todos concordam, assim como Andorra, pela região dos Pireneus, que é um vale em cima da montanha, e faz sentido que tenha sido poupado, porque não é a rota comercial. Mas, no caso de Milão, é muito extraordinário. Depois, teve muitas guerras e invasões. A documentação não é suficiente para dizer nem que sim e nem que não, porém duvido muito que a cidade de Milão, que é uma rota comercial muito importante de Norte a Sul e Leste a Oeste, não tenha sido afetada. As opiniões são variadas. Logo, no que tange à população urbana, com certeza, e tem-se uma numerosa documentação para certificar.

A população rural provavelmente podia fugir para a parte de cima das montanhas, contudo, quando uma pandemia dura vários anos, há surtos. Então, uma aldeia pode ser poupada durante certo tempo e, em 10 anos, não vai mais sê-lo. Dando um exemplo que achei bem interessante sobre uma cidade pequena chamada Oberammergau, na Bavária: em 1633, a cidade se fechou porque tinha peste no vale, e ela é mais localizada na montanha. Então, um rapaz, que tinha trabalhado como boia-fria, quis visitar a família e entrou escondido na aldeia que tinha se fechado para se proteger. Nesse sentido, o rapaz não só contaminou a família toda, como morreram 84 pessoas. A população que se salvou, o resto da aldeia, resolveu celebrar a Paixão de Cristo a cada dez anos, e os dez anos caíam agora, em 2020. Na *internet*, afirma-se que, por causa da pandemia atual, a nossa, eles estão adiando para outubro, ainda a confirmar. Então, vai ter uma Paixão de Cristo em Oberammergau em outubro de 2020 para comemorar e agradecer a proteção divina para quem sobreviveu. Eles mantiveram essa tradição ao fio dos séculos, apesar de tudo, das guerras, das invasões, e tudo mais. Quando tinha muita guerra e não dava para celebrar, eles faziam depois durante três anos seguidos para completar. E a cidade continua uma aldeia, não é lugar grande, mas, mesmo assim, cada um tem seu papel, é uma coisa muito linda.

PERGUNTAS DO PÚBLICO:

2) Qual a população foi mais atingida naquele momento, a urbana ou rural?

Christine Dabat: Quanto à vestimenta, não sei explicar efetivamente o porquê de eles usarem esta roupa grande, se isso era tão diferente. Porque eram os médicos, teoricamente, que usavam essa roupa grande e esse bico para se proteger, para poder atender, como é feito hoje. Acredito ser uma questão de proteção, de sobrevivência, porque, claro, são pessoas que estão expostas ao contágio. Realmente, não sei se tem a ver com as pessoas dos mosteiros, o que li é que eram os médicos. Agora, o fim dos mosteiros teve outro impacto, o fim não, eles continuaram, reformaram, porém, teve mosteiros em que, de fato, não sobrou ninguém para contar a história. É claro que, frente ao que se considera um castigo divino, pelo menos para o Cristianismo e para o Islã, a solução vai ser mais celebrações, peregrinações, procissões etc. Isso é comum nas duas religiões.

CELEBRIDADES, REDES SOCIAIS E ISOLAMENTO

Entrevistador:

Márcio Vilela

Entrevistada:

Professora Dr^a. Fabiana Moraes

Márcio Vilela: Estamos começando mais uma *live* da série que estamos chamando de “História, Educação e Saúde”, da Cecine. Gostaria de começar agradecendo imensamente a todos que fazem a Cecine e o apoio dado que tem sido fundamental. Agradeço imensamente à Proexc e ao seu pró-reitor, Oussama, pelo imenso suporte. Também sou grato à Reitoria, que tem trabalhado imensamente para que a Cecine continue fazendo suas atividades.

Hoje, estamos com uma convidada incrível, a professora do núcleo de Design e Comunicação do Campus do Agreste, Fabiana Moraes da Silva. A professora é doutora em sociologia e jornalista e possui vários livros publicados: “Nabuco em pretos e brancos”, da Massangana; “Os sertões”, pela CEPE; além de vários artigos e outras publicações. Quando a professora aceitou nosso convite, ficamos muito felizes por trazer essa discussão de quem são as celebridades, redes sociais e isolamento social. Professora, muito boa noite.

Fabiana Moraes: Boa noite, professor Márcio! Quero agradecer o convite e a oportunidade para falar sobre esse tema que é tão desrespeitado academicamente e, ao mesmo tempo, tão necessário para falarmos do mundo contemporâneo. Então, estou agradecida porque é um espaço muito precioso para discutir esse assunto, seja no âmbito da academia ou para além dela. O YouTube também é uma rede social que permite que falemos para mais pessoas para além do âmbito acadêmico. Agradeço ao convite, professor.

Márcio Vilela: Estamos vivendo um momento em que é muito comum acompanhar, nas redes sociais, postagens de celebridades e fazer relação desse momento com isolamento. A pergunta que é feita é: o que a pandemia explicita em relação a uma cultura de celebridades?

Fabiana Moraes: A marca dessa cultura e economia de celebridades é uma relação que sempre foi tensa e ambígua. Tem um pesquisador que escreve sobre celebridades desde os anos 70, que é o Richard Dyer, um teórico que analisa cinema e questões raciais e de gênero. Ele é meu precursor no estudo das celebridades, ele diz que a relação público e estrela é a intensificação e a explicitação de problemas sociais que são pertinentes a todos, não só a pessoas que estão necessariamente relacionadas a um ou outro célebre.

O que a Covid-19 vai fazer é, de certa maneira, deixar mais clara essa ambiguidade, deixar ainda mais evidente a relação tensa que há entre espectadores e essas pessoas que estão presentes no púlpito de grande visibilidade midiática. E, quando falo de celebridade, não estou falando de Madonna ou Britney Spears apenas, mas, sim, de Trump, Obama, Bolsonaro, Lula, Dilma, ou seja, o campo político, e isso é bem importante.

O campo político também está relacionado a uma cultura de celebridades, porque ele absorve todas as técnicas da produção de um carisma, porque, sem a produção desse carisma, o político, hoje, morre. É preciso produzir carisma tecnicamente, midiaticamente, para que o político seja interessante para o público. Se ele se circunscrever a um ambiente institucional, ele não funciona. Então, o campo político absorveu bastante, também, a cultura, a ideia e as técnicas das celebridades

Logo, o que a Covid-19 vai fazer nesse campo expandido – que são as celebridades – é explicitar as desigualdades. Porque, no primeiro momento, quando você tinha uma produção mais verticalizada das celebridades, ou seja, o cinema, a televisão produzindo pessoas famosas, tinha-se um outro ambiente que era mais controlável por parte das celebridades. Isso muda a partir do momento em que as celebridades dependem mais de redes sociais e que precisam diminuir, de certa maneira, tecnicamente as distâncias entre as pessoas fazendo *lives*, mostrando o seu cotidiano, sua cama desarrumada, o café da manhã, porque isso também é preciso para manter esse carisma entre fã e célebre. É uma intimidade falsa mediada por uma tela, mas é maior, pois as redes sociais estão mais presentes, as pessoas estão acompanhando mais de perto o cotidiano dessas celebridades.

Antes da Covid-19, não existia essa relação tão ambígua, estava ali mais ou menos, contudo não tão tensionada. Um dia, a celebridade diz “essa sou eu, maravilhosa”, mas, no outro, diz “eu sou normal”, ela pode entrar e sair quando quiser dessa normalidade. Quando a Covid-19 vem, é essa riqueza, essa visibilidade exacerbada que as celebridades têm passa a soar como afronta. Ser rico, ser célebre e não se inteirar de fato com as questões do mundo, que está sendo dizimado, o, populações que vão sendo colocadas na mira – justamente as populações mais pobres, mais idosas. Essa felicidade e bem viver se tornam uma afronta.

Então, a Covid-19 rearticula tanto a cultura da ostentação quanto a cul-

tura do parecer “normal”. Não funciona mais discursos como: “eu sou normal”, “estamos todos juntos, vamos juntos nessa”, “estamos de mãos dadas”, “estou com vocês” e “fica em casa, fiquem seguros”. Quando você olha para outro lado da tela e vê uma imensa piscina, um imenso iate e eu estou numa casa com dois cômodos, te adoro e te sigo, porém você não está me dizendo nada.

Márcio Vilela: É interessante que a senhora fala que essas celebridades precisam desse carisma, de uma intimidade técnica. Esse carisma fica comprometido com a Covid-19?

Fabiana Moraes: Ele sofre alguns abalos, sim. Isso para celebridade, a pessoa que não consegue articular e entender esse momento para além dessa mediação anterior que ela tinha com seus fãs e espectadores. Quando falo pessoa, é sempre bom termos em mente que uma celebridade não é só uma pessoa, ela também é uma empresa: a celebridade é uma espécie do capitalismo encarnado, ela é um produto. Se você pensar em uma dessas pessoas mais famosas do mundo, por exemplo, a Madonna, o quanto Madonna enquanto empresa gira? Quantas pessoas empregadas? Os contratos, enfim, o que essa pessoa representa para além do seu impacto simbólico-cultural, mas também o impacto econômico.

Estamos vendo no Brasil essas *lives* que os sertanejos têm feito e que geram milhões de espectadores e milhões de reais, não estamos falando apenas de pessoas. Se levarmos a cultura de celebridade ao limite, ela é uma das grandes economias dos Estados Unidos. Quais as grandes economias dos EUA? A economia de guerra e a hollywoodiana. Ou seja, é preciso desromantizar por um lado e, por outro, parar de achar que é uma bobagem, coisa de fofoca e de quem não tem o que fazer. Quem entende celebridades nesses níveis não compreendeu ainda o impacto cultural das celebridades na sociedade.

Então, esse carisma é um termo weberiano. Max Weber vai estudar a questão do carisma e vai pensar muito nele como uma das formas de poder social, poder sobre a sociedade. O carisma funcional através de eleições não é o tradicional que se dá através do patriarcado. Isso se dá pelo carisma simbólico: quando você admira e quer ser igual, quando você respeita e atribui uma qualidade mágica que se reverbera dessa maneira mística.

Depois de um tempo, percebe-se que esse carisma pode ser facilmente fabricado tecnicamente com o aparelho midiático. Temos um exemplo que foi muito inteligente e soube fabricar ou potencializar um carisma que já existia, que é o Obama, uma figura que fez isso muito bem. O Obama construiu uma imagem de uma pessoa próxima, que se deixava fotografar com uma criança no salão oval, correndo na Casa Branca com outras pessoas, brincando com cachorro, para se manter interessante. Se ele ficasse só no salão oval assinando documentos importantíssimos e não construísse essa outra persona afetuosa, engraçada e mais humana, ele não seria esse “Obama” que estamos aqui conversando a respeito. Portanto, o carisma é midiaticamente construído e, a partir dele, se tem mais poder.

Márcio Vilela: Fabiana, você tocou há pouco nessa questão da desigualdade. Que desigualdades são expostas nesse contexto.

Fabiana Moraes: No contexto da pandemia, tem duas desigualdades que esse backlash¹⁸ que tem acontecido com as celebridades por conta de declarações como a de Adriane Galisteu, que mostrou as mãos com umas bolhas dizendo “vamos faxinar a casa, meu povo”, e isso é algo muito interessante de se observar, a começar pelo fato de que estamos em um país que tem seis milhões de empregadas domésticas que estão na mira do coronavírus.

Esse tipo de postura nas redes sociais por parte de algumas celebridades, como Roberto Justus que, primeiramente, disse que era uma bobagem a Covid-19 e, depois de uma semana, estava postando fotos no Instagram, dizendo “tô em casa, tô aqui trabalhando”, em uma casa de campo super confortável, e foi muito interessante acompanhar as pessoas escrevendo no Instagram dele coisas como “quer dizer que você pode ficar aí confinado, mas seus empregados estão trabalhando? Porque você disse que eles deviam trabalhar”. Percebe-se ressignificações de uma luta de classe antiquíssima que está presente numa rede social nos comentários de uma fotografia do Roberto Justus.

¹⁸ Termo inglês que pode ser como “ricochete” no sentido de uma resposta popular para uma polêmica.

Precisamos prestar atenção como é que acontece, como as pessoas se relacionam com essas imagens de felicidade. A discussão a respeito da Covid-19 foi explicitada nessa postura meio “sem noção”. Acredito que expôs principalmente duas desigualdades. A desigualdade mais óbvia, que é a de renda e que vai estar relacionada ao acesso à saúde e aos equipamentos de saúde, com a própria casa e o próprio estar em casa... como ficar em casa? Se a pessoa pode ou não ficar em casa? Em que casa você fica? Quantos cômodos? A *internet* se mostrou, mais do que nunca, em um momento como esse, mundialmente necessária e um item básico para se ter em casa. A outra desigualdade é a de visibilidade, que se entrelaça com a anterior.

A desigualdade de renda é interessante de se pensar, porque, muitas vezes, o ser rico é quase como algo natural que as celebridades possuem. Não associamos as celebridades e a pobreza em uma mesma figura. O ser célebre e ser rico estão intrinsecamente associados, e, muitas vezes, essa riqueza é vista quase como um dom natural, não algo que é totalmente construído. A riqueza não é um dom, mas, para muitas pessoas, é como uma capacidade mágica. Pode-se pensar, inclusive, na questão weberiana do carisma.

Atrelado a isso, tem-se a visibilidade que, para muitas pessoas, assim como a riqueza, também é um bem natural e não construído. O que é importante de se perguntar em relação a essa questão é: quem está sendo visto para pensar em quem é que não está sendo visto. Então, a cultura de celebridade entronizou certos tipos de pessoas e de estilos de vida em detrimento de outros que não aparecem e nem são importantes. Logo, são lançados à invisibilidade, e isso leva as pessoas a lugares de extrema vulnerabilidade.

Gosto de estudar as celebridades pelo sociológico, porque, quando temos alguém sendo visto, temos sempre que nos perguntar quem não está sendo visto; por exemplo, quando tem-se um momento de Copa do Mundo e tem uma figura como Neymar sendo o tempo inteiro observada, discutida e analisada – o joelho, o cotovelo... essa hipervisibilidade significa o esvaziamento total da visibilidade de uma população imensa.

Outra questão da visibilidade é que tem muita relação com um certo tipo de pessoa, de cor, de acesso e de bens. Quando falo celebridade, de certa maneira, na minha cabeça, já é formatado um certo tipo de pessoa e,

no Brasil, isso é um pouco diferente dos Estados Unidos. Nos EUA, tem-se mais celebridades – hiper celebridades – negras, principalmente na música e no entretenimento de maneira geral; por exemplo, Oprah Winfrey, Drake, Kanye West e Beyoncé. No Brasil, o campo da celebridade passa fortemente por uma questão racial, assim como de um determinado tipo de corpo; o corpo gordo, por exemplo, dificilmente chega a um patamar midiático de visibilidade maior. A discussão da visibilidade deixa claro como esses acessos se dão de maneiras muito diferentes para diversas pessoas.

Quando escrevi a tese, fiz uma série de entrevistas em salões de beleza da periferia do Alto do Mandu, Alto José Bonifácio – onde meu pai mora e onde morei muito tempo –, Vasco da Gama e Arruda... fui para salões de beleza populares. E, embora o Arruda seja um bairro popular, o salão era um pouco mais classe média e atingia dois públicos. Nesses salões, analisei como é que as mulheres, tanto as que eram clientes quanto as que trabalhavam como manicures, cabeleireiras, cisgênero e trans, se relacionavam com a felicidade específica de uma revista de celebridades. Escolhi a Caras para fazer a análise. A revista Caras é focada nas celebridades e era uma das mais vendidas no país. Na época em que fiz a tese – defendi em 2011 –, a Caras era a segunda revista mais vendida do Brasil; e me lembro bem que, muitas vezes, nas entrevistas com as manicures de um dos salões, as pessoas não entendiam que eu era pesquisadora por estar falando sobre a Caras, achavam que eu trabalhava na revista ou que era repórter.

Um dia, estava fazendo uma entrevista – acredito que era a terceira entrevista, eu fazia entrevistas de longa duração – e chegou outra pessoa que trabalhava no salão e questionou “o que é que você tá fazendo, Telma?”, e ela respondeu “eu tô dando uma entrevista”, e a outra perguntou “tá dando entrevista por quê?”, ela disse “essa moça aqui faz entrevista sobre a revista Caras, ela está me entrevistando”. A pessoa entendeu que eu trabalhava para a revista e ela estava sendo entrevistada pela revista. Para entendermos como quem aparece tem um determinado modelo específico: eu estava entrevistando uma mulher pobre e negra, e a pessoa olhou para ela e falou “mas, você tá dando entrevista para Caras? Você, uma merdinha dessa, dando entrevista para a Caras?”. Nunca esqueci essa expressão! Eu conto essa história na tese em algum momento, porque, para mim, foi um exemplo de como aquela mulher, que estava me dando entrevista, para a outra, não era um corpo e

uma pessoa que podia aparecer na Caras, não enquadrava. A questão da desigualdade e da visibilidade tem a ver com isso. A visibilidade tem relação com acessos, com raça, e gênero. A Covid-19 está explicitando essas desigualdades dentro do campo das celebridades, tanto de renda quanto de visibilidade.

Márcio Vilela: Fabiana, então podemos falar que existe uma relação entre o conceito de cidadania, o conceito de celebridade e a cultura de celebridade?

Fabiana Moraes: Tem, principalmente em países nos quais a desigualdade é tão elevada como no Brasil. E esse processo de desigualdade, infelizmente, vem se intensificando nos últimos anos; depois de termos começado a caminhar para uma diminuição desse cenário, temos um grande retrocesso. Nesse sentido, Messeder Pereira, pesquisador da UFRJ que também estuda a cultura midiática e discute sobre celebridades e felicidade, diz que, em um país de extrema desigualdade como o Brasil, ser visto também é uma espécie de concurso. Quando você é visto, de certa maneira, conquista uma espécie de cidadania. Você está sendo observado, então, se não é possível institucionalmente, civilmente, digamos assim, ser alguém, então, eu tento ter uma visibilidade que se dá por outros meios; no caso, hoje, citamos o meio da tecnologia de plataformas específicas como o YouTube, Instagram, Facebook... a grande ironia é que são monopólios.

Essa relação com a cidadania vai se dar dessa forma. Então, para muitas pessoas, a partir do momento em que elas alcançam uma importância, não vai ser uma "bobagem", se ela se torna conhecida em determinados nichos, ela ganha poder e pode se capitalizar para com essa visibilidade. Temos um fenômeno muito relacionado a isso que é o fenômeno das blogueiras, por exemplo, de pessoas que começam a se articular e começam a ser pagas, o que gera uma renda, de fato.

Durante muito tempo no Brasil, um meio para muitas famílias superarem a pobreza era, por exemplo, fazer o filho se tornar uma estrela do futebol, isso é uma realidade. Você vai nas escolinhas de futebol do Sport, do Santa Cruz e percebe que estão cheias de pessoas que sonham em ser Neymar, e isso tem a ver também com tentativas de escapar da pobreza, de alcançar uma vida melhor. E eu não consigo compreender como as pessoas, às vezes, só conseguem articular a questão da celebridade pelo

lado moral e não conseguem entender também que é possível mudar de vida sendo famoso. Estamos falando de populações que têm acesso a escolas defasadas, a um transporte público terrível, muitas vezes, acesso a bens alimentares de baixa qualidade. Então, para muitos, superar tudo isso vai se dar através dessa forma, mesmo que ela seja pequena.

Márcio Vilela: Professora Fabiana, falando sobre a desigualdade e do conceito de cidadania, dessa cultura de celebridade, isso não foge da dimensão política, como se dá essa relação entre política e os famosos?

Fabiana Moraes: Comentei agora há pouco de Obama, que sempre cito, porém, hoje não conseguimos entender o campo político desassociado desse ambiente das celebridades. O político, hoje, ele é uma celebridade. O Richard Sennett¹⁹, que fala sobre a vida privada e o declínio do homem público, vai fazer uma análise dessa questão do campo político na relação com a celebridade quando analisa a ideia de Max Weber.

Segundo Sennett, a ideia de carisma mágico de Weber mudou. Por estarmos numa sociedade secularizada, na qual a religião vai para um campo fora das instituições, tecnicamente – no Brasil, sabemos que isso não acontece, temos o tempo todo onde não devíamos ter –, ele vai entender que, na verdade, os novos santos, digamos assim, os novos deuses deixam de ser as figuras que estavam nessa sociedade que era religiosa, pré-secularizada, e vamos ter novos deuses, que são pessoas como Elvis Presley e John Lennon; substituímos e partimos para adorar outras figuras.

Existe um trabalho – que eu acho sensacional – de um artista chamado Nelson Leirner, que faleceu há pouco tempo, e se chama “Adoração”. É uma síntese disso que o Sennett fala, a obra é uma cabine fechada com uma cortina de veludo e, quando você abre a cortina, tem uma catraca e uma imagem de Roberto Carlos em *neon*. A ideia é que as pessoas se ajoelhem nesse genuflexório para rezar para Roberto Carlos. Ele estava fazendo a brincadeira com essa cultura de celebridade, essa adoração por Roberto Carlos, o “rei”; no Brasil, rei. Enfim, essa coisa do rei e brin-

¹⁹

Richard Sennett é um sociólogo e historiador norte-americano.

cando um pouco com isso.

Márcio Vilela: Professora Fabiana, é possível apontar elementos positivos vindo dessa elite midiática em relação a esse mundo um tanto doentio?

Fabiana Moraes: As celebridades são espécies de estandartes culturais, são faróis também, tanto para questões positivas como negativas. Através das celebridades, conseguimos compreender como é que determinados assuntos estão acontecendo no tecido do âmbito social. Se pensarmos, por exemplo, essa questão da política na Covid-19 e vermos lideranças como Boris Johnson, *premier* inglês, que inclusive teve Covid-19, e ficou conhecido internacionalmente como uma figura que começou na Inglaterra dizendo que não ia seguir o isolamento e ia tentar fazer uma estratégia para que todo mundo se contaminasse para que as pessoas tivessem anticorpos, depois, o Boris Johnson mudou de ideia, teve o coronavírus, e essa experiência fez com que ele mudasse o seu discurso.

O presidente é uma celebridade. Por exemplo, Jair Bolsonaro é uma celebridade que, inclusive, ocupa a presidência também porque ele sabe aparecer midiaticamente, se utilizando de redes sociais e todas as estratégias comuns das celebridades que também são comuns ao campo da política. Tem muitos estudos já associando o fato dessa pessoa célebre conhecida nacionalmente em não aderir ao isolamento, como Boris Johnson no começo queria, ao fato das pessoas estarem nas ruas. Se pensarmos em outras celebridades políticas de outros países que dizem “vamos ficar em casa” e as pessoas seguem essa recomendação, então, sim, as celebridades podem ser negativas ou positivas.

Nesse sentido, as celebridades são estandartes culturais, e as pessoas seguem o que elas falam. As pessoas podem se utilizar dessa figura como espécie de espelho negativo ou de espelho reverso: eu não vou fazer o que você faz, também é uma possibilidade. Essa também é uma leitura que vai ser possível, porque o público, as audiências não são passivas, elas elaboram as suas maneiras e formas de como vão reagir e se relacionar com essas celebridades.

Se pegarmos algum entretenimento, saindo da política, temos pessoas que fazem uma *live* e têm milhões assistindo e falam a respeito de doações. É importante que elas doem e deixem claro esse processo de

doações, isso é algo que tenho visto, celebridades pedindo doações a pessoas físicas. Também é gerado muito dinheiro com essas *lives*, com patrocínio, contudo, essa é uma questão que o público está cobrando dessas pessoas hiper famosas. É possível tecer uma relação benéfica e positiva com a sociedade, principalmente quando a sociedade está prestando mais atenção a essas formas com as quais as celebridades lidam com as audiências e as questões sociais.

Márcio Vilela: Agradeço muito à professora Fabiana pela disponibilidade e peço para que faça as suas considerações finais.

Fabiana Moraes: O assunto de que trato é importantíssimo para pensar a cultura contemporânea, pensar o Brasil. Precisamos observar essa questão da celebridade sem uma postura moralista, como se fosse uma bobagem, e entender que, na verdade, quando vivemos em uma sociedade capitalista, achamos que a celebridade é uma bobagem. É um contrassenso, porque as celebridades são esses estandartes do próprio acúmulo de visibilidade e de renda que, ao mesmo tempo, tem a ver com tentativas de muitas pessoas de se tornarem cidadãos e de serem vistas, observadas.

O desejo humano de reconhecimento é algo intrínseco. Não queremos ser reconhecidos como ninguém, não ser amado: todos querem ser reconhecidos e amados. Em um ambiente altamente midiaticizado, no qual a imagem é um modo de vida, acharmos uma bobagem as pessoas que querem aparecer nesse ambiente é desconsiderar que vivemos nessa sociedade a qual o tempo todo está sendo mediada por uma tela.

Márcio Vilela: Professora, no final, sempre pedimos uma indicação de leitura, de artigo sobre o tema.

Fabiana Moraes: Claro, vou fazer meu *merchant*, vou ser a “blogueirinha”, vou dizer para ler a minha tese que está no repositório da Universidade²⁰, intitulada de “É tu nada, estrela”, justamente essa expressão que é utilizada para dizer para a outra pessoa: “abaixa a bola, que você não é

²⁰

No repositório da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

ninguém”. Também tem um livro que é maravilhoso, chamado “A noite da madrinha”. Esse livro é do sociólogo da USP, Sérgio Miceli, e ele fez uma análise de recepção também de como comunidades nordestinas, morando em São Paulo, assistiam a Hebe Camargo. Esse livro foi feito nos anos 70, no período da ditadura, e é um livro muito importante porque é inaugural no Brasil, no âmbito de observar a questão da indústria cultural e das celebridades para além de uma “bobagem” – como é pregado, principalmente pela academia. É um livro muito relevante, a minha tese também é, lógico.

Márcio Vilela: Professora, agradecemos imensamente pela sua contribuição e participação nessa *live*.

Fabiana Moraes: Muito obrigada, estou à disposição.

PERGUNTAS DO PÚBLICO:

1) Professora, um exemplo de pessoas que ganham poder espontaneamente são as pessoas dos *reality shows*?

Fabiana Moraes: Exatamente. Acredito que os Big Brothers são, de maneira geral, excelentes exemplos, inclusive dessas tentativas de muitas pessoas superarem uma vida. Muitas vezes, as pessoas tentam porque querem ser muito conhecidas, sonham em ser reconhecidas na rua. Isso também está nesse bojo, para muitos. Paralelo a isso, está “eu quero mudar a vida da minha família”, “eu quero mudar a vida de outras pessoas” e “a fama vai me trazer vários rendimentos”, enfim, isso é bem forte.

Tem uma celebridade que, tenho certeza, é pouco respeitada por várias pessoas e, no ambiente acadêmico, imagino que também seja, que é a MC Loma. Ela é uma pessoa interessantíssima para pensarmos nessas questões e dificuldades sociais, por exemplo. Há pouco tempo, fiz um artigo falando sobre a conquista da fama por pessoas pobres e estava vendo o Instagram da Loma, que tem uma relação muito interessante com esse meio, pois ela fatura essa vida perfeita que as celebridades gostam de mostrar, contudo, ela mostra muito um churrasquinho em cima da casa, tomando Brahma no latão e isso também tem a ver com como você era antes, porque, muitas vezes, quando você alcança a fama, as pessoas colocam o dedo no seu rosto e dizem que você não é mais como você era, e você perde aquele carisma inicial; então, para a manutenção desse carisma é necessário, muitas vezes, que você mantenha certos hábitos anteriores. Isso é muito cobrado principalmente de pessoas que saíram da pobreza e alcançaram a fama. É muito interessante observar que Loma, por exemplo, quando ela alcança uma determinada renda a partir da sua fama, uma das primeiras coisas que ela faz é comprar um celular para a mãe dela – acredito que foi no dia das mães, inclusive; a mãe ganhando o celular e chorando, ela chorando e dizendo que vai dar uma casa para a mãe dela, tudo isso também faz parte do tecnicismo para causar uma comoção, mas é muito interessante observarmos como é que a fama muda a vida dessa família e como é que isso vai impactar para além da família dela, ou seja, as pessoas ao redor também, uma comunidade, inclusive.

PERGUNTAS DO PÚBLICO:

2) Como você definiria, do ponto de vista cultural, os seguidores dessas celebridades?

Fabiana Moraes: Essa é uma questão interessantíssima, excelente pergunta. Os primeiros estudos sobre celebridades – a Escola de Frankfurt, Walter Benjamin, David Lowenthal e Francesco Alberoni, que é um italiano e dizia que celebridades eram uma elite sem poder –, viam as celebridades como figuras falsas e perigosas, produtos do capitalismo. Isso não é uma mentira, mas não é o bastante, principalmente quando pensamos que Ronald Reagan era um ator hollywoodiano e virou presidente dos Estados Unidos, por exemplo; o próprio Trump, que era um apresentador de reality show e um empresário também. Posteriormente, outros estudos começaram a observar as audiências e o público, porque não é uma relação apenas vertical, mas, sim, uma relação cheia de ambiguidades, de amor e ódio, inclusive tensa, na qual é preciso observar como é que esse público interage, ressignifica e reorganiza o que essas celebridades oferecem. Por exemplo, estamos falando de como é que as pessoas estão reagindo a essas mensagens de celebridades que estão em suas casas confortáveis dizendo “fica em casa, estamos todos juntos” e a reação das pessoas a esse discurso é muito forte.

No final de semana passado, a Gabriela Pugliesi fez uma festa que causou uma enorme comoção por parte do público; ela perdeu uma média de 3 milhões de reais em patrocínios porque o público reagiu a essa festa de forma negativa. Então, não dá para pensar celebridades sem público, porque, sem público, não existe celebridade; sem público, esse carisma não é nada. O carisma só existe a partir dessa relação do público com a celebridade, eu preciso me maravilhar com alguém para que esse carisma exista. As celebridades precisam de público.

PERGUNTAS DO PÚBLICO:

3) Professora Fabiana, as pessoas comuns se espelham nas celebridades buscando serem iguais ou como uma fuga de sua difícil realidade?

Fabiana Moraes: O escapismo sempre está relacionado ao consumo midiático, consumimos mídia também para nos entretermos. Dentro do campo da Comunicação, essa relação é a teoria dos usos e das gratificações, isto é, as pessoas se utilizam também da comunicação, do campo midiático e do entretenimento, especificamente, para as folgas. Por exemplo, quando procuramos um filme, uma série como Harry Potter, estamos desejando de fato tomar essa pílula do entretenimento e ir para uma outra realidade, e as celebridades proporcionam isso também. Também consumimos uma celebridade porque nos espelhamos nela, como se ela pudesse ser um “eu” melhor ou algo que me inspira, que pode me fazer melhor, e isso é uma relação muito interessante. Lembro que uma vez vi uma pessoa que adorava uma super celebridade, a Lady Gaga, e essa pessoa a viu de perto, falou com ela. Nunca esqueci a reação dessa pessoa, chorou, e o que ela disse à Lady Gaga: “eu comecei a escutar você, suas músicas, quando eu tinha acabado de falar para os meus pais que eu era gay. O meu pai me expulsou de casa e eu cheguei a pensar em cometer suicídio, o que me manteve muito forte durante um certo período foi escutar você. Escutar você era algo muito importante para mim.” A relação – principalmente de grupos mais vulneráveis, muitas vezes mulheres e adolescentes – com celebridades é uma relação que ultrapassa o mero gostar. Dito isto, percebe-se que o fã tem uma relação com essas figuras midiáticas que reconstitui e reorganiza sua subjetividade. Vê-se, também, que o tempo muda essas relações com essas celebridades. Em certo momento, existiam os álbuns de figurinha. Tenho 45 anos e, quando eu era adolescente, todas as meninas eram loucas pelo Menudo, eu tive álbum de figurinha do Menudo e do RPM²¹. E estou falando de uma relação que era, de certa maneira, mais ingênua, digamos assim, com essas figuras; eu não passei por uma situação como a dessa pessoa que falou para Lady Gaga que tinha sido expulso de casa por ser gay. Temos, então, diversas relações que as pessoas estabelecem com as celebridades.

²¹

RPM é a sigla para “Revoluções por minuto”, uma banda de rock brasileiro dos anos 80.

PERGUNTAS DO PÚBLICO:

4) Poderíamos considerar o movimento #LulaLivre como um exemplo pós-secular em que o político é celebridade e adoração?

Fabiana Moraes: O movimento específico #LulaLivre tem mais relação especificamente com o período que Lula estava preso em Curitiba, então, o movimento tem relação com esse momento, obviamente. O Lula é uma das grandes celebridades brasileiras, sem dúvida nenhuma, assim como Obama também é. Alguém que sabe construir carisma e manter o carisma, e isso ultrapassa a relação institucional para alcançar o público através de uma relação que parece ser menos técnica. Ele era o rei da fuga dos protocolos nos discursos, falando frases como “deixa esse discurso para lá” e “eu quero falar aqui da minha cabeça”, o que é bem interessante. Isso tem muita relação com a ideia de autenticidade, que é um capital necessário e fundamental para a manutenção do carisma. Sem autenticidade, as pessoas não se aproximam tanto e você é menos crível, digamos assim.

Todos os anos eu ministro um curso na Universidade que é “Mídia, poder e celebridade”, e é feita a leitura de celebridades no aspecto sociológico. E a pergunta que eu sempre faço a todas as turmas no primeiro dia de aula é: que celebridades vocês gostam e por quê? E uma das coisas que mais aparece é porque ela é autêntica, então, essa ideia de autenticidade é fortíssima, é um capital necessário, sim, é algo a se investir. A questão da autenticidade é muito forte em Lula e em Obama, ao contrário de Dilma, por exemplo. Uma das culpas maiores de Dilma, em relação à opinião pública – e escutamos isso o tempo inteiro de jornalistas, de pesquisadores –, era a sua falta de carisma, como se isso fosse um defeito horrível. Então, você pode andar corretamente e ser político, porém, se você não tiver esse carisma, você não sobrevive. Tem toda uma outra questão com Dilma também – talvez depois de Getúlio Vargas, no campo político, e agora com o Bolsonaro – que é pensar a construção da celebridade na política e por outros caminhos, como o caminho da rede social – que é um caminho inaugural.

PERGUNTAS DO PÚBLICO:

5) O que caracteriza a quebra das celebridades em tempos de pandemia?

Fabiana Moraes: O que vem caracterizando é justamente a falta de empatia com o redor, uma falta real de conexão com o lá fora. Um dos casos – que eu escrevi no artigo para a revista Zoom, em que fiz essa análise da Covid-19 com as celebridades – é o David Geffen, que é um bilionário e o dono da Dreamworks e da Geffen Records, enfim, um super rico. Ele postou uma imagem dizendo “fiquem seguros, estamos aqui em isolamento”, contudo, o lugar em que ele está é um iate que custa 600 milhões de reais. É aquilo que já falei, soa como uma afronta. Em outro momento poderia ser jocoso, ser engraçado, mas, agora, isso é uma afronta.

Não é só o iate de 600 milhões ou a fortuna do Jeff Bezos, dono da Amazon: essa questão das celebridades é muito importante para que perguntemos até quando essa acumulação pornográfica de capital vai ser considerada normal. É uma acumulação pornográfica, 1% da população mundial com o dobro do dinheiro de 99% da população. Semana passada cheguei a ver um estudo que dizia que se os bilionários e trilionários do mundo renunciassem parte de suas fortunas, acabaríamos com a malária no mundo e essas pessoas continuariam bilionárias.

O que as celebridades estão explicitando, na verdade, é uma desigualdade social, de renda e de visibilidade que não compete só às celebridades, na verdade. As celebridades estão sendo cobradas porque são mais visíveis, mas a questão da acumulação de capital é mundial e ultrapassa os célebres. As pessoas mais ricas, na verdade, não gostam de serem vistas, preferem não chamar atenção.

A Covid-19 está trazendo à tona questionamentos como até quando vamos naturalizar uma sociedade com esse enorme acúmulo de dinheiro, mas enorme desigualdade de renda, quando temos uma população lançada a um subemprego enorme? Só a Avon demitiu 11 mil pessoas, e o Ifood, nesses últimos meses, teve mais de 200 mil pessoas se inscrevendo para trabalhar. Vamos ficar naturalizando essas relações até quando? As pessoas se viram, são muito fortes, conseguem dar um jeito, mas a que preço? A preço da doença, da morte, do sofrimento. Enquanto muitas pessoas estão sofrendo, existem outras que, mesmo se doarem dois bilhões da fortuna, vão continuar sendo bilionárias. Essa é uma questão inescapável que teremos que discutir: sobre acúmulo pornográfico de fortunas, a naturalização do sofrimento na pobreza e da invisibilidade. Quando falamos de celebridade, estamos falando de pobreza, de riqueza, de vida e morte. Esse momento atual vai ser muito precioso para um repensar das sociedades no momento pós-pandemia.

CRISE DO CAPITALISMO NO SÉCULO XXI E SEUS IMPACTOS NA NATUREZA

Entrevistador:

Márcio Vilela

Entrevistado:

Professor Dr. Marcos
Costa Lima (*in memoriam*)

Márcio Vilela: Estamos começando mais uma *live* da série intitulada: “História, Educação e Saúde”. Esse é um programa da Cecine, um órgão de extensão da Universidade Federal de Pernambuco. Portanto, começo agradecendo todo esforço envolvido para a produção, o desenvolvimento dessa atividade, ou seja, aos bolsistas envolvidos: Felipe, Gustavo e Lucas; temos a coordenadora do Bureau Design, Nara, assim como o nosso pró-reitor Oussama, que tem dado uma contribuição imensa à Cecine para o desenvolvimento das suas atividades; temos o apoio imenso do reitor e professor Alfredo Gomes, que não tem medido esforços para que a Cecine potencialize seus trabalhos e alcance um público cada vez maior. Então, faço uma série de agradecimentos a essas pessoas, à pró-reitoria e à própria reitoria da Universidade. As atividades da Cecine estão principalmente voltadas a um compromisso da Universidade em levar conhecimento e discussões para os professores da rede básica de ensino, mas também para a sociedade em geral.

O professor é Marcos Costa Lima, que é o nosso convidado de hoje, e dispensa grandes apresentações. É uma pessoa referenciada no meio acadêmico nacional e internacional. Ademais, Marcos Costa Lima também está à frente da Coordenadoria de Estudos da Ásia (CEÁSIA) da Universidade Federal de Pernambuco, um instituto importantíssimo, ou seja, o professor vem, portanto, desenvolvendo estudos pensando no mundo asiático, e vamos tratar um pouco sobre essa temática. Portanto, para nós da Cecine, é uma grande honra tê-lo aqui conosco. Professor, boa noite.

Marcos Costa Lima: Boa noite, Márcio Vilela.

Márcio Vilela: Professor, o senhor poderia fazer uma rápida apresentação do que iremos tratar um pouco: “Crise do capitalismo no século XXI e seus impactos na natureza”?

Marcos Costa Lima: Gostaria de começar agradecendo o convite generoso de vocês: você, Arthur e todos da Cecine. Acho que essa ação da Cecine de cuidar também do ensino secundário é muito importante. O Brasil – e as universidades – possui uma dívida grande de não ter planejado e criado um mecanismo de pensar educação desde a escola primária; isto é, a universidade poderia ter cursos sempre para recapacitar e requalificar esses professores da rede pública, então, a Cecine tem essa

atribuição que é fundamental. E dizer que tenho estado muito bem impressionado com a nova reitoria, com o que eles estão fazendo, ainda mais nesse momento de grande dificuldade para o país e para o mundo.

Então, fazendo um resumo do que poderíamos tratar hoje: essa crise do capitalismo, a qual temos vivido, não começou agora, ela já tem um tempo. O capitalismo sempre viveu crises muito profundas, antes mesmo da crise de 1930, com a Primeira Guerra Mundial, e a disputa por hegemonia, na Segunda Guerra Mundial, em que morreram milhões de pessoas, além do capitalismo no pós-Segunda Guerra, anunciando milagres de desenvolvimento que nunca conseguiu cumprir. Desta forma, criou-se um conjunto de instituições que chamamos de Instituições de Bretton Woods, mas que isso não tem andado a contento já faz tempo. Pessoalmente, sou muito crítico da forma como o capitalismo vem se comportando nessa trajetória. Trabalho estudando isso já há algum tempo, sobretudo os séculos XIX e XX, assim como esse século (XXI). Em determinados momentos, já vivemos pestes, vírus grandes, mas acredito que essa (crise) se reveste de um conjunto de outros fatores, sendo uma crise econômica muito forte que não vem só de 2008, da *subprime*, mas ela antecede a crise da NASDAQ (National Association of Securities Dealers Automated Quotations), e isso se soma a um grande aumento de desemprego em escala internacional, e, agora – já há um bom tempo também, porém mais recente a essa crise ambiental.

Então, esse conjunto de fatores precisam ser muito estudados, assim como a comunidade e as sociedades mundiais. Temos lido muito sobre isso, lido autores muito importantes que têm discutido essas questões. São vários epistemólogos, como Latour e outros, que têm discutido essa questão. Estamos, no momento, numa encruzilhada, e não conseguimos ainda olhar o que vem pela frente. O que está aparecendo, nesse momento, é mais salvar a economia do que salvar vidas. Esse é também um contrassenso importante, quer dizer, o capitalismo está muito ancorado na questão financeira, na questão das bolsas de valores, e a indústria está associada a isso. Então, são muitos problemas e espero que possamos esclarecer alguns deles.

Márcio Vilela: Estamos passando por uma crise no neoliberalismo, no capitalismo, juntamente com uma crise ambiental?

Marcos Costa Lima: Nós estamos imersos numa crise de grande profun-

didade e de uma capilaridade que vem com o avanço da globalização, e os Estados nacionais acabam se articulando com muita intensidade, o que já começa pelos anos 1970, quando os grandes países e as grandes corporações internacionais começam a sair de seus países de origem e ir buscar as vantagens nos países periféricos, ou mesmo não periféricos. Podemos olhar o Brasil, o México, quase toda a América Latina, mas a Ásia também, que recebe esses capitais internacionais e muitas vezes os investimentos internacionais.

Os investimentos internacionais são melhores do que apenas a chegada dos capitais, porque, quando esses capitais vêm sob a forma de investimento externo direto, eles criam ou compram fábricas, contratam a mão de obra local, uma série de fatores de produção locais, e isso vai estimular a economia. Ao mesmo tempo que isso acontece, essas corporações multinacionais acabam por se tornar o motor do sistema. E, junto com os financistas, os rentistas têm uma articulação muito forte. Poderíamos, por exemplo, mencionar a China, que recebeu durante alguns anos e ainda recebe – paralisou agora por conta da Covid-19 – mais investimentos japoneses e coreanos. Por exemplo, a Samsung está consolidada no território chinês. As fábricas de automóveis estão na China e nos Estados Unidos e estes tinham uma relação privilegiada com a China, porque os chineses vendiam mais barato e se transformaram na maior indústria do mundo. Assim, era impensável uma ruptura entre as economias chinesas e as americanas, contudo, isso aconteceu. Então, existe essa questão econômica da centralidade dos capitais e das corporações internacionais que apostam nas bolsas de valores e que alguns economistas da regulação, como o próprio Michel Aglietta²² e o François Chenet²³, falam de um capitalismo pela dominância financeira – que o Aglietta chama de dominação acionarial –, ou seja, são os donos das ações que decidem sobre a economia ou sobre a vitalidade das fábricas. Se as fábricas não estão dando o retorno esperado, eles retiram os capitais e vão jogar em outra empresa. As ações é que estão seguindo boa parte do capitalismo.

Associado a isso, tivemos, também, uma revolução tecnológica que é muito falada, mas apenas para o bem. Não se avalia também os lados

²²

Michel Aglietta é um economista marxista francês.

²³

François Chenet é um filósofo francês.

predatórios dessas tecnologias. Ser entrevistado pela *internet* é uma maravilha, mas devemos pensar, por exemplo, em certas indústrias farmacêuticas que só vendem medicamentos caríssimos e para quem pode pagar, como para o câncer e para outras doenças, assim como nas máquinas caríssimas que fazem o mapeamento das pessoas; devemos pensar que uma pessoa humilde não chega à frente do Hospital Português ou do Sírio-Libanês se estiver doente, ela não entra se não for sócio, digamos assim, se não tiver um cartão que o autorize a entrar e receber o tratamento. Inclusive, a medicina, nesse sentido, – vou usar uma palavra dura – está muito prostituída. Contudo, não quero dizer que são todos os médicos! Estamos vendo enfermeiras e médicos fazendo um trabalho admirável tratando de pessoas que chegam na rede pública, no SUS, por exemplo. Seria interessante que pudéssemos aprofundar essas contradições do capitalismo.

A crise ambiental está muito associada à crise do capitalismo. O inglês tem um termo para isso, *greed*, a ganância, achando que a natureza pode tudo e que é um reservatório, que eles “vão lá” e tiram, tiram minério, tiram água, derrubam as florestas para a implantar a soja ou a pecuária. O Brasil já é o primeiro exportador de carne bovina para o mundo todo e, digamos, mais de 40% das exportações de carne, hoje, do Brasil, vêm da área da Amazônia. Então, na medida que essas predações dos ecossistemas acontecem, vão sendo gerados, também, efeitos nocivos: coronavírus e os outros. Os outros SARS (Síndrome Respiratória Aguda Grave) que aconteceram têm muito a ver com isso, devastação de floresta. Esses vírus que estão em certos animais aparecem e acabam contaminando pessoas. E como temos o mundo que, hoje mesmo, como diria Marshall McLuhan, é uma aldeia global, isso se espalha numa velocidade muito grande.

Márcio Vilela: A partir das discussões levantadas pelo senhor, me recordo que em 2008 passamos por um surto do H1N1, que é a famosa gripe espanhola de 1918. Tivemos esse surto em 2008, quase um século depois, que afetou também o Brasil. Na época, os Estados Unidos tomaram uma espécie de liderança no combate, criando vacinas etc. Mas, o que podemos observar, hoje, tanto na questão econômica quanto no combate mesmo do coronavírus, é uma falta de liderança por parte dos Estados Unidos, não temos hoje esse protagonismo. Nesse sentido, podemos falar que os Estados Unidos perderam a hegemonia, enquanto você tem uma ascensão chinesa, tanto na questão econômica quanto mesmo nas

questões de saúde? O que o senhor poderia falar para nós a respeito dessas questões?

Marcos Costa Lima: Márcio, a minha área de trabalho mais específica é política econômica internacional. Então, é mais para o lado da ciência política internacional na *Geoclick* etc. Temos estudado, o próprio instituto da Ásia – que eu coordeno – vem fazendo, publicando livros sobre isso. A questão, hoje, é que existe um confronto muito sério entre o que era a hegemonia estabelecida pelos Estados Unidos, que vem depois do pós-guerra e sobretudo de Bretton Woods, quando os Estados Unidos dizem, contra o mundo, que a moeda que vai circular é o dólar. O próprio Keynes²⁴ propõe uma outra moeda que fazia parte de uma cesta de moedas, onde entraria o marco alemão, o franco francês, o iene etc., mas não, eles bateram na mesa e disseram: é o dólar. Isso sempre foi uma vantagem tremenda para os Estados Unidos porque todos os ativos em comércio iam ser feitos em dólar, e quem tem a máquina do dólar são os americanos.

Então, é necessário perceber que essa hegemonia americana foi construída também com muita violência. Os Estados Unidos saem um pouco como heróis da Segunda Guerra Mundial, mas, logo em seguida, vão provocar uma guerra na Coreia. Eles já pretendiam fazê-la ao tentar criar um cinturão contra o que eles chamavam de comunismo. Precisamos lembrar que, em 1949, a China fez a sua revolução; em 1947, a Índia fez uma revolução pacífica que expulsou os ingleses do território indiano. Saindo da guerra da Coreia, que dura entre 3 e 4 anos, os Estados Unidos continuam e vão parar no Vietnã, que era uma possessão francesa. Acabam sendo derrotados por um povo extremamente pobre, um país subdesenvolvido, profundamente subdesenvolvido, com a população em estado muito difícil, econômica e socialmente. Depois, foi para o Laos, Camboja e mais perto do Brasil. Isso é nos anos 1968, quando os Estados Unidos elegem o mundo árabe, em função da centralidade do petróleo.

Há poucos dias, o presidente Jimmy Carter deu uma declaração fortíssima dizendo que os Estados Unidos sempre, depois da Segunda Guerra,

²⁴ John Maynard Keynes é um economista inglês fundador da escola Keynesiana ou Keynesianismo.

foi o país que mais fez guerra no mundo, em nome, justamente, de dizer que está levando a democracia e os valores ocidentais. Os Estados Unidos criaram e ainda criam questões muito graves pelo mundo afora. Então, eles têm ainda uma força militar muito grande, que é uma indústria militar muito forte – indústria Boeing e todas as outras de armamento. Eles têm a bolsa de valores mais central do mundo, têm liderança em vários setores, porém, essa vantagem americana já começou a sofrer impacto nos anos 1970, quando houve a ascensão japonesa, e, depois, os tigres asiáticos, assim como os gansos voadores. Na Ásia, essa liderança, hoje, é chinesa.

Poderia ser dito muito sobre a China, mas vou falar algumas coisas sobre esse país que as pessoas esquecem aqui, o Brasil. Bolsonaro, sua “trupe” – seus filhos – e o ministro da educação têm dito coisas absurdas sobre a China, um povo que tem uma tradição de organização política e cultural muito antiga. O confucionismo é do século VII a.C., e, ainda hoje, tem uma predominância na China. Eles saíram de uma pobreza muito grande, porque no século XIX a China foi invadida por vários países europeus: a Inglaterra, a França e a Alemanha e o próprio Estados Unidos. Esse momento histórico foi chamado de “século da humilhação”. Na dinastia chinesa, eles expulsam os japoneses, expulsam todos esses países imperialistas, e conseguem estabelecer um quadro de um Estado. Dito assim, aleatoriamente, o próprio Banco Mundial confirma esses dados, dizendo que a China tira da pobreza absoluta mais de 500.000.000 de habitantes. Nos anos de 1960, a expectativa de vida na China era de 30 a pouco mais de 40 anos. Na época da Revolução de 1949, essa população vivia de 30 a 35 anos. Hoje, a expectativa de vida nesse país é de 80 anos.

Tive a oportunidade de visitar quatro vezes a China. Visitei as universidades, o campo e as indústrias. E, realmente impressiona a capacidade, o empenho não só do governo, mas o empenho da população. É uma população de uma ética do trabalho tremenda, muito forte. Então, eles se prepararam para isso tudo e, evidentemente, os Estados Unidos começaram a não aceitar isso. Estamos vivendo contradições muito fortes. O Brasil foi pego de surpresa, a China foi chegando e é o nosso maior parceiro econômico. É fundamental: precisa de soja, precisa de minério e o governo atual é um governo tresloucado, no meu ponto de vista, ofendendo o nosso maior parceiro econômico. É de uma sandice que não tem tamanho.

Então, vários analistas de política econômica e geopolítica dos Estados Unidos falam que eles, hoje, são uma hegemonia em decadência. As crises foram aparecendo e eles foram estabelecendo uma política militar cada vez mais intransigente. Tentaram ainda, enquanto puderam, fazer negociações com a China, até o ponto que viram que iam ser superados. O presidente dos Estados Unidos não aceita, não admite isso, porque outro elemento fundamental no desenvolvimento chinês é que eles não só tiraram milhões de pessoas da extrema pobreza, mas também criaram um padrão de um modelo de desenvolvimento que cuida da sua gente. Eles têm uma dificuldade: um país com mais de 1 bilhão e quase 400 milhões de pessoas. Então, um país desse tem a força no seu povo, mas precisa gerar empregos, gerar hospitais, gerar escolas. Estamos, agora, lá no CEÁSIA, com um grupo de uns 15 estudantes montando 3 artigos sobre as universidades chinesas, e é impressionante o estímulo que eles dão às universidades. É impressionante, quer dizer, quando estamos fazendo o contrário.

Para concluir, acho que eles vão sair dessa crise e, acredito, que numa posição muito melhor do que os Estados Unidos, porque eles cuidam da população. Eles sabem, o partido comunista chinês sabe que isso é uma tradição que vende com força. Os imperadores tinham que ser benevolentes, na verdade, não só benevolentes, mas também precisavam cumprir a pauta que o povo esperava deles; por exemplo, no período das monções, fazer os canais para eles poderem plantar arroz. É um conceito de Tianzi: "Todos sob o sol". Então, se o imperador não faz o que lhe cabe, ele perde essa dimensão sagrada e o povo pode retirá-lo. Então, nos Estados Unidos, tem um problema também muito sério – esse só dos Estados Unidos – que é impulsionar a todo vapor a questão da revolução tecnológica. Essa revolução tecnológica tem diminuído os empregos em escala planetária. Uma fábrica americana que vai para a Índia ou para onde for, ela vai com suas tecnologias, e essas fábricas empregam menos, pois necessitam cada vez menos de gente. Então, esse é um dilema, o dilema do desemprego estrutural. No Brasil, temos isso, pois mais de 40%, quase 45%, da população brasileira trabalha no setor informal, não tem emprego formal, ou seja, temos que começar a olhar o mundo como vasos comunicantes. Se olharmos os dados, agora, da destruição ambiental com essa parada que se deu, existem áreas fotografadas que

mostram, por exemplo, Beijing²⁵ completamente limpo, o céu de Beijing claro. A humanidade está escolhendo um caminho muito equívocado, predatório e isso se reverte contra a natureza humana.

Márcio Vilela: Foi muito interessante quando o senhor expressou que a guerra sempre foi algo muito vantajoso para os Estados Unidos, como a Segunda Guerra, que foi muito vantajosa. Também foi falado do crescimento, e enquanto se vê a saída da China, a saída calcada numa diminuição da desigualdade, aqui, no Brasil, e em outras partes do mundo, estamos vendo exatamente o contrário. Mas, eu queria avançar numa outra direção: como o homem tem lidado, como o capitalismo tem lidado com os ecossistemas, professor?

Marcos Costa Lima: Tem uma ativista canadense que é uma mulher formidável. Ela tem escrito livros fantásticos, chama-se Naomi Klein. Quem não a conhece, eu acho que tem muitos livros dela que estão disponíveis na rede. Então, ela diz: "...esqueça tudo que você ouviu dizer sobre a crise ambiental...", e prossegue: "...não se trata de crise ambiental, se trata de crises do capitalismo...". Quer dizer, essa aceleração do capitalismo para construir uma sociedade de consumo que vai dar lucro, sobretudo para os grandes acionistas das empresas, e que não distribui e que não faz o seu trabalho corretamente, isto é, os Estados precisam regular essas empresas. Karl Polanyi falava no livro dele, fantástico, "A grande transformação", de 1960, que se for permitido que a regulação seja feita pelas empresas capitalistas, isso irá destruir o planeta. Ele diz que duas coisas não estavam no *script* da história da humanidade, uma é que a terra virasse um produto de venda, e a outra é que o homem virasse mercadoria. Essas duas coisas são muito graves.

A gente pensa sempre em PIB, crescimento do PIB, mas a gente nunca pensa na natureza para retirar esse PIB. Veja, uma empresa como Volta Redonda, como a Vale do Rio Doce, em Minas, e as destruições que mataram mais de 500 pessoas nos dois episódios, o que aconteceu com essas empresas? Nada! As pessoas, até hoje, que tiveram seus familiares mortos não receberam indenização. Gostaria de frisar com todas as

²⁵ Beijing, mais conhecida pelas populações de língua latina como Pequim, é a capital da República da China.

letras: o capital tomou conta do Estado. Existe uma expressão que usamos, o Estado – ou os Estados nacionais – foram capturados pelo grande capital. Então, as empresas é que dizem ao Estado o que ele deve fazer. Tem dinheiro no Brasil para liberar os impostos, 40 bilhões de reais para o setor do agronegócio, mas não tem dinheiro para o SUS. Não tem dinheiro para Educação primária, para melhorar o salário das professoras primárias, secundárias e mesmo universitárias. O Brasil é um país que quase não tem saneamento básico. Imagine as favelas, como elas estão fragilizadas e expostas a esse vírus. Já tivemos dengue, zika etc. e tudo isso é incúria do Estado, por quê? Porque o neoliberalismo diz que o Estado não tem que intervir na economia.

Márcio Vilela: Professor, o senhor está dizendo que a produção e o meio ambiente, tem que ser pensados sempre de forma sistêmica. Podemos, então, afirmar que o coronavírus é resultado dessas impossibilidades do sistema de pensar sistemicamente o planeta? Como o senhor avalia essa pandemia?

Marcos Costa Lima: O grande Capital pensa o mundo de acordo com metas que alcancem o maior lucro possível no menor tempo possível. Inclusive, tem um desses rentistas muito famosos que diz que a melhor indústria mundial tinha que ser construída em cima de um grande navio, porque quando ele já tivesse sugado o possível, ele iria para outro porto, então, estamos à mercê.

Há um banco suíço que, não sei se eles pensaram nesse sentido, nessa dimensão, mas todo ano estabelecem um relatório feito por economistas, e esse relatório mede a pirâmide da riqueza global. Tenho acompanhado anualmente a concentração de renda em escala planetária, desde 2011. Ela está aumentando. O último dado do banco suíço diz que 8% dos ricos – medido pelos adultos que trabalham – se apropriam de 87% da riqueza mundial, enquanto 1% se apropria de quase 75%. Evidentemente, numa lógica mesmo simples, vemos que o capitalismo sofisticou o seu modo de produção para vender produtos cada vez com mais tecnologia. E esses produtos vão encalhar, porque a população não tem condições de acesso no Brasil. A população pobre quando tem acesso a computador, ela paga em 10 meses, para ter um freezer, paga em 40 meses, e assim faz com qualquer produto, ou seja, eles vão pagar de dois a três produtos para ter um produto. Essa é a lógica do capitalismo. É um

capitalismo predatório.

Quando olhamos os dados trazidos pelo professor Piketty, em seu famoso livro, vemos que, ainda no período keynesiano, houve uma certa inflexão da concentração de renda, mas a partir dos anos 80, com aquela história da Margaret Thatcher e do Ronald Reagan de dizer: “olha, o Estado não pode mais bancar as aposentadorias”, os fundos de pensão aparecem como grandes financiadores do sistema. Sem falar nos paraísos fiscais, os dinheiros que saem dessa produção e que não querem pagar imposto.

Há uma outra estatística que eu mostro nas minhas apresentações, que é o crescimento de 1980 até hoje. Esses dados referem-se ao setor rentista bursátil, com uma reta quase empinada e o crescimento da produção sendo uma linha de baixo, muito mais tênue no período keynesiano, ainda quando havia pleno emprego, que era a lógica de Keynes, que ainda não era tão dramático, mas foi se transformando.

A ganância do capital vai, a cada ano, concentrando mais renda, e o curioso é que o PIB das grandes potências – fora a China e a Índia, que foram os países que mais cresceram nesse século XXI, o que criou um equilíbrio –, como a Europa, entrou em queda e não sabe sair. Os Estados Unidos também têm uma taxa de crescimento muito baixa. Imagine o país mais rico do mundo, o maior PIB mundial, com a maior fortuna que é gasta anualmente no setor militar, e eles não permitem que a população mais pobre tenha acesso à saúde pública.

Então, quando chega um vírus desse, vai dizimando as pessoas. O presidente Trump já diz para se defender que ele espera que vai morrer, diz que vão morrer 200 mil americanos, como se ele fosse um prestidigitador; contudo, os EUA já estão com 400 mil mortos. A cidade mais rica do Estados Unidos, que é Nova York, está no estado que estamos acompanhando. Ou seja, é um sistema autofágico, porque ele é uma incuria profunda com a pobreza, com os trabalhadores. A educação dessa população é precária, a saúde é precária, as habitações são precárias, e isso não fica só nos Estados Unidos.

Márcio Vilela: É possível pensar em alternativas? Ou seja, é possível pensar em uma economia submetida às necessidades da maioria e não do consumo dos ricos? Como o senhor vê essas possibilidades?

Marcos Costa Lima: Sinceramente, acredito que sim. Continuo tendo esperança de que isso seja possível e tem várias pessoas muito lúcidas, vários intelectuais, escritores, filósofos, falando sobre isso. Inclusive, uma corrente de pensadores que diz que, após o coronavírus, nós não podemos voltar ao que éramos, porque com essa realidade de predação ambiental vivenciada hoje, no coração dessa crise, iríamos voltar a ter novas crises.

Tenho acompanhado, também, os relatos da Nasa, as fotos que mostram, por exemplo, a devastação do que está acontecendo no Ártico e no Antártico. Mas, essa crise, ela volta no Ártico, onde as camadas de gelo que, antes, quando chegava o inverno, apareciam, e, no verão, havia o degelo, fazendo com que essas camadas retornassem depois, no próximo inverno, mas isto não está acontecendo mais. Tem um grupo na Suécia muito competente que está estudando, acompanhando isso de perto. Esses efeitos são sistêmicos. Por exemplo, os oceanos aumentam, há uma mutação dos animais, da biodiversidade que existe nesses locais; os peixes já não são mais os mesmos, porque as águas aquecem e aqueles peixes estão acostumados com a água em uma certa temperatura. Também existe a questão da circulação das correntes marinhas que vão provocar furacões, enfim, há toda essa cadeia. Então, por que o Ártico está sendo destruído? Tem alguns desses pesquisadores que dizem que podem surgir vírus que nós não conhecíamos e, agora, com a ida dessa camada criogênica, gelo desaparecendo, eles voltam à tona. Então, é uma questão que merece muita reflexão de todos nós.

Não tenho dúvida de que os capitalistas, passado esse coronavírus, achatadas essas curvas, eles vão voltar na mesma velocidade para ganhar o dinheiro que eles não ganharam nesses 3, 4, 5 meses. E isso significa que não foi feita nenhuma reflexão sobre o dano que eles mesmos estão causando.

Na África – um estudo que uma aluna minha fez no Norte de Moçambique –, o Estado sueco negociou com o governo moçambicano para que uma empresa de madeira/de celulose fosse construída na região de Niassa. A empresa é particularmente boa na construção de móveis, com eucalipto e outras madeiras, porém, a empresa é grande e começou a tirar água do solo da população agricultora que vive do feijão, das verduras etc. Sem a água, a população teve que ir para o meio urbano, onde não tem trabalho para essas pessoas, são ciclos. Saindo de Moçambi-

que, eu posso ir ou para Malásia ou mesmo para o Brasil.

Publicamos um livro, no ano passado, sobre estrangeirização de terras. Há uma região nos cerrados brasileiros que denominaram de Matopiba, que está localizada nos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia e que é uma região enorme de cerrado. Essas regiões foram atacadas pela grilagem, que se apropria de terras devolutas. São terras do Estado onde vivem muitas pessoas, pequenos agricultores, mulheres que trabalham com coco etc. e encontram juízes inidôneos para assinar o título de propriedade que é vendido para nacionais. Contudo, hoje é um negócio gigantesco que já se encontra na bolsa de valores. O cerrado brasileiro, que é uma região – um ecossistema todo – muito rica, está sendo devastada. E o que o Estado faz quanto a isso? Bolsonaro, que começou a sua campanha elogiando um torturador e dizendo que os índios que se “danem”, o que ele deseja é a produção, e é o que estamos vendo. Todo dia uma liderança indígena morre assassinada, pois eles vão em cima dos líderes. Há 3 dias, um líder Uru-Eu-Wau-Wau, em Rondônia, foi assassinado de uma forma brutal, a pauladas. Então, ele, o Bolsonaro, e os seus comparsas pegam as milícias e também aqueles que querem comprar para terminar essa questão sobre o Matopiba. Um pesquisador da USP, que estudou isso muito de perto, foi convidado para apresentar sobre isso em Harvard, e ele mostrou dados de que Matopiba estava sendo comprado, evidenciou que uma parte das fazendas estava sendo comprada pelo fundo de pensão de Harvard, uma universidade de alto prestígio. Professores de Harvard que não sabiam, mas que cotizavam para aquele fundo, ficaram chocados. Esse é o nível de articulação do grande Capital, gerando miséria e infâmia pelo mundo afora. Se formos para Malásia, veremos a questão do óleo de babaçu que eles estão plantando em grande quantidade, porque é um grande energético e, com isso, eles retiram a população pobre do que, para eles, atrapalham.

Márcio Vilela: Pensar essas questões de modo sistêmico é realmente enriquecedor e fornece muitas informações. Mas, professor, caminhando mais para o final, as indagações que me ocorrem, a partir da sua fala, são: Para onde vamos? E o Brasil? Como sair dessa crise? O que é que o senhor, portanto, imagina? O que é que o senhor tem visualizado em relação ao Brasil?

Marcos Costa Lima: São questões muito importantes e, inclusive, essa última que você me fez, faz surgir outro problema: quais são as saídas?

Então, seriam necessárias outras análises e outras competências, seria necessário um grupo de antropólogo, de físico com espírito público, de psicólogo e de arquiteto para analisar essas saídas. Poderíamos apontar algumas possibilidades: a primeira é a solidariedade humana que está muito em baixa. Temos visto, internacionalmente, o pensamento de direita que é um pensamento egoísta da acumulação. Eles não entendem que o neoliberalismo faliu. E faliu por quê? Porque eles ganharam muito dinheiro, mas geraram pobreza no mundo todo.

O segundo movimento é a distribuição de riqueza, por exemplo, como fazer obras públicas, como fez Roosevelt. Contudo, não estou dizendo um plano de recuperação econômica como o Marshall²⁶, mas sim fazer obras essenciais: hospitais para a população mais pobre, assim como fazer construção civil para a população de baixa renda que não tem casa. O Déficit habitacional no Brasil é um horror. Vemos Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, atravessamos regiões imensas de favela e sabemos da dificuldade dessas pessoas. A regulação do Capital pelo Estado a partir da via democrática é uma construção histórica que tem que ser feita. Sinceramente, eu não acredito no capitalismo, acredito que esse sistema está levando todos a cometermos um suicídio humanitário. Estou muito assustado com isso, porque conversei com algumas pessoas que eu respeito muito, e já falamos desses dados todos assustadores pensando na saída para essa situação.

O mundo vai ter que encontrar saídas, pois, conforme afirmou Ilya Prigogine, que foi o prêmio Nobel de Química, nós estamos numa bifurcação e, para sairmos, devemos escolher o lado, o caminho certo e isso exige luta, organização, solidariedade e políticas públicas consistentes. Por exemplo, no Brasil, não se faz grandes políticas de transporte urbano, o sistema de transporte público é terrível, fazendo com que o trabalhador leve horas no trânsito. Em suma, não é possível continuar nessa realidade em que algumas pessoas têm tudo e 95% da população vive em extrema dificuldade, essa equação está errada e precisa mudar. Não é fácil, porque o grande Capital não se interessa por essas medidas, ele quer acumular no menor tempo possível, independentemente do que seja feito.

²⁶

Foi um projeto de ajuda econômica patrocinado pelos EUA com objetivo de reconstruir economicamente os países da Europa Ocidental.

Veja Volta Redonda, o que foi feito em Minas. Não tem um rio brasileiro que seja limpo, apenas no interior da Amazônia. Fora disso, são cloacas. Então, como é que se pode viver assim, apenas predando? Eu acho que a natureza está dando uma resposta muito séria para a humanidade, e cabe a nós nos aprofundarmos nessa resposta, como pessoas de bom senso, para que a gente caminhe na construção de uma outra realidade nacional. Respostas são nacionais, mas cada vez mais, no nível de globalização que estamos vivendo, isso precisa ser uma força internacional.

Márcio Vilela: Professor, o senhor tem alguma indicação de leitura, filme e/ou documentário para que seja possível se inteirar, se aprofundar ainda mais sobre as questões que foram debatidas?

Marcos Costa Lima: Tem, sim. Há um grande sociólogo e historiador americano chamado Jason Moore. Ele tem vários livros publicados, embora ainda não traduzidos. Inclusive, o último que ele organizou trata do antropoceno ou capitaloceno. Seria interessante aprofundar a discussão sobre o antropoceno em uma outra ocasião, porque este foi criação de um holandês que ganhou o prêmio Nobel, e diz que o homem é que está fazendo essas destruições todas quando, antes, não se acreditava nisso. Esse holandês premiado acredita demais na Ciência e Jason Moore o critica bastante por isto. Agora, com essa crise do coronavírus, a gente pode ver que, embora seja plausível que tenhamos vacina contra essa doença daqui a um ano, mais ou menos, isso é considerado um tempo relativamente longo quando se trata de uma pandemia tão séria, de uma calamidade para a humanidade. Esse é o Jason W. Moore. Já o Bruno Latour é um pensador francês que está muito em alta, que sempre foi um epistemólogo. Seu último livro ainda não foi traduzido para outros idiomas, apresentando, apenas, versões em francês e em inglês: "Onde aterrissar" é a tradução para respostas políticas do momento que estamos vivendo. Há uma epistemóloga belga chamada Isabelle Stengers, que também analisa muito essa questão ambiental e chama atenção do caminho da barbárie que a humanidade está optando e como a gente pode contornar isso, ou seja, como pode a sociedade contornar seu tipo de consumo (em massa), que resolve suas angústias e frustrações comprando, consumindo. A dimensão desse consumo, do uso do plástico, gera o que estamos vivendo.

Márcio Vilela: Professor, em nome da Cecine, agradeço imensamente a sua disponibilidade, o seu carinho em estar aqui, fazendo esse debate,

trazendo essas discussões riquíssimas; seja para quem é da Universidade, mas também para quem é da rede pública do ensino básico, com informações precisas. E, hoje, estamos vivendo nessa esfera da *internet* em que todo mundo ensina todo mundo e, especificamente, falando sobre a China. E o senhor, portanto, que é conhecedor das questões do capitalismo, da questão da natureza, da crise da natureza, dos impactos que a natureza tem sofrido por conta do capitalismo. É sempre muito bom ouvir uma voz especializada que tem realmente conteúdo que conhece de modo profundo o debate.

Marcos Costa Lima: Muito obrigado, Márcio. Foi uma grata satisfação conversar com você e espero que os telespectadores tenham curiosidade de correr atrás dessas questões, porque fazer uma síntese não é fácil, é necessário articular economia, política, questão ambiental, questão social com a questão da tecnologia. E pode ir até o iluminismo que é uma ideia generosa. Pode-se pensar em quântica, pensar em outros, mas o iluminismo achava que a Ciência era tudo e não é assim. Tem coisas maravilhosas na Ciência, mas o capitalismo se aproximou e, em grande medida, se apropriou dessa ciência. O exemplo que eu dei dos hospitais é um pouco disso. Outro exemplo que pode ser dito é a água, pois quem é que pode ter água limpa e comprar um garrafão d'água, o morador da favela que ganha 500, 600 reais por mês? Não vai conseguir. Então, essa análise sistêmica é necessária. Muito obrigado.

ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Entrevistador:

Márcio Vilela

Entrevistado:

Professor Dr. Otacílio
Antunes Santana

Márcio Vilela: Costumo sempre começar agradecendo a todos que fazem da Cecine (Coordenadoria do Ensino de Ciências do Nordeste) uma instituição antiquíssima, com a fundação na década de 60, e que, até o momento, tem cumprido seu papel importante nessa relação da Universidade com a sociedade, levando em consideração, principalmente, os profissionais do ensino básico. Além de agradecer a todos que compõem a Cecine, agradeço também à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, a Pro-exc, que tem dado um apoio imenso, assim como a própria reitoria e o reitor.

Para a *live* de hoje, estamos trazendo um convidado especial, o professor Otacílio Antunes de Santana. Boa noite, professor, é uma honra e uma satisfação imensa recebê-lo nessa atividade que estamos desenvolvemos na Cecine. Costumo apresentar o convidado falando brevemente do seu Currículo Lattes, porém queria que você pudesse se apresentar um pouco.

Otacílio Antunes Santana: Boa noite, professor Márcio. É um prazer estar conversando com você. O meu nome é Otacílio Antônio de Santana e sou biólogo licenciado e bacharel pela PUC de Goiás. Fiz meu mestrado e doutorado na Universidade de Brasília, nas Ciências Florestais, e tenho muito essa ligação com as Ciências Ambientais e Ciências da Natureza. Como uma das minhas formações é licenciatura, também trabalhei na educação junto com essas temáticas. Então, meu currículo se pauta tanto numa área mais centrada na biofísica ambiental como também na educação, no ensino e na aprendizagem de Ciências. Faço parte do Departamento de Biofísica e Radiobiologia da Universidade Federal de Pernambuco e, agora, sou docente permanente e coordenador do PRO-FCIAMB (Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional do Ensino das Ciências Ambientais).

Márcio Vilela: Muitos não conhecem o PROFCIAMB, logo, o senhor poderia falar um pouco mais sobre o que é esse programa de pós-graduação?

Otacílio Antunes Santana: O PROFCIAMB veio nos editais de *stricto sensu* profissional, é um mestrado profissional, o qual chamamos de Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional, porque são nove universidades que possuem o programa. Estamos dentro da área das Ciências Ambientais, mais especificamente na área de avaliação das Ciências Am-

bientais da Capes. Estamos nas cinco regiões do país, representando o Brasil. A sede é na USP (Universidade de São Paulo), mas também estamos em São Carlos, na Escola de Engenharia, e em outras universidades: a Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Universidade Federal do Pará (UFPA); Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Universidade Federal de Sergipe (UFSE); Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); Universidade de Brasília (UnB); Universidade Estadual de Maringá (UEM); e Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Uma das características do PROFCIAMB é justamente a capilaridade e a capacidade de ir para o interior. Temos as sedes associadas, porém, atendemos, por exemplo, a região do Agreste, do Sertão, da Zona da Mata de Pernambuco, no Litoral Sul do Paraná, no Amazonas – que chega a regiões remotas como São Gabriel da Cachoeira, Tefé e Tabatinga – e a mesma coisa na Bahia, e assim por diante. Uma característica do PROFCIAMB é bastante interessante: temos duas linhas de atuação. Como é um mestrado profissional, o nosso público-alvo são os docentes da educação básica de ensino, principalmente da rede pública, mas também de educadores do sistema não formal, do tipo líderes de movimentos sociais e curadores de museus etc. Nossas linhas de atuação dentro da Capes estão em Ambiente, Sociedade e Recursos Naturais e Tecnologias.

Márcio Vilela: É sempre bom falar do trabalho que vem sendo desenvolvido pela Universidade, um projeto tão importante que a Cecine também tem apoiado. Estamos juntos no PROFCIAMB e nós entendemos que esse mestrado profissional só enriquece a Cecine, por isso que é tão importante.

Otacílio Antunes Santana: Começamos a parceria com a Cecine em 2017, na gestão da professora Cida Guilherme. Isso foi bastante importante porque o PROFCIAMB não tinha ainda uma estrutura física e a Cecine acolheu o PROFCIAMB para as primeiras turmas. Não só acolheu fisicamente, mas também em termos intelectuais, cedeu os laboratórios, integrando a equipe ao nosso quadro discente, por exemplo. Já temos 5 ou 6 pessoas que estão vinculadas à Cecine e ao nosso programa, o que é bastante interessante. Quando você entrou na Cecine, você também, já nos primeiros dias, nos acolheu e deu todo suporte. Isso é importantíssimo para os mestrados profissionais. Sabemos que, hoje em dia, a educação não está sendo muito valorizada e encontrar alguém como você, Cida, Guilherme e o professor Alfredo é bastante importante para nós. E

o PROFCIAMB, em seu corpo docente, discente e técnico, agradece muito à Cecine por esse acolhimento.

Márcio Vilela: Não poderia ser diferente, professor, estamos de portas abertas. Professor, estamos num momento bastante delicado de pandemia, e a Universidade, com as suas atividades, pelo menos no que tange à questão das aulas, interrompidas. Pergunto-lhe, então: como estão os professores e os alunos fora dos seus espaços de atuação neste momento?

Otacílio Antunes Santana: Estamos fazendo o máximo para manter essa zona de desenvolvimento proximal real e potencial. É exatamente nesse sistema de comunicação que não tínhamos tanta habilidade. Agora, estamos aprendendo cada dia mais. E devemos acolher os estudantes, mas não apenas com *lives*. Tivemos uma roda de diálogo com alunos, docentes e técnicos, assim como o webinar²⁷. O PROFCIAMB está com uma sequência de webinários bastante interessante a nível nacional e, agora, estamos refletindo várias coisas, uma delas é que temos 45 mil *campi* da UFPE, pois cada casa de um técnico administrativo, de um docente e discente virou um Campus da UFPE, e estamos tendo que aprender com isso.

Atualmente, estamos relendo um livro de Nestor Canclini, intitulado “Diferente, Desiguais e Desconectados”. Trabalhávamos muito forte a questão de respeitar e acolher as diferenças, tentar erradicar a desigualdade e, agora, tentar conectar o desconectado. Isso é uma luta que vemos nos bastidores da UFPE, como está sendo para trabalhar nessas questões, estamos vivendo essa era. Tem um professor que retornou da Universidade do Porto esses dias falando que estamos numa era da digitalização da educação na pandemia, o que sobrou do analógico está sendo digital e, então, estamos nessa luta, alguns docentes e alguns discentes. É duro falar isso, porém, alguns discentes com mestrado profissional têm alguma atividade profissional e alguns deles relataram ou a suspensão do seu contrato de trabalho ou a redução salarial. E isso é uma grande preocupação em termos não só de evasão do nosso curso, mas, tam-

27

Seminários virtuais.

bém, da vida deles. Como é que eles vão seguir nesse momento? E o que é bastante importante é tentarmos acolher, da melhor forma possível, principalmente por sermos uma rede.

Márcio Vilela: Professor, já que o senhor está falando dessas dificuldades, hoje, o aluno e o professor precisam desenvolver novas formas de interação nesse mundo virtual, como as produções acadêmicas estão convergindo para a temática da Covid-19? Tem tido realmente uma discussão em relação a este momento atual que a pandemia trouxe? Afinal, a Covid-19 e a pandemia tornaram-se temas emergentes.

Otacílio Antunes Santana: Por ser um tema emergente, algumas dissertações foram para esse caminho e alguns docentes estão trabalhando com essa temática. Algumas dissertações estão trabalhando de forma direta, por exemplo, vendo a relação entre o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e a capacidade sanitária de algumas regiões em relação à transmissão do vírus, a determinante de locais de transmissão. São estudos de forma direta que criam manuais ou, então, especializam dados. Vendo essa causa e efeito, podemos pensar não só para a região metropolitana, mas também para Pernambuco como um todo.

Existem alguns temas que são indiretos e bastante importantes, por exemplo, nesse ano, não vamos ter as festas juninas oficiais. É lógico que quem tem um quintal em casa vai fazer sua fogueira ali, contudo, há algum tempo estamos mapeando de onde vem a madeira que alimenta as festas juninas e esse ano com esse cancelamento das grandes festas vamos ver como é que isso vai impactar ou não o ambiente nessa redução do consumo de madeira e não apenas isso, mas também o impacto do cancelamento no consumo de latinhas.

Todas essas questões resultam em teses e dissertações. Também existem outras dissertações que trabalham, por exemplo, a redução da mobilidade em Recife em relação aos carros e como é que isso está reduzindo as emissões de alguns poluentes, e como isso pode favorecer ou não a população humana. A questão também da migração urbana de animais silvestres, já identificada em alguns locais. E é importantíssimo para o discente do PROFCIAMB, pois ele também é docente, é professor de alguma escola e, com isso, ele tem esse contato com outros alunos e com a comunidade e, juntos, conseguem coletar dados e gerar trabalhos e dissertações bastante relevantes.

Outro exemplo desenvolvido por uma aluna minha que pensou em algumas hipóteses em relação à quarentena, e agora ao *lockdown*, foi que vimos como as pessoas estavam comprando muitas coisas de supermercados e fazendo a comida em casa, logo, iria aumentar o resíduo doméstico. Contudo, o que estávamos percebendo nas casas ou nos condomínios que conseguimos fazer a separação é que aumentou o número de resíduos recicláveis e dos que vão para aterros; entretanto, houve uma diminuição do resíduo orgânico, ou seja, as pessoas não estão comprando coisas mais perecíveis ou frescas, estão comprando mais coisas enlatadas e pedindo *deliveries*, o que é um pouco ruim porque, ao final de uma de uma quarentena, o maior consumo de produtos industrializados e menos produtos perecíveis pode ocasionar malefícios para a saúde, como o aumento da pressão arterial e assim por diante. São apenas hipóteses que tentaremos trabalhar ao longo dessa quarentena, desse *lockdown*, e tentar algum resultado de produção. Então, podemos esperar, em breve, trabalhos de uma produção voltada para essa temática, o que é muito bom para a universidade, e esse é o papel da universidade.

Márcio Vilela: Nesse momento, as redes sociais ajudam a formar um sujeito ecológico? Como é que o senhor vê exatamente esse momento e essa relação entre sujeito, natureza e ecologia?

Otacílio Antunes Santana: As redes sociais são ambivalentes. Como a modernidade é ambivalente, ela traz pontos bastante positivos e pontos bastante negativos. Existe uma parte das redes sociais que traz muito essa teoria da ação antidialógica, que também seria a polarização, a desinformação, as *fake news*, a omissão, a interpretação de algum dado de forma diferente. Por exemplo, uma questão que temos ouvido na rede social é a do “vírus chinês”, e quando se usa predicados em vírus, vemos que é ação de um grupo de pessoas que estão mais interessados em disseminar o ódio do que resolver o problema. É um problema falar em gripe espanhola, peste negra etc., porque mostra que a pessoa não sabe muito de tópicos como o paciente zero, que é onde se começou a doença, ou da complexidade do processo que vem por trás. O coronavírus existe há séculos e, em 1930, ele foi descrito, contudo, a emissão de poluentes, como os dois óxidos de nitrogênio emitidos pelos carros e a queima dos

combustíveis fósseis, causa danos ao RNA²⁸ do vírus, provocando mutações. Ou seja, não é apenas uma pessoa que entrou no mercado, mordeu um animal silvestre e, a partir dali, começou a pandemia. A ciência não é simplista, e a Cecine trabalha muito bem isso. A ciência é muito complexa, é um processo muito grande.

Colocando outro assunto, esses dias estava lendo que a Antártida está derretendo e ficando verde, ou seja, também está liberando proteínas e emitindo gases, e isso vai transformando toda a dinâmica de vírus, assim como a de animais silvestres. Por que os animais silvestres estão tendo contato com os humanos das cidades? Porque as áreas ambientais, as áreas silvestres, estão sendo reduzidas de forma expressiva. Então, acho que é isso que as redes sociais trazem de ruim, essa questão da propagação de informações falsas ou manipuladas. O que as redes sociais estão trazendo de positivo são *edutubers*²⁹, que são pessoas que tentam, através do diálogo, igual ao senhor e vários outros professores e especialistas, mostrar uma construção de conhecimento. Há 50 minutos, eu estava vendo o Twitter do Edgar Morin que estava *twittando*, ou seja, são *big* especialistas que não dominam o direito a ferramenta, mas estão ali para mostrar também outro lado da moeda, o que é bastante significativo.

Também vimos o ativismo ambiental: o encontro em Oxford da Greta Thunberg com a prêmio Nobel Malala Yousafzai, que foi transmitido em redes sociais e foi de uma pureza enorme o encontro das duas, Malala convidando a Greta para estudar em Oxford é um ativismo ambiental bastante importante. Até mesmo os grupos que são radicais existentes no Brasil – e que tem muito na Europa –, como o *Extinction Rebellion*, que é um grupo mais radical de ativismo ambiental, eles vêm trazendo temas do tipo “a sobrecarga da Terra já acabou” e “já nos encontramos no período pós-sustentabilidade, não pode mais tratar de sustentabilidade”. São grupos que nos fazem pensar na rede social, o que é bastante importante.

²⁸ Ácido Ribonucleico é um ácido nucleico importante em diversas funções biológicas como a codificação genética.

²⁹ *Edutubers* são canais e/ou *youtubers* focados na educação ou em assuntos voltados para o conhecimento, como canais de ciências, etc.

Márcio Vilela: Professor Otacílio, em momentos de pandemia, a consciência ambiental e a consciência de classe se mostraram ainda mais sobrepostas, como é que o senhor avalia essas duas questões?

Otacílio Antunes Santana: São consciências sobrepostas e antes da pandemia já vimos, por exemplo, a distribuição e recursos como água, vemos que tem bairros que possuem mais quantidade e qualidade de água do que outros, percebemos essa luta de classes querendo não enxergar, mas enxergando. Agora, com a pandemia, isso fica muito evidente, justamente quando pensamos, por exemplo, em isolamento vertical, distanciamento social ou no *home office*. Eu sou “varzeano”, moro no bairro da Várzea, próximo à Universidade Federal, e as casas têm, em média, 60 m², com 5 ou 6 pessoas, então, como é que se faz um distanciamento social nessa situação? Como é que se faz um isolamento vertical, como pensamos em *home office*? Se for pensar numa casa de 500 m² e três andares é fácil. São bairros que tem muita gente no front, bairros de pessoas fazendo *delivery*, como motorista de táxi e de aplicativo, e mesmo os próprios enfermeiros, porteiros, serviço de limpeza, e eles estão front.

Logo, existem alguns conceitos nessa dualidade entre a consciência de classe e a consciência ambiental que temos que pensar, por exemplo, o distanciamento social que é um termo da ecologia humana.

Outro exemplo é do final da gripe de 1918, em que houve o conceito de imunoprivilegiado, que é aquela pessoa que, biologicamente, não tinha sintoma ou aquela pessoa que, por ter dinheiro, conseguia ter um aparelho respiratório. Então, essas últimas pessoas desejavam a abertura da economia, criavam algum tipo de imunocapital e seriam os portadores da imunidade, e queriam que o resto da massa fosse para o confronto. Alguns sociólogos diziam que essa ação era, mais ou menos, um projeto eugenista. Devemos tomar muito cuidado com esse mundo privilegiado, com “vamos abrir a economia rápido” e o que vai resultar disso.

No final da pandemia de 1918, os imunoprivilegiados sempre tratavam a Ciência como ficção do tipo “ah, eu tô aqui e não pego” ou “cadê? isso é besteira”. Vemos as histórias se repetindo. Temos que colocar isso bastante, em termos de economia. É bastante importante vermos o tanto de dependência entre a saúde e a economia. Se formos recomendar livros, por exemplo, “Dialética da dependência”, “...de Mauro Marini e “Teoria da dependência”... de Theotonio dos Santos, são livros bastante importan-

tes para que possamos entender também essa dicotomia entre saúde e economia que se tem hoje em dia.

Márcio Vilela: Professor, nesse momento de pandemia, temos escutado vários termos. Um termo que tem aparecido muito é o Transtorno de Déficit de Natureza (TDN) em relação ao isolamento urbano. Queria que o senhor explicasse melhor essa questão.

Otacílio Antunes Santana: Esse termo também é bastante interessante. Escutei ele no Sistema Agroflorestal Experimental (SAF) do Centro de Biociências, onde tem os alunos do PROFCIAMB que são desse SAF e que, de forma experimental, fazem uma biodiversidade de produção bastante interessante. Esse termo veio do livro “A última criança na natureza”, que afirma trata que a criança, para ter um desenvolvimento cognitivo e biológico, precisa ter esse contato com a natureza. O pai mundial da biodiversidade, o Edward Wilson, falava muito disso que a humanidade necessita do contato com a natureza. Vários estudos já mostraram que a criança que tem um contato com a natureza e ingere menos remédios tem menor frequência de crise de ansiedade e tem maior atenção, além de um menor sedentarismo. Não só para criança, mas também para adultos e para idosos, e isso é bastante importante, por exemplo, para a recuperação e o tratamento de demência senil ou pessoas acometidas pelo Alzheimer, pois tem vitamina C na natureza. Tem um estudo no Canadá que mostrou que os alunos que tinham um animal de estimação em casa e que o levavam ao parque e lá passavam uns 20 minutos tinham uma qualidade de aprendizagem melhor do que alunos que só ficavam jogando videogame, porque quem joga videogame tem muito estímulo, contudo, não é um estímulo completo igual ao de quem está na natureza, sente a picada do mosquito, sente o cheiro, um estímulo da árvore, das plantas e assim por diante.

Deve-se pensar, atualmente, sobre o Transtorno do *Déficit* de Natureza dentro do isolamento urbano. Richard Louv, que escreveu o livro “A última criança na natureza”, falava que natureza para ele era a incubadora de biodiversidade. Logo, se você tem um apartamento e não possui um quintal grande para se fazer uma biodiversidade, uma estratégia pode ser colocar plantas comestíveis ou plantas nativas, fazendo uma diversidade no local. É deveras estimulante não só para a criança, como também para o adulto e para o idoso.

Márcio Vilela: Professor, estamos vivendo um momento no país bastante delicado em termos de governança. O senhor poderia falar dessa agenda de 2030 e como o PROFICIAMB vê a relação do Brasil com essa agenda?

Otacílio Antunes Santana: A agenda 2030 é universal e sistematizada pela Organização das Nações Unidas (ONU) a partir de todas as conferências que se teve ou nos relatórios do painel internacional de mudanças climáticas. Dentro dessa agenda há 17 objetivos do desenvolvimento sustentável. A Cecine está empenhada para o cumprimento desses 17 objetivos e 169 metas de desenvolvimento sustentável.

Da governança brasileira, das lideranças executivas, não temos boas notícias. Parece que tem uma agenda oficial de desmonte, não só de neoeexploração, mas também de anistia para exploradores e desmonte de órgãos de executivos que executam o plano nacional do meio ambiente. Por exemplo, teve no ano passado o “toque de caixa”: queriam passar a medida provisória 970 de 2019, que é uma desregularização fundiária. Depois, tem o Projeto de Lei 191 desse ano, que é de exploração de terras indígenas para mineração, e assim por diante. Então, temos de ficar atentos a essa agenda do executivo nacional.

O Imazon, que é o Instituto do Homem do Meio Ambiente da Amazônia, trouxe que, no mês de abril, 500 km² quadrados foram desmatados – apenas em um mês –, e isso foi desmatado dentro da Amazônia. Há outras situações como a da Associação dos Servidores do Meio Ambiente (Ascema), que é dos servidores do Ibama. O Instituto Chico Mendes e o Serviço Florestal Brasileiro estão acionando direto o Ministério Público, afirmando que eles estão sendo coagidos quando eles vão fazer uma licença ou uma fiscalização. Isso preocupa muito o PROFICIAMB, e, como resistência, reestudamos tanto os planos nacionais do meio ambiente – o Programa Nacional de Recursos Hídricos (PNRH), Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA) – como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), pensando em como é que podemos integrar isso tudo aos sistemas nacionais de unidade de conservação.

Estamos resistindo e, para isso, o movimento social é importantíssimo, as ONGs, a Secretaria do Meio Ambiente de Pernambuco e municipal também ajudam muito. Então, mantém-se esse ativismo vivo, porque o desmatador não faz *home office*, logo, também não podemos deixar

esse ativismo morrendo em meio dessa governança. Ele (o desmatador) não tira férias, e, justamente para compensar, vai passar uma medida provisória, passa duas, três juntas e uma dessas cai, então, temos que ficar atentos.

Márcio Vilela: Professor, o senhor falou rapidamente da neoexploração ambiental, queria que o senhor falasse um pouco mais sobre esse assunto e pergunto: a reconstrução econômica do Brasil vai passar por essa mesma exploração ambiental desenvolvimentista? Como é que o senhor avalia a questão do desenvolvimento econômico e essa relação com a natureza?

Otacílio Antunes Santana: Acredito que utilizar o PIB como único critério e fazer aquelas “dobradinhas” de vender os recursos naturais e precarizar ao máximo o trabalhador tem que parar, porque vimos uma pandemia e não conseguimos comprar uma máscara, uma luva, por isso tivemos que recorrer às máscaras de produções locais. As produções, as articulações produtivas locais, acho que é esse o caminho da economia.

Tem um professor de Cambridge, o Partha Dasgupta, que inclusive tem o título de *Sir* da Inglaterra, ele quem criou o índice de valor de biodiversidade para ser englobado nos índices econômicos e isso já se tornou senso comum. Então, os lugares que têm mais biodiversidade e biocapacidade em relação às pegadas ecológicas – que são as emissões de gases, efeito estufa ou a produção de resíduos sólidos –, nessas áreas se produz mais, se produz de forma qualitativa, logo, temos que ver esse capital natural. Quanto à questão de fazer uma nova economia, temos que aumentar a biodiversidade e os corredores ecológicos, fortalecer as unidades de conservação e aumentar as áreas de preservação permanente: é mais do que está no Código Florestal, que foi bastante reduzido, esse é o caminho.

Concluindo, a perda de biodiversidade no ambiente é que causa tudo isso: o efeito de desertificação, aumento de frequência de ventos extremos e aceleração de coisas naturais, como o derretimento da Antártida. Logo, acredito que a economia agora vai surgir com esse novo valor de biodiversidade dentro dos índices econômicos.

Márcio Vilela: Professor, o nosso ministro da Educação resolveu adiar a prova do ENEM. Como a Cecine está muito voltada para os professores da rede básica e os alunos do ensino básico, pergunto: como o ENEM poderia ou poderá abordar essa discussão da Covid-19?

Otacílio Antunes Santana: É bastante interessante isso, porque, geralmente, quando é um tema de muita manchete, não cai na redação, por exemplo. Redação sobre covid não vai ter, porque um dos itens da prova de redação é conhecimentos gerais, mas eu gostaria que na redação caísse alguma coisa sobre educação a distância, ensino remoto ou algo atrelado a esses temas. Dentro da prova de Linguagens e Códigos irá cair, com certeza, algum texto para interpretar ou ver a gramática, então, é importante ler os jornais que tenham essa temática ou, então, ler alguns trabalhos científicos.

Dentro da área das Ciências Humanas e suas Tecnologias, creio que vai cair muito sobre a geoespacialização de dados e geopolítica. Espacialização no sentido de onde foi maior transmissão, qual a relação com o índice de desenvolvimento humano, qual a relação com o clima. E geopolítica com fechar aeroportos, o que pode ou não pode, como um país se isola do outro por um limite geográfico. Também acho que pode aparecer algo sobre a história da pandemia e questões sociais, sobre a consciência de classes e distanciamento social, esses termos podem cair.

Dentro da prova da Ciência da Natureza e suas Tecnologias, acredito que vai cair muito a questão dos vírus em si: as proteínas; as enzimas; a questão do RNA; qual a classificação do vírus; como é que agem no corpo; quais os sintomas; como é que é uma cadeia biológica do vírus; como é que ele dura em superfícies; como é que a forma de transmissão. Acredito que caia nesse sentido.

Presumo que irá aparecer muito nas provas de Matemática e Tecnologia as curvas, onde é o pico, onde não é, se está ascendente, se está descendente. Vimos que a interpretação da curva foi um horror – segundo os estatísticos que viram os jornais –, porque se pegava dados subnotificados, não tinha casualização, feriram princípios de experimentação do tipo controle local. Por exemplo, no Reino Unido, as curvas já não funcionam, não está mais em curva, já está quase em formato de ondas e essas funções, modelos matemáticos, vão cair muito. Questões também que haja a necessidade de usar a média e a mediana, como nos casos

dos índices de transmissão. Acredito que esses assuntos irão cair muito na prova, mas não na redação.

Márcio Vilela: Professor, estamos caminhando para o fim, mas faço ainda uma última questão: se fala de utopia ambiental ao final de uma pandemia, quer dizer, como observa o cenário pós-pandemia?

Otacílio Antunes Santana: Essa utopia, como é que vai ser essa sociedade imaginária pós-pandemia? Uso utópicos como Thomas More e Aldous Huxley, ou mesmo escritores da ficção científica, como Isaac Asimov, que sempre trabalhava a questão do existir um caos e um anarquismo e, depois, uma nova ordem social, vinha uma “contra-sociedade” ou uma sociedade imaginária que queremos. Mas, dentro do âmbito ambiental, estamos numa sociedade que consome produções locais, os arranjos produtivos locais, queremos uma vida minimalista, uma vida mais simples. Descolonizar também, valorizar mais a América Latina, o Brasil, o Recife, o nosso bairro, temos que consumir mercadorias locais. Para quem tem a condição de pagar um pouco mais pela produção local, acredito que essa é uma utopia. Valorizar a educação e a Ciência, como a Cecine faz. É um formador utópico, quem acorda todo dia e trabalha com Ciência, com a Educação, que são temas démodé para a liderança executiva atual.

Não podemos aumentar o senso de igualdade, igual vimos o dono da sanduicheria³⁰ falar que “morrer 5 a 7 mil pessoas não poderia parar o Brasil”. Temos que aumentar o nosso senso de igualdade, como São Francisco de Assis queria, ver o outro como igual, querer que todos estejam bem, diminuir a desigualdade, não deixar que existam uns milionários demais e o resto na miséria, ninguém quer essa situação. Acredito que seja essa a sociedade imaginária que queremos.

Márcio Vilela: Professor, sempre no final das nossas *lives* pedimos alguma sugestão de livro. Anotei o título “A última criança na natureza” e pergunto se poderia ser uma indicação de uma leitura. Queria que você falasse um pouquinho mais desse livro e outras indicações de leituras possíveis.

³⁰

Junior Durski, proprietário da rede de restaurantes Madero.

Otacílio Antunes Santana: Esse livro é bastante interessante, mostra como a última criança da natureza – uma criança que foi criada na natureza e não criada como os lobos –, tinha um contato com o mundo totalmente diferente. Vou deixar para vocês lerem, é uma leitura bastante importante.

Esse ano é o aniversário de 200 anos de nascimento de Florence Nightingale, uma enfermeira que foi pioneira na divulgação estatística de dados, em termos de produzir infográficos, gráficos de diagramas e gráficos de pizzas aprimorados. Ela era conhecida como enfermeira e trabalhou muito na guerra da Crimeia e em tempos de pandemia também. Também era conhecida como senhorita da lâmpada, pois chegava com uma luminária para atender os doentes. Trazia não só a luz, mas também o conhecimento científico. Também foi uma das primeiras que pensou em higienização, medidas profiláticas dentro do ambiente de guerras ou ambiente de pandemia, por isso, é importantíssimo que lembremos dela. Se for para indicar um bom livro, também indico o “Meditações de Dom Quixote” do José Ortega y Gasset, que traz uma frase que aprecio muito nesse período: “eu sou eu e minha circunstância, e se não salvo a ela, não salvo a mim”.

Márcio Vilela: Professor, mais uma vez, quero agradecer a sua participação e sua presença em nome da Cecine. Para nós, é muito gratificante abordar uma temática tão sensível e importante. Quando o senhor fala de dados, informações e medidas que poderão ser alteradas, conseguimos entender ainda mais a importância da universidade e dos cursos de Ciências Biológicas, assim como a importância do PROFCIAMB, que é voltada para os professores da rede básica. Para nós da Cecine foi, assim, muito gratificante ouvir. Professor, peço que faça as suas considerações finais.

Otacílio Antunes Santana: Obrigado, professor Márcio. As perguntas e o diálogo foram bastante relevantes. Parabéns para você, assim como para a Cecine, da qual sou fã, como o Carlos e a Rafaela e todo mundo da Coordenadoria. Acredito que estamos botando “a cara à tapa”, temos que segurar a bandeira da Ciência e da Educação. Para mim, você está sendo muito importante para o Brasil nesse momento, são pessoas como você que estão fazendo falta no país nesse momento.

Márcio Vilela: Mais uma vez muito obrigado, professor, boa noite.

PERGUNTAS DO PÚBLICO³¹:

1) Foi divulgado que nesse período de pandemia, aqui no Brasil, ocorreu uma pequena diminuição da poluição, diferente de outras partes do mundo. Ao mesmo tempo, algumas pessoas relatam ouvirem mais barulhos externos, mais o som da natureza. O que você avalia em relação a isso?

³¹

Sessão de perguntas realizadas pelos telespectadores.

Otacilio Antunes Santana: Tenho um amigo que estuda morcegos e ele começou a notar a presença de morcegos na cidade que não existia antes. Também vemos algumas visitas de pássaros, de capivaras, o que é bastante curioso e, ao mesmo tempo, nos preocupamos porque se eles estão entrando em áreas urbanas é porque as áreas silvestres estão sendo reduzidas. Também é aquela questão: “o desmatador não faz *home office*”, temos que pensar nisso.

Com relação ao barulho, conseguimos escutar mais o ambiente, até quem mora em condomínio reclama muito que passa o dia inteiro em casa e descobriu que o vizinho de cima tem um cachorro que fica correndo ou uma criança, e todos descobriram isso agora, mas é só um aprendizado. Não tenha dúvida, passamos até a observar mais o nosso corpo, nossa casa e isso faz parte, você observa mais o outro também.

PERGUNTAS DO PÚBLICO:

2) O ensino de ciências biológicas vai sofrer algum impacto pós-pandemia?

Otacílio Antunes Santana: Os cursos que possuem uma carga horária de aula prática vão sofrer um pouco mais. Alguns professores já concordaram que ele pode ter uma carga teórica que pode virar ensino remoto ou uma educação a distância, mas a parte prática “tem que ter hálito”. Como diriam os educadores franceses, só se aprende com hálito no dia a dia, “com cara na cara”. Isso vai ter que ser pensado, porque, geralmente, as aulas práticas são em ambientes bem fechados, não estou falando de aulas práticas em termos de ir ao campo ou à natureza, falo de laboratório. Como é que vai ser essa aula? Vão ser 10 alunos a 15 alunos? É uma discussão que vai afetar muitos, e está se pensando como é que vai se aplicar isso. A Universidade de Cambridge, essa semana, anunciou que só no verão de 2021 que vai retornar alguma atividade presencial, ou seja, até o verão de 2021 só será *on-line*, então, ainda temos muito o que refletir nesse quesito. Eu sou o coordenador da disciplina de estágio obrigatório e estamos nesse dilema, o aluno tem que fazer um estágio para fazer o TCC e se formar, e como é que ele vai para o estágio obrigatório agora? Essas são questões que o colegiado do curso vai ter que pensar muito.

PERGUNTAS DO PÚBLICO:

3) Professor, fale um pouco sobre a saúde emocional nesse contexto de pandemia, imersão virtual e a falta de contato com a natureza.

Otacílio Antunes Santana: É justamente o que já havíamos tratado sobre o Déficit do Transtorno de Natureza. Observando e lendo muito sobre a China, no sistema de lockdown bastante rígido, não podia nem sair para o supermercado, a comida era entregue em caixas na porta da casa. Nos relatos da China têm muitas pessoas enlouquecendo, houve um aumento de suicídios, logo, vemos que não são pessoas que possuem muita preocupação em relação a manter a saúde emocional.

Para criança tem muita relação com o ritmo natural da rotina, pois a criança precisa de seu ritmo natural: acordar em uma hora, almoçar sempre em torno do meio-dia etc. Isso é crucial para o desenvolvimento. Quem não tem esse ritmo natural, não tem um bom desenvolvimento e esta luta é nossa, como vamos manter esse ritmo nessa rotina? Acordar cedo, fazer algumas atividades, comer em certos períodos, temos que fazer isso para manter essa saúde emocional. É lógico que é fácil para alguns falar, mas é difícil em outras situações, como para pessoas que tiveram os contratos de emprego suspensos. Vou indicar o que eu estou fazendo: ler muito e beber muita água. Não sou nem médico nem psicólogo, porém é isso que, como um leigo, estou indicando.

EDUCAÇÃO ON-LINE: IMPLICAÇÕES POLÍTICAS

Entrevistador:
Márcio Vilela

Entrevistado:
Professor Dr. Pablo Porfírio

Márcio Vilela: Boa tarde a todos e a todas, eu sou Márcio Vilela, coordenador da Cecine, que é a Coordenadoria do Ensino de Ciências do Nordeste, uma unidade da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proexc) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Estamos aqui hoje para mais uma atividade do projeto Ciclo de Palestras e Oficinas, que tem o objetivo de contribuir para a formação inicial e continuada de professores, através da promoção de reflexões sobre questões educacionais mais gerais. Hoje, as reflexões serão sobre a educação *on-line* e suas implicações políticas, e quem vai desenvolver essas reflexões será o professor Pablo Porfírio, professor de História do Colégio de Aplicação da UFPE e professor do Programa de Pós-Graduação em História da UFPE. Desde já gostaríamos de agradecer a presença do professor Pablo. Sobre essa transmissão, ela está prevista para que dure cerca de uma hora. O convidado, inicialmente, vai explorar suas ideias a respeito do tema e, em seguida, responderá também algumas questões que, porventura, sejam colocadas no nosso *chat*. Então, pedimos que durante a fala do professor, se alguém tiver alguma questão, já pode enviar. Quem estiver acompanhando a transmissão também poderá receber a declaração de ouvinte, mas, para isso, precisa preencher o formulário eletrônico que nós estamos disponibilizando no *chat* durante a transmissão. Feitas estas considerações, vamos dar início à atividade propriamente dita. Boa tarde, professor Pablo.

Pablo Porfírio: Boa tarde, professor Márcio. Boa tarde a todos e todas que nos assistem.

Márcio Vilela: Eu falei há pouco, muito rapidamente, quem era o professor Pablo, professor do Colégio de Aplicação da UFPE e do Programa de Pós-Graduação em História na UFPE, mas o professor Pablo é um pesquisador muito conhecido e reconhecido, tem vários livros e artigos publicados, sugiro que os nossos ouvintes depois procurem o Currículo Lattes do professor Pablo porque ele é bem extenso. É uma imensa alegria tê-lo aqui, professor. Você é uma pessoa tão querida por todos nós historiadores, tem uma contribuição na pesquisa historiográfica enorme. Em nome da Cecine, gostaria de agradecê-lo por ter aceitado esse convite, é uma alegria enorme estar aqui para ouvi-lo, principalmente neste momento de pandemia, quando tudo está acontecendo de forma virtual, até mesmo as aulas nossas, e nós sabemos que isso tem algumas implicações, porque nós vamos encontrar pessoas que são críticas desse processo e também vamos encontrar pessoas que aceitam esse processo sem fazer grandes questionamentos. Acho que o nosso papel aqui é fazer alguns questionamentos. Neste sentido, eu quero fazer uma pergunta: quais implicações políticas podemos pensar e discutir aqui com relação à educação *on-line*?

Pablo Porfírio: Primeiramente, eu gostaria agradecer antes de responder à pergunta provocadora do professor Márcio, mas quero inicialmente agradecer à Cecine, agradecer também ao professor Márcio, que tem desempenhado junto a toda a equipe da Cecine, e, cumprimentando o professor, eu estendo os meus cumprimentos a toda a equipe de funcionárias, técnicas e técnicos que formam a Coordenadoria. Cumprimentar pelo excelente trabalho que tem sido realizado na promoção do debate, da divulgação e na promoção mesmo da Ciência enquanto campos de saberes que vão desde as chamadas ciências naturais, ou ciências exatas, as denominações que quiserem ser dadas, até as ciências das humanidades, da Educação, da História, então, esse leque tão amplo de atividades que a Cecine elabora e projeta para a sociedade faz com que esse trabalho seja realmente digno de destaque nesses últimos anos sob a coordenação do professor Márcio e, claro, juntamente com toda a equipe que forma a Cecine, voltando a ter um protagonismo dentro do debate sobre a ciência em seus mais diversos campos de saber na nossa sociedade. Quero também com isso agradecer ao convite para estar aqui discutindo. Como o professor Márcio adiantou, minha formação é em História na graduação, mestrado e doutorado. Sou professor do Colégio de Aplicação e do Programa de Pós-Graduação em História, logo, quero dizer que é desses lugares de onde eu vou falar aqui algumas considerações, algumas provocações sobre esses temas.

Eu não tenho formação em Educação, propriamente em Pedagogia, quero deixar isso também bastante claro, mas atuo dentro de um colégio e, por isso, estamos a todo tempo dialogando, conversando, estudando sobre o processo educativo e sobre a educação também como um espaço de debate político na sociedade, pensando quais são as políticas educacionais, quais são as políticas públicas para educação que nos envolve, que nos formam. E também com essa questão da pandemia que o professor Márcio colocou, a questão do *on-line*, do virtual, do remoto, ela ganha outras proporções e nos atinge diretamente enquanto escola, enquanto professores e professoras e estudantes. Claro, também os técnicos, os pedagogos e todo o conjunto de trabalhadores, trabalhadoras e estudantes da educação são atingidos por essa questão do virtual, um processo que não se iniciou com a pandemia, mas que vai se acelerar bastante neste momento, essa virtualização do processo educativo, a utilização das plataformas de comunicação, as plataformas de aula como estão sendo utilizados, então é um processo em aceleração, e no Colégio de Aplicação da UFPE, nós tivemos vários debates sobre a utilização, sobre os impactos desse processo, como vamos encarar e participar desse processo. Claro que os posicionamentos e as análises são diversos e é ótimo que seja assim, mas é um processo que me incomodava, que me incomoda sobretudo para entender sobre o que estamos falando quando falamos nesse tipo de processo educativo, nessa forma de fazer a educação. Então, me coloco mais como uma pes-

soa que se incomoda e, conseqüentemente, que tem interesse em pesquisar, em estudar sobre o tema e, a partir daí, trazer alguns pontos para reflexão.

A educação *on-line* também aparece, geralmente, como “Educação 4.0”; já se fala também “Educação 5.0”, assim como “Sociedade 5.0”, a partir da *internet* 5.0, ou seja, já há uma formatação desse processo e dessa sociedade para uma linguagem da *internet*, dessa tecnologia *on-line* que ganha tanto espaço na nossa sociedade, sobretudo a partir dos anos 80 e, mais recentemente, a partir dos anos 2000, com o avanço dos aparelhos tecnológicos, principalmente dos celulares, que individualiza e torna móvel toda a vivência dentro desse ecossistema virtual. Assim, o *smartphone* transporta esse indivíduo em qualquer lugar para dentro desse ecossistema, da mesma forma que esse ecossistema vai englobando vários elementos e dimensões da vida cotidiana desses indivíduos. A partir desse lugar de incômodo, como professor da Educação Básica que sou também, que parti para pensar algumas questões e compartilhar aqui, como já havia compartilhado um pouco com o professor Márcio, para que possa gerar algumas reflexões e, sobretudo, o debate.

Da perspectiva histórica, como professor de História, a primeira questão que eu acho que a gente precisa abordar aqui é a denominação da Era Digital. Nós sabemos, enquanto historiadores, que essas organizações em Era ou em Idades, como Idade Média, Idade do Bronze, Idade da Pedra e Idade Contemporânea, são projeções e criações históricas, elaboradas principalmente no período moderno da história europeia e, conseqüentemente, elas estão baseadas em uma perspectiva histórica, em uma perspectiva de discurso histórico, elas não são naturais, são produzidas historicamente em um determinado tempo e com determinados objetivos. Por isso, quando falamos, por exemplo, em Era Digital, estamos trazendo uma construção histórica que não se iniciou agora e que coloca esse tempo em que nós vivemos dentro de uma narrativa histórica que divide a história da humanidade, como se essa história da humanidade fosse única, em vários períodos, Idades ou Eras, assim, essa questão traz um desenvolvimento linear para a sociedade, mas também um caminho que é quase obrigatório, como se nós, seres humanos, não tivéssemos o domínio sobre a produção da nossa própria história.

Então, alguém em algum lugar, alguma força estranha disse que agora iríamos sair de uma determinada Era para entrar na Era Digital, que foi imposta por algum extraterrestre e que nós não temos nenhum controle sobre ela. Ela chegou, se colocou e nós teremos que nos adaptar a ela. Muitas vezes se passa essa imagem, seja de um caminho sem volta, de que o futuro vai ser assim e tem que ser assim, e nós apenas vamos nos adaptar da melhor forma possível a ele. Mas, quem cria esse discurso e essa narrativa da Era Digital? Quem produz o digital? Quem produz a tecnologia? Quem está dizendo que nós es-

tamos entrando numa nova Era? Essas são questões muito importantes para a gente pensar. Uma outra questão é que dentro desse discurso da Era Digital e do mundo *on-line*, se fala muito que as crianças e adolescentes – isso é praticamente um senso comum – são nativos digitais, que há uma completa harmonia entre crianças, adolescentes e a tecnologia. Quando escuto isso, eu fico, às vezes, pensando que é como se a criança nascesse com o *chip* que dá a ela todas as ferramentas, todas as habilidades para ter uma completa harmonia com a tecnologia, com mundo digital, com o mundo *on-line*, com essa vivência, e não é assim. Claro que a criança tem mais possibilidades, ela está em fase de aprendizado, tem mais tempo e energia para disponibilizar para o aprendizado dessas ferramentas, do que, por exemplo, talvez, o adulto de 50 ou 60 anos, mas é sempre um aprendizado, é sempre uma disciplinarização e uma formatação que essas crianças e adolescentes vão ter que sofrer para se tornarem aquilo que se chama nativo digital.

Esse é um outro ponto que precisamos problematizar: como se dá essa inserção desses indivíduos, essa formação desses indivíduos enquanto sujeitos históricos e sociais, enquanto cidadãos, dentro dessa categoria do digital. Então, esse é um ponto importante, não existem nativos digitais, existem pessoas que aprenderam a usar essa tecnologia de forma mais rápida e mais cedo do que outras. Mas quais as implicações desse aprendizado para, por exemplo, uma criança de 3, 4 ou 5 anos de idade? Ele não é um nativo, ele sofreu um aprendizado muito mais cedo. A questão da Era Digital e a questão dos nativos digitais são termos que naturalizam esse momento do digital e que nos coloca como apenas passivos dentro de uma construção social, de um projeto político de sociedade, que é o projeto político do digital, do *on-line* e da tecnologia que envolve essa dimensão das vidas. Assim, o primeiro ponto é desnaturalizar e desfazer essa ideia de que isso vem de outro mundo e que nos é imposto, quando, na verdade, é uma opção que essa sociedade constrói ao fim.

A pandemia, como o professor Márcio falou no início, ela acende fortes refletores para iluminar esse momento, que é um momento pandêmico no qual precisamos ou optamos por realizar algumas atividades a partir desse universo *on-line*, então, ele acende refletores para direcionar e clarear um determinado caminho, para destacar um determinado caminho em detrimento de vários outros, e um grande perigo é que a gente não consiga depois pensar ou lembrar que esse refletores foram ligados no momento pandêmico, quando buscamos algumas soluções provisórias e não para vida toda. Há um risco de que essas opções que foram feitas para um determinado momento de exceção, elas se tornem normalizadas e nós não as questionemos, porque seguimos com esses refletores ligados, esse é um outro problema também. Houve um debate logo no início da pandemia se esse seria um momento ideal para reformular a nossa forma de relação com a tecnologia, nossas formas de relação com o

on-line, mas parece-me que não. Talvez acentuar algumas questões, inclusive se a gente pensar a lucratividade que essas empresas de tecnologia tiveram durante o momento pandêmico, parece que houve uma expansão desse tecido digital dentro da sociedade, mas esse é outro debate.

Eu estou trazendo várias questões que não vão encerrar esse debate porque ele é um debate muito extenso, por isso, eu vou pontuar algumas questões aqui para a gente refletir. Ainda dentro desse processo histórico, é interessante pensarmos a década de 1970. Muitos autores, como Franco Berardi, pensam a década de 70 do século XX como marco divisor dentro dessa organização da sociedade, sobretudo pela ascensão neste período de várias políticas do neoliberalismo. Assim, o capitalismo na década de 70 vai se apropriar de um discurso, inclusive que era muito próprio das oposições e das esquerdas, principalmente dos movimentos estudantis da década de 60, que vai resultar ali, por exemplo, em maio de 68, que era um movimento de desregulamentação, de quebra desse controle do Estado, de crítica a essa ordem estatal. Então, os movimentos estudantis se levantam contra isso, contra as ditaduras na América Latina, contra a ordem da burguesia aliada ao Estado na Europa e tem o discurso de desregulamentar, questionar e quebrar essa ordem. Muitos autores colocam que, na década de 70, após esses movimentos, o próprio capital começa a trazer para si a ideia de quebrar com essa regulamentação do Estado, tínhamos toda uma prática do capitalismo que vai questionar essa atuação do Estado enquanto mediador dentro da sociedade, ele se apropria desse discurso, claro que em outros termos e com outras práticas, para questionar essa atuação do Estado, seja na mediação das relações trabalhistas, seja na mediação do processo educativo etc.

Dessa forma, a década de 70 é muito importante para alguns autores, e eu me coloco um pouco como leitor na concordância com eles de que é importante pensar quando o capitalismo, enquanto sistema, quando esses grupos que movem os sistemas começam a pensar essa desregulamentação como fundamental para a continuação dessa reprodução desse capital. Nas décadas de 70, 80 e 90 ocorre uma reformatação da ideia de sujeito, pois o neoliberalismo não é só um programa econômico, ele é também um programa de reformatação dessa ideia de sujeito e de indivíduo, isso constitui todo um debate que eu não irei entrar, mas é algo para pensar sobre uma reformatação das políticas públicas a partir da tecnologia da comunicação, da ideia de formação desse sujeito e do sentido próprio da comunicação. A partir da década de 80, com o desenvolvimento audiovisual, que vai se expandir durante a década de 90, e, depois, no século XXI, essa união entre capital financeiro e tecnologias de comunicação que se amplia, e nesse caso o smartphone, o celular, a *internet* de banda larga e a popularização desses instrumentos são funda-

mentais. Ou seja, esse encontro entre o capital financeiro, que ganha força na década de 70, e essas novas tecnologias de comunicação são fundamentais para pensarmos essas reformatações, esses novos projetos para as ideias de política pública, de formação de indivíduo, de formação do sujeito e do próprio sentido que a comunicação vai ter dentro das sociedades. Isso não é uma evolução natural, não é a evolução natural do progresso, que era uma ideia muito forte do século XIX e que é a própria ideia da modernidade, isso é uma opção dentro de um jogo político que vai se dar no final do século XX.

Então, a escola, enquanto espaço formativo e disciplinar, vai começar a se esvaziar. Essa é uma provocação que eu faço, porque ela vai se esvaziar dessa ideia de coletividade e comunidade, de um local de encontro dos diferentes. Claro que isso não acontece do dia para a noite, isso está acontecendo e ela perde esse sentido da produção da cidadania, ou seja, do local do espaço público, porque ela já não é tão necessária para o processo de disciplinarização, tão forte no projeto escolar como durante o século XIX. Isso acontece porque não se precisa mais disciplinar tanto para o trabalho, não se precisa mais se disciplinar tanto para organização da disciplina industrial. Sobre esse controle próprio do ambiente escolar, assim como outros ambientes, Foucault estuda muito bem isso com o estudo das prisões, com o estudo da loucura. A escola também está entre essas instituições modernas, esse controle passa a ser paralelo ao Estado dentro de um projeto de educação, aqui posto como educação, que vai funcionar nesse mundo *on-line*.

Dessa maneira, a formação passa a ter a ideia de informação, então, a formação do indivíduo é ter acesso à informação, pois quanto mais acesso à informação, mais esse indivíduo está formado, isso esvazia, de certa forma, ou se coloca como alternativa que pode esvaziar – na minha visão está se esvaziando, perdendo sentido de escola enquanto local de formação de coletividade, enquanto local de conjunção. Também vai esvaziar um pouco no sentido da disciplina que era do espaço escolar, porque os indivíduos agora se autocontrolam, eles se autoexploram, para utilizar uma categoria de Byung-Chul Han. As ferramentas que estão disponíveis para eles na *internet* os colocam como protagonistas, inclusive na sua exploração e no controle que ele tem sobre si para ser produtivo. Portanto, o trabalho ou trabalhador não precisa mais ser formatado dentro do ambiente escolar, podem ser formatados dentro do ambiente virtual, dentro de uma categoria que apresenta pouco espaço de resistência, afinal de contas, o ambiente virtual vem sempre projetado dentro de uma positividade, a positividade do fazer, do possível, do empreender, a própria positividade do objeto, pois o celular é um objeto liso, é um objeto que desliza, é a tela plana. Como diria um amigo, “num mundo onde a tela é o principal objeto e ela é plana, esse mundo, essa terra onde vivemos, ela também tem que ser plana”. Não está desconectada a ideia de Terra plana dentro da

ideia de um mundo plano que é o mundo das telas. Então, resumidamente, aqui, esse espaço formativo e disciplinador da escola enquanto um projeto de modernidade do século XIX, do século XX, ele também vai perdendo espaço para essas outras configurações virtualizadas e *on-line*, esse é um ponto importante.

A conjunção, que é o encontro entre indivíduos diferentes que vão se conjugar um ao outro dentro das suas diferenças, é muito diferente da conexão, onde indivíduos distintos se tocam em um ponto de conexão. E esse ponto de conexão está pré-fabricado, ele está pré-determinado a partir do funcionamento do algoritmo, a partir do funcionamento da programação.

A conexão não muda as pessoas, porque essas pessoas precisam estar pré-estabelecidas a se conectarem dentro de um caminho que já está estabelecido, que é o caminho da programação, o caminho do algoritmo. A conjunção, que era o que acontecia dentro das escolas, se estabelece a partir do encontro de diferentes, e, assim, um pode assumir o lugar do outro, um pode sentir a dor do outro, compartilhar dessa dor, tornar essa dor comum. Então, a conjunção requer corpos, ela requer indivíduos que se encontrem dentro das suas diferenças. A conexão, não. Se conectar é diferente de se encontrar. Esse é um ponto importante para a gente pensar, inclusive, teoricamente. Se conectar não significa se encontrar, são questões diferentes. Esses são elementos para a gente pensar nesse ambiente escolar e as mudanças desse ambiente, e, aí, eu provoço, o esvaziamento também desse ambiente, dentro dessa perspectiva do *on-line*.

Bom, uma outra questão que se coloca dentro dessa educação é o caráter de aceleração. Mas veja: a velocidade, a aceleração, não é uma prática, ou uma dinâmica, uma característica da nossa sociedade do século XXI, ela é um projeto da própria modernidade. A aceleração da produção, do consumo, da comunicação, dos transportes, tudo isso é um projeto da modernidade. A Revolução Industrial é um exemplo dessa aceleração da produção. As ferrovias, os automóveis e o avião são exemplos dessa aceleração do transporte, do deslocamento. A propaganda que se inicia no final do século XIX e estoura no século XX, é a aceleração do consumo, na prática do consumo, no estímulo ao consumo, de se consumir mais para se produzir mais. Então, a aceleração não é algo do nosso tempo, especificamente do século XXI, ou mesmo desse momento *on-line*, desse momento da tecnologia, da virtualidade ou da *internet*. Ela é um projeto da modernidade que se potencializa, se intensifica e ganha outros contornos a partir do encontro desse capitalismo, próprio dessa modernidade, com essas tecnologias de informação e de comunicação. Então, essa aceleração vai, por exemplo, saturar a sociedade de informação, de comunicação. Por isso, a todo tempo, somos bombardeados por informação, a

todo tempo somos levados a nos comunicar, comunicar, a nos fazer presente no mundo virtualizado, seja a partir do Instagram, do Tik Tok, do WhatsApp, do Facebook ou de qualquer outro ambiente.

Então, essa saturação de informação e esse excesso de comunicação ou essa comunicação intermitente tem alguns propósitos. Primeiro, diminui o tempo de decisão. Um dos projetos, um desses objetivos, é você diminuir o tempo de decisão. Todos esses aplicativos *on-line*, todos eles coletam dados para personalizar a informação que vai nos oferecer, ou a propaganda, ou a indicação, ele vai nos induzir a um determinado comportamento, ou uma determinada decisão. O funcionamento desses aplicativos *on-line* busca diminuir esse tempo de decisão e, se vai diminuir o tempo de decisão, ele também diminui o tempo de reflexão e elimina esse tempo inútil da reflexão e da contemplação. Portanto, esse mal-estar da aceleração, da velocidade, do ritmo frenético que nos colocamos não é só porque o tempo se acelerou, mas é porque há uma política de aceleração desse tempo, provocada, sobretudo, pela diminuição do espaço de tempo decisório, do espaço de tempo da reflexão, do espaço de tempo da contemplação.

E vejamos: a escola e a educação têm que ser, antes de qualquer coisa, um lugar de espaço para reflexão, um lugar de espaço para análise e para a contemplação. Não existe processo educativo que não esteja caminhando com a perspectiva, com o tempo da reflexão. Se a gente tem uma sociedade formatada no mundo *on-line*, onde as principais perspectivas são você diminuir o tempo de decisão, seja porque o Waze indica por onde você deve ir, seja porque você está conversando com alguém, e surge uma propaganda do que você deve comprar, do que você deve ver, de qual vídeo do YouTube você deve assistir; ou seja, todo momento você é induzido a tomar determinadas decisões. Isso diminui esse tempo decisório. Consequentemente, se esvazia um dos principais pontos da educação pensada no século XIX também, que é a educação, da formação para a cidadania, que é o tempo de reflexão, o tempo de análise, o tempo de contemplação de um problema, por exemplo.

Então, essa indução pelos caminhos, ou para determinados caminhos, também, além de eliminar, ou além de deixar extremamente comprometido esse tempo da reflexão, da contemplação etc., elimina ou compromete o tempo da imaginação, e isso para uma criança é fundamental. Uma criança nas telas, em uma educação *on-line*, tem o seu tempo de imaginação diminuído, e sem imaginação é impossível você pensar, você imaginar futuros possíveis. Você pode até imaginar futuros virtuais, mas o virtual já está presente em todo o espaço. O possível é algo que pode vir a ser, e, na nossa sociedade, é fundamental a gente imaginar futuros possíveis, futuros que podem se projetar. Essa também é uma outra crise que se produz dentro desse mundo virtuali-

zado, porque ele é sempre o mundo do presente, da presentificação. Ele tem pouco espaço ou quase nenhum espaço para a imaginação. E isso para uma criança é fundamental, para a formação de uma criança, a formação de um adolescente dentro do processo educativo, é fundamental. Isso causa alguns problemas como o cansaço e a depressão, o cansaço efetivo, o cansaço excessivo das crianças. Quem aqui é professor, com certeza, além de estar cansado, obviamente, deve observar como crianças de 10, 11, 12 anos reclamam de cansaço, apresentam quadros de depressão dentro desse cenário atual. Em grande medida, você pega, por exemplo, crianças de classe média, que talvez não tenham uma necessidade, hipoteticamente, material, que poderiam ter um conforto nessa vida, mas reclamam desse cansaço, dessa depressão. E aí as pessoas dizem “mas essa criança tem tudo”. Tem tudo, mas ela não é um nativo digital, o processo de adaptação e aprendizado dessa criança dentro desse mundo *on-line* está extremamente comprometido porque há algum problema aí. Então, nessas crianças que estão a todo tempo sendo inquiridas a estar processando informações e se comunicando, aumenta muito o quadro – vocês podem pesquisar – de incidência de cansaço, depressão e de ansiedade. Essa é uma questão que a gente precisa pensar muito sobre ela e refletir muito melhor, aqui eu estou só fazendo uma breve explanação.

Outra coisa que a gente tem que pensar é que a conectividade vem na mesma moeda da precariedade, essa precariedade pode ser uma precariedade emocional, pode ser uma precariedade educativa, pode ser uma precariedade de trabalho, mas a conectividade está ligada à ideia de precariedade. Isso é uma interface contínua entre conectividade e precariedade, porque dentro dessa conectividade, o sujeito perde, ele torna-se apenas fragmentado, ele torna-se celularizado. Assim, a precariedade vem, sobretudo, desta nova forma de se pensar o sujeito. O sujeito trabalhador, por exemplo, é pensado a partir de fragmentos de tempo, então, eu posso contratar uma hora, posso contratar duas horas. Logo, esse sujeito não é pensado enquanto sujeito trabalhador, ele é pensado enquanto fragmentos de tempo que eu vou contratar para um determinado trabalho, mas ele precisa estar conectado, e, para isso, temos os aplicativos como, por exemplo, o Uber e outros. A criança também, o adolescente também, o estudante também.

Eu acho que os professores já devem ter escutado uma criança ou adolescente que diz “Mas eu nunca consigo terminar, zerar as minhas atividades do Google Classroom, sempre tem alguma coisa ali”, porque a todo momento essa criança está celularizada e emprestada às redes, a todo momento ela tem algo a fazer, a todo momento ela tem que estar conectada. Esse é o sistema do Classroom, a todo momento há a possibilidade, então, o professor, domingo à noite, pensa em adiantar a sua semana e coloca suas atividades no sistema. Então, a criança recebe ali no seu celular, domingo à noite, que o professor

colocou a atividade assíncrona. Ela está emprestada a uma rede social – ou às redes – no domingo à noite. Não necessariamente ela precisa fazer no domingo à noite, mas ela já recebeu a comunicação no domingo à noite e ela se conectou àquilo no domingo à noite. Vejamos: a conectividade absoluta, total, a todo momento precariza, por exemplo, o momento de descanso dessa criança, precariza o momento de outra rotina, que não necessariamente é a rotina da escola, que não necessariamente é a rotina da tarefa da escola.

Isso também prepara, de certa forma – não dentro da escola, mas fora da escola, nas redes – esse sujeito para essa conectividade do trabalhador, que a todo momento tem que estar disponível ao patrão ou ao aplicativo ou à plataforma, portanto, conectividade e precariedade caminham conjuntamente, seja no ambiente escolar, seja no ambiente de trabalho. Isso é um tema extremamente complexo que a gente precisa pensar, mas aqui eu jogo também como uma provocação. Bom, e para finalizar, a gente também tem que pensar a linguagem dentro desse processo educativo *on-line*, a linguagem que nós, professores, dirigentes de escola e técnicos, utilizamos, inclusive fazendo com que essa linguagem seja extremamente acessível a esses estudantes, que vão se formar dentro dessa gramática e vão estar preparados depois, quando forem para o mundo do trabalho, a utilizar, a se fazer ver, a se fazer trabalhador dentro dessa linguagem. E essa é uma linguagem criada a partir da década de 1970, dentro desse projeto neoliberal.

Então, vocês já devem ter escutado algumas palavras que compõem essa linguagem, eu vou citar algumas aqui: gestão, inovação, crise, transparência, produtividade, resiliência, flexibilidade. Isso tudo é uma gramática de produção, é uma gramática produtiva, colocada em circulação com determinados conceitos – aqui temos que lembrar do grande historiador alemão Koselleck – para pensar a historicidade desses conceitos. A partir da década de 70, esses conceitos são agenciados, são colocados em funcionamento para pensar a positividade desse trabalhador precarizado, um trabalhador que tem que ser resiliente, mesmo que perca o emprego. Ele tem que ter flexibilidade, porque ele se formou em uma coisa, mas vai trabalhar em outra; ele precisa ser produtivo para bater as metas cada vez mais impossíveis; ele precisa ter uma inovação, ele precisa pensar a vida dele como gestão, como um projeto. Assim, começamos a pensar a escola como uma gestão, que é pensada para empresa, mas que a gente pensa para escola. As metas que a escola precisa bater para ganhar, inclusive, as gratificações, ou seja, há todo um mundo empresarial, do Capital, que a partir daí começa a ser pensado para dentro da escola, e claro que isso não é algo do nada, você tem grandes conglomerados econômicos que passam a atuar dentro do espaço educacional, e a transformar esse espaço educacional em empresas.

E claro que essa transformação é uma transformação lenta e constante, que vem na década de 70, mas que ganha um novo patamar a partir do uso dessas ferramentas tecnológicas, dessas ferramentas, sobretudo *on-line*. De agente transformador pela educação, de uma criança, adolescente, formados na escola como um sujeito que é constituído como cidadão, e que vai para essa sociedade para exercer sua cidadania, para ser um agente transformador, o que se constitui hoje, em grande medida, dentro do processo educativo – não de todas as escolas, não de todos os países, claro que eu não estou construindo uma totalidade aqui – mas o que se percebe e o que se entende é que, muitas vezes, esse sujeito, agente transformador de uma determinada sociedade, vai sendo configurado dentro desse processo de educação *on-line* 4.0 ou 5.0 ou como queiram chamar, ele vai se transformando em um sujeito passivo, ocupando o lugar de passividade diante das aceleradas transformações que afetam o mercado de trabalho e a forma de se relacionar.

Dentro desse modelo, cabe a esse sujeito – muitas crianças e adolescentes, mas trabalhadores também, se a gente fosse falar do mercado de trabalho, do mundo do trabalho – desenvolver a capacidade de se adequar. Vejamos, quando eu desenvolvo a capacidade de me adequar, eu não sou protagonista do processo, eu não sou agente transformador do processo, eu apenas vou me adequar a esse processo que é dado e apresentado para mim. Dessa forma, a resiliência e a flexibilidade não são categorias utilizadas para formar um cidadão transformador na sociedade, são categorias que formam um agente que é apenas adaptável a esse processo que, como eu falei lá no início, não foi trazido de Marte, ele é constituído dentro dessa própria sociedade que nós vivemos, sociedade do capital. Então, ele deixa de ser – e isso aqui é muito importante, sobretudo para os historiadores, os professores de História –, ele deixa de se pensar como um sujeito na história. E aí, abre-se um outro flanco de debate – que eu não vou entrar porque já extrapolei meu tempo – para a gente pensar, inclusive, nessa constituição do saber histórico na escola, dessa crise do saber histórico na escola, desse desinteresse do saber, dessa negação ao saber histórico, porque esse sujeito também deixa de se pensar enquanto um sujeito histórico, um sujeito de formação, de atuação nessa história para se pensar apenas como alguém que vai se adaptar a esse mundo que é apresentado a ele, e que é um mundo colocado como imutável. Inclusive, pela velocidade de novidades que é colocada, é impossível para esse sujeito se pensar enquanto agente transformador.

Então, para finalizar mesmo aqui, é preciso alguns movimentos: na minha percepção, é preciso entender e problematizar esse funcionamento desse mundo *on-line*, desse mundo virtualizado, dessa educação *on-line*. Primeiro acabar com essa naturalização de que é isso e não tem saída, é um caminho sem volta, o futuro vai ser assim... Isso está sendo produzido, está sendo construído,

isso vem sendo construído. Então, primeiro, é entender e problematizar esse discurso; segundo, entender esse funcionamento sem entender como funciona, para a gente fica muito difícil propor saídas; terceiro, esse debate tem que vir para o debate público. As escolas públicas e as universidades públicas contratam ferramentas de empresas privadas como se aquilo fosse apenas uma ferramenta tecnológica e não tivesse, dentro daquela ferramenta tecnológica – como essa que nós estamos utilizando aqui agora – uma programação, uma elaboração de uma linguagem, que é a programação, e essa programação dessa linguagem não fosse pensada dentro de uma ideia de mundo que algum grupo tem nos Estados Unidos, na China, na Europa, no Brasil e em qualquer outro lugar. É como se a tecnologia fosse algo neutro, e isso não existe. Vocês sabem, mais do que eu, que isso não existe. A tecnologia não é neutra, a tecnologia vem dentro de uma ideia política de mundo, logo, ela precisa ser debatida politicamente dentro do espaço público. Então, não é possível apenas aceitarmos as ferramentas como se fossem ferramentas neutras que vão nos auxiliar dentro do processo educacional. Elas formatam o processo educacional, elas nos formatam. Por isso que a gente precisa sempre estar atento e sempre abrir o debate. Obrigado, professor Márcio. Extrapolei cinco minutos do tempo, mas acho que não foi tanto.

Márcio Vilela: Professor Pablo, eu estava aqui acompanhando e realmente pensando em todas essas questões, reflexões que foram colocadas aqui. São reflexões extremamente profundas. Requer de nós, da escola, de todos nós que fazemos a educação, uma seriedade neste debate. E aí eu já faço uma pergunta: às vezes, é comum no ambiente escolar, com a introdução dessas ferramentas tecnológicas, a gente ouvir a seguinte expressão ou fala: “agora nós vamos reduzir o trabalho”, ou seja, essas ferramentas vão nos ajudar, de certo modo, a diminuir o nosso trabalho, porque elas facilitam, elas ajudam. Isso é uma ilusão? Isso, digamos assim, é uma falta desse conhecimento e dessa reflexão em relação a essa questão, professor?

Pablo Porfírio: Aquilo que eu chamo de mundo, que eu acho que nem deveria ser chamado de mundo *on-line*, porque ele é o nosso mundo, ele está dentro do nosso mundo, mas me faltam ainda termos melhores para expressar, porque à medida que a gente for elaborando os termos, a gramática, para fazer uma crítica a essas questões, eu acho que fica muito mais possível de se entender. Mas uma das coisas, que dentro da minha limitação atual, eu penso sobre esse mundo *on-line*, sobre esses aplicativos, é que eles sempre vêm apresentados a partir de uma chave de positividade. Sempre é a partir da chave de positividade, então, o aplicativo ou os entregadores de aplicativo estão ali sendo mobilizados a partir de uma ideia de liberdade, liberdade do trabalho: “eu não tenho patrão, eu posso trabalhar a qualquer momento, eu faço meu horário, tenho liberdade para, se eu quiser trabalhar, eu trabalho, e

se não quiser, não trabalho”. A comunicação, o WhatsApp, sempre vem dentro de uma chave da livre comunicação: “eu posso me comunicar com qualquer pessoa, eu posso me comunicar a qualquer momento com pessoas que estão em diferentes lugares”. Assim como essas ferramentas para o trabalho vem sempre dentro uma chave de positividade: “vai diminuir seu trabalho, é muito mais rápido”. E realmente é, mas não é só isso, porque você diminui, você pode fazer o seu trabalho mais rápido, mas isso não significa que a quantidade do seu trabalho vai diminuir. Você pode fazer determinado trabalho mais rápido, mas isso não significa que sua carga horária de trabalho vai diminuir. Essa ideia, eu não vou nem dizer ilusão, mas essa ideia que se tinha muito no século XX de que o desenvolvimento da tecnologia possibilitaria o aumento das horas de lazer do cidadão, a gente já está no século XXI e esse aumento das horas de lazer nunca chegou.

Marcio Vilela: Aliás, tem diminuído, não é?

Pablo Porfirio: Inclusive, tem diminuído. A gente tem síndromes, estados psíquicos que vêm exatamente desse cansaço, inclusive, com a perturbação do sono, a diminuição do sono. Há pesquisas que mostram um grande número de pessoas que não conseguem mais, por exemplo, desligar o celular à noite, mas não é desligar de apagar o celular, é que a pessoa acorda no meio da noite para checar as mensagens. Então, vejamos, a positividade do discurso existe, e ela é uma das características fundamentais, mas, para além dessa positividade, a gente tem que pensar quais as outras implicações – por isso eu acho que implicações é uma palavra boa, que eu sugeri para utilizar – porque a educação *on-line* tem muitas positivities, então você pode fazer da sua casa, você pode fazer no conforto do seu lar, você pode fazer acessando vários sites.

Mas quais são as implicações disso? É um pouco do que eu tentei mostrar aqui. Quais são as implicações dentro desse processo? E outra, não nos foi dado, como sociedade, a opção de debate e de escolha, nos é imposto um modelo positivo, como se não houvesse alternativa, sem um debate público, e que ocupa todas as instâncias, inclusive as instâncias públicas, sem que haja esse debate, sem que haja onde se debata as implicações deste processo. Então, pode se chamar, professor, de ilusão, mas eu diria, sobretudo, que esse não é um discurso novo, é um discurso que vem lá do início do século XX, de que a tecnologia iria abrir espaço para mais horas de lazer e de sociabilidade, dos pais e mães estarem com seus filhos em casa, não é isso que a gente viu. Pode ter visto lá no norte da Europa, uma Finlândia, mas a gente sabe que aquilo é um por cento, menos que um por cento da realidade total.

Márcio Vilela: Professor Pablo, você mencionou há pouco a força dessas linguagens que sempre trazem uma positividade, você falou da flexibilidade como um termo muito usado nesse novo contexto, e eu fiquei aqui pensando que é muito comum, também, até no ambiente escolar ou na universidade, nós escutarmos o termo “colaboradores” para falar dos servidores, dos trabalhadores da educação. E essa também é uma linguagem que contribui, e muito, para reforçar esse discurso, não?

Pablo Porfírio: Sim, porque colaborador é um conceito, um uso gramatical dessa linguagem, que elimina a dimensão da exploração. Se você colabora, você não é um trabalhador que está sendo explorado dentro da sua força de trabalho, então, o colaborador é uma positividade dentro dessa dinâmica da relação de trabalho. Uma outra coisa que eu também gosto muito é de “sair da sua zona de conforto”. Sempre se diz, sobretudo nos treinamentos, nas capacitações, “vamos sair da zona de conforto”. Está muito ligado à ideia de flexibilidade, mas você nunca sai da sua zona de conforto, você é expulso da sua zona de conforto, porque é exatamente essa exigência da flexibilidade. Você tem que se virar em vários e vários ramos porque é uma precarização, não é porque você quer, não é porque é uma necessidade pontual, é porque é uma precarização que obriga a ter que se virar em várias frentes de trabalho, em várias formas de ação dentro do mundo de trabalho, isso não é por uma saída da zona de conforto. Não é isso, eu não vejo assim, vejo como uma precarização, você tá sendo expulso daquilo que você sabe fazer porque aquele trabalho se tornou extremamente precário, sua vida extremamente precária, você tem que procurar outras formas de sustento, isso não é sair da zona de conforto, isso é se precarizar, é ser expulso dela porque não tem mais como se sustentar dentro desse lugar. E aí é interessante como isso vem dentro de uma chave positiva, pois se você é aquela pessoa que sai da zona de conforto, você é uma pessoa muito mais positiva para a empresa, esse é um outro problema também.

Márcio Vilela: Perfeito! Professor Pablo, temos duas perguntas dos nossos espectadores: a primeira questiona se o senhor acredita que, após 2022 e pós-pandemia, os cursos *on-line* para jovens e adultos vão se concretizar como foco das empresas privadas? A segunda pergunta é se o senhor acredita que as famílias no Brasil perceberam, durante a pandemia, a importância da escola como espaço de sociabilidade?

Pablo Porfírio: Agradeço as perguntas, vou começar respondendo a segunda. Eu tenho minhas dúvidas se os próprios professores, funcionários e técnicos da escola perceberam o ambiente escolar e a escola enquanto espaço físico, enquanto lugar dentro da sociedade como espaço de sociabilidade. Tenho minhas dúvidas se nós, professores, conseguimos entender isso. Dito essa mi-

nha dúvida, se nós professores e professoras conseguiremos entender isso, eu não vou nem questionar as famílias. Primeiro, eu estou muito preocupado em entender se nós professores entendemos isso, e, pela minha pesquisa – que não é nada científica, porque ela é uma pesquisa de observação das falas que escuto e vejo, sobretudo em reuniões dentro dos espaços escolares –, eu acho que a gente não percebeu isso, não percebeu a escola como um lugar dentro da sociedade. Pensamos muitas vezes e falamos assim: “porque a escola não se organizou para o mundo *on-line*, agora a escola está *on-line*”, escola não pode estar *on-line*, não existe escola nessa transposição, é impossível, não é possível de ser feita dentro do que se pensa, por exemplo, de escola enquanto lugar de formação crítica. Hoje, do meu ponto de leitura, me parece impossível você pensar uma formação crítica dentro do espaço *on-line* que está programado/estruturado para não permitir isso, mesmo que tenha a positividade. Então, jamais eu vejo 300 vídeos no YouTube sobre filósofos, historiadores e pensadores de esquerda. Ver não é problema, porque ver é exatamente o que o esse modelo de informação quer que você veja e veja cada vez mais. O problema é como você vai achar espaço, tempo, e ter a capacidade de elaborar uma narrativa sobre o que você vê, sobre o que você escuta. O que acontece muitas vezes dentro de sala de aula é que as crianças e adolescente reproduzem o que elas veem no YouTube e nós ficamos dizendo que é absurdo por estarem reproduzindo negacionismo e fake news, mas é um modelo de formação nesses ambientes. Esse é um problema que precisa ser muito pensado, não é porque o indivíduo é exposto a determinada crítica que esse indivíduo vai ter a capacidade de ser crítico, ele pode ser apenas um reproduzidor da crítica, o reproduzidor daquela fala, então, tem uma diferença entre ser crítico enquanto autonomia do indivíduo e do saber, e ser o reproduzidor da crítica.

Márcio Vilela: Perfeito! Professor Pablo, temos muitas perguntas! Uma ex-aluna do Colégio de Aplicação pergunta se esse momento de pandemia tem, de certo modo, dificultado esse ensino remoto, se tem prejudicado as relações entre professor e aluno? Acho que sim, mas você pode responder.

Pablo Porfírio: Posso, sim! E sim, com certeza, porque o espaço de reflexão, na minha perspectiva, exige a desconexão; inclusive, eu acho que, dentro desse modelo, a função de uma escola crítica tem que ser, hoje, ligada a uma desaceleração dessa sociedade. Ela tem que ser a escola lenta, ela precisa criar um outro ritmo, o aluno e a aluna devem entrar nessa escola e entrar em outro ritmo. Assim, a escola, na minha leitura, não necessariamente é a correta nem a melhor, mas a escola, hoje, ela precisa primeiro oferecer um outro ritmo que é um ritmo da lentidão, ela precisa ser lenta, porque é esse ritmo que vai possibilitar a reflexão. Depois, a escola tem que ensinar aos alunos a fecharem os olhos, mas não é fechar os olhos apenas como movimento mecânico, é fechar os olhos no sentido de se desconectar, de conseguir separar-se da saturação

da informação e da comunicação por um momento. Se por um lado, você tem uma sociedade que coloca isso como opção e quase como uma obrigatoriedade - que o bom aluno é o aluno que está a todo tempo conectado, informado e presente - a escola ela tem que dizer assim: "não, desenvolva a capacidade de fechar os olhos, desenvolva a capacidade de ser lento para poder você conseguir refletir". Sem essas condições, eu acho impossível você desenvolver uma boa reflexão. Então, eu acho que isso, sem sombra de dúvida, tem atrapalhado essa relação, até porque a gente sabe que o aluno está vendo a nossa aula, mas, ao mesmo tempo, tem várias abas abertas, seja WhatsApp ou Instagram, e eu não estou criticando o aluno, eu não estou desqualificando o aluno por ser bom, por ser mau porque ele está com a aba aberta. Isso é um aprendizado do mundo, do nativo digital. Ele está sendo nativo digital, como dizem que ele deve se comportar, ele tem que fazer muitas coisas ao mesmo tempo. A escola não ensinou a ele a desenvolver a capacidade de que ele precisa para ser lento, para se concentrar numa reflexão. Porque se ele abrir várias abas, ele não vai conseguir desenvolver isso de maneira certa. A escola não ensinou, a escola está ensinando-o a ser conectado cada vez mais.

Márcio Vilela: Perfeito! Professor, eu acho que vamos tentar encerrar, nós temos várias perguntas. Um de nossos espectadores pergunta qual a possibilidade e perigo dos canais que se assumem como formadores de professores não doutrinadores ganhar campo nesse período de pandemia? E dá um exemplo aqui da empresa Brasil Paralelo. Na sequência, quando você responder, eu te pediria, professor Pablo, se você teria para os nossos ouvintes alguma sugestão de um livro que, de certo modo, ajude esse debate, que traga mais outras informações para os nossos leitores, alguma coisa que possa potencializar os nossos participantes neste debate tão importante.

Pablo Porfírio: Desde já, agradeço as perguntas, todas muito interessantes. Poderíamos desdobrar essas perguntas em vários outros debates, mas fica para um próximo momento, com certeza não vai deixar de haver. Sobre a pergunta, com certeza, a possibilidade ou o perigo, como é colocado, desses canais ganharem campo, existe dentro mesmo do funcionamento da própria *internet*. Vejamos, muitas vezes, no campo da História, se falava que, pelos historiadores não terem ocupado as mídias sociais, não terem ocupado as redes sociais, isso abriu espaço para que canais negacionistas ou canais que não tem o comprometimento com o conhecimento científico da História, com a produção científica da História, esses canais ou essas pessoas ocuparam esse espaço. Eu trabalho com essa ideia de acabar com essa lógica newtoniana de que dois corpos não ocupam o mesmo espaço. No mundo *on-line*, eles ocupam, a possibilidade de ocupação é infinita, a possibilidade de conexão tende ao infinito. Então, você entra lá e está vendo vídeo de cachorrinho, depois está vendo vídeo de criança, depois está vendo vídeo de carro, depois você cai no

vídeo de uma pessoa que está falando sobre política, depois você vai para o vídeo de cozinha. As conexões são infinitas, então, eu acho que esse não é o caminho, ou seja, não é a ocupação de um espaço que não existe, o espaço físico não existe dentro do mundo *on-line*, não é a ocupação desse espaço que vai fazer com que a gente tire a ação desses grupos ou dessas pessoas que não estão comprometidas com a produção do conhecimento sério. Eu acho que, primeiro, a gente precisa entender como funciona a produção, como funciona a circulação. Todos esses debates que eu tentei trazer hoje para vocês aqui, entender um pouco como é o funcionamento desse nesse mundo, a partir do *on-line*, a partir do virtual, a partir da tecnologia. Como é esse funcionamento? E, a partir daí, traçar estratégias para entender como é que a gente vai se comunicar com essa sociedade que está se formatando dentro desse mundo.

Acho que hoje a gente tem, sem sombra de dúvidas, uma dificuldade de comunicação com esses indivíduos que se formatam nesse mundo. Mas não a comunicação porque a gente não tem acesso a eles, é porque, primeiro, a gente não entende o funcionamento e as implicações. Quando eu falo em funcionamento, não é o funcionamento técnico, você pode ser excelente em fazer todos os malabarismos das ferramentas da *internet*, mas é não é esse funcionamento que eu quero falar, é o funcionamento político, das implicações políticas, o funcionamento político dessas ferramentas. Não existe neutralidade, não existe transparência. Então, quando a gente entender o funcionamento político, a gente vai poder entender um pouco o funcionamento dessas pessoas, o funcionamento dessas narrativas negacionistas, para poder elaborar uma estratégia que seja mais eficiente de comunicação e não apenas ficar na ideia de ocupar espaço. É importante estar presente nas redes sociais, eu não estou dizendo que não é importante, é fundamental, mas é para além disso! Não é só isso, é para além disso. E esse talvez seja, ainda, o nosso grande desafio.

Sobre as indicações, eu vou recomendar dois autores, na verdade, que vocês podem procurar os livros. Um autor que é bem introdutório, mas que eu acho que, para quem está chegando na discussão, pode ajudar a orientar, é um autor bem popular, que é o filósofo coreano, radicado na Alemanha, Byung-Chul Han, um autor que já está pensando, a partir do início do século XX, essa dinâmica do mundo *on-line*, do digital e das novas formulações, ou formatações das relações sociais e políticas. Ele tem vários livros, são livros pequenos, de leitura acessível, então é uma boa introdução. Outro autor que eu também vou sugerir é o Franco Berardi, que é um autor italiano que também tem alguns livros que refletem um pouco sobre essa discussão. Existe uma infinidade de outros autores para serem consultados aqui, para gente fazer um debate qualificado.

Márcio Vilela: Perfeito. Professor Pablo, mais uma vez, em nome da Cecine, eu queria agradecer a sua participação nesta tarde, neste excelente debate. Foi uma reflexão muito profunda, especialmente, no meu caso, que também sou professor da rede básica. Então, foram questões que me abriram muito os olhos, acredito que também assim aconteceu com muitos que nos acompanharam nas redes sociais, no YouTube. Estou muito feliz, muito satisfeito com a sua participação. Vamos trabalhar uma próxima agenda, para a gente é super importante, já que a Cecine tem essa conexão, e aqui conexão no sentido positivo, essa conectividade com os professores da rede básica. O nosso papel na Cecine é levar esse debate, é discutir com os professores da rede básica, aprender com eles, então, sua fala, nesse sentido, é bem-vinda na tarde de hoje. Logo, eu acredito que nós vamos, depois, tentar agendar outro momento para avançarmos ainda mais nesse debate. Eu queria agradecer, mais uma vez, dizer que a Cecine está de portas abertas para tudo que for possível, para o que o senhor precisar. Estamos aqui para atendê-lo. Queria apenas deixar, rapidamente, suas considerações finais para a gente encerrar a tarde de hoje.

Pablo Porfírio: Eu quero agradecer imensamente o espaço oferecido aqui pelo professor Márcio e por toda a equipe da Cecine, dizer que é um espaço fundamental para o debate. Também agradecer a todos que estiveram presentes, todos e todas que estiveram presentes aqui no *on-line*, e todos e todas que vão assistir esse vídeo depois. Agradecendo as perguntas, poderíamos ter desdobrado isso em muitos outros debates, outras oportunidades existirão. Dizer que, ao final, na minha mensagem final, e eu já digo isso há algum tempo: a gente não precisa criar um novo ludismo, a gente não precisa quebrar as máquinas, pode até quebrar, eu acho até que é bom uma ou outra, faz parte. O nosso inimigo não é necessariamente a máquina, mas as concepções, os jogos políticos que estão na formatação desse mundo tecnológico. É sobre ele que nós temos que debater, é sobre ele que nós temos que refletir, e é a partir daí que nós precisamos propor outros caminhos para o uso da tecnologia na nossa sociedade. Não estou dizendo que a gente tem que ser uma sociedade que nega a tecnologia, nem uma sociedade que não se relaciona com a tecnologia, ou que não usa essa tecnologia, mas a gente precisa saber que essa tecnologia precisa ser usada a partir de um debate público, de um debate minimamente democrático, que pense a cidadania. E ela hoje é apenas uma tecnologia que vem dentro dos interesses de empresas privadas que, inclusive, têm uma lucratividade cada vez maior, e produzem, sem sombra de dúvida, uma precariedade, também, cada vez maior dentro dessa nossa sociedade. Então, é isso, professor. Um abraço!

Márcio Vilela: Eu queria agradecer a todos que participaram, até esse momento, desta *live*, dessa atividade, dentro desse projeto. Até breve, até uma próxima oportunidade a todos. Professor Pablo, um abraço!

A UNIVERSIDADE E A PANDEMIA DA COVID-19:

**A educação e
seus desafios
contemporâneos**

- Título:** A universidade e a pandemia da Covid-19:
a educação e seus desafios contemporâneos
- Organização:** Márcio Ananias Ferreira Vilela, José Carlos de
França Filho, Renata Macedo Baudel, Démocrito
José, Rodrigues da Silva, Sérgio Matias da Silva e
Roberta Macedo Baudel
- Formato:** *E-book* (pdf)
- Tipografia:** Open sans (texto) e Bebas neue (título)
- Desenvolvimento:** Proexc



*Av. Prof Moraes Rego, 1235 - Cidade Universitária,
Recife, PE
CEP: 50670-90 Fone: (81) 2126.8134/2126.8105
E-mail: proexc@ufpe.br*



PROEXC
PRÓ-REITORIA DE
EXTENSÃO E CULTURA

